



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

**JANE KELI ALMEIDA DA SILVA**

**VOCABULÁRIO GRAMATICAL QUINHENTISTA: PARA UMA ANÁLISE  
CONTRASTIVA DA METALINGUAGEM EM FERNÃO DE OLIVEIRA E  
JOÃO DE BARROS**

**V. 1**

Salvador  
2017

**JANE KELI ALMEIDA DA SILVA**

**VOCABULÁRIO GRAMATICAL QUINHENTISTA:  
PARA UMA ANÁLISE CONTRASTIVA DA METALINGUAGEM EM  
FERNÃO DE OLIVEIRA E JOÃO DE BARROS**

**V. 1**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguística Histórica.

Orientador: Prof. Dr. Américo Venâncio Lopes Machado Filho.

Salvador  
2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

JANE KELI ALMEIDA DA SILVA

**VOCABULÁRIO GRAMATICAL QUINHENTISTA: PARA UMA ANÁLISE  
CONTRASTIVA DA METALINGUAGEM EM FERNÃO DE OLIVEIRA E  
JOÃO DE BARROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

Aprovada em 17 de fevereiro de 2017.

Banca Examinadora:

---

Américo Venâncio Lopes Machado Filho  
Doutor em Letras, UFBA  
Universidade Federal da Bahia (UFBA-orientador)

---

Mariana Fagundes de Oliveira  
Doutor em Letras, UFBA  
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

---

Alícia Duhá Lose  
Doutor em Letras, UFBA  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

## Sistema de Bibliotecas da UFBA

SILVA, Jane Keli Almeida da  
Vocabulário gramatical quinhentista: para uma análise  
contrastiva da metalinguagem em Fernão de Oliveira e João de  
Barros / Jane Keli Almeida da SILVA. -- Salvador, 2017.  
198 f.: 2 v.: il f.

Orientador: Américo Venâncio Lopes MACHADO FILHO.  
Dissertação (Mestrado - Mestrado em Língua e Cultura) --  
Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2017.

1. Português Moderno. 2. Metalinguagem . 3. Fernão de  
Oliveira. 4. João de Barros. 5. Lexicografia Histórica e  
Variacional. I. MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. II.  
Título.

*Aos meus pais, Cida e Regi, por serem os responsáveis pelo ser humano que me tornei.*

*Ao meu filho, Bruno, por me proporcionar o maior sentimento de todos, o amor de mãe.*

*Ao meu irmão, Marcos, por estar sempre ao meu lado, mesmo discordando de mim em muitas ocasiões.*

## AGRADECIMENTOS

Nesses quase dois anos de mestrado tive a sorte de contar com o apoio indelével de muitas pessoas que tornaram minha caminhada pela Pós-Graduação mais leve e, sem dúvida, mais prazerosa. Muitos são os nomes que deveria registrar aqui, mas o pouco espaço reservado aos agradecimentos não me permite. Então, gravo na memória minha gratidão eterna a cada pessoa que contribuiu, de alguma maneira, para que este trabalho fosse realizado.

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me dar forças e ânimo para seguir sempre em frente, apesar das pedras encontradas no meu caminho.

À minha família por ter acreditado nos meus sonhos e me encorajado a seguir pelo caminho das Letras, apesar de ter sentido minha falta em “casa”.

À FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – pela importante bolsa de estudos concedida, que me permitiu investir na minha formação, dedicando-me, integralmente, ao curso de mestrado.

Ao meu orientador, Américo, carinhosamente chamado por mim de Coronel Venâncio, por todas as orientações que me deu para que eu pudesse chegar até aqui. Quero, também, agradecer a amizade sincera que deposita em mim ao longo desses quase cinco anos de convivência.

Ao Grupo de Pesquisa Nêmesis, agradeço o carinho e o incentivo de todos, sobretudo, o de Ivan Pedro, amigo querido, que sempre se prontifica a me ajudar. Obrigada, Ivan, por tudo, especialmente, pela etiqueta do vocabulário. Às minhas amigas e parceiras de pesquisa, Cemary Correia e Anielle Oliveira, por toda união e amizade que temos construído. Aos meninos, Danilo e Lucas, pela troca de experiência no grupo e por nosso sagrado cafezinho às sexta-feiras. Às novas integrantes, Maira e Maria José por toda torcida e companheirismo.

À nemesiana, Lisana Rodrigues, por ter formado parceria comigo nos estudos filológicos, emprestando-me inúmeros textos e livros, que muito me ajudaram no desenvolvimento do trabalho. Agradeço, também, os “comentários do vocabulário” que me orientaram na elaboração da análise dos dados e a amizade que temos construído para além dos muros da Universidade.

Aos colegas do mestrado, Graciele, Elias, Lorena, Elane, Evanilton, Aline, Danilo, César, por fazerem da turma 2015.1 a melhor de todas. Agradeço, especialmente, a Angelo Sampaio pelo *résumé*.

A Ingrid Oliveira, agradeço todos os textos emprestados e toda a parceria firmada ao longo desses dois anos.

Às professoras, Célia Telles e Alícia Duhá, pelos ensinamentos concedidos em sala de aula e fora dela.

À professora Tânia Lobo, pelas aulas admiráveis e, sobretudo, por sua generosidade comigo.

À professora Risonete, por me ajudar a entender o “imaginário da Renascença”.

Às amigas do início da graduação Sora, Caty e Paula, por todo o incentivo e pela amizade verdadeira que já dura seis anos.

Aos “Friends” pela torcida e amizade, especialmente, a Kaká, pela busca dos étimos.

A Marana Almeida, minha Mara, pela amizade construída nos anos finais da graduação que se fortalece a cada dia.

Ao meu melhor amigo, André Alcântara, por ter vivido comigo o amor e a dor para que essa dissertação se realizasse.

Às queridas amigas de Irecê, Naide e Nidinha, pelo apoio e amizade nos momentos mais difíceis.

A Ricardo, secretário do PPGLinC, pela atenção e presteza nos serviços necessitados por mim.

Por fim, deixo aqui registrada minha gratidão aos meus “gramáticos” por me mostrarem a língua numa sincronia muito além do que meus olhos poderiam alcançar.

SILVA, Jane Keli Almeida da. Metalinguagem em Fernão de Oliveira e João de Barros: vocabulário contrastivo. 198 f.: 2v. il. 2017. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

## RESUMO

Publica-se, em 1536, a primeira obra de orientação descritiva do português, a *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira. Posteriormente, em 1540, na oficina tipográfica de *Lodovicum Rotorigium*, veio a lume a primeira gramática de orientação preceitativa do português, de autoria de João de Barros. Embora contemporâneos, esses dois gramáticos, inseridos na cultura renascentista da época, observaram a língua a partir de diferentes perspectivas. Enquanto o primeiro registrou, com uma tendência marcadamente descritiva, a *língua feita pelos homens*, o segundo prescreveu, com o conhecido tom normativo dos tradicionais gramáticos, o uso e o ensino da *língua dos barões doutos*. Assim, com o intuito de registrar essas diferentes concepções de língua, cotejando-se a metalinguagem dos dois autores, elaborou-se um vocabulário contrastivo, que se constitui na base desta dissertação. Utilizaram-se, para isso, os métodos e as técnicas da Lexicografia Histórica e Variacional, da Linguística Histórica e da Filologia Textual. Os verbetes contrastivos revelam a natureza distinta da metalinguagem dos autores, evidenciando o importante contributo de cada gramático para as reflexões sobre a língua portuguesa no século XVI. A investigação conclui, ainda, que a metalinguagem de Fernão de Oliveira e de João de Barros se aproxima muito mais da metalinguagem contemporânea, do que se distancia, confirmando o que se previu no início da pesquisa. Os resultados alcançados podem contribuir para as reflexões sobre a língua portuguesa nos dias hodiernos, assim como colaborar para os trabalhos sobre a constituição histórica do português.

Palavras-chave: Lexicografia Histórica e Variacional; Fernão de Oliveira; João de Barros; vocabulário contrastivo; metalinguagem.

## RÉSUMÉ

On publie, en 1536, le premier travail d'orientation descriptive de la langue portugaise, la *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira. Plus tard, en 1540, dans l'atelier d'impression de Lodovicum Rotorigium, il est apparu la première grammaire de préceptes du portugais, créée par João de Barros. Bien qu'ils étaient contemporains, ses deux grammairiens insérés dans la culture de la Renaissance de leur époque, ont observé la langue à partir de différentes perspectives. Alors que le premier a enregistré, avec une tendance fortement descriptive, *la langue faite par les hommes*, le deuxième a prescrit, avec le ton normatif connu des grammairiens traditionnels, l'usage et l'enseignement de la langue des *barões doutos*. Ainsi, dans le but d'enregistrer ces différentes conceptions de la langue, tout en faisant une comparaison entre les métalangages utilisés par les deux auteurs, on a élaboré un vocabulaire contrasté qui s'établit dans la base de cette thèse. Pour cela, on a utilisé les méthodes et les techniques de la Lexicographie Historique et Variationnelles, ainsi que celles de la Linguistique Historique et de la Philosophie Textuelle. Les entrées révèlent la nature distincte du métalangage des auteurs et mettent en relief l'importante contribution de chaque grammairien pour les réflexions sur la langue portugaise du XVI<sup>e</sup> siècle. L'investigation révèle encore que le métalangage de Fernão de Oliveira et celui de João de Barros se rapproche beaucoup plus du métalangage contemporain, ce qui confirme la prévision qui a été faite tout au début de la présente recherche. Les résultats obtenus peuvent contribuer pour les réflexions sur le portugais de nos jours, ainsi que pour les travaux à propos de la constitution historique du portugais.

Mots-clés: Lexicographie Historique et Variationnelle; Fernão de Oliveira; João de Barros; vocabulaire contrasté; Métalangage.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Irregularidade no desdobramento de abreviaturas	47
<b>Figura 2:</b> Problemas no desdobramento de abreviaturas	48
<b>Figura 3:</b> Exemplos de translienação	58
<b>Figura 4:</b> Exemplos de translienação	59
<b>Figura 5:</b> Excerto do texto convertido no OCR	69
<b>Figura 6:</b> Fragmento do texto revisado	70
<b>Figura 7:</b> Excerto da GDFO	71
<b>Figura 8:</b> Fragmento da GDJB	71
<b>Figura 9:</b> <i>Wordlist</i> da GDFO	72
<b>Figura 10:</b> <i>Wordlist</i> da GDJB	73

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Representação dos grafemas: <i>v, u, i, y</i>	48
<b>Quadro 2:</b> Ocorrências de uso de til	49-50
<b>Quadro 3:</b> Tratamento dado pelos autores às unidades polimórficas	50-51
<b>Quadro 4:</b> Exemplos de separação e junção de vocábulos	52
<b>Quadro 5:</b> Tratamento dado pelos editores à regularização da cedilha	53
<b>Quadro 6:</b> Conservação das consoantes duplas	54-55
<b>Quadro 7:</b> Acentuação gráfica dos itens lexicais	56
<b>Quadro 8:</b> Tratamento dado ao apóstrofo nas edições	57
<b>Quadro 9:</b> Representação das variantes oliveiranas	61
<b>Quadro 10:</b> Quadro representativo das intervenções nos textos editados	61
<b>Quadro 11:</b> Quadro representativo dos problemas editoriais	62
<b>Quadro 12:</b> Aditamento de vocábulos nas edições	63
<b>Quadro 13:</b> Supressão de vocábulos	64
<b>Quadro 14:</b> Quadro representativo dos saltos bordões	65
<b>Quadro 15:</b> Microestrutura dos verbetes contrastivos	74-76
<b>Quadro 16:</b> O abc segundo as gramáticas de Fernão de Oliveira e João de Barro <sup>7</sup>	79
<b>Quadro 17:</b> Tratamento dado ao acento	81-82
<b>Quadro 18:</b> Os advérbios do português	83-84
<b>Quadro 19:</b> Definição de artigo nos dois gramáticos	85-86
<b>Quadro 20:</b> Declinação dos artigos	87
<b>Quadro 21:</b> A composição nas GDFO e GDJB	89
<b>Quadro 22:</b> Reflexões dos gramáticos sobre a sintaxe	91
<b>Quadro 23:</b> As conjunções do português	92-93
<b>Quadro 24:</b> Processo de declinação	93
<b>Quadro 25:</b> Tratamento dado às dições	95
<b>Quadro 26:</b> Os ditongos do português	96-97
<b>Quadro 27:</b> Representação dos gêneros em português	99-101
<b>Quadro 28:</b> Concepção de gramática para os autores quinhentistas	102-103
<b>Quadro 29:</b> Representação dos graus	104

<b>Quadro 30:</b> Quadro representativo das interjeições	105-106
<b>Quadro 31:</b> Reflexões sobre as letras do português	107-108
<b>Quadro 32:</b> Quadro dos nomes	109-111
<b>Quadro 33:</b> Representação do singular e do plural	112
<b>Quadro 34:</b> As preposições da língua portuguesa	115-116
<b>Quadro 35:</b> Pronúncia das letras	117
<b>Quadro 36:</b> Representação dos pronomes	118-120
<b>Quadro 37:</b> As sílabas do português	122-124
<b>Quadro 38:</b> Classificação dos verbos	128-130
<b>Quadro 39:</b> Os tempos verbais	131

## SUMÁRIO

### V. 1

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	15
<b>2 A LÍNGUA PORTUGUESA EM DIREÇÃO AO SÉCULO XVI: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA</b>	21
2.1 METALINGUAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA ANTES DAS PRIMEIRAS GRAMÁTICAS	26
2.2 O PORTUGUÊS NO CENÁRIO DE GRAMATIZAÇÃO DAS LÍNGUAS VERNÁCULAS EUROPEIAS	30
2.2.1 A normatização da língua	33
2.2.2 Metalinguagem depois das gramáticas	37
<b>3 A METALINGUAGEM SOB O PRISMA DA LINGUÍSTICA</b>	40
3.1 CONSULTA AOS DICIONÁRIOS	40
3.1.1 Definição de Metalinguagem adotada	48
<b>4 METODOLOGIA</b>	49
4.1 DISCUSSÃO AMPLIADA SOBRE OS <i>CORPORA</i>	49
4.1.1 As edições da <i>Grammatica</i> de Fernão de Oliveira	49
4.1.2 Edições utilizadas: critérios e seus problemas	50
4.1.3 A edição da <i>Gramática</i> de João de Barros	69
4.1.4 Preparação dos originais	71
4.1.5 Tratamento dado ao léxico	74
4.1.6 Elaboração dos verbetes	79
<b>5 ANÁLISE CONTRASTIVA DA METALINGUAGEM</b>	82
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	135
<b>REFERÊNCIAS</b>	137

### V. 2

<b>7 VOCABULÁRIO GRAMATICAL</b>	144
---------------------------------	-----

7.1 LISTA DE ABREVIATURAS	144
7.2 AUTORES CONSULTADOS	145
7.3 <b>Chave de consulta</b>	147
<b>VERBETES METALINGUÍSTICOS</b>	148-
	198

*E não desconfiemos da nossa lingua porque os homens fazem a lingua e não a lingoa os homens. mas em muitas cousas tem anossa lingoa vantagemẽ: jporque ella e antiga ensinada/prospera/ e bẽ conuersada: e tambẽ exercitada em bos tratos e officios. (OLIVEIRA, [1536]; TORRES, ASSUNÇÃO, 2000, p. 168).*

*Por sermos filhos da Lingua Latina, temos tanta conformidãde com ela, que convêm usãrmos dos seus termos, principalmente em cousas que tem seus próprios nomes, dos quães nam devemos fogir. (BARROS, [1540], BUESCU, 1971, p. 311).*

## 1 INTRODUÇÃO

A língua portuguesa, registrada pela escrita há pelo menos oito séculos, só veio conhecer reflexões metalinguísticas sistemáticas nos anos de 1500<sup>1</sup>, especificamente em 1536, com a publicação da *Grammatica* de Fernão de Oliveira e, posteriormente, em 1540, com a de João de Barros.

Embora a obra de Oliveira tenha sido publicada primeiro, há, no momento, controvérsias sobre qual seria de fato a primeira gramática do português. Alguns autores, a exemplo de Buescu (1996), consideram que a *Gramática* de João de Barros seria a primeira, por apresentar um estudo sistemático da língua portuguesa.

Essa posição é arbitrária, uma vez que a *Grammatica* de Fernão de Oliveira, também, traz um estudo sistemático sobre a língua, especialmente, no que se refere à descrição dos sons. Dos cinquenta capítulos da obra, vinte e quatro trazem reflexões de cunho fonético e fonológico, apesar de essas áreas não existirem cientificamente no século XVI. Inobstante, caberá a Fernão de Oliveira ser o primeiro foneticista da Renascença (COSERIU, 2000). O autor demonstra sua habilidade em descrever o som quando afirma que:

A pronũciação da letra .d. deita a lingua dos dentes d'çima com hũ pouco de espirito. A pronũciação do .f. fecha os dêtes de çima sobre o beicho de bayco e não he tão inhumana ãtre nos como a quantiliano pinta aos latinos: mas todauia assopra como ele diz. A pronũciação do .g. e como a do .c. cõ menos força do spirito.

---

<sup>1</sup> Adota-se, aqui, o conceito de gramatização proposto por Clarinda Maia, quando o define como “o processo que conduz à descrição e à criação de ferramentas linguísticas – gramáticas, dicionários – para uma língua particular ou, mais frequentemente, para o conjunto das línguas do mundo (2011, p. 30). Veja, também, o conceito de gramatização proposto por Sylvain Auroux (2014, p. 65).

A pronúncia do .l. lambe as gēgibas de çima co as costas da lingua achegado asbordadas della os dētes queyxays. , A pronúncia do .m. muge antre os beyços apertados apanhando para dentro. A pronúncia do .n. tine/diz Quintiliano tocado cō a pōta da lingua as gingibas de çima. (OLIVEIRA, [1536]; TORRES e ASSUNÇÃO, 2000, p. 178-179).

Não é por ter sido descritivista que Oliveira é assistemático, ao contrário, sua descrição confere sistematicidade a sua obra. Tal como se observa na Gramática de João de Barros quando ele prescreve a língua. No entanto, parece que a sistematicidade associada a este tem muito mais relação com a normatização do que com reflexões linguísticas, propriamente ditas. Portanto, ambos os gramáticos foram sistemáticos a partir da descrição e da prescrição e, claro, a primeira gramática em língua portuguesa é de Fernão de Oliveira e a segunda, de João de Barros.

A existência dessas gramáticas é considerada por Mattos e Silva (2008) como um fator extralinguístico importante que, junto a outros, marca a última fase do período arcaico do português<sup>2</sup>, iniciado no século XIII, com as primeiras manifestações escritas, e finalizado em meados do século XVI.

Apesar de essas obras, precursoras da metalinguagem portuguesa, terem sido produzidas em períodos muito próximos, cada uma apresenta percepções e abordagens distintas de língua, em função da visão de mundo de cada autor.

De padre a herético, Fernão de Oliveira, filho do juiz Heitor de Oliveira, teve uma vida agitada, com muitas viagens e perseguições, sendo acusado de heresia e até preso pela Santa Inquisição. Jamais se casou ou teve filhos, conservando-se, pois, um homem livre de responsabilidades familiares, mas fiel a suas convicções e ideologias.

Elaborou a *Grammatica da lingoagem portuguesa*, em 1536, que diferentemente da tradição gramatical da época não se fundamentava nos modelos gregos e romanos, mas tinha em sua essência um cunho inovador, apresentando uma descrição, por assim dizer, “sociolinguística”, *avant la lettre*, do português falado em Portugal.

O autor demonstra, por exemplo, que na região Sul, local onde se encontrava a corte e a capital portuguesa, falava-se uma variante do português diferente da do Norte. Para ele, havia diferenças nos falares dos homens do Centro-Norte e do Centro-Sul de Portugal. Dessa forma, a diversidade linguística

---

<sup>2</sup> Existe ainda hoje uma discussão sobre que documento encontrado se refere ao português. Ana Maria Martins acredita que a *Notícia de fiadores*, datado de 1175, seja o primeiro texto escrito em português. Enquanto outros pesquisadores acreditam ser o Testamento de Afonso II, datado de 1214, o primeiro documento em português.

se faz âtre offiços e tratos como os caualeiros q̃ tẽ hũs vocabolos: e os lauradores outros: e os cortesãos outros: e os religiosos outros: e os mecanicos outros: e os mercadores outros: ou tãbẽ sefaz ẽ terras esta particularidade porq̃ os da beira tem hũas falas e os Dalentejo outras: e os homens da estremadura são diferentes dos dantre douro e minho: porq̃ assi como os tẽpos assi tãbẽ as terras crião diuersas cõdições e cõçeitos: e o velho como tẽ o entender mais firme cõ o q̃ mais sabe tãbẽ suas falas são de peso e as do mançebo mays leues ([1536], TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 213).

Além de descrever com habilidade as variedades linguísticas que se reconheceriam, hoje, como diatópicas, diastráticas e diacrônicas do português, Fernão de Oliveira já permite que se vislumbre o efeito centralizador que a norma de poder passa a exercer perante as outras realizações regionais, corroborando com as ideias contemporâneas defendidas por Castro (1991) e Teyssier (2007) de que o português, embora tenha nascido no noroeste da Península Ibérica, vai buscar no sul sua norma que será privilegiada socialmente.

João de Barros, diferentemente de seu antecessor, teve uma vida serena, dedicada à Igreja, à família e ao trabalho. Casou-se ainda muito jovem e teve filhos, mantendo-os com seu emprego de tesoureiro na Casa da Índia, Mina e Ceuta. Futuramente, graças a seu empenho e responsabilidade, seria promovido a Feitor da referida Casa. Assim como Fernão de Oliveira, João de Barros vem de um estrato social alto, uma vez que seu pai era o fidalgo Lopo de Barros. Inobstante, afasta-se de seu contemporâneo quando segue a tradição gramatical da época e, assim, elabora a primeira gramática normativa do português.

Os dois primeiros gramáticos eram homens altamente letrados, inseridos na sociedade intelectual da época. Mantinham relações com o rei e com sua corte, exercendo cargos distintos. Como se mencionou, João de Barros era um funcionário público, respeitado por ser católico e casado, por isso, era visto como um exemplo de moral e de bons costumes. Fernão de Oliveira foi um noviço que depois se dedicou às letras, sendo professor dos próprios filhos de João de Barros e, depois, docente universitário em Coimbra (BUESCU, 1984).

Em relação ao contexto histórico, as gramáticas desses homens contemporâneos se inserem em um período de “transição” entre a Idade Média e a Idade Moderna, embora se tenha de admitir que não haja limites absolutos entre as periodizações da história, mas cronologias hipotéticas (LE GOFF; SCHMITT, 2002). Nessa época, Portugal logra suas primeiras conquistas como nação mercantilista, abrindo-se para o

mundo. Concomitantemente, os portugueses podem vislumbrar o desenvolvimento da imprensa de Gutenberg.

É nesse ambiente histórico e cultural que as primeiras gramáticas do português foram elaboradas, procurando, evidentemente, fortalecer a identidade de Portugal, a partir da valorização da língua e dos costumes portugueses. Não obstante, seus autores, apesar de serem renascentistas, apoiam-se em perspectivas díspares para valorizar o português diante do latim e de outras línguas românicas, como o castelhano. Enquanto em Oliveira se observa uma tendência marcadamente descritiva dos fenômenos de língua, em Barros, há uma proposta de normatização do português.

Este autor também demonstra em sua gramática seu caráter pedagógico, ao conceituar e exemplificar os itens metalinguísticos observados, evidenciando um tom educativo em toda a obra. Isso ratifica o que defendeu Buescu (1971), quando afirmou que o objetivo do autor era ensinar as primeiras *lêteras aos meninos*. Projeto iniciado com a *Cartinha* (1539) e prosseguido com a *Gramática* (1540). Ambos os textos integram o conjunto pedagógico de João de Barros, que conta ainda com o *Diálogo em louvor da nossa linguagem* (1540) e o *Diálogo da viçiosa vergonha*, obras reveladoras de mais duas importantes características deste gramático, a religiosa e a moral.

Devido a sua importância linguística, a *Gramática* (1540) foi objeto de quatro edições contando com a *Princeps*. A segunda e a terceira edições, de cunho fac-similar, foram publicadas em 1785 e em 1957, pelos monges cartuxos e por José Pedro Machado, respectivamente. Em 1971, Buescu elaborou uma nova edição, com leitura, introdução e comentários atualizados sobre a *Gramática* (1540). Este trabalho se enquadra no que se convencionou chamar de edição semidiplomática, atendendo aos estudos lexicográficos por desdobrar as abreviaturas e, com isso, o léxico do texto.

A *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de 1536, também foi objeto de inúmeras edições filológicas desde sua publicação, o que destaca sua relevância para os estudos históricos do português. Conforme Silva (2015), há, no momento, cinco edições fac-similares publicadas, somadas a duas atualizadas, que foram elaboradas por Buescu, em 1975, e por Franco e Silvestre, em 2012. Mais um trabalho editorial veio a lume com a publicação da edição tríplice de Torres e Assunção (2000), que reúne textos crítico, semidiplomático e anastático. Em 2001, Toru Maruyama publicou uma edição semidiplomática dessa importante obra. Mais uma edição, agora de cunho diplomático, integrou a tese de doutoramento de Paiva (2002), somando, assim, doze edições da gramática de Fernão de Oliveira.

Dentre as edições citadas, utilizou-se, no vocabulário metalinguístico, a semidiplomática de 2000, por ser, como já se discutiu acima, a que mais se adequa aos estudos lexicográficos. Inobstante, esta edição apresentou em investigações anteriores lapsos editoriais, como problemas de leitura, supressão e adição de vocábulos, que foram identificados e discutidos no capítulo reservado à metodologia desta dissertação.

Considerando o valor histórico e linguístico das duas gramáticas, a caracterização sociolinguística de seus autores, julgou-se importante observar a metalinguagem nelas presente, para verificar em que ponto se aproximam e em que ponto se distanciam, buscando proceder ao devido registro lexicográfico desse importante espólio das primeiras reflexões metalinguísticas do português. Portanto, o principal objetivo dessa pesquisa de mestrado é a elaboração de um vocabulário metalinguístico contrastivo das duas gramáticas do português (1536 e 1540).

Espera-se, também, observar se a metalinguagem dos autores apresenta recursividade na metalinguagem contemporânea, e de que forma(s) se apresenta(m).

Destarte, a investigação lexicográfica se insere no campo de estudos do léxico, sobretudo, os históricos, que têm se desenvolvido graças à elaboração de importantes trabalhos, como o *Projeto Etimológico do Português Arcaico*, cujos resultados iniciais foram publicados em 2013, pela Editora da Universidade Federal da Bahia – EDUFBA. O referido Projeto tem por objetivo principal inventariar o léxico do português, registrado entre os séculos XIII e XVI.

Outra obra tem sido construída, agora na USP, visando à investigação etimológica do português em tempos recuados da história. O *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* começou a ser elaborado em 2015. Mais outro trabalho lexicográfico histórico se encontra em andamento na Universidade Estadual de Londrina, que se intitula *Léxico Histórico do Português Brasileiro* e é coordenado pela professora Vanderci Aguilera.

As primeiras anotações metalinguísticas da língua portuguesa constituem-se, portanto, de um excelente material para a composição do cenário histórico do léxico da língua portuguesa, permitindo a observação do processo de desenvolvimento da escrita, assim como a variação e a mudança linguísticas, naturais a qualquer língua humana.

A relevância linguística, cultural e política das primeiras gramáticas do português é incontestável para os estudos linguísticos, nomeadamente para aqueles que se debruçam sobre a constituição histórica da língua portuguesa. Tendo em vista poder contribuir para a conservação/preservação desses espólios documentais, assim como ter

maior conhecimento de estruturas básicas do português arcaico e do desenvolvimento do seu léxico no século XVI, optou-se por elaborar um vocabulário contrastivo da metalinguagem de Fernão de Oliveira (1536) e de João de Barros (1540).

A elaboração deste trabalho lexicográfico, também, se justifica pelo ineditismo, já que ainda não se tem notícias de um vocabulário contrastivo do léxico patente nas duas gramáticas pioneiras do português.

Por conseguinte, o referido vocabulário pôde contar com duas grandes fases metodológicas para que, assim, fosse devidamente concluído. A primeira fase abarcou os métodos e as técnicas da Filologia Textual e da Linguística Histórica, quando se iniciaram a digitalização e a revisão da *Gramática* de João de Barros. Nesse momento, evidenciou-se a relação complementar e necessária entre essas duas linguísticas que, juntas, realizarão o estudo interpretativo da língua e do texto. A segunda fase reuniu os métodos da Lexicografia Histórica e Variacional, que se voltaram à conservação de variantes lexicais identificadas no *corpus* a partir do devido tratamento lexicográfico.

Por fim, a dissertação aqui apresentada estruturou-se em dois volumes principais. O primeiro abarcou textos teóricos que procuraram discutir a metalinguagem portuguesa no devir da história, bem como a análise contrastiva da metalinguagem investigada nos *corpora* quinhentistas. Dessa forma, o referido volume organiza-se da seguinte maneira: seção 2 – A língua portuguesa em direção ao século XVI: contextualização histórica; subseção 2.1 – Metalinguagem da língua portuguesa antes das primeiras gramáticas; subseção 2.2 – O português no cenário de gramatização das línguas vernáculas europeias; subseção 2.2.1 – A normatização da língua e subseção 2.2.2 – Metalinguagem depois das gramáticas.

A terceira seção intitula-se Metalinguagem sob o prisma da Linguística, que abarca as subseções 3.1 – Consulta aos dicionários e 3.1.1 – Definição de metalinguagem adotada. A quarta seção dedica-se à descrição dos métodos adotados na pesquisa, congregando, para isso, as subseções 4.1 – Discussão ampliada sobre os *corpora*, a subseção 4.1.1 – Edições utilizadas: critérios e seus problemas, a subseção 4.1.2 – Preparação dos originais e a subseção 4.1.3 – Tratamento dado ao léxico.

A quinta seção intitula-se Análise contrastiva da metalinguagem. A sexta e última seção do volume diz respeito às considerações finais do trabalho.

O segundo volume é destinado ao produto final desta dissertação: O vocabulário contrastivo, reunindo, para isso, três subseções, a 7.1 – Lista de abreviaturas, a 7.2 – Autores consultados e a 7.3 – Chave de consulta.

## 2 A LÍNGUA PORTUGUESA EM DIREÇÃO AO SÉCULO XVI: CONTEXTUALIZANDO O CENÁRIO HISTÓRICO

Quando Afonso Henriques combate sua própria mãe, Dona Tareja, na Batalha de São Mamede, em 1128, com o intuito de se autoproclamar rei, a língua que, até então, compartilhava com o galego sua gênese linguística, no Noroeste da península, inicia sua descida em direção ao Sul, seguindo o movimento da Reconquista<sup>3</sup>.

Nesse contexto, à medida em que os territórios são retomados dos muçulmanos, a língua se diversifica, tendo em vista os intensos contatos linguísticos a que foi submetida. Assim, o português vai se distanciando do galego, adquirindo outras feições, diferentes daquelas que o caracterizavam no noroeste, apresentando-se, agora, como uma língua formada por dialetos regionais próprios, que vão se espalhar por todo o território que hoje se reconhece por Portugal.

Inicia-se, desde então, um contraste entre as modalidades nortenhas (sobretudo a norte do Douro), constitutivas, tradicionais, faladas por populações fixas, e as modalidades centrais e meridionais, mais niveladas e mais inovadoras (MAIA, 2010, p. 485).

Nesse cenário, a língua falada no Sul, se comparada à do Norte, apresenta características mais inovadoras que, futuramente, constituirão um dialeto de prestígio, utilizado pelos homens considerados “doutos” e inseridos, obviamente, na cultura letrada. Vale ressaltar que o referido dialeto servirá de base à normatização da língua, no século XVI. Nesse período da Reconquista, o português foi se modificando, pela via oral que, paralelamente, pôde contar com a via escrita, já que os registros iniciais da língua portuguesa se situam entre os séculos XII e XIII<sup>4</sup>, normalmente, concentrados em *scriptoria* reais da corte e, obviamente, concentrada no domínio monasterial da Ordem de Cister.

Desse modo, pode-se considerar que o surgimento da escrita é o primeiro grande salto dado em direção às reflexões metalinguísticas. "O processo de aparecimento da

---

<sup>3</sup> Os reinos cristãos estabelecidos no Noroeste se unem e retomam suas terras, que estavam povoadas pelos muçulmanos desde a invasão da Península Ibérica, em 711 d. C. O movimento da Reconquista iniciou no século X e se estendeu até o século XIII, quando a última cidade portuguesa foi retomada, a cidade de Faro. A partir desse momento, finaliza-se o processo de Reconquista e se estabelecem as fronteiras política e linguística de Portugal.

escrita é um processo de objetivação da linguagem, isto é, de representação metalinguística considerável e sem equivalente anterior” (AUROUX, 2014, p. 21-22). Nesse sentido, a escrita se caracteriza como uma forma da linguagem se autorreferendar, sendo, portanto, um passo decisivo no nascimento da metalinguagem. Verdelho e Silvestre (2007) apontam que houve tentativas consideradas “pré-lexicográficas”, desde o surgimento da escrita do português com o objetivo de explicar a língua, tomando como ponto de partida o léxico. Assim,

o simples desenvolvimento do exercício da escrita não podia deixar de suscitar uma necessária reflexão gramatical e uma conseqüente produção metalinguística, como natural relevo para a elaboração de tipo lexicográfico. Juntamente com a emergência da escrita vernácula, o confronto com o latim, muito especialmente na instância escolar, deve ter provocado imediatamente o aparecimento de glossários e outros materiais de apoio à intercompreensão das duas línguas, exercitando sua equivalência lexical.

A língua portuguesa, pelo menos desde o século XIII, ao mesmo tempo que tinha acesso à sistematização da escrita, começou a ser utilizada numa produção pré-lexicográfica, baseada em listagens glossarísticas medievais bilíngues (latim-vernáculo) que eram utilizadas por outras línguas vulgares da Europa, desde a mais remota Idade Média, como auxiliares da escolarização do latim (VERDELHO; SILVESTRE, 2007, p. 13).

Considerando as dificuldades enfrentadas para recuperar os textos manuscritos, elaborados, nesse período, e a falta de técnicas para que a lexicografia pudesse se desenvolver, muitas dessas tentativas “pré-lexicográficas” não se conservaram na história da língua, para além de não se desenvolverem, já que existia uma dificuldade enorme em se realizar a ordenação alfa dos verbetes, por exemplo. Por isso, a pré-lexicografia iniciada desde o século XIII, paralela ao surgimento da escrita do português, vai esperar pelo menos uns três séculos para se estabelecer enquanto prática ou disciplina.

Não obstante, essa produção metalinguística comprova que o surgimento da escrita foi um passo motivador para que reflexões sobre a língua fossem elaboradas, a *priori*, descodificando o léxico, depois, como se verá, codificando a escrita com o objetivo de normatizá-la.

Para entender como a escrita foi-se desenvolvendo e a partir disso novas reflexões sobre a língua foram surgindo, é importante considerá-la um fenômeno histórico e social que, inicialmente, estivera inserido numa sociedade, predominantemente oral, onde o pensamento era expresso através de práticas

oralizadas, como os discursos, os debates, a contação de estórias, de cantigas etc, que se voltavam tanto à persuasão do público como, também, à diversão.

A influência do signo escrito se deu de maneira processual, sobre as expressões orais, assumindo, nesse momento, um papel de fundo na sociedade, já que era, como sempre foi, a oralidade a forma preeminente de se expressar. Essa realidade se refletia nos textos escritos, que eram elaborados para ser lidos em voz alta, apresentando um sistema pontuacional lógico-gramatical, relacionado, diretamente, com a prosódia (MACHADO FILHO, 1999). Traziam, também, outras marcas da língua falada, como uma grande variação gráfica, sem nenhum controle normativo da língua escrita.

Essa sociedade oral foi se modificando com o tempo, à medida em que as expressões escritas foram adquirindo cada vez mais importância e valor. Claro que essa mudança levou séculos para se concretizar, cerca de uns trezentos anos, contando desde os primeiros textos escritos, no século XIII, até o século XVI, quando se tem uma produção escrita mais consolidada, pela imprensa.

Entre os séculos XIII e XIV, a documentação produzida se voltava às questões religiosas e (ou) notariais, tendo em vista que os textos de que se têm notícia, nesse período, são testamentos, memórias institucionais – *Flos Sanctorum*, regulamentos – Regra de São Bento e suas muitas adaptações, bulas, denúncias de dívidas entre outros. Pode-se dizer que as funcionalidades desses documentos eram a doutrinação, a anotação de fatos importantes e a conservação do patrimônio das instituições detentoras dessa produção escrita, por isso, começam a ser fixados pelo sistema escrito, corroborando com o que apontou Calvet (2011) de que a escrita surge da necessidade do homem em registrar as coisas. Pode-se incluir o registro da língua, já que nesses séculos havia reflexões “pré-lexicográficas” (VERDELHO; SILVESTRE, 2007).

Considerando que a escrita está vinculada à sociedade, cabe associá-la aos sujeitos que tiveram acesso às práticas de leitura e de escrita, nesse período, em que a sociedade portuguesa era, eminentemente, oral, onde apenas uma ínfima parcela da população sabia ler e escrever, como afirma Mattos e Silva (2002) apoiada nas pesquisas do historiador Armindo de Souza (1992) sobre o grau de letramento das sociedades medievais. Esses sujeitos letrados, obviamente, estão associados ao poder, já que

la escritura aparece, desde su invención, ligada ao poder. Crea poder y lo acrecienta. Su difusión y empleo van unidos, además, al aumento de la complejidad organizativa de ese poder (FRAGO, 1994, p. 51).

A escrita, nesse contexto, se configura como uma forma do poder se autorreferendar, basta lembrar da história de Portugal, quando Afonso Henriques conquista o condado *Portucalense* e se torna, posteriormente, o primeiro rei de Portugal. Obviamente, já existiriam registros escritos que asseguraram a fixação desse reino. Outro exemplo, é pensar que um dos primeiros textos em português foi elaborado a mando de outro rei, Afonso II. Portanto, existe uma relação direta entre os que sabem ler e escrever e aqueles que estão associados ao poder.<sup>5</sup>

Ao longo do tempo, a escrita do português começa a ganhar cada vez mais valoração social, podendo contar com uma produção mais diversificada, por volta dos séculos XIV e XV, quando surgem outros gêneros textuais, como, por exemplo, hagiografias, regras monásticas, crônicas, fábulas, novelas<sup>6</sup>, consolidando, dessa maneira, a primeira fase de escrita do português. A língua escrita, durante esse período, já apresentava características que, paulatinamente, a diferenciavam dos séculos anteriores. Nesse contexto,

[...] verifica-se a ‘elaboração da função’: a língua vai adquirindo novos âmbitos funcionais até então reservados ao latim e acede a todas as tradições discursivas; paralelamente a este processo, que poderemos designar de ‘elaboração extensiva’, verifica-se um outro, de ‘elaboração intensiva’, caracterizado pelo desenvolvimento de recursos linguísticos que tornam a língua apta para assegurar as suas novas funções: além da ampliação do caudal léxico da língua, desenvolve-se uma sintaxe progressivamente mais complexa, adequada a todos os tipos de discurso, e diferentes estratégias semânticas e pragmático-textuais. Como resultado desse duplo processo, verifica-se, por um lado, a constituição de um património textual amplo e diversificado sob o ponto de vista de géneros e tipos textuais e, por outro, a progressiva transformação da língua (MAIA, 2010, p. 485).

Paralelo à reconfiguração da escrita, chega a Portugal, no século XV, a imprensa, que modifica a produção de textos, inicialmente, manuscrita, e agora passa a ser elaborada na prensa móvel. Consequentemente, a produção de livro aumenta, dispondo ao público cópias de um mesmo exemplar, de uma só vez. Paralelamente, ocorre a diminuição do custo, tendo em vista que as formas de produção mudaram, tornando-se mais rápidas. Assim, o surgimento da imprensa se configura como um importante evento extralinguístico, que promove a difusão do livro e do modelo da língua escrita e, ao mesmo tempo, ajuda na “fixação da (orto)grafia e da língua, ambas

<sup>5</sup> Veja a obra de Louis-Jean Calvet, intitulada *Tradição oral e tradição escrita* e publicada em 2011.

<sup>6</sup> Para maiores esclarecimentos, consulte a obra de Álvaro J. da Costa Pimpão, cujo título é *Idade Média*, publicada em 1959.

caracterizadas por acentuada variabilidade durante a Idade Média” (MAIA, 2011, p. 32).

Embora os textos impressos uniformizem muito mais a variação gráfica do que os manuscritos, verifica-se que a “variabilidade” ainda se faz presente na documentação impressa, já que não existem instrumentos normatizadores de língua e, nem mesmo, um acordo ortográfico que vise à normatização da escrita, o qual será elaborado séculos depois da implementação da imprensa, especificamente, no século XX, por Gonçalves Viana.

Um século depois de implementação da imprensa, começam-se a desenvolver cada vez mais obras metalinguísticas. Nesse momento, a língua escrita se encontra em direção a uma consolidação, direcionando-se à standardização, podendo contar no século XVI com importantes produções, dentre as quais os *Autos* de Gil Vicente e os *Lusíadas*, de Luís de Camões, inaugurando, assim, a Idade Moderna, período em que se insere o movimento do Renascimento. Nessa época, ocorre também

o fato mais relevante, contudo, em oposição ao período arcaico, é o surgimento, na segunda metade do século XVI, do primeiro cânone literário, que, em sentido metafórico, representa, de certo modo, uma "normativização" do literário, quando arrola as obras principais do século e que está explícito, em 1574, no Diálogo em defesa de nossa linguagem, de Pero Magalhães de Gândavo, historiador e segundo ortógrafo do português, que seleciona um elenco de escritores e suas obras, para ele as mais significativas de então (MATTOS e SILVA, 2002, p. 12).

Ao mesmo tempo em que se desenvolvem textos literários, a língua escrita se volta à codificação dos usos linguísticos, que serão objeto de estudo dos gramáticos, dos ortógrafos e dos lexicógrafos, durante todo o século XVI. As obras metalinguísticas produzidas representaram as primeiras tentativas de normatização da língua, a partir da seleção de uma variante linguística, com prestígio social, falada por homens, que estavam inseridos na Corte e nas universidades.

A forma escolhida foi a da antiga província da Estremadura que, depois, veio a ser a região de que Lisboa faz parte, hoje. (MAIA, 2010). Não é nada diferente do que acontece nos dias atuais, quando se visa à normatização da língua escrita, motivando, como se sabe, a depreciação de outros dialetos e colaborando para que o preconceito linguístico se mantenha como um mal social, que só exclui e discrimina os que não usam as formas prestigiadas.

A variante de base deve também ter servido às outras reflexões metalinguísticas que ocorreram nos séculos posteriores. Vale destacar o importante papel da Corte

portuguesa na standardização da língua escrita no século XVI, que, para Leão (1669), moldava o português com seus usos cultos, ajudando a caracterizar, no sul, um dialeto prestigiado e inovador, se comparado com os outros das demais regiões. Assim, a língua portuguesa, no século XVI, atinge sua normatização, tanto literária, em certo sentido, como gramatical, se configurando como uma língua escrita bem distinta da dos séculos anteriores.

Observe-se que, no século XVI, a relação mantida entre a escrita e o poder se firma mais ainda, tendo em vista que os instrumentos metalinguísticos produzidos vão ajudar a estabelecer uma clivagem entre os que têm acesso às práticas de leitura e de escrita e, possivelmente, sabem as regras estabelecidas, e aqueles que são considerados analfabetos. Dessa maneira, ocorrem transformações nas formas de realização dessas práticas, considerando que a imprensa, além de ter trazido todos os avanços discutidos anteriormente, colabora para que a leitura se realize, agora, silenciosamente, enquanto a escrita tende à normatização.

Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão (CHARTIER, 1999, p. 77).

## 2.1 METALINGUAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA ANTES DAS PRIMEIRAS GRAMÁTICAS

Procurou-se, na seção anterior, delinear, muito brevemente, o percurso do português até o século XVI, com o objetivo de mostrar o desenvolvimento da escrita nesses séculos, partindo do ponto de que a escrita se configura como a primeira forma da língua se referendar, gerando conhecimento sobre si mesma. Apresentaram-se, brevemente, alguns textos produzidos entre os séculos XIII até o século XVI, discutindo as tentativas metalinguísticas surgidas nesses períodos, como as consideradas “pré-lexicográficas”, mas que, infelizmente, pouco se conservaram na história da língua.

Nesse sentido, quem quer que se arvore a identificar na história do português reflexões metalinguísticas antes das primeiras gramáticas, certamente, haverá de mencionar em primeira mão o dicionário latino-português, elaborado entre os séculos XIV e XV.

O documento conservado é um manuscrito alcobacense (códice CDIV/286), que se encontra na Bibl. Nac, de Lisboa e que foi publicado por Henry Carter

(1953). Compõe-se de uma listagem quase alfabética de cerca de 3000 verbos latinos, transcritos pelo início do século XIV, a que foram acrescentadas por outra mão e eventualmente já no séc. XV, as formas equivalentes em português. O ‘corpus’ lexical português apresenta cerca de 1100 verbos diferentes com um total aproximado de 3.000 ocorrências. É um documento importante para a história da técnica lexicográfica e sobretudo para a história da língua portuguesa (VERDELHO, 1995, p. 196, apud VERDELHO; SILVESTRE, 2007, p. 13).

Mesmo com as dificuldades encontradas, o referido dicionário latino-português traz um inventário considerado significativo do léxico português e o confronta com o latim, ajudando a fixar a língua escrita. A obra em questão já aponta o confronto que começou a existir entre o latim, língua de ensino, e a língua vernácula que, também, queria se autoexplicar.

Assim sendo, essa obra se configura como uma ferramenta de ensino do português, desenvolvida a partir do século XIV, além de trazer reflexões sobre a língua. É um texto significativo para a história da língua que, embora tenha sido editado uma vez, precisa que novos estudos sejam realizados para que se conheça com mais afinco essa metalinguagem apresentada, antes mesmo das gramáticas.

Outro ponto importante é que o referido dicionário por ter se conservado e está disponível à investigação, ajuda a recontar a história da metalinguagem portuguesa, que se inicia, comumente, no século posterior, com a publicação das primeiras gramáticas. Mas pode ser antecédida considerando as reflexões apresentadas pelo dicionário e, também, pelas *Cartinhas* ou *Cartilhas*, elaboradas, posteriormente, no começo do século XVI.

As *Cartinhas* não foram manuscritas, tal como fora o dicionário bilíngue, mas impressas, já que se desenvolviam, nesse momento, as práticas da tipografia em Portugal. Graças a esse desenvolvimento, muitas *Cartinhas* foram produzidas, em larga escala, visando à leitura e à alfabetização das crianças. Não obstante, as referidas obras não se pautaram somente no ensino do *abc*, mas, sobretudo, no ensinamento das orações religiosas, tornando-se, dessa maneira, importantes manuais de doutrinação. Note-se que as *Cartinhas* demonstram o momento em que os portugueses passaram a ter uma visão mais elaborada sobre o aprendizado da língua escrita, por isso, começaram a produzir material didático voltado ao ensino.

As *Cartinhas*, portanto, vieram para suprir a expectativa de se ensinar e se aprender o português. No entanto, pode-se dizer, que suas reflexões metalinguísticas se apresentaram de forma incipiente, uma vez que se dedicaram apenas à decodificação do

*abc*. Pelo menos é o que se verifica, como mostra de exemplo, em uma das *Cartinhas* elaboradas, nesse período, a *Cartinha pera ensinar a leer*, em que se dedica um capítulo *A arte pera aprender a leer*, e os demais capítulos são voltados à aprendizagem das orações religiosas, como *O Pater Noster em latim e em lingoagem*, *A aue maria em latim e em lingoagem*, *os setes pecados mortaes*, *as setes virtudes contrayras a elles* entre outras. Desse modo, pode-se dizer que a essência das *Cartinhas* era religiosa e doutrinária, uma vez que funcionavam como verdadeiros manuais de conduta da sociedade cristã da época.

A *Cartinha pera ensinar a leer* saiu do prelo, da oficina de German Galharde, tipógrafo francês estabelecido em Lisboa desde o início do século XVI. Observe-se que o título da obra ainda traz o hiato etimológico, no item *leer*, o qual, se fez presente na escrita desde o século XIII e se manteve até o século XVI, como se pode ver. Outro aspecto importante que merece ser destacado é o próprio título da obra, que se volta apenas ao ensino da leitura e não, necessariamente, ao ensino, conjugado da leitura e da escrita, como se voltam hoje os instrumentos de alfabetização.

Essa prática de leitura dissociada da escrita pode ser verificada na própria folha de rosto da *Cartinha*, a qual evidencia o mestre sentado ao centro, dando a lição para os meninos, que não seguram nenhuma pena, mas leem. “A *Arte*, como indicado na obra, destina-se ao ensino da leitura” (ROSA, 2002, p. 152)<sup>7</sup>. As *Cartinhas* foram elementos iniciais de aprendizagem, que preparavam as crianças para um estudo mais elaborado, o das gramáticas, como o próprio João de Barros declara na folha de rosto de sua obra.

Em a *cartinha* passáda démos árte pera os mininos fácilmente aprenderem a ler, com toda a diversidade de silabas que a natureza de nóssa linguagem padéçe. E assi lhe[s] apresentámos os preçeitos da lei e os mandamentos da Santa Mádre Igreja, com o tratádo da Missa. em as quáis cousas convém serem eles doutrinádos porque, como diz Sam Bernárdo, nom é cousa menos piadósá ensinár o ânimo com sapiência que dár mantimento ao corpo. Fica agóra dármos os preçeitos da nóssa Gramática ([1540]; BUESCU, 1971, p. 292).

A *Cartinha* à qual se refere o autor foi elaborada no século XVI, especificamente em dezembro de 1539. Por a obra se intitular *Grammatica*, assim como a própria *Grammatica*, do referido autor, existe, hoje, uma certa confusão na identificação dos dois trabalhos, assim como, muitas vezes, a *Cartinha*, de João de

---

<sup>7</sup> Maria Carlota Rosa realizou um estudo linguístico com a referida *Cartinha* e constatou que o ensino da leitura se realizava dissociado da escrita.

Barros, se confunde com as inúmeras *Cartinhas*, publicadas antes. Vale, no entanto, ressaltar a importância da obra de Barros, que foi

dedicada ao príncipe D. Filipe, filho de D. João, esta *Cartinha*. inovadora no método que preconiza e na qual vibra o amor pela língua pátria, ganha um significado ideológico mais amplo, ao ser justificada a sua utilidade pelo papel universal da língua portuguesa no encontro planetário das civilizações e sobretudo na expansão da fé cristã, ‘*com que muitos povos da gentildade são metidos em o curral do senhor*’ (BUESCU, 1996, p. 14).

A *Cartinha* de João de Barros (1539), impressa por *Luis Rodriguez*, traz, assim como a *Cartinha pera ensinar a leer*, os primeiros ensinamentos de língua. No entanto, a obra de Barros se estende, trazendo não só o *abc*, mas já a distinção das vogais abertas e fechadas e os modos de ajuntamento das sílabas. Nesse contexto, o autor demonstra a composição da sílaba com duas, três e quatro letras, além de mostrar sua formação com os dígrafos. A *Cartinha*, de Barros, também, é bastante ilustrada, tanto no que se refere aos estudos metalinguísticos quanto aos estudos religiosos. Por isso, é reconhecida como uma obra pedagógica, sendo um dos primeiros textos ilustrados e didáticos, segundo seu colofon (1539).

Quando Portugal começou a se aventurar nas grandes navegações marítimas em busca de expandir seus territórios, as *Cartinhas* foram levadas às terras conquistadas, com o objetivo claro de ensinar a língua portuguesa e a religião aos povos dominados. Nesse cenário, as inúmeras *Cartinhas* produzidas, até então, passaram a ser utilizadas não só na alfabetização das crianças, mas, também, na alfabetização dos adultos. Vale ressaltar que o contexto de ensino é outro, uma vez que não se aprende português como língua materna, mas como língua estrangeira. As *Cartinhas* portuguesas, nesse cenário, visam à inserção desses povos nos preceitos da religião católica (BUESCU, 1984). Ainda

no final do século XV, as relações com o Congo chegaram a ser bastante intensas, procurando-se uma política de aproximação com os chefes locais. O envio de descendentes seus para Portugal para se instruírem na religião católica é um das manifestações dessa estratégia. No tempo de D. Manuel, que em 1514 enviara como representante ao Negus de Abissínia, entre outras obras, cerca de mil ‘*cartinhas*’ para aprender a ler, chegou a ser intensa a presença de jovens bolseiros do Congo no Convento dos Lóios, em Lisboa (BUESCU, 1996, p. 14).

Cabe pontuar, também, o fundo político expresso nas *Cartinhas*, que além de se voltarem ao ensino, se mantiveram aliadas ao poder, tornando-se importantes instrumentos de valorização da língua de um Império. Aprender a língua e, sobretudo, a religião seria uma maneira de se aliar a uma nação em expansão, como era Portugal, nesse momento. Assim sendo, o ensino do português ganhou cada vez mais espaço, diante do latim, à medida em que se estendia territorialmente.

De certo modo, essa situação considerada mercantilista relembra a época de expansão do Império Romano, que se aventurou por terra e por mar e usou a língua como uma importante ferramenta de dominação, mesmo que não impositivamente. Nesse contexto, Portugal segue seu caminho, direcionando-se às conquistas do Novo Mundo e suas *Cartinhas* serão cada vez mais necessárias, ajudando o Império a se expandir e se firmar para além das fronteiras portuguesas. As *Cartinhas* motivaram o surgimento de outras reflexões de língua, como das primeiras gramáticas do português, na segunda metade do século XVI, que estão inseridas justamente nesse ambiente de expansão mercantilista.

Ressalta-se, também, o fundo político das gramáticas que, assim como as *Cartinhas*, estão aliadas à ideia de valorização da nação, que é um motivo importante para se gramatizar, mas não é o único, uma vez que para se codificar determinada língua visando à sua normatização, considera-se o ensino, propriamente dito, da língua. Além de se levar em conta fatores externos, como movimentos culturais, no caso do português, houve a influência do movimento renascentista, que colocou o latim numa situação de confronto com as línguas vernáculas.

O ensino da língua portuguesa seria, *a priori*, uma justificativa relevante, que se propunha a ser mais elaborado e, possivelmente, mais fácil de ser apreendido, se comparado com o ensino do latim e do grego. A gramática, nesse sentido, se voltaria à aprendizagem da língua tanto em Portugal como nas áreas colonizadas. Desse modo, se deveria aprender, primeiro, o português, para que, depois, se aprendessem as línguas clássicas (MAIA, 2010). Note-se que é uma justificativa política e estratégica, uma vez que se difunde o ensino do português, paralelo ao do latim. As gramáticas, nesse sentido, vão apresentar um estudo metalinguístico muito mais aprofundado do que as *Cartinhas*, uma vez que trazem reflexões sobre todos os níveis da língua, colaborando, significativamente, para a expansão do ensino e da aprendizagem da língua escrita.

## 2.2 O PORTUGUÊS NO CENÁRIO DE GRAMATIZAÇÃO DAS LÍNGUAS VERNÁCULAS EUROPEIAS

Pode-se dizer que os estudos gramaticais do português se desenvolveram no momento em que o homem renascentista se viu motivado para realizar tal feito, e se sentiu também preparado para desenvolvê-los. Tendo em vista que as primeiras reflexões de língua, conservadas até o presente momento, foram o dicionário latim-

português (século XIV-XV) e as *Cartinhas* ou *Cartilhas*, publicadas no início do século XVI, o português ganhou fôlego e pôde ser refletido, gramaticalmente, quando a efervescência da Renascença promoveu a valorização das línguas vernáculas frente à supremacia do latim, considerado uma língua erudita e, portanto, um modelo a ser adotado na gramatização<sup>8</sup> das línguas nacionais. O Renascimento, como se sabe, permitiu a reavaliação dos modelos antigos, tanto os clássicos como os medievais, impulsionando, assim, a retomada desses modelos na Idade Moderna.

Inseridos nesse ambiente linguístico e cultural, os primeiros gramáticos usam o latim como referência e, portanto, como apoio teórico, procurando em muitos casos adotá-lo, integralmente, na construção de suas gramáticas. Entretanto, cada língua se caracteriza, tipologicamente, diferente umas das outras, sendo, portanto, um engano, ou até mesmo um erro, tentar classificá-las, utilizando as mesmas regras e estratégias da latina, por exemplo.

Diante desse cenário, os vernaculistas enfrentam o ônus de serem os pioneiros a refletir sobre uma língua vulgar, criando novas estratégias de classificação linguística, sem terem, necessariamente, modelos de uma língua vernácula para se apoiar, diferentemente, dos gramáticos latinos, que tinham como base as gramáticas gregas, por exemplo. “Prisciano elabora sua gramática a partir de material acumulado em quase quinhentos anos de estudos gramaticais do latim” (BORGES NETO, 2009, p. 44), enquanto os renascentistas dispõem de pouco ou quase nenhum material sobre estudos de suas línguas. Mas é preciso descrever as línguas vernáculas num momento de formação das Nações e dos Estados modernos.

O continente europeu vivencia, no final da Idade Média, a transformação da ordem feudal; dessa transformação, surge o Estado moderno, concebido como uma entidade abstrata – distinta de governo ou pessoas que exercem o poder – cuja semente é nação através de uma operação jurídica. Estado designa uma realidade jurídica, que é, portanto, conceituada de forma objetiva, ou seja, o Estado é jurídico definido pela conjugação de três elementos: território, população e soberania; a Nação designa uma realidade sociológica. Assim sendo, o Estado é a nação institucionalizada, politicamente organizada, de modo que a existência da Nação é anterior à existência do Estado. (NICOLAU, 2009, p. 146)

Os homens da Renascença começam a refletir sobre suas línguas, colocando-as diante do latim numa relação de reanálise hierárquica. É um confronto, de fato, em que

---

<sup>8</sup> Para maiores esclarecimentos, veja o texto da autora que se intitula A consciência da dimensão imperial da Língua na produção linguístico-gramatical. In: *Gramática, história, teorias, aplicações*. Porto: Universidade do Porto, 2010, p. 29-49.

as línguas filhas ou irmãs se colocam ao lado da língua mãe, embora reconheçam sua superioridade. Surge, assim, a “consciência nacional”, que se configura “segundo uma dialéctica entre a conformidade/semelhança e desconformidade/diferença: entre a filiação/derivação e a autonomia/corrupção” (BUESCU, 1996, p. 58).

Nesse ambiente, surge um dos principais motivos que levam à gramatização, o de valorizar a nação e o Estado através da dignificação da própria língua. As gramáticas vernáculas assumem seu caráter político, ao mesmo tempo, em que se relacionam, diretamente, com diferentes formas de poder, como o dos Estados, o da Igreja, o do comércio, entre outros. A língua, dessa forma, aliada ao poder, acompanha a nação no decurso de sua história.

Dentre os textos publicados, no período do Renascimento, destaca-se a *gramática do castelhano*, de António de Nebrija, por ser o primeiro estudo gramatical de uma língua românica, publicada em 1492, justamente, no ano de unificação da Espanha e da descoberta da América. ‘A língua companheira do Império’ motivou o surgimento de outras reflexões metalinguísticas, como a gramática do italiano, elaborada três anos depois e intitulada *Regole della lingua fiorentina*. Cabe pontuar que embora tenham publicado sua gramática depois da espanhola, os italianos foram os grandes precursores nos estudos sobre uma língua vernácula. Por exemplo, a obra *De Vulgari Eloquentia*, de Dante Alighieri, escrita desde o século XII, já traz reflexões sobre a origem das línguas, se apoiando no mito da Torre de Babel.

Posteriormente, a elaboração da gramática do italiano veio a lume, em 1531, a primeira gramática do francês, intitulada *O Lesclarcissement*, elaborada pelo inglês Palsgrave e dedicada ao rei Henrique VIII (BUESCU, 1984).

Vale ressaltar que o próprio título da obra denuncia um francês considerado arcaico, estando, nesse ponto, em conformidade com o português arcaico, que se manteve até a documentação escrita do século XVI.

A gramatização do espanhol, do italiano, do francês e do português ocorreu em momentos coetâneos, quando, justamente, a Espanha, a Itália, a França e Portugal buscavam se firmar enquanto impérios mercantilistas. Para isso, utilizaram como aliadas suas gramáticas, que defenderam e exaltaram a língua. Mais uma vez se verifica, claramente, a escrita sendo utilizada como uma forma do poder se autorreferendar. Nesse contexto, a gramatização se configura como um importante evento extralinguístico, considerado

depois do advento da escrita no terceiro milênio antes da nossa era – a *segunda revolução técnico-linguística*. Suas consequências práticas para a organização das sociedades humanas são consideráveis. Essa revolução – que só terminará no século XX – vai criar uma rede homogênea de comunicação centrada inicialmente na Europa. Cada nova língua integrada à rede dos conhecimentos linguísticos, da mesma maneira que cada região representada pelos cartógrafos europeus, vai aumentar a eficácia dessa rede e de seu desequilíbrio em proveito de uma só região do mundo. É as ciências da linguagem que devemos a primeira revolução científica do mundo moderno (AUROUX, 2014, p. 35-36).

Nesse ambiente linguístico e cultural, o português é gramatizado em 1536, por Fernão de Oliveira, quarenta e quatro anos depois da publicação da gramática espanhola, a primeira em língua românica. A obra de Oliveira intitula-se *Grammatica da lingoagem portuguesa*, e traz um estudo descritivo de língua, centrando-se, sobretudo, na descrição dos sons. Posteriormente, em 1540, veio a lume a segunda gramática do português, elaborada por João de Barros.

Pretende-se, portanto, na próxima seção deste trabalho, discutir os discursos apresentados por cada gramático no que concerne à construção e à defesa de uma norma para a língua escrita. De antemão, pode-se dizer que enquanto Oliveira segue o caminho da descrição da língua falada, sem deixar de pontuar os falares considerados já prestigiados, Barros constrói seu discurso a partir da prescrição de regras para a escrita, concentrando-se no escrever corretamente.

### **2.2.1 A normatização da língua**

Cabe, inicialmente, definir qual o conceito de norma adotado, aqui, já que o termo é polissêmico e pode causar certa confusão no momento em que é utilizado, se a definição não estiver bem estabelecida. Entende-se por norma escrita aquela que regula os usos, tomando como base os mais prestigiados socialmente, como fora, no caso do português, os usos falados na região da Estremadura, durante o século XVI.

Por uma questão de raciocínio, não se inicia o discurso dos gramáticos obedecendo a ordem cronológica em que foram produzidos, portanto, começa-se a discussão a partir dos argumentos de João de Barros (1540), para, depois, relacioná-los e contrapô-los com os de Fernão de Oliveira (1536). Pode-se dizer que João de Barros, na elaboração de sua obra, procura imitar os moldes da gramática latina, por isso, é considerado o gramático português mais latino, por Buescu (1984). Chega a aplicar os casos latinos na declinação dos nomes e dos pronomes, o que de certa forma ajuda no ensino da regência desses nomes. No entanto, o autor é bastante criticado, nesse ponto,

considerando que na mudança do latim para o português, o caso que restou, de fato, foi o acusativo, embora se percebam resquícios dos outros casos na língua.

Não obstante, João de Barros, em sua obra, valoriza a língua e os costumes portugueses, se colocando numa relação de filiação com o latim e demonstrando, ao mesmo tempo, a superioridade da língua latina. Em passagens na obra como:

[...] por sermos filhos da Lingua Latina, temos tanta conformidade com ela, que convém usármos dos seus termos, principalmente em cousas que tem seus próprios nomes, dos quaes nam devemos fogir”, “os bárbaros que vem a nósso serviço, dele comêçam, como em primeiro elemento da formação verbál. E por ele suprimos alguns defeitos da nósso linguagem em que a latina é mais copiôsa (BARROS, [1540]; BUESCU, 1971, p. 311),

percebe-se a relação de semelhança entre o português e o latim, assim como a afirmação de superioridade deste sobre aquele. Em outras passagens da obra, pode-se verificar o uso do pronome *nossa* para demonstrar as particularidades do português, evidenciadas em frases do tipo “*nóssa linguagem, nóssa lingua, nóssa grammatica, nóssas silabas, nóssa composiçám, nóssas palávras*” etc. Veja-se que, agora, o autor procura enfatizar a ideia de língua como um bem comum para todos, que faz parte de uma nação, e se revela independente de sua atual gênese linguística, a latina. Portanto, verifica-se um discurso de defesa do português, ao mesmo tempo em que se reconhece o valor da língua latina.

Com esse discurso, o autor procura construir uma norma para a escrita, baseando-se no modo certo de falar e escrever, condenando outros usos da língua, que são considerados, na sua opinião, corrupções cometidas pelos “bárbaros à porta”<sup>9</sup>. Por isso, elenca quarenta e cinco figuras de linguagem, os chamados barbarismos e solecismos, que tornam a língua imperfeita, prejudicando tanto a pronúncia das palavras, como a construção dos períodos e da ortografia. Ao mesmo tempo, traz algumas regras ortográficas que o colocam numa posição de ortógrafo, embora não seja essa sua real função. Assim, a gramática de João de Barros, 1540, segue a tradição da gramática latina, configurando-se, como uma obra preceitativa, que será instrumento de poder e de dominação ao longo dos séculos. João de Barros constrói sua gramática a partir do discurso da língua escrita, empoderando-a, dando-lhe reflexões metalinguísticas que serão direcionadas à construção de uma norma escrita, num momento em que Portugal

---

<sup>9</sup> Situação análoga ao que discorreu Mattos e Silva em seu trabalho de 2008, “Bárbaros à porta”: uma reflexão histórica sobre a língua portuguesa na atualidade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL AGOSTINHO DA SILVA PENSADOR DO MUNDO A HAVER, 1., 2006, Lisboa. *Atas Lisboa*: Zéfiro, 2006. pp. 289-295.

podia contar com sua primeira obra gramatical, a de Fernão de Oliveira, elaborada quatro anos antes, mas que seguiu outro caminho na construção da referida norma, como se verá a seguir.

De forma diferente, Fernão de Oliveira, primeiro gramático do português, não adota necessariamente os modelos da gramática latina, embora os conheça. Mas reflete sobre os modelos antes de aplicá-los à língua portuguesa, por isso, é considerado um “gramático original”. (COSERIU, 2000) É um homem, assim como João de Barros, conhecedor da cultura greco-romana, mas ao elaborar sua *Grammatica* não segue a tendência normativa da época. Vai por outro caminho, descrevendo os falares do português.

A obra de Oliveira avança por outros caminhos, trazendo reflexões para a lexicologia, a morfologia, a dialetologia e a sociolinguística, embora a concretização dessas áreas tenha ocorrido, séculos depois. Portanto, diante das discussões acima, pode-se dizer que Fernão de Oliveira, assim como João de Barros, valoriza a língua e os costumes portugueses, mas toma como referência perspectivas diferentes, como a da descrição sincrônica da língua falada.

Fernão de Oliveira não coloca o português numa posição de subordinação em relação ao latim, ao contrário, mostra o quão valioso e bons são os falares português, por “homens assentados” ([1536], TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 166). Procura, dessa forma, igualar a língua portuguesa ao latim, demonstrando mais uma vez sua originalidade enquanto gramático descritivista. Uma conhecida passagem da gramática representa muito bem a percepção de língua do autor e a maneira pela qual ela é valorizada:

E não desconfiemos da nossa lingua porque os homens fazem a lingua e não a lingoa os homens. mas em muitas cousas tem anossa lingoa vantagemê: porque ella e antiga ensinada/prospera/ e bẽ conuersada: e tambẽ exercitada em bos tratos e officios (OLIVEIRA, [1536]; TORRES; ASSUNÇÃO, p. 168-169, 2000).

Por isso, é considerado um homem *avant la lettre*, segundo Maria Carvalhão Buescu (1984). A referida autora, ainda, relativiza a submissão de João de Barros aos modelos latinos, quando afirma que o gramático em questão torna sua subordinação superficial na medida em que estabelece muito mais diferenças do que semelhanças na comparação do português como o latim (BUESCU, 1996). Borges Neto defende que

muito se fala sobre a “originalidade dos gramáticos renascentistas – particularmente da originalidade de Nebrija e Fernão de Oliveira, enquanto se acusa João de Barros de ser submisso ao modelo latino. Eu gostaria de relativizar esse julgamento, mostrando que todos foram originais apenas numa direção, e que mantiveram submissos ao modelo latino se olharmos de outra perspectiva. Creio que a originalidade da obra de Fernão de Oliveira reside justamente nos preenchimentos do vão que separa o latim do português. Em outras palavras, Fernão de Oliveira não é *teoricamente* original: em termos de teoria gramatical ele não fez mais do que reproduzir a teoria de Prisciano, que por sua vez, reproduz a teoria de Dioniso Trácio (séc. II a.c) e de Apolônio Discolo (séc. II A.D). Fernão de Oliveira é *descritivamente* original, na medida em que descreve, em sua gramática, um conjunto de dados linguísticos que nunca haviam sido descritos antes (2009, p. 45).

Fernão de Oliveira não reproduz teorias, necessariamente, na sua *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de 1536, ao contrário, reflete sobre as teorias e traz somente o que é, de fato, necessário à sua descrição linguística. Por isso, discorda-se do referido autor, Borges Neto (2009), nesse ponto. Outro aspecto que diferencia a obra de Oliveira das gramáticas elaboradas pela tradição greco-romana é o fato de Oliveira ter adotado outra perspectiva, a da descrição dos sons, diferentemente, da tradição que se preocupou com o estudo, prioritamente, gráfico. Vale ressaltar ainda que Fernão de Oliveira, embora não tenha produzido teoria gramatical, deixa registradas no prefácio e ao longo da sua *Grammatica* declarações de que outras obras futuras virão para complementar suas reflexões metalinguísticas. Escreverá, posteriormente, sobre a sintaxe, o verbo e a própria teoria gramatical.

No que concerne a João de Barros, concorda-se que o referido gramático tenha sido original em certos pontos da sua obra. Se se considerar, por exemplo, sua preocupação em resolver alguns problemas gráficos da época, como os usos dos grafemas *k*, *q* e *ç*, da consoante aspirada *h* e dos dígrafos *ch*, *nh*. Além de trazer um estudo minucioso sobre os verbos, os pronomes e as figuras de linguagem. Diferentemente de Fernão de Oliveira, que muito pouco se dedica a esses estudos, já toca em outros aspectos importantes como a formação das *dições* por processos de composição e derivação, além de já trazer reflexões sobre a variação e a mudança linguísticas. Os dois primeiros gramáticos do português, embora tenham apresentado obras de orientações distintas, uma descritiva e a outra normativa, procuraram fixar uma norma para a escrita, que será objeto de estudo de outros homens, no século XVI, como os ortógrafos e os lexicógrafos.

### 2.2.2 Metalinguagem depois das gramáticas

Outras reflexões metalinguísticas vieram na segunda metade do século XVI, como o primeiro manual de ortografia do português, de Gândavo, em 1574. Também humanista e contemporâneo de Fernão de Oliveira e João de Barros, estava a par da situação da língua no século XVI, frente à supremacia do latim. Sua obra intitulada *Regras qve ensinam a maneira de escrever e orthografia da língva portvguesa com hum dialogo qve adiante se segue em defesam da mesma lingua* (1574) procurou resolver dois problemas iniciais: estabelecer uma normatização gráfica para o português e tentar resolver a questão da língua, que se colocava entre o português e o latim, e o português e o castelhano. Este já havia sido gramatizado e disputava, lado a lado, com o português, prestígio social, já que nesse momento Portugal e Espanha unificavam suas monarquias, concretizando a União Ibérica. Estabelecia-se

[...] a diferença em relação ao castelhano, cujo estatuto de língua cortesã o tornava concorrente com o português como instrumento de expressão literária. Assim, o latim passa a estar ao “serviço” do português, serviço polivalenciado, na medida em que é origem, modelo e fonte. É também razão de diferença. (BUESCU, 1996, p. 58).

Indo contra o discurso dos gramáticos de colocar a língua num posição contrastiva com o latim, Gândavo não realiza, necessariamente, comparações, mas mantém o português numa relação de conformidade com a língua latina. Ou seja, procura identificar muito mais semelhanças entre essas duas línguas do que diferenças.

Gândavo se dedica ao estudo etimológico das palavras, evidenciando a origem em comum do português com o latim. No que concerne aos lapsos de grafia, sinaliza que só ocorrem por causa da falta de conhecimento do latim. Desse modo, o referido ortógrafo identifica na “proximidade ou semelhança a razão maior, e talvez única, das perfeições e excelências da língua portuguesa e até da sua individualidade em relação às outras línguas vulgares (nomeadamente o castelhano)” (BUESCU, 1996, p. 57).

Dois anos depois da publicação do Manual de Gândavo, veio a lume outro de autoria de Duarte Nunes de Leão. Também humanista, nascido em Évora e bacharel em leis pela Universidade de Coimbra. O Manual intitulou-se *Regras qve ensinam a escrever* e voltou-se à explicação da etimologia das palavras, considerando, assim como Gândavo, as semelhanças entre o português e o latim, mas, ao mesmo tempo, procurou enfatizar as diferenças entre o binômio castelhano/português, mostrando que, também, estava ciente da questão da língua portuguesa no século XVI.

Desde muito tempo, os gramáticos procuraram resolver os problemas ortográficos das línguas vulgares, que se mostravam diferentes dos apresentados pela língua latina. Fernão de Oliveira (1536) chegou a explicar algumas etimologias, mas não concentrou seus estudos nessa parte. João de Barros considerava o estudo etimológico tão complicado como encontrar as fontes do rio Nilo. Nesse contexto, os ortógrafos do português, Gândavo (1574) e Nunes (1576) se preocuparam em estabelecer regras ortográficas, a partir da representação etimológica, voltando-se ao passado das línguas clássicas latina e grega, ou se voltando à representação fonética da língua portuguesa. Os ortografistas, nesse contexto, foram unânimes em acreditar que a melhor forma de explicar a etimologia seria a partir da pronúncia das palavras. Seria uma forma de valorizar as línguas vernáculas diante do latim (BUESCU, 1984).

No que concerne à relação português/castelhano, os ortógrafos mostraram-se atentos ao confronto e procuraram firmar o prestígio da língua portuguesa nessa relação. Assim, estabelece-se a verdadeira questão da língua em Portugal, uma vez que o latim passa a ser visto em conformidade com o português, enquanto o rival, o castelhano, se encontra numa situação de disputa com o português.

Mas a consciência contrastiva do português e do castelhano desenvolve-se segundo duas hipóteses. Se a *diferença* em relação ao castelhano evidenciada pela *semelhança* do português com o latim, garante a individualidade do português como uma das línguas de Espanha, esta individualidade, enobrecida pela dignidade da origem, encontra, uma vez mais, no seu paradigma latino-romano, um estímulo e um modelo: língua capaz de servir como instrumento de soberania (BUESCU, 1996, p. 58).

Seria, então, uma retomada mais uma vez do referencial latino, embora sob outras circunstâncias, já que não seria inteligente negar o passado comum do português com o latim, tendo em vista que se precisava buscar as fontes da língua-mãe para explicar a etimologia das palavras.

Vale ressaltar a importância dos discursos elaborados pelos ortógrafos tanto no que se refere à defesa do português quanto à prescrição de uma norma-modelo para a escrita, considerando que os manuais de ortografia se configuram como instrumentos normatizadores, assim como as gramáticas. O papel dos manuais era essencial para que se refletisse mais ainda sobre a escrita, ao mesmo tempo em que propunham regras para a ortografia, que deveria ser realizada corretamente, obedecendo muito mais à pronúncia das palavras do que às fontes etimológicas. Essa é uma das formas de valorizar a língua.

No final do século XVI, especificamente, em 1592, mais uma importante obra saiu do prelo, o *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem*, de Jerónimo Cardoso, estreando, no território português, a prática da lexicografia. É a primeira vez que uma obra dessa natureza apresenta um sistema alfabético de entradas, tendo em vista que, nesse período, as técnicas tipográficas se desenvolveram e deram os suportes necessários para que a lexicografia se desenvolvesse enquanto ciência.

O pequeno dicionário de Cardoso deve ser assim considerado como o padrão inicial da lexicografia do português. Não obstante a modéstia das suas dimensões, oferece um ‘corpus’ lexical interessante e muito significativo para a época, composto por cerca de 12100 formas diferentes, distribuídas por um pouco mais de 12000 entradas a que foram ainda acrescentadas 728 na segunda edição (1569). Sendo embora um dicionário bilíngue, apresenta, para além das equivalências latinas, uma abundante informação lexicográfica no respeitante à língua vernácula (VERDELHO; SILVESTRE, 2007, p. 14).

A referida obra, assim como os manuais de ortografia e gramáticas, representou uma das primeiras tentativas de normatização da língua, colaborando para a fixação de regras para a ortografia, além de trazer reflexões sobre o léxico português, a partir do referencial latino. O dicionário em questão foi um instrumento normatizador, que promoveu o surgimento de outras obras lexicográficas, nos séculos seguintes. No século XVII, surge, assim, o primeiro dicionário monolíngue do português, cujo autor foi Bluteau (1638-1734).

O dicionário de Cardoso (1592) vai fortalecer os argumentos defendidos pelos manuais de ortografia e pelas gramáticas de se estabelecer uma norma ideal, que sirva de base para a língua escrita. Entretanto, só é no século XX que o português poderá contar com seu primeiro acordo ortográfico. Por conseguinte, o final do século XVI se configura como um momento em que a escrita alcança um padrão, que se firma cada vez mais, com o surgimento de outras obras metalinguísticas, nos séculos posteriores, mantendo-se aliada às relações de poder na sociedade, tendo em vistas que “as línguas estão no poder ou não são línguas” (CALVET, 2011, p. 19).

### 3 A METALINGUAGEM SOB O PRISMA DA LINGUÍSTICA

Com vistas a investigar o tratamento dado à metalinguagem nos estudos científicos, observaram-se os principais dicionários de Linguística, com o intuito de verificar as definições, comparativamente, apresentadas e, também, que acepções definiriam melhor o campo de estudo da metalinguagem. Desse modo, apresentam-se, aqui, as definições de cada dicionário consultado e, ao mesmo tempo, promove-se uma discussão de natureza lexicográfica e teórica sobre o que se considera metalinguagem, hoje, na área da Linguística.

Pretende-se, pois, estabelecer um confronto do que se entende por metalinguagem, tendo como base as obras lexicográficas consultadas e aditivamente levantar o posicionamento de alguns linguistas sobre o tema.

#### 3.1 CONSULTA AOS DICIONÁRIOS

Quem consulte os principais dicionários de Linguística, com o intuito de verificar o tratamento lexicográfico dado ao termo *metalinguagem*, há de verificar que a terminologia na área dos estudos linguísticos ainda é um campo a conquistar, sobretudo no que concerne à regularidade das estratégias definitórias. A almejada definição lexicográfica, baseada no gênero e nas diferenças específicas do *definiendum* são comumente ignoradas, em função de definições de natureza extensional, intensional, sinonímica, enciclopédica entre outras, que nem sempre são satisfatórias, especialmente se se quer apreender inequivocadamente o conceito de determinada unidade.

Procurando observar o conceito dado à metalinguagem, investigaram-se sete dicionários de Linguística, elaborados em épocas coetâneas, e apresentados a seguir.

##### i. Dicionário de Dubois

A primeira obra consultada, o *Dicionário de linguística*, publicado em 1973, por Jean Dubois et al. e traduzido para o português por Barros et al. (1986), um dos mais utilizados contemporaneamente nos cursos de Letras no Brasil, não traz a entrada *metalinguagem*, mas *metalíngua* e *metalinguístico*. Para a primeira, diz se tratar de

uma língua artificial que serve para descrever uma língua natural cujos termos são os da língua objeto de análise, mas que têm uma só acepção e cujas regras de sintaxe são as da língua analisada. A metalíngua é, por exemplo, a *linguagem gramatical*, de que serve o linguista para descrever o funcionamento da língua; é a *linguagem lexicográfica*, de que se serve o

autor do dicionário para as definições das palavras (...) (DUBOIS et al., 1986, p. 411-412).

Para a segunda, extensionalmente, afirma que a

Função metalinguística é a função da linguagem pela qual o falante toma o código que utiliza como objeto de descrição, como objeto de seu discurso, pelo menos num ponto particular. Membros de frases como *o que chamo X é Y*, por exemplo, dependem da função metalinguística (DUBOIS et al, 1986, p. 412).

Na função metalinguística, a língua é seu próprio objeto, que se vale da linguagem para realizar sua descrição e análise, fazendo emergir o que se entende por metalinguagem. Note-se que o dicionário, ao definir função metalinguística, adota uma estratégia que só prejudica a definição apresentada, já que não parte de um hiperônimo para, depois, relacioná-lo com os itens que estão subordinados, semanticamente.

Observe-se, ainda, que a acepção apresentada pelo referido *Dicionário de linguística* (1973) remete, também, aos estudos de Roman Jakobson (1985) que, como se sabe, apresentou à linguística as cinco funções da linguagem, dentre as quais, a função metalinguística.

Esse autor, ao tratar da metalinguagem, defende que

[...] uma das grandes contribuições da lógica simbólica para a ciência da linguagem é a ênfase dada à distinção entre linguagem-objeto e metalinguagem. Como diz Carnap 'para falar sobre qualquer linguagem-objeto, precisamos de uma metalinguagem'. Nesses dois níveis diferentes de linguagem, o mesmo estoque linguístico pode ser utilizado; assim podemos falar em português (como metalinguagem) a respeito do português (como linguagem-objeto) e interpretar as palavras e as frases do português por meios de sinônimos, circunlocuções desse tipo, qualificadas de metalinguísticas pelos lógicos, não são de sua invenção: longe de se confinarem à esfera da Ciência, elas demonstram ser parte integrante de nossas atividades linguísticas habituais (JAKOBSON, 1985, p. 46).

O autor chama a atenção para a diferença entre a linguagem-objeto e a linguagem, considerando, nesse contexto, os pressupostos da lógica, que foram introduzidos nos estudos gramaticais desde os filósofos gregos, quando se discutia a relação da linguagem com o pensamento e com a realidade. Assim, para descrever o referido objeto, estuda-se seu comportamento, para, depois, descrevê-lo, tendo como base sua própria linguagem. Desse modo, verifica-se que a metalinguagem está, diretamente, associada à lógica, presente em outras áreas do saber, como a metamatemática, por exemplo. A ideia de separar o objeto e estudá-lo remete à clássica separação entre a *langue* e a *parole*, realizada por Saussure (1973).

Outro ponto que merece ser discutido, da citação acima, é quando são apontados “dois níveis diferentes de linguagem”, um voltado à língua, e o outro direcionado à metalinguagem, que se formam do mesmo “estoque linguístico”. Observe-se como essa referência de nível remete ao que se entende, hoje, sobre léxico comum e especializado que, também, provém do mesmo inventário linguístico, disponível na língua. Desse modo, acredita-se que a metalinguagem faz parte de um nível linguístico, como apontou Jakobson (1985), que vai se tornando especializado na medida em que se destina à descrição da língua. Nesse contexto,

[...] a comunicação especializada é o *habitat* natural das terminologias. Explica-se a aproximação da Terminologia com estudos textuais e discursivos, trazendo também o avanço do conhecimento sobre os componentes estruturadores das linguagens de especialidade (KRIEGER, 2016, p. 88).

A metalinguagem considerada um tipo de linguagem especializada, para os estudos lexicais, se encontra na fronteira com a terminologia, que tem como objeto de estudo o termo:

unidade complexa, poliédrica, que enfeixa três ângulos básicos em sua constituição: ‘o linguístico, o cognitivo, o comunicacional’. “É apenas essa fronteira que separa palavras de termos. Desse modo, o foco maior reside na compreensão de que um termo técnico-científico se comporta como qualquer outra unidade lexical (KRIEGER, 2016, p. 87-88).

Mas de que modo a metalinguagem se aproxima ou se distancia do léxico geral da língua, considerando que ambos estão distribuídos em um contínuo linguístico? Primeiro, para responder a essa questão, faz-se necessário distribuir os itens lexicais em graus de metalinguagem, tendo em vista o contínuo de mais e de menos léxico comum. Da mesma forma, cabe verificar que itens lexicais podem ser mais ou menos especializados, a depender da frequência de uso em que são utilizados na língua geral, e em situações especializadas, como àquelas em que se usa a metalinguagem.

Depois, considera-se que “as fronteiras entre o léxico geral e o léxico especializado perderam a rigidez. Palavras da língua comum passaram a ser usadas com valor especializado” (KRIEGER, 2016, p. 89). Como amostra do que diz, a autora cita o elemento lexical *casa*, que tanto faz referência ao lugar onde se mora, segundo a língua comum, mas pode referenciar ‘bem inviolável’ no ambiente jurídico, que requer uma linguagem especializada.

ii. Dicionário de Mounin

Quanto à consulta da segunda obra investigada, *le Dictionnaire de la linguistique*, organizado por Georges Mounin e publicado em 1974, note-se que metalinguagem e metalíngua são considerados termos sinônimos. Para o referido *Dictionnaire*, são esses termos enquadrados no que se considera língua artificial. Observe-se a definição abaixo:

Termé récent, forgé sur le modèle de *métalogique* et *métamathématique*. Au sens propre, ce serait une langue, forgée artificiellement comme en logique ou en mathématique, uniquement constituée d'un stock limité de termes définis de manière univoque, et d'un stock également limité d'axiomes, de postulats et de règles pour assembler ces termes. Cette langue serai unequement destinée à la description scientifique des langues naturelles (dites alors langues-objets) conduite comme une algèbre. Il n'existe pas encore de métalangage de ce type. Chez Hjelmslev, un métalangage, ou métalangue, est une langue dont le plan du contenu est déjà une langue. En ce sens, tout discours sur une langue est une métalangue: les définitions des dictionnaires, les grammaires de l'école primaire, les traités de linguistique peuvent être dits des métalangues. Mais en ce sens le mot perd toute la rigueur qu'il avait en logique et en mathématique. De plus, le même lexique et la même syntaxe servent pour la langue et la métalangue, ce qui recrée les confusions que les logiciens avaient voulu éviter avec la métalogue (p. 212-213).<sup>10</sup>

Adverte-se que o dicionário também sinaliza a relação entre metalinguagem ou metalíngua com a lógica e aponta a presença do termo, que tem um “stock limité” e se destina à referenciação de “une langue forgée artificiellement”. Nesse sentido, a definição apresentada se difere do que Krieger (2016, P. 88) acredita ser o estoque do termo, que não se caracteriza por limitado, se se considerar que os termos “comportam, pois, variações, sinónimas, ambiguidades, entre outros aspectos”, estando, portanto, disponíveis à inovação e, possivelmente, à mudança, como qualquer elemento na língua.

Inobstante, o termo acaba sendo em algum grau limitado, basta se considerar que na metalinguagem, por exemplo, os elementos assumem funções que se cristalizam à

---

<sup>10</sup> Tradução livre: Termo recente, forjado sobre o modelo da metalógica e da metamatemática. No sentido próprio, será uma língua, forjada artificialmente como na lógica ou na matemática, unicamente constituída de um estoque limitado de termos definidos de maneira unívoca, e de um estoque igualmente limitados de axiomas, de postulados e de regras para combinar/reunir esses termos. Esta língua será unicamente destinada à descrição científica das línguas naturais (as ditas línguas-objetos) conduzida da mesma forma que a álgebra. Este tipo de metalinguagem ainda não existe.

Para Hjelmslev, uma metalinguagem, ou metalíngua, é uma língua cujo plano de conteúdo é uma língua. Nesse sentido, todo discurso sobre uma língua é uma metalíngua: as definições dos dicionários, das gramáticas de escola primária, dos tratados de linguística podem ser considerados metalínguas. Mas o significado da palavra perde todo o rigor que tinha na lógica e na matemática. Mais, o mesmo léxico e a mesma sintaxe servem para a língua e a metalíngua, que recia as confusões que os lógicos tinham querido evitar na metalógica.

medida em que descrevem a língua, não comportando, pois, muitas variações no que concerne ao significado e à função que exercem na língua de especialidade.

Quanto à metalinguagem e metalíngua, consideradas termos sinônimos, acredita-se que essa relação, na verdade, mais confunde do que a esclarece. Seria mais objetivo utilizar apenas metalinguagem para se referir à linguagem voltada à descrição da língua. Vale ressaltar que a metalíngua, como o próprio dicionário aponta, é a manifestação concreta da metalinguagem nos instrumentos de língua, como os dicionário, as enciclopédias, as gramáticas etc.

Cabe, ainda, pontuar, que a definição apresentada pelo dicionário se configura muito mais como enciclopédica do que lexicográfica, o que, também, prejudica a clareza das informações dispostas no verbete.

### iii. Dicionário de Jota

Considerando o terceiro dicionário de linguística, elaborado por Jota, em 1985, note-se que a obra se refere à metalinguagem da seguinte maneira:

[...] linguagem de que nos valem para a explicação da própria linguagem. Metalinguística: estudo das relações entre fatos linguísticos e não-linguísticos. Estudo da metalinguagem (JOTA, 1985, p. 205).

Verifique-se que a definição apresentada é correta, porém muito sintética, não esclarecendo o objeto e o campo da metalinguagem nos estudos da língua. Outro ponto que vale ressaltar é a definição da metalinguística como aquela que se dedica a “fatos linguísticos e não linguísticos”. Quais seriam, então, esses fatos? A definição não os esclarece, o que colabora para que o verbete elaborado não exiba precisão lexicográfica.

### iv. Dicionário de Xavier e Mateus

Analisando o quarto dicionário consultado, organizado por Xavier e Mateus, em 1992, observa-se a definição apresentada, abaixo:

Metalinguagem é um ‘termo correlato de ‘linguagem-objeto’ e que consiste na linguagem que se usa para falar e raciocinar acerca do sistema de outro sistema. As línguas naturais são os únicos sistemas suficientemente ricos para incorporar sua própria metalinguagem. Assim, pode-se utilizar o português para falar e raciocinar acerca do português, embora em linguística também se

desenvolvam linguagens formais especializadas para falar, por exemplo, acerca da estrutura da frase ou do significado das palavras’ (p. 243).

Adverte-se que a definição retoma a ideia de linguagem-objeto, apresentada por Jakobson (1985) e repetida no *Dictionnaire de la linguistique* (1974) de George Mounin. Note-se que, no dicionário de Xavier e Mateus (1992), a metalinguagem se define como uma “linguagem que se usa para falar e raciocinar acerca do sistema de outro sistema”. Qual seria então a concepção de sistema adotada pelas autoras? A resposta se encontra no próprio dicionário, como se pode ver abaixo:

Sistema é uma rede de relações estruturadas que constitui a organização da linguagem e das línguas. A língua como um todo é caracterizada como um sistema e frequentemente como uma organização hierárquica de sistemas (p. 356).

A metalinguagem não só é o ‘termo correlato’ da linguagem-objeto, como também é a linguagem do próprio objeto, portanto, a referida obra poderia esclarecer mais essa questão. Outro ponto que merece discussão é quando o dicionário (1992) sinaliza a existência de “linguagens formais especializadas”, dialogando com Jakobson (1985) e Krieger (2016).

#### v. Dicionário de Lewandowski

Considerando a quinta obra consultada, dessa vez, um dicionário espanhol, elaborado por Theodor Lewandowski, em 1995, observe-se a definição na íntegra:

Lenguaje acerca del lenguaje, lenguaje de segundo o superior orden, ‘un lenguaje que se usa para hacer asertos sobre otro lenguaje’, lenguaje en el que se describe el lenguaje objeto; frente al uso de una expresión, la cita de una expresión. Metalenguaje es, p. ej., lengua materna en la explicación de una lengua extranjera, una definición, la terminología gramatical o de teoría del lenguaje. el metalenguaje puede tener un metalenguaje: entonces, el metalenguaje es lenguaje objeto. (orto)gráficamente, el uso metalingüístico se distingue del lingüístico del lenguaje objeto mediante. Los conceptos fundamentales y las reglas del lenguaje objeto deben estar definidos en el metalenguaje si se quieren evitar errores graves. La diferenciación fundamental y precisa de lenguaje objeto y metalenguaje quedó establecida en la lógica formal ( de los fundamentos matematicos) por Whitehead y Russel (teoría de los niveles semánticos, teoría de tipos), así como por Tarski. Nuevas aportaciones, sobre todo acerca del estatus del lenguaje coloquial, se deben a Bar-Hillel. La problemática de la circularidad sigue manteniéndose en ciertos casos en tanto en cuanto las expresiones metalingüísticas tienen que ‘traducirse’ al lenguaje natural. (p. 225).<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Tradução livre: linguagem acerca da linguagem, linguagem de segunda ou superior ordem, uma linguagem que se usa para fazer afirmações sobre outra linguagem, linguagem que se descreve a linguagem objeto: frente ao uso de uma expressão. ao encontro de uma expressão. Metalinguagem é, por

Um ponto que deve ser discutido é quando a obra registra que “(orto)graficamente, el uso metalinguístico se distingue del lingüístico del lenguaje objeto mediante”, não é na escrita que os usos se diferenciam, mas nos tipos de linguagens em que estão inseridos e nos contextos próprios a cada uso. O lingüístico, como se sabe, configura-se como uma linguagem comum, usada para descrever os elementos do léxico em si, já o metalinguístico volta-se à comunicação especializada, sendo apenas usado para descrever a própria língua.

Outro ponto é o caráter enciclopédico do verbete apresentado, como se pode verificar acima, que, sem dúvida, torna a definição dúbia por causa do excesso de informações apresentadas. Deveria, pois, o dicionário dispor de uma definição lexicográfica, já que é isso que se espera de uma obra dessa natureza.

#### vi. Dicionário de Crystal

Tendo em vista o sexto dicionário consultado, de David Crystal, cuja edição inglesa se intitula *Dictionary of linguistics and phonetics*, elaborada em 1985 e traduzida para o português, em 2000, por Dias, dispõe-se abaixo a definição.

A linguística, como outras ciências, usa o termo no sentido de uma linguagem de nível mais alto para descrever um objeto de estudo – nesse caso, o objeto de estudo é a linguagem ou a própria língua, isto é, as várias amostras da língua, as intuições, etc. que constituem nossa experiência linguística. O assunto deste dicionário é uma metalinguagem linguística (p. 171).

Observe-se que a obra aponta a existência de uma linguagem “de nível mais alto”, dialogando com o dicionário, de 1995, apresentado acima e com Jakobson (1985) e o dicionário de francês (1974). Note-se que é recorrente nos dicionários de linguística

---

exemplo, língua nativa para explicar uma língua estrangeira, uma definição, a terminologia gramatical ou teoria da linguagem.

A metalinguagem pode ter uma metalinguagem, em seguida, a metalinguagem é a linguagem objeto. (Orto)graficamente, o uso metalinguístico se distingue do lingüístico através da linguagem objeto. Os conceitos fundamentais e as regras da linguagem objeto devem estar definidos na metalinguagem se querem evitar erros graves. A diferenciação fundamental e precisa do objeto e da metalinguagem está estabelecida graças a lógica formal (os fundamentos matemáticos) por Whitehead e Russell (teoria dos níveis semânticos, teoria dos tipos), bem como Tarski. Novas contribuições, especialmente sobre o status da linguagem coloquial, são devido a Bar-Hillel. O problema da circularidade permanece em alguns casos, desde que expressões metalinguísticas têm que "traduzir" a linguagem natural (LEWANDOWSKI, 1995, p. 225).

apontar-se que a metalinguagem se situa num nível mais alto ou superior da língua. Seria um nível mais alto em que sentido?

Desse modo, a definição também apresenta problemas, não esclarecendo o objeto e o campo de estudo da metalinguagem.

vii. Dicionário de Trask

Por fim, analisou-se o sétimo dicionário, de Trask (2004, p. 191), traduzido por Rodolfo Ilari. Observe-se a definição a seguir:

Metalinguagem é uma língua usada para falar a respeito de outra língua. Os linguistas, os filósofos e muitos outros estudiosos precisam a todo momento falar de línguas particulares, ou da língua em geral. Naturalmente, essa discussão precisa expressar-se, por sua vez, em alguma língua de algum tipo, e esse fato pode levar rapidamente a uma confusão incontornável se algumas precauções não forem tomadas. Por isso, precisamos distinguir cuidadosamente a **língua-objeto**, a língua a cujo respeito estamos falando, da **metalinguagem**, a língua que estamos usando para falar da língua-objeto.

É perfeitamente possível usar, por exemplo, o português como a metalinguagem em que se fala do português, e isso é, na realidade, o que fazemos o tempo todo, mas é precisamente nessa situação que a confusão pode surgir mais prontamente: se não formos capazes de distinguir o português de que estamos falando e o português que usamos para falar do português, poderemos facilmente ficar perdidos.

Considere-se este exemplo: usando o português como metalinguagem para falar do português, podemos afirmar o seguinte: uma sentença portuguesa, para ser gramatical, não pode conter duas ocorrências consecutivas da preposição *de*. Isso é certo. Mas qualquer estudante de primeiro ano poderia questionar essa afirmação apontando exemplos como este: *As funções gramaticais de de em português são bastante numerosas*. Será que isso vale como um contra-exemplo?

O primeiro aspecto a se registrar é a natureza enciclopédica da definição. Não obstante, introduz corretamente o tema, circunscrevendo o hiperônimo e sua função. Se comparada com outras definições parece ser esta a que melhor esclarece sobre a questão, inclusive dando exemplos.

O verbete esclarece que se deve separar o que seria a língua-objeto e a linguagem usada para descrevê-lo. Sem dúvida, as reflexões, nesse aspecto, colaboram para os estudos metalinguísticos e dialogam com outros dicionários, como o de Lewandowski (1995) e de Mounin (1974) e as ideias de Jakobson (1985).

Portanto, a metalinguagem não descreve outra língua, mas a própria língua em um uso específico. Outrossim, a metalinguagem não se configura como uma língua abstrata, como defenderam muitos dicionários, aqui, mas como uma língua real.

Adverte-se, pois, que os itens lexicais são deslocados do léxico comum para compor um léxico mais específico, assim, os referidos itens passam a integrar a língua geral e, ao mesmo tempo, circunscrevem a língua de especialidade, apesar de assumirem funções diferentes em cada uma delas.

### **3.1.1 Definição de Metalinguagem adotada**

Todos os dicionários supracitados procuram definir o campo da metalinguagem e, de fato, a conceituam de alguma maneira. No entanto, assume-se, neste trabalho, a seguinte definição de metalinguagem:

linguagem de uso especializado que representa um conteúdo ou comportamento linguístico observado ou categorizado, enquanto o próprio objeto de estudo, autorreferenciado (MACHADO FILHO; SILVA, 2017, p. 45).

Pode-se dizer que a metalinguagem se configura por ser o “criador”, quando é a própria linguagem usada para a descrição do objeto e, depois, passa a ser a “criatura”, quando se torna seu próprio objeto de estudo.

## 4 METODOLOGIA

Tendo em vista que a metodologia se configura como uma das fases mais importantes de qualquer trabalho científico, descrevem-se, nesta seção, os procedimentos adotados na investigação de mestrado, que teve uma primeira fase voltada às técnicas da Filologia Textual e da Linguística Histórica e uma segunda fase baseada nos métodos lexicográficos, nomeadamente, nos da Lexicografia Histórica e Variacional, propostos por Machado Filho, em 2012. Desse modo, a referida pesquisa se dividiu em três grandes momentos:

- i) discussão ampliada sobre os *corpora*;
- ii) a preparação dos originais;
- iii) o tratamento dado ao léxico.

### 4.1 DISCUSSÃO AMPLIADA SOBRE OS *CORPORA*

Considerando a edição semidiplomática elaborada por Buescu, em 1971, da *Gramática* de João de Barros e as edições crítica e semidiplomática de Torres e Assunção (2000) da *Grammatica* de Fernão de Oliveira, promovem-se discussões sobre os *corpora* a fim de observar a aplicabilidade dos critérios editoriais nos textos. Com isso, pretende-se identificar se há algum tipo de lapso, embora nenhuma edição esteja totalmente isenta de problemas. Pois, como se sabe, o processo de transmissão de um dado texto traz consigo interferências, quer no plano linguístico, quer no plano sociocultural.

Inobstante, sabe-se também que essas interferências no texto editado devem ser mínimas para que não haja adulterações substanciais na obra que comprometam a fidelidade com o texto primeiro. Portanto, a primeira edição levantada foi a dos portugueses Torres e Assunção (2000), por ter sido objeto de duas pesquisas de Iniciação Científica realizadas na Universidade Federal da Bahia.

#### 4.1.1 As edições da *Grammatica* de Fernão de Oliveira

As investigações realizaram-se no âmbito dos programas PET-LETRAS e IC-CNPq, realizadas em 2012 e 2013. O objetivo das investigações foi comparar a edição *Princeps* com suas versões crítica e semidiplomática, para verificar em que ponto se aproximavam ou se distanciavam. Observaram-se os seguintes pontos principais:

1. problemas de leitura;
2. supressão e adição de vocábulos;
3. não aplicação dos critérios editoriais.

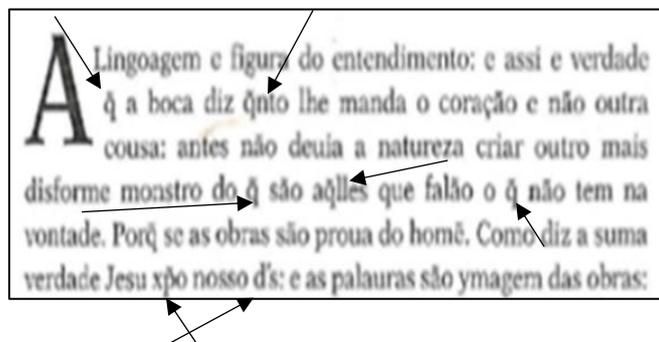
#### 4.1.2 Edições utilizadas: critérios e seus problemas

Torres e Assunção se basearam em 16 critérios para a elaboração de suas edições, tanto para a crítica, quanto para a semidiplomática. O primeiro deles se refere ao desdobramento de abreviaturas, conforme se pode observar no excerto abaixo.

Desdobramento, geralmente até no aparato crítico, das numerosas abreviaturas<sup>12</sup>, todas elas de tipo corrente, mesmo para um aprendiz de paleografia, mas sem a indicação do seu desdobramento em itálico, desnecessária em face dos textos semidiplomático e anastático (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 70).

Entrementes, a aplicação do critério não é tomada de maneira regular. Percebe-se que o desdobramento de abreviaturas nem sempre é realizado, como se pode observar na figura 2, na sequência.

Figura 1 – Irregularidade no desdobramento de abreviaturas.



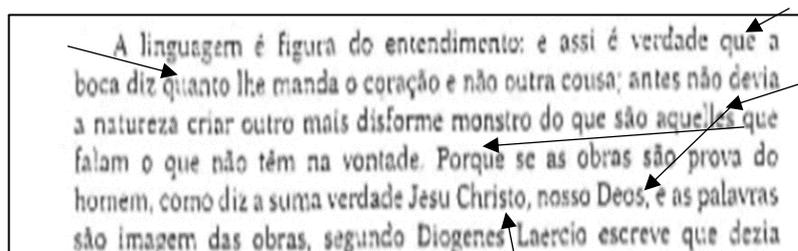
Fonte: TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 165.

Em um pequeno trecho da edição semidiplomática, modificam-se elementos abreviados sem qualquer tratamento editorial. Na segunda linha, por exemplo, o *que*, representa-se como *q̃*, assim como *quanto*, pelo *q̃nto*. O mesmo acontece com *Cristo*, na última linha, que aparece com a conhecida abreviatura *x̃p̃o*.

<sup>12</sup> No que se refere ao desenvolvimento das abreviaturas, Torres e Assunção se apoiam no trabalho de Maria Helena Paiva. *Intitulado Variação e evolução da palavra gráfica: o testemunho dos textos metalinguísticos portugueses do século XVI* (1997, p. 233-252).

Não obstante, na figura 3, que corresponde à página 83 da edição crítica, o mesmo *q̃nto*, se encontra desenvolvido na linha 2, assim como o *q̃*, representado como *que*. O mesmo ocorre com *Cristo*, na penúltima linha, que está desenvolvido.

Figura 2 – Problemas no desdobramento de abreviaturas.



Fonte: TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 83.

O segundo critério adotado pelos autores se refere à substituição de grafemas, como se pode observar no fragmento abaixo.

Substituição, raramente requerida, do *g* pelo *j* e vice-versa, ou do *v* vocálico e *u* consonântico, pelos grafemas apropriados e referidos, por razões óbvias, no rodapé, ou do *y* pelo *i*, palatais estas que funcionam ora como vogais ora como semivogais e Oliveira não poucas vezes já permuta entre si (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 70).

Mais uma vez, no que concerne à aplicação estrita dos critérios, nota-se que a substituição grafemática é irregular, no que se refere a *v* e *u*, *y* e *i*. Veja-se o quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Representação dos grafemas: *v*, *u*, *i*, *y*.

<u>Edição <i>Princeps</i></u>	<u>Edição crítica</u>	<u>Edição semidiplomática</u>	<u>Localização do fólio</u>
diuersos	<b>diversos</b>	di <u>u</u> ersos	2
chamaua	chamava	chamau <u>a</u>	2
bayxo	<b>baixo</b>	bay <u>xo</u>	2
leuar	<b>levar</b>	leu <u>a</u> r	2
sy	<b>si</b>	<b>Sy</b>	2
notarey	<b>notarei</b>	notarey	3

Fonte: SILVA, 2017, p. 49.

Como se pode ver, os grafemas destacados em negrito não foram devidamente substituídos na edição semidiplomática como sugere o critério. Obviamente, os dados acima servem apenas como exemplos e não representam a totalidade de casos.

Adverte-se, entretanto, que os autores previnem que variantes raras de Oliveira como *meyo*, *seyo*, *moyo*, *joyo*, *syllaba*, *syllabas* seriam conservadas por caracterizar seu posicionamento ortográfico. Essa decisão é sinalizada no critério 16, mas deveria ter sido apontada também no segundo critério, porque se trata de uma exceção. Isso o tornaria mais claro, evitando dúvidas ao leitor.

Quanto ao terceiro critério, o foco recai sobre o tratamento do til.

Resolução do til em *m* ou *n* dentro da normatividade usual, inclusive nas terminações verbais em *-ão*, correspondentes aos pretéritos perfeito e *m. q.* perfeito nas terceiras pessoas do singular (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 70).

Segundo se pôde depreender do texto, os autores deveriam utilizar *m* ou *n* em situações em que fosse o til incoerente para a regra ortográfica atual. O que se verifica, todavia, é sua manutenção como se pode verificar no quadro 2, abaixo.

Quadro 2 – Ocorrências de uso de til.

<u>Edição <i>princeps</i></u>	<u>Edição crítica</u>	<u>Localização do fólio</u>	<u>Edição semidiplomática</u>	<u>Localização do fólio</u>
alghũas, Alghũas	<b>alghũas,</b> <b>Alghũas</b> (21)	3, 6, 14, 17, 19, 20, 22, 24	<b>alghũas,</b> <b>Alghũas</b> (21)	3, 6, 20, 21, 22, 24, 37
alghũa	<b>Alghũa</b>	8, 9, 22, 24, 25, 29, 30, 33, 41	<b>alghũa</b>	8, 9, 22, 24, 25, 29, 30, 33, 41
algũhũas	<b>Algũas</b>	22	<b>algũhũas</b>	22
nenhũa	<b>Nenhũa</b>	22, 38	<b>nenhũa</b>	22, 38
alghũ	Alghum	25, 30, 31,35	alghũ	25, 30, 31, 35
alghũs	alghuns	11, 20, 26, 36	<b>alghũs</b>	11, 20, 26, 36
hũa	<b>Hũa</b>	11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34	<b>hũa</b>	11, 12, 20, 21, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 40
hũas	<b>Hũas</b>	4, 12, 55, 12, 13, 25, 31, 32, 33	<b>hũas</b>	4, 12, 25, 26, 31, 32, 39

hũ	Hum	2, 4, 8, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 24, 26, 29	<b>hũ</b>	4, 11, 21, 24, 26, 29, 32, 34, 38, 39
hūs	Huns	8, 25, 35	<b>hūs</b>	8, 25, 35
fezerão	<b>Fezerão</b>	11	<b>fezerão</b>	11
mĩ	<b>Mĩ</b>	71	<b>mĩ</b>	71

Fonte: SILVA, 2017, p. 51.

Estranhamente, a inconsistência na aplicação do critério se mantém. Às vezes *algũ* é representado por *m*, em outros se mantém o uso do til. Curioso é perceber que os autores usaram uma nota de rodapé em que afirmam que “não há nisto transgressão do conselho de Silva Neto” (2002, p. 70), que em seu trabalho *Textos medievais portugueses e seus problemas* (1956) recomenda a sinalização das vogais nasais com til nas grafias medievais.

Essa transgressão de fato não haveria se os critérios fossem devidamente aplicados com regularidade. Note-se, no quadro 2, que a forma finita do pretérito perfeito do verbo *fazer*, *fezerão*, não foi alterada para *m* como sugeriram os editores.

Em relação ao quarto critério adotado por Torres e Assunção, que pretendia uniformizar maiúsculas, consoantes duplas e permitir algum grau de polimorfismo, há de se registrar, logo inicialmente, que a redação é confusa e pouco precisa. Esse critério se encontra reproduzido abaixo.

Uniformização do uso das maiúsculas em nomes próprios e global preferência ortográfica de acordo com a média relevante de ocorrências vocabulares, quanto às consoantes duplas, às formas do verbo haver e da terceira pessoa do singular de ser, no presente do indicativo, enquanto por outro lado se respeitou sempre o polimorfismo foneticamente resultante dos jogos vocálicos *e/i*, *o/u* e vice-versa (TORRES; ASSUNÇÃO, p. 70-71).

Em relação ao polimorfismo, que segundo os autores será mantido, constata-se que isso não ocorre de fato. Basta observar o quadro abaixo.

Quadro 3 – Tratamento dado pelos autores às unidades polimórficas.

<u>Edição <i>princeps</i></u>	<u>Edição crítica</u>	<u>Localização do fólio</u>	<u>Edição semidiplomática</u>	<u>Localização do fólio</u>
neçessaria	necessarea	14	neçessaria	14

<i>neçessarea</i>	<i>necessarea</i>	35,56	<i>neçessarea</i>	35, 56
neçessarias	necessareas	3	neçessarias	3, 20, 23, 29
q̃yxays	queixaes	17	q̃yxays	17
gingibas	gengibas	17	gingibas	17
deziã	Diziam	21	deziã	21
ẽteiras	ĩteiras	30	ẽteiras	30
enteiro	inteiro	30	enteiro	30
premeiro	primeiro	40, 42, 46, 56, 62, 71, 72	premeiro	40, 42, 46, 49, 50, 56, 62, 72
<i>premeiros</i>	<i>premeiros</i>	50, 57	<i>premeiros</i>	50, 57
premeira	primeira	36	premeira	36, 56, 69, 71, 72, 76
premeiras	primeiras	63	premeiras	40, 56, 63
<i>espírito</i>	<i>espírito</i>	23	<i>espírito</i>	23
deuidir, <i>diuidir</i> deuidir	diuidir, <i>diuidir</i> diuidir	45, 56	deuidir, <i>diuidir</i> deuidir	45, 56

Fonte: SILVA, 2017, p. 52.

Em relação ao vocábulo *espírito*, registraram-se as outras variantes no aparato crítico, o que não ocorreu com os demais vocábulos presentes no quadro 3. Vejam-se os muitos casos em que não se respeitou o polimorfismo, na edição crítica, entre *e/i* da escrita de Oliveira. Nos fólhos: 20, 23, 29 sinalizam-se *necessarias* na versão crítica e na semidiplomática, conforme a edição *princeps*. Enquanto o desvio do critério só ocorre na crítica, no fólho 3, em que se registra *necessareas* em vez de *neçessarias*. Exemplo parecido ocorre com o vocábulo *primeira*, registrado também em apenas um fólho (36) na edição crítica. Enquanto os fólhos 56, 69, 71, 72, 76 registram-se *premeira* em conformidade com a edição *princeps*.

*Premeiro* é registrado, na lição crítica, nos fólhos 72, 49, correspondendo ao texto *princeps*, enquanto se assinala *primeiro* nos fólhos: 40, 42, 46, 56, 62, 71 e 72, em

dissonância com o texto de 1536. *Devidir* é sinalizado no fólho 56. Já no fólho 45 registrou-se *dividir*.

Na edição semidiplomática, identificou-se apenas um desvio do critério, no fólho 46, em que aparece *premeiro* em vez de *primeiro*, conforme o texto *princeps*.

Os exemplos demonstram de que na edição crítica há uma grande variação na aplicação desse critério, ora se aplica, ora não se aplica. Em contrapartida, a lição semidiplomática respeita quase fielmente o polimorfismo de *e/i* de Fernão de Oliveira.

Considerando o quinto critério abaixo, veja a decisão dos autores sobre a:

Separação, mesmo através do hífen, de morfemas ou palavras indevidamente unidas e junção de tantas que então já tendiam para isso, como *toda via*, *por ventura*, *sobre tudo*, *a trás*, *a diante*, *com tudo*, esta nasalmente adaptada com *n*, (conforme Prisciano já mandava colocar antes de *c*, *d*, *q*, *f*) ou de outras como *se não* quando advérbio, *mal tratar*, *a meude* (TORRES, ASSUNÇÃO, p. 71).

Em relação à aplicação do critério, Torres e Assunção em algum momento não o adotam devidamente. Observe-se o quadro 4.

Quadro 4 – Exemplos de separação e junção de vocábulos.

<u>Edição <i>princeps</i></u>	<u>Edição crítica</u>	<u>Localização do fólho</u>	<u>Edição semidiplomática</u>	<u>Localização do fólho</u>
toda uia	Todavia	43, 46	todauia	43, 46
por uentura	Porventura	44, 49	por ventura	44, 49
sobre tudo	Sobretudo	2	sobre tudo	2
a tras	Atrás	21	a tras	21
com tudo	Contudo	25	com tudo	25
se não	Senão	10	se não	10
mal tratar	Maltratar	74	mal tratar	74
a diante	Adiante	33	a diante	33
a meude	Ameude	53	a meude	53
com nosco	Conosco	35	com nosco	35

Fonte: SILVA, 2017, p. 53.

Constata-se, nos exemplos acima, que na edição crítica os autores procederam devidamente a separação e junção de itens lexicais. Entretanto, na edição semidiplomática, o item lexical *com tudo* ocorre 22 vezes separado, enquanto, *todauia* aparece 14 vezes junto.

A edição crítica, diferentemente, do que se esperava atende bem a esse critério em oposição à semidiplomática, que mantém a maior parte dos vocábulos separados. Não existe explicação para isso nesse critério nem nos demais. Ao contrário do que se

espera, os critérios de Amadeu Torres e Carlos Assunção não são aplicados integralmente em todos os casos e em todas as lições filológicas.

Tomando-se, sob análise, o sexto critério que se refere à:

Regularização do grafema cedilhado, transcrevendo ç antes de e, i por c, já que o contrário tem-no Duarte Numes de Leão por idiotice, não obstante o parecer de João de Barros sobre o ceceamento, à ‘maneira dos ciganos’ provocado por aquele, mesmo antes destas palatais<sup>13</sup> (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 71),

mais uma vez a decisão não é aplicada na sua integridade. Basta a observação do quadro abaixo.

Quadro 5 – Tratamento dado pelos editores à regularização da cedilha.

<u>Edição <i>princeps</i></u>	<u>Edição crítica</u>	<u>Localização do fólio</u>	<u>Edição semidiplomática</u>	<u>Localização do fólio</u>
naçem	<b>Naçem</b>	4	<b>naçem</b>	4, 10
naçe	<b>Naçe</b>	45	<b>naçe</b>	45
esqueçendo	<b>esqueçendo</b>	7	<b>esqueçendo</b>	7
pronunciam	<b>pronunçiam</b>	21	<b>pronunçiam</b>	21
pronuçiar	<b>pronunçiar</b>	29	<b>pronuçiar</b>	12, 15, 22, 23, 29, 41, 47
alquiçe	<b>Alquiçé</b>	42	<b>alquiçe</b>	42
alçaçere	<b>Alçaçere</b>	36	<b>alçaçere</b>	36
alçaçer	<b>Alcáçer</b>	36	<b>alçaçer</b>	36
abasteçer	<b>abastecer</b>	54	<b>abasteçer</b>	54
frãçes	<b>Francês</b>	57	<b>frãçes</b>	57
pareçe	<i>Parece</i>	14	<i>parece</i>	14
eçeições	<b>Eçeições</b>	38, 72	<b>eçeições</b>	38, 60, 72, 73

Fonte: SILVA, 2017, p. 54.

São muitos os exemplos de falta de aplicação do critério. Não obstante, o critério foi aplicado em *nacem* na versão crítica, no fólio 10, e em *parece* no fólio 14, nas duas edições. Caso semelhante ocorre com o vocábulo *eiceições*, registrado nos fólios 60, 73 sem cedilha na versão crítica.

Registra-se que a edição semidiplomática mantém na maioria dos casos a cedilha antes de e e i. Mais uma vez o critério não foi obedecido completamente nas duas versões.

<sup>13</sup>Em relação à regularização da cedilha, Torres e Assunção têm como base o trabalho de Duarte Numes de Leão, *Ortografia e origem da língua portuguesa* (1983, p. 56), a obra de João de Barros. *Gramática da língua portuguesa* (1971, p. 147 e 381), e o trabalho de João da Silva Correia: *Reflexos filológicos dos sinais gráficos e do seu aprendizado* (1933, p.136-137).

Analisando o sétimo critério que se encontra abaixo, observe-se a postura de Torres e Assunção:

Tendendo Fernão de Oliveira para um aportuguesamento mórfico marcado de indecisões e recuos, as grafias com sabor às origens pouco se vêem, motivo por que se achou menos razoável acatá-las do que sujeitá-las à bitola comum, desde que acompanhadas sempre, em pé-de-página, da forma original, o que culturalmente tem o seu interesse, e ressalvados os *hápaxes*, ou quase, *bõ*, *bõa*, *depoys*, entre outros (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 71-72).

Os editores poderiam esclarecer quais são *as grafias com sabor às origens*, para que o referido critério ficasse claro, embora se tenha interpretado como de base etimológica.

Em relação aos vocábulos com pouca recorrência nos textos, como *bõ*, *bõa* e *depoys*, verifica-se que os dois primeiros foram respeitados nas duas edições e sinalizados no aparato crítico. Enquanto o vocábulo *depoys* foi registrado como *depois*, nos fólhos 2 e 21, na edição crítica, desrespeitando o critério em questão.

O oitavo critério é redundante ao quarto, pois incide sobre a reduplicação consonântica.

Não se manteve, conseqüentemente, a reduplicação consonântica na maior parte dos casos e sempre que, em contraste, abundavam alomorfas simplificadas (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 71).

Que significaria “na maior parte dos casos” em um critério editorial? Não deveriam ser todos os critérios objetivos, sem margens para subjetividade? O quadro 6, abaixo, busca inventariar algumas ocorrências de reduplicação consonântica.

Quadro 6 – Conservação das consoantes duplas.

<u>Edição <i>princeps</i></u>	<u>Edição crítica</u>	<u>Localização do fólho</u>	<u>Edição <u>semidiplomática</u></u>	<u>Localização do fólho</u>
elle	Ele	2, 8, 20, 21	elle	2, 8, 20, 21
immortal	Imortal	2	immortal	2
pollo	Pollo	2	pollo	2
nella	Nella	3, 5, 15	nella	3, 5, 15
dellas	Delas	3, 11, 13, 14, 15, 16, 22, 23, 29, 34	dellas	3, 11, 13, 14, 15, 16, 22, 29, 34
ella	Ella	3, 5, 6, 7, 8, 13, 14, 19, 26, 34	ella	3, 5, 6, 7, 8, 13, 14, 19, 26, 24
aquelles	Aquelles	4, 35	aquelles	4, 35,
parellas	par'ellas	7	parellas	7
daquelles	Daqueles	8	daquelles	8

ellas	Ellas	12, 15, 29, 32, 34, 36	ellas	12, 15, 29, 32, 34, 36
elles	Eles	12, 17, 23	elles	12, 17, 23
gramaticos	grammaticos	13	grammaticos	13
pula	Pulla	25	pulla	25
capa pele	capa-pelle	40	capa pelle	40
gramatica	Grammatica	8, 40	grammatica	8, 40
ele	Ele	17	elle	17
pela	Pella	38	pella	38
sobrele	sobr'elle	21	sobrelle	21

Fonte: SILVA, 2017, p. 56.

Os dados apresentados acima sinalizam que a consoante lateral duplicada *l* é, extremamente, recorrente no texto *Princeps*. Talvez por isso os autores a tenham conservado nas suas edições, se se considerar o que chamariam de “na maior parte dos casos”.

Note-se, ainda, que há vocábulos como: *pula*, *capa pele*, *ele*, *pela*, em que o *l* não está duplicado, mas foi duplicado indevidamente tanto na edição crítica como na semidiplomática, incluindo também a estrutura *sobrele*.

A consoante bilabial *m* foi dobrada nos vocábulos *grammaticos* e *grammatica*, mesmo não estando assim no texto original. Essa decisão não é apontada nem explicada nas duas edições. Franco e Silvestre (2012) explicam que o vocábulo *m* era grafado no latim com duas consoantes bilabiaais, talvez por isso Torres e Assunção o mantenham duplicado. Mas essa

[...] correção do exemplo, no sentido de uma grafia etimologizante, contraria a regra sobre as consoantes duplas enunciadas por Oliveira no capítulo XXII. Se a regra de Oliveira defende justamente a inutilidade de algumas consoantes duplicadas, da correção dos exemplos na edição de Torres e Assunção resulta uma formulação ilógica (FRANCO; SILVESTRE, 2012, p.101).

Se se concordar com essa posição de Franco e Silvestre, Torres e Assunção teriam interferido de forma improdutora no texto e, além do mais, não estariam salvaguardados por um de seus critérios.

O nono critério é assim apresentado:

Embora Fernão de Oliveira, diferentemente de outros quinhentistas, se haja dispensado em absoluto de quaisquer acentos, eles tornavam moderadamente aconselháveis perante ambiguidades de homografia e troços eventuais de leitura, ou em contracções, como *à*, *às*, *ò* (*ao*), ou ainda em futuros e infinitivos arcaicos pejados de esdrújulas como *dáremos*, *podéremos*, *fôremos*, *dixéremos*, *escrevéremos* (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 72).

Em relação à acentuação dos vocábulos, os autores mais uma vez usam irregularmente esse critério. Veja-se o quadro abaixo:

Quadro 7 – Acentuação gráfica dos itens lexicais.

<u>Edição <i>princeps</i></u>	<u>Edição crítica</u>	<u>Localização do fólio</u>	<u>Edição semidiplomática</u>	<u>Localização do fólio</u>
animo	animo	2	animo	2
daremos	daremos	29, 41, 62	daremos	29, 41, 62
daremos	dáremos	37	daremos	37
poderemos	podéremos	30, 57, 58	poderemos	30, 57, 58
foremos	fôremos	42	foremos	42
dixeremos	dixéremos	15, 40, 40	dixeremos	15, 40, 40
escreueremos	escrevêremos	14	escreueremos	14
escreueremos	escreveremos	25, 27, 30, 30	escreueremos	25, 27, 30, 30

Fonte: SILVA, 2017, p. 57.

Na busca de compreender o critério em questão, notou-se que os autores acentuaram, na edição crítica, os verbos que estavam na forma nominal do infinitivo e não no futuro. Concorde-se com essa decisão dos editores embora o critério não seja claro.

Constatou-se que a forma verbal *daremos*, no texto crítico e semidiplomático, está no futuro do presente nos fólios 29, 41, 62, portanto, não foi acentuada. Já no fólio 37, na edição crítica, a referida forma recebeu acento, corretamente, porque se encontra no infinitivo flexionado. A mesma situação ocorre com a forma verbal *podéremos*, nos fólios 30, 57, 58, que também recebeu acento por estar no infinitivo flexionado. Caso semelhante ocorre com a forma *dixéremos*, nos fólios 15, 40.

Adverte-se que as formas verbais *escrevêremos* e *fôremos*, localizadas nos fólios 14 e 42, foram sinalizadas, no texto crítico, com acento circunflexo, não obstante os editores tenham afirmado que usariam o sinal agudo, embora se possa depreender que provavelmente tenham sinalizado o timbre da vogal.

Existe, também, uma incongruência na aplicação do critério com o vocábulo *animo*, no fólio 2, que causa ambiguidade de homografia, mas não foi acentuado em nenhuma das edições.

Em relação ao contexto geral dos textos, pode-se constatar que a maior parte das palavras está acentuada na edição crítica, o que não acontece na lição semidiplomática.

No que concerne à inserção do apóstrofo, isso estava previsto no décimo critério que se encontra abaixo reproduzido:

As passagens da fonética sintáctica assinalaram-se ora como apóstrofo quando explícitas, no género de *co'a*, *antr'os* – mas não quando ainda a meio caminho, por exemplo, *co as orelhas* – ora com desdobramento em itálico, como *ajudão acrecentar* [lido ‘ajudam acrecentar’], isto é, *ajudam a acrecentar* (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 72).

Em dissonância ao referido critério, não se regularizou o apóstrofo em muitos casos, mesmo em *passagens da fonética sintáctica*. Verifique-se o quadro 8.

Quadro 8 – Tratamento dado ao apóstrofo nas edições.

<u>Edição <i>Princeps</i></u>	<u>Edição crítica</u>	<u>Localização do fólio</u>	<u>Edição semidiplomática</u>	<u>Localização do fólio</u>
co as orelhas	com as orelhas	27	co as orelhas	27
aquelloutros	aquelloutros	68	aquelloutros	68
nestoutra	nestoutra	13	nestoutra	13
nestoutras	nestoutras	19	nestoutras	19
destoutra	destoutra	21	destoutra	21
dessoutros	dessoutros	68	dessoutros	68
estoutras	estoutras	24	estoutras	24
estoutros	nestroutos	47	nestoutros	47
estroutro	estoutro	51	estoutro	51
estoutros	estoutros	67	estoutros	67
essoutras	essoutras	45, 52, 71	essoutras	45, 52, 71
daqueloutros	daqueloutros	63	daqueloutros	63

Fonte: SILVA, 2017, p. 58.

Os exemplos acima denunciam a desobediência ao critério em questão, tanto no texto crítico como no semidiplomático. Isso comprova, mais uma vez, a falta de rigor dos autores na aplicação das decisões editoriais.

Considerando o décimo primeiro critério que segue abaixo, observe-se a decisão de Torres e Assunção:

No que concerne à pontuação, sabido que no texto aparecem frequentemente o ponto (pontuação forte) e os dois pontos (pontuação média) sem critério constante – dado a barra transversal equivaler à vírgula, ao ponto isolando um elemento, uma palavra ou sequência vocabular, ou ao ponto e vírgula (pontuação fraca), e o de interrogação não oferecer problema – procurou-se, em face de um certo caos distribucional, uma remodelação frásica comedida (TORRES; ASSUNÇÃO, p. 72).

Em relação a esse critério, a subjetividade mais uma vez interfere na decisão editorial. Obviamente, em função disso não se pode fazer qualquer tipo de avaliação. Não obstante, a filologia contemporânea tem indicado que:

Quanto à pontuação original, a actualização no uso de pontos, vírgulas e outros sinais pode igualmente alterar modos de pensamento e de expressão, modificando, com escasso proveito, toda uma sintaxe que o historiador das mentalidades venha a considerar chave para a compreensão da época (DIAS, 1987, p. ix, apud MACHADO FILHO, 2004).

O décimo segundo critério traz a questão da reprodução da nota tironiana copulativa, ou seja, *e* aditivo.

Quanto à nota tironiana representativa da conjunção copulativa monografémica, de que, segundo Maria Helena Paiva, há 1315 ocorrências além de 81 delas em letra maiúscula e duas em minúscula, interprete-se como amostragem, aqui irrelevante, de uma regularidade que a ortografia do texto não abona (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 73).

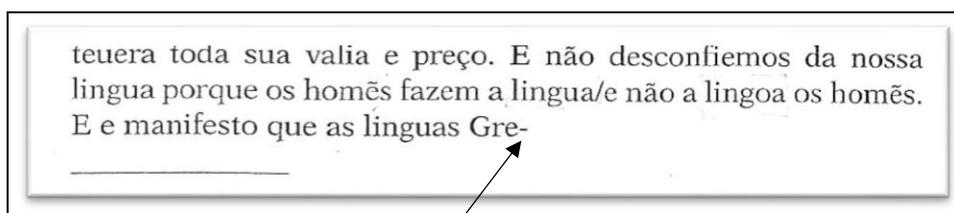
Nesse quesito os autores lograram êxito já que a referida nota tironiana não é representada em nenhum dos textos.

Quanto ao décimo terceiro critério:

Sendo frequente a omissão de traço de translineação na imprensa quinhentista, e em grau maior na Gramática oliveiriana, acrescentámo-lo na edição crítica, sempre que era necessário, mas não na semidiplomática em fim de capítulo, o que bastará para avaliação da irregularidade no seu emprego (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 73),

conforme se pode ver na figura 3, abaixo, o traço de translineação foi representado na edição semidiplomática, configurando-se mais uma vez com irregularidade de aplicação.

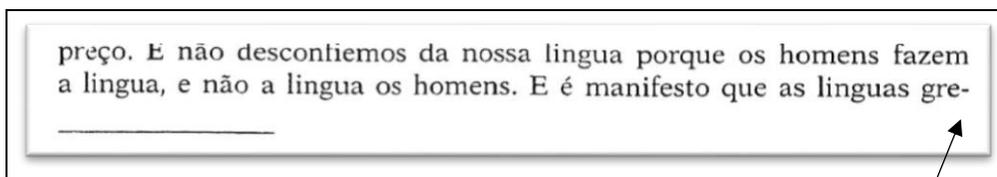
Figura 3 – Exemplos de translineação.



Fonte: TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 168.

Na figura 4, abaixo, verifica-se que o referido traço foi representado na edição crítica como prevê o critério.

Figura 4 – Exemplos de translineação.



Fonte: TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 86.

O décimo quarto critério foi devidamente adotado:

Atendendo a que poucos capítulos (19, 28, 30, 40) se apresentavam intitulados, generalizou-se o processo a todos, entre parêntese quadrado e em linguagem condizente, o que facilita um primeiro contacto com a matéria (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 73).

Veja-se o décimo quinto critério, que segue abaixo:

O cuidado tido com a paragrafação original não obsteu à abertura de novos parágrafos introduzidos nas manchas compactas de uma, duas ou três páginas, no intuito de tornar mais atractiva e leve a textura figuracional sem prejuízo de conteúdo (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 73).

Na abertura de parágrafos, Torres e Assunção não consideraram, na maioria dos casos, o caldeirão medieval presente na edição *Princeps*, que “se apresenta na forma do parágrafo, mas que originalmente se assemelha a uma letra “C”, cortada por um traço vertical” (MACHADO FILHO, 2004, p. 79).

Essa interferência dos autores prejudica a leitura e a organização do texto editado.

Considere-se o décimo sexto critério, que se encontra abaixo:

Manteve-se nos três textos – crítico, semidiplomático e anastático – correspondência rigorosa de paginação especial, a fim de tornar rápida a colação respectiva e não obstante a numeração geral da obra.

A fim de que não surtam juízos negativos de pormenores deixados nas alíneas acima em páginas anteriores acerca do nosso primeiro gramático a quem Eugenio Coseriu não poupa elogios cientificamente fundamentados (vd. sua ‘Apreciação global’), recorde-se que estávamos então numa época de sincretismos ortográficos, à margem de qualquer normatividade, precisamente em tentativas de desbravar caminhos próprios por entre compêndios latinos e humanistas relatinizantes.

Dessa feita, aceitar-se ão com naturalidade tantas indecisões, misturas e variantes da escrita oliveiriana: *lingoa* e *lingoagem*, formas raras, e *linguagem* e *lingua* prevalectentes; *sentimos*, *consintem*, *sintirá*; *dixe*, *dixemos* e *dissemos*, *disse*; *mui*, *muito*, *mais*, *pois*, e *muy*, *poys*, *mays muyto*; *premeiro*, com presença sobretudo de meio para o final do livro, e *primeiro*, desde o início; *necessario*, frequente, e *necessareo*, raro; *devino* e *divindade*; *syllabas*, mas às vezes *sillabas* ou *silabas*; abundância da forma *ha* sem variante, em face de *avemos*, *aviam*, *aver*, sem embargo de *havidas*, *haviamos*, *havemos*; *Suetonio Tranquillo*, geralmente reduplicado quanto à consoante lateral, e *Quintiliano*, jamais; *para* e *pera*; *dirivadas* e *vezinhas*; *destinto* e *distinto*; *he* e *é* (verbo ser); *memorea* e *memoria*, *deferente* e *diferente* *demenuir* e *diminuir*; *menenice* e *feminino*.

A respeito deste último vocábulo e dos alomorfos de tantos que chegam a registra-se, não só no mesmo texto, mas até na mesma linha ou linhas contíguas, são de destacar os caps. 40 (p. [56] e 44 (p.[ 65]. Naquele, Fernão de Oliveira teve um ataque fonético expansivo, de abertura, com seis ocorrências de *premeiro*, uma de *necessareo*, outra de *devidir*; neste, manifesta-se linguisticamente constipado e opta, peferentemente, pelo fechamento: para três ocorrências de *femenino* escreveu o dobro de *feminino*. ao contrário do cap. anterior (p. [62]), no qual *femenino* se lê cinco vezes e *premeiro* uma.

A propósito do verbo ser, o predomínio pertence à forma *é*, amiúde acompanhada da *he*. Optamos claramente pela simplificada; mas nota-se, nalguns textos, um aglomeramento desta, noutros daquela. Não se deixou,

todavia, de registrar, no aparato crítico tudo o que pode contribuir para uma apreensão objectiva e global desta tão preciosa *Gramática*.

Talvez provoque estranheza a última linha de texto de muitas páginas das edições crítica e semidiplomática quando aquela se queda incompleta no início, a meio, a três quartos ou mais, para depois continuar na página seguinte. Mas, realmente, não se deparou com melhor solução em face do objectivo primordial de manter rigorosa correspondência sucessiva, com numeração especial em chavetas, entre os três textos originais: original, semidiplomático e crítico. O recurso a maior espaçamento seria um fraco remédio, pois iria traduzir-se em manchas tipográficas sem uniformidade. De resto, procedimento similar se verifica em linhas que finalizam com pontuação de parágrafo, a distâncias bem diversificadas da vertical mancha.

Gostaríamos que na edição crítica o tipo de letra adoptado não divergisse do da semidiplomática, ou se assemelhase até ao da 'Introdução'. Contudo, o objectivo, atrás aludido, de não prejudicar a simultaneidade tópica entre os textos, a fim de, por este modo, tornar rápida a consulta e o confronto, inviabilizou a realização de tal desiderato.

Quanto à nossa preferência pela edição semidiplomática, há uma explicação a dar. É que, contendo o volume a lição anastática para gáudio do leitor e investigador, assim colocados sem dificuldade perante o texto não só au[t]êntico mas outrossim genuíno, e havendo este saído dos prelos de Germão Galharde com defeitos de impressão que se repetiram, em parte, nas edições de 1871, 1936, e 1954 ou nelas se intrometeram, achámos ser obrigação imediata optar por ela, visto que a simplesmente diplomática redundaria, neste caso, em sonegação informativa e, dada a facilidade de leitura da mancha gótica de transição, numa espécie de pleonasma.

Note-se, ainda, que em nenhuma das pp. da edição *princeps* existe reclamo. No que concerne à numeração das mesmas, tão-somente alfabética, ela vai de A1<sup>r</sup> até E6<sup>v</sup>, contando-se cada letra até 8<sup>r/v</sup>, mas apenas estando indicada cada uma até 4<sup>r</sup> e começando expressamente em A3<sup>r</sup>.

Além do índice onomástico geral, o analítico, restrito ao texto crítico da *Gramática*, facultará a localização rápida dos conceitos de interesse. E como esta edição coincide, página a página e sem nenhuma ou com pequena diferença de linhas em relação à semidiplomática e à anastática, é fácil a consulta global (TORRES; ASSUNÇÃO, p. 73, 74, 75, 76).

Vê-se que esse critério, deveras longo, retoma parcialmente os outros critérios, causando a sensação de subjetividade, antes referida.

Esse é o último critério, dos dezesseis apresentados nesse trabalho, é também o mais extenso, portanto, os resultados apresentados estão divididos conforme as decisões dos editores: *Paginação das edições, conservação das variantes raras, aparato crítico, edição semidiplomática*.

Em relação à paginação, verifica-se que a numeração dos fólhos é igual nas duas edições, crítica e semidiplomática. Portanto, nesse ponto, aplicou-se devidamente o critério.

No que concerne às variantes de Oliveira, os autores em algum momento não mantiveram o critério. Basta se verificar o quadro abaixo.

Quadro 9 – Representação das variantes oliveiranas.

<u>Edição <i>princeps</i></u>	<u>Edição crítica</u>	<u>Localização do fólio</u>	<u>Edição semidiplomática</u>	<u>Localização do fólio</u>
lingoagem	<b>Linguagem</b>	4, 5	<b>lingoagem</b>	4, 5
lingoa	<b>Língua</b>	12, 18	<b>lingoa</b>	5, 7, 11, 18, 20, 44
lîgua	<b>Língua</b>	24, 26	<b>lîgua</b>	12, 27, 35, 41, 54, 62
lingoas	<b>Línguas</b>	29	<b>lingoas</b>	29

Fonte: SILVA, 2017, p. 62.

Embora tenham sido consideradas *formas raras*, os vocábulos destacados em negrito não foram respeitados no texto crítico. Isso compromete bastante à transcrição de uma obra tão importante na história do português, como é o caso da *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Na lição semidiplomática, as mesmas formas são devidamente acatadas, o que a torna muito mais fiel ao critério em questão do que a crítica.

Os exemplos apresentados, no quadro 9, também mostram a desobediência ao quarto critério, que assegura a conservação do polimorfismo entre *o/u*. Constatou-se a falta de aplicação do quarto critério nos itens lexicais: *Lingoagem* > *linguagem*, *lingoa* > *lingua*, *lîgua* > *lingua*.

No que concerne ao aparato crítico, Torres e Assunção asseguram que todas as interferências no texto editado serão sinalizadas. No entanto, nem sempre isso acontece, já que se verificou que muitas intervenções não foram registradas no aparato. Observem-se os dados abaixo.

Quadro 10 – Quadro representativo das intervenções nos textos editados.

<u>Edição <i>princeps</i></u>	<u>Edição crítica</u>	<u>Localização do fólio</u>	<u>Edição semidiplomática</u>	<u>Localização do fólio</u>
E	<b>he</b>	3, 17	<b>E</b>	3, 17
Fetas	<b>feitas</b>	40	<b>Feitas</b>	40
Home	<b>homem</b>	4	<b>Homem</b>	4
Võtade	<b>vontade</b>	3	<b>Võtade</b>	3
Hetruria	<b>etrúria</b>	9	<b>Hetruria</b>	9
Esse	<b>este</b>	19	<b>Este</b>	19
Esriptura	<b>escritura</b>	19	<b>Escritura</b>	19

Fonte: SILVA, 2017, p. 62.

Os fólios 3, 17 sinalizam que a edição crítica registrou *he*, enquanto na verdade seria *e*, conforme a edição *princeps*. Ademais, o *h* em “*he*” não é etimológico. Os outros vocábulos representam correções feitas pelos editores, que não as registraram no aparato

crítico, embora o critério assegure que tudo seria sinalizado. Torres e Assunção entrevistaram de forma competente no texto, entretanto, poderiam ter sinalizado isso ao leitor.

No que concerne à leitura semidiplomática, os autores assumiram a preferência por essa versão, entretanto, identificou-se que há problemas de leitura na referida edição.

Quadro 11 – Quadro representativo dos problemas editorais.

<u>Edição <i>princeps</i></u>	<u>Edição semidiplomática</u>	<u>Localização do fólio</u>
esta <b>primeira</b> anotação	esta <b>primeiras</b> anotação	3
nam somente nestas mas <b>ẽ</b> muitas outras cousas tem anossa lingoa avantagẽ	nam somente nestas/mas <b>õ</b> muitas outras cousas tem anossa lingoa auantagẽ	5
e com ditongo como .o. ou. do dou: <b>dous</b>	e com ditongo como .o. ou. do dou, <b>dos</b>	34
Esta forma das dições a <b>õ</b> chamamos <b>açẽto</b>	Esta forma das dições a <b>õ</b> chamamos <b>açẽ</b>	34
<b>porẽ</b> nã e tã espiritual a lingua	<b>porõ</b> nã e tã espiritual a lingua	4
fazemos.u.liquido <b>alghũas</b> vezes	fazemos .u. liquido <b>algũs</b> vezes	20
mas d'todo <b>deffeyto</b>	mas d'todo <b>desfeyto</b>	20

Fonte: SILVA, 2017, p. 61.

De acordo com os dados acima, observe-se que há um problema de concordância no texto semidiplomático: *esta primeira* > *estas primeira*. Depois, identifica-se um problema de leitura em que o vocábulo *dos* foi lido como *dous*. Há também lapsos de grafia no vocábulo *açẽto* que aparece registrado parcialmente como *açẽ*. Note-se, ainda, que há outros erros de leitura, identificados no item lexical *porẽ*, que é interpretado como *porõ*, e no vocábulo *deffeyto*, lido como *desfeyto*. Depois, verifica-se uma alteração de gênero em que *alghũas* > *algũs*.

Constata-se que, embora a lição semidiplomática seja a preferida dos seus autores, é necessário corrigir ao máximo os erros identificados, embora se esteja ciente de que não existe uma edição sem erro. Muita interferência no texto se deriva da interpretação que não é uma necessariamente algo exato.

No que concerne à edição crítica, identificaram-se que algumas correções foram procedidas nos textos crítico e semidiplomático. Os vocábulos *os*, *o*, *vindos* foram

devidamente corrigidos nas duas edições, no entanto, não foram registrados no aparato crítico. Outras correções foram procedidas na versão crítica como *seu* por *sen*, *para* em vez de *pera*, *proprio* por *propria*, *por* em vez de *per*, *só* em vez de *soo*, *antes* por *ates*, mas, não foram assinaladas no aparato crítico.

Não obstante, identificaram-se problemas de leitura na edição crítica, por exemplo, a forma *escrevem* foi registrada como *escrevam*, apesar de não haver critério de regularização do indicativo do subjuntivo. Verificou-se, na referida edição, que o vocábulo *escolhe* foi lido como *recolhe*.

Acredita-se que os problemas de leitura prejudicam, de forma assaz, a lição que se tem do texto *princeps*, por isso precisam ser corrigidos. Em 2012, Franco e Silvestre, em sua edição *actualizada*, competentemente realizaram a correção do vocábulo *recolhe* por *escolhe*, e não deixaram de apontar o lapso de leitura na edição de Torres e Assunção.

Para além dos problemas encontrados nos critérios, identificaram-se também outros lapsos editoriais como inserção e supressão de vocábulos e saltos bordões.

Mostram-se as inserções de vocábulos nas duas edições crítica e semidiplomática.

Quadro 12 – Aditamento de vocábulos nas edições.

<u>Edição <i>princeps</i></u>	<u>Edição crítica</u>	<u>Edição semidiplomática</u>	<u>Localização do fólio</u>
eu não dou conta -- mais <b>q̃</b> escamête <b>da</b> minha língua.	eu não dou conta <b>de</b> mais que escassamente <b>de</b> minha língua	eu não dou conta mais <b>q̃</b> escamête <b>da</b> minha língua	35
não estrañemos porq̃ também o falar tem -- seu mouimêto.	não estrañemos porque o falar tem <b>o</b> seu movimento	não estrañemos porq̃ também o falar tem -- seu mouimêto	68
esta que. em toda parte se d'ue guardar.	esta que em toda <b>a</b> parte se deve guardar	esta que. em toda --- parte se d'ue guardar	57

Fonte: SILVA, 2017, p. 64.

Note-se que os vocábulos *de*, *o*, *a* foram acrescentados no texto crítico, enquanto no semidiplomático só o item *o* foi adicionado. Verifique-se ainda que houve a troca do elemento *de* por *da* na versão crítica. Todas as intervenções não foram registradas no

aparato crítico. Franco e Silvestre (2012) mantiveram os aditamentos desses vocábulos em sua edição atualizada.

Quanto às supressões de vocábulos, observe-se o quadro abaixo.

Quadro 13 – Supressão de vocábulos.

<u>Edição <i>princeps</i></u>	<u>Edição crítica</u>	<u>Edição semidiplomática</u>	<u>Localização do fôlio</u>
Examinenos a melodia da nossa lingua e essa guardemos como fezerão <b>outras</b> gêtes	Examinemos a melodia da nossa lingua e essa guardemos, como fezerão --- - gentes.	Examinemos a melodia da nossa lingua e essa guardemos como fezerão <b>outras</b> gentes	11
as consoantes ã se mudão <b>hũa</b> em outra são til.	as consoantes que se mudam -- - em outra são til.	as consoantes ã se mudão <b>hũa</b> em outra são til.	30
e o velho, como tẽ o entender mais firme cõ o ã mais sabe, e também suas falas são de peso.	e o velho, como tem o entender mais firme com o que mais sabe, -- também suas falas são de peso.	e o velho como tẽ o entender mais firme cõ o ã mais sabe -- também suas falas são de peso.	52
e Quintiliano no primeiro livro da <b>a</b> rezão.	e Quintiliano no primeiro livro dá --- rezão.	e Quintiliano no primeiro liuro da <b>a</b> rezão	59
como logo diremos ensinãdo quãtas são as conjugações e amoestãdo ã hahi <b>dellas</b> eiceições.	como logo diremos ensinando quantas são as conjugações e amoestando que há hi --- eiceições.	como logo diremos ensinãdo quãtas são as conjugações e amoestãdo ã hahi <b>dellas</b> eiceições.	72

Fonte: SILVA, 2017, p. 63.

Os dados apresentados acima revelam que a edição crítica apresentou mais problemas quanto às supressões, já que quanto maior o grau de intervenção maior o risco de errar. Assim, identificaram-se a supressão dos itens: *outras*, *hũa*, *e*, *a*, *dellas* no texto crítico. A versão semidiplomática apresentou apenas a supressão do item *e*, o que a torna mais confiável do que a crítica. Esses lapsos de edição são bastante graves

porque interferem diretamente no texto de Fernão de Oliveira, adulterando uma obra tão relevante para os estudos linguísticos.

Competentemente, Franco e Silvestre (2012) corrigiram as supressões acima, e as indicaram como problemas apresentados na edição de Torres e Assunção (2000).

No que concerne aos saltos bordões, encontraram-se as seguintes ocorrências nos excertos que se encontram abaixo:

Quadro 14 – Quadro representativo dos saltos bordões.

<u>Edição <i>Princeps</i></u>	<u>Edição crítica</u>	<u>Edição semidiplomática</u>	<u>Localização do fólio</u>
<p>ẽ cõtrafazer se ajũtãõ cõtra e mais fazer; e ẽ refazer se ajũtãõ .re. e mais fazer: <b>e em desfazer des. e mais fazer.</b> e posto ã</p>	<p>Em contrafazer se ajuntam contra e mais fazer; e em refazer se ajuntam re e mais fazer. ----- ----- . E posto que</p>	<p>ẽ cõtrafazer se ajũtãõ cõtra e mais fazer. E ẽ refazer se ajũtãõ .re. e mais fazer: <b>e em desfazer des. e mais fazer.</b> e posto ã</p>	46
<p>mas em iz, delles são masculinos <b>e delles femininos</b> como juiz, almofariz, e delles femininos, como boyz, rayz, perdyz.</p>	<p>mas em <b>iz</b>, delles são masculinos -- ---- ----, como <i>juiz, almofariz</i>, e delles femininos, como <i>boiz, raiz, perdiz</i>.</p>	<p>mas em .iz. d'lles são masculinos <b>e delles femininos</b> como juiz almofariz e delles femininos: como boyz rayz. perdiz.</p>	65

Fonte: SILVA, 2017, p. 66.

Os dados apontam que a edição semidiplomática, de forma elogiável, não apresenta nenhum salto bordão, enquanto a edição crítica apresenta dois, comprometendo mais uma vez a integridade do texto original. Ressalta-se ainda que o salto bordão *e delles femininos* foi registrado no aparato do texto crítico. Franco e Silvestre (2012) corrigiram o salto bordão *e em desfazer des e mais fazer*, mas dessa vez não denunciaram o problema na edição crítica de Torres e Assunção (2000).

Não obstante a importância do trabalho de Torres e Assunção para a manutenção da história linguística do português, os dados encontrados comprovam que os critérios editoriais não são respeitados totalmente por esses autores. Existe uma grande oscilação na aplicação dos critérios nas duas edições, crítica e semidiplomática. Entretanto, os resultados revelaram que a versão crítica apresenta uma dimensão maior de problemas

como inserção e supressão de vocábulos, saltos bordões, além da não adoção de grande parte dos seus critérios. Com certeza, a leitura semidiplomática é a mais confiável para os estudos linguísticos, mas tem também problemas que precisam ser corrigidos.

Disponibilizam-se os resultados encontrados nos dois cotejos, com o intuito de chamar a atenção de que todo trabalho editorial pode apresentar problemas. O rigor filológico, na realização da leitura e na aplicação dos critérios, seria um importante aliado a ser adotado para se evitarem lapsos no momento da transcrição. Por fim, sugere-se neste trabalho que uma nova edição seja elaborada tendo em vista à correção dos problemas encontrados nas edições de Torres e Assunção (2000).

#### 4.1.3 A edição da *Gramática de João de Barros*

Doravante, as discussões concentram-se na edição da *Gramática* de João de Barros (1540), elaborada em 1971, por Maria Carvalhão Buescu e publicada pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É a primeira edição com comentários linguísticos e filológicos, que integra um trabalho inédito por reunir pela primeira vez em uma mesma publicação o conjunto pedagógico do autor, composto pela *Cartinha* (1539), pela *Gramática* (1540) e pelos *Diálogo em Louvor da nossa Linguagem* (1540) e *Diálogo da Viciosa Vergonha* (1540).

Impunha-se, pois, a edição comentada da Gramática da Língua Portuguesa de João de Barros, que, além de ser a primeira, encerra um imenso valor intrínseco, porque define o âmbito da gramática renascentista entre nós, e porque cria uma perdurável tradição gramatical portuguesa, que vai manter-se até ao século XIX (BUESCU, 1971, p. 1).

A concepção que tem de gramática, como a responsável pela prescrição de regras, leva a autora a considerar que sem dúvidas a gramática de João de Barros é a primeira em língua portuguesa. Apesar de ser uma linguista e filóloga, para além de ser conhecedora da obra de Fernão de Oliveira, a autora insiste em defender essa posição, o que é lamentável para os estudos sobre a história do português que corroboram, sem incertezas, o primeiro lugar na gramaticografia portuguesa para a obra de Oliveira (1536).

Tendo em vista manter-se se fiel ao texto de 1540, Buescu elaborou 18 critérios editoriais que são transcritos a seguir:

1. Tendo chegado à conclusão (a partir de grafia como nũero = número; tẽho = tenho; grãmatica = grammática; e também com base na opinião expressa pelo próprio Barros) de que o til ~ era, simplesmente, uma equivalência tipográfica de m ou n, só se manteve o til, nos ditongos nasais e na vogal final acentuada ã (ex. meã). Em todos os outros casos recorreu-se, de acordo com as normas actuais, a m e n como símbolos de nasalidade.
2. Dada a intencionalidade de certas particularidades ortográficas e até a persistência do seu uso em gramáticas posteriores que pudemos documentar até princípios do séc. XIX, pareceu conveniente uniformizá-las, respeitando a opinião expressa de Barros (nem sempre seguida, aliás, no próprio texto). Adoptou-se assim uma solução de compromisso em relação às normas habituais de transcrição de textos e às normas preconizadas pelo autor da obra em questão:
  - o uso da cedilha mesmo antes de e e i;
  - o acento circunflexo sobre os pronomes ô, â, ôs, âs, sinal que, segundo o autor, os distingue das formas homónimas do artigo;
  - o acento agudo como sinal de abertura sobre as vogais tônicas a e o; estendeu-se o seu emprego também a e, como equivalente do sinal empregado no texto (vírgula invertida sotoposta). Assim, se evitou um problema tipográfico na nossa edição e, ao mesmo tempo, manteve-se o significado desse sinal, substituindo-o pelo acento agudo; utilizou-se também o acento agudo como sinal de tonicidade nas vogais i e u, e o acento grave como sinal de abertura em sílaba átona, de acordo com as normas actuais.
3. Substituiu-se y e como representantes da semi-vogal i, apesar da opinião expressa pelo autor e atendendo à arbitrariedade e oscilação do seu emprego no texto e até mesmo em manuscritos autógrafos de João de Barros que foram compulsados.
4. Empregaram-se com valores distintos i e j; u e v, respectivamente como vogais e consoantes com base na opinião expressa por João de Barros.
5. Formas como spêrar, concorrendo com esperár, foram uniformizadas de acordo com a grafia actual, porque considerámos que a primeira não correspondia a nenhuma realidade linguística da época.
6. Pelo contrário, mantiveram-se formas oscilantes ou simplesmente aberrantes como soposto, Deos, leo, meo; soprir a par de suprir; òraçóm a par de òraçám; per e pera a par de por e para; pelo a par de polo; todolos a par de todos os, etc., quando nos pareceram revelar factos linguísticos importantes para a caracterização do português do século XVI.
7. O grupo qu transcreve-se também por c, como seu equivalente, mantendo, pois, as oscilações do texto.
8. Separaram-se as proclíticas e apoclíticas da palavra seguinte ou anterior, respectivamente: a cartinha por acartinha; a que por aque; dá-lhe, por dálhe. Empregou-se sempre hífen, muitas vezes ausente no texto, de acordo com as normas actuais.
9. Ao contrário, juntaram-se elementos que etimologicamente deviam estar juntos (a quillo, a quelle) ou que o uso ulterior estabeleceu (de, ele, de este, etc.).
10. Corrigiram-se formas reconhecidas como ‘gralhas’: minimos por mininos, quarto por quatro, etc., chamando-se a atenção do leitor, em nota.
11. A sigla & = et foi transcrita por e; &c por etc.; as abreviaturas desdobraram-se: ã = que; ãnome = pronome, etc..
12. O uso do h é uniformizado de acordo com a etimologia da palavra: transcrevemos ã por hã e há por ã.
13. Aboliram-se grafias etimológicas como orthografia ou orthographia por se apresentarem como esporádicas e discordantes de critério quase sempre seguido por João de Barros na adopção de neologismos: sinificar, sustantivo, ajetivo. As oscilações, como epentesis a par de epenthesis, reforçaram nosso critério.
14. Uniformizou-se o uso das maiúsculas segundo as normas actuais.
15. Pontuou-se e paragrafou-se, respeitando, no entanto, de modo geral, a divisão dos períodos.

16. A mudança de página foi indicada por um traço oblíquo /, com a indicação marginal do número da folha, acompanhada de vº se trata do verso.
17. Uniformizou-se ainda a disposição dos títulos e subtítulos da Gramática.
18. Espacejaram-se as frases exemplificantes ou citações no texto (BUESCU, 1971, p. 3-5).

O primeiro aspecto a se considerar é a clareza adotada nos critérios, que esclarecem objetivamente as intervenções linguísticas realizadas no texto de João de Barros. Os critérios elaborados, elogiavelmente, não deixam dúvidas quanto às decisões filológicas tomadas ao longo da transcrição. São, também, lógicos e coerentes no que concerne à conservação da “fidelidade e expressividade linguísticas” (BUESCU, 1971, p. 2-3) desse gramático normativo e pedagógico. Por isso,

No seu conjunto, estes princípios mostram, pois, a tríplice preocupação que assistiu à transcrição do texto: respeitar, dentro de certos limites, a opinião exarada pelo autor: seguir um cânone ortográfico expressivo da língua que representa; oferecer ao leitor moderno um texto não demasiadamente aberrante ou complicado, mas de leitura acessível (BUESCU, 1971, p. 5).

Outro ponto a se levar em consideração é a aplicabilidade dos critérios em todo o texto editado, o que só comprova o rigor e o labor filológico adotados na elaboração da edição (1971). Essa atende claramente aos interesses dos estudos linguísticos por não apresentar lapsos editoriais, como problemas de leitura, adição de vocábulos, ou os conhecidos saltos bordões.

Salienta-se que não se fez um levantamento apurado sobre os citados lapsos, como se realizou na *Grammatica* de Oliveira (1536), mas de forma geral não se constatarem tais problemas quando se realizou a leitura da edição (1971), comparando-a linha a linha com sua versão *Princeps* (1536). Portanto, destaca-se o rigor adotado na aplicação dos critérios e na transcrição do texto por Buescu (1971), em sua edição da Gramática da língua portuguesa de João de Barros (1540).

#### **4.1.4 Preparação dos originais**

O segundo momento da pesquisa foi a preparação dos originais, que se iniciou com a digitalização da edição da *Grammatica da lingua portuguesa*, de João de Barros ([1540]; BUESCU, p. 1971).

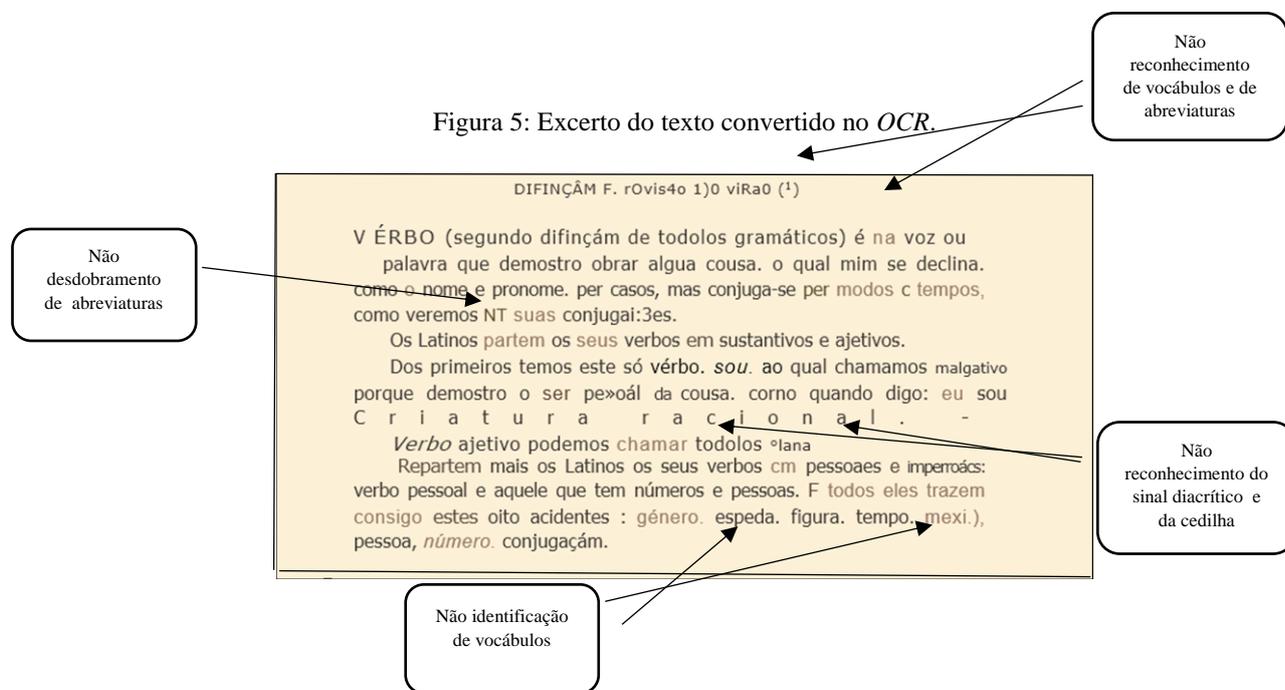
Com o auxílio de uma mesa estativa e de uma câmera fotográfica profissional, pôde-se iniciar a digitalização do texto. No total, noventa e nove páginas foram

digitalizadas, para, a *posteriori*, serem submetidas ao programa *Optical Character Recognition* – OCR, responsável por converter imagem em texto ou vice-versa.

Desse modo, a conversão do texto no OCR foi necessária para permitir, posteriormente, o aproveitamento dos dados no programa lexicográfico, *WordSmith 4.0*.

Ao converter o texto em arquivo *doc*, identificaram-se lapsos de leitura, como, por exemplo, o não reconhecimento das letras capitulares e geminadas, assim como a não identificação de algumas abreviaturas e de muitos sinais diacríticos, que sinalizam as vogais abertas e a cedilha antes de *e* e *i*.

Como exemplo, observe-se que, na figura 5, são identificados muitos dos referidos problemas em apenas um fragmento da obra.

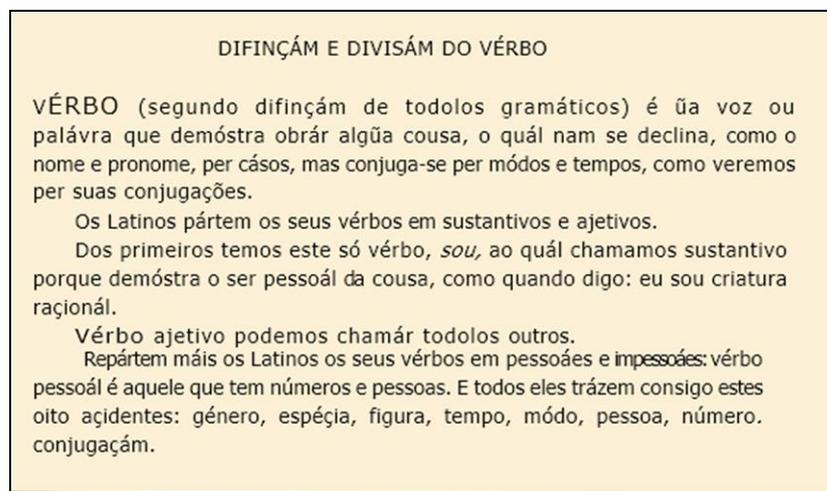


Fonte: SILVA, 2017, p. 68

Como se pode verificar, na figura acima, os vocábulos destacados não foram reconhecidos, devidamente, pelo *OCR*, se configurando como problemas de leitura que seriam corrigidos, posteriormente. Procedeu-se, então, à revisão minuciosa de todo o texto, cotejando-o, linha a linha, com a edição fac-similar, da *Grammatica da lingua portuguesa* (1540). Para melhor desenvolver essa tarefa, utilizaram-se, como apoio, o método comparativo da Linguística Histórica e as técnicas da Crítica Textual, realizando, portanto, o cotejo com rigor e corrigindo os lapsos textuais. Dispõe-se,

abaixo, o mesmo fragmento da página 325, apresentado acima, como exemplo da revisão realizada.

Figura 6: Fragmento do texto revisado.



(BARROS, [1540]; BUESCU, 1971, p. 325).

Note-se, na figura 7, que os problemas gerados pelo processamento do *OCR* foram devidamente corrigidos, disponibilizando-se, portanto, noventa e nove páginas revisadas, em formato *doc*, para o acervo do Banco de Dados do Nêmesis (BUDAN), plataforma em construção do Grupo de Pesquisa Nêmesis.

Não houve necessidade de se realizar o mesmo procedimento com a *Grammatica* de Fernão de Oliveira (1536), já que esse processo foi desenvolvido, como se viu, em uma pesquisa de Iniciação Científica na graduação.

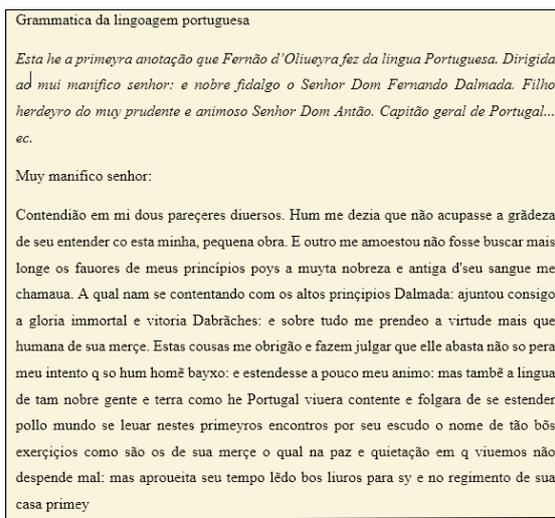
Cabe, entretanto, destacar que a edição da *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira (2000) se configura mais como uma versão diplomática do que semidiplomática, como afirmam Torres e Assunção, pois conserva muitas abreviaturas, diferentemente, da edição realizada por Buescu (1971), da *Grammatica* de João de Barros.

Procuraram-se, então conservar, nos verbetes construídos, as abreviaturas encontradas, apesar delas não serem apropriadas ao estudo do léxico. Não obstante, não

se pôde deixar de corrigir, na edição, alguns lapsos editoriais, que se configuraram como: problemas de leitura, adição de vocábulos e não aplicação de alguns critérios<sup>14</sup>.

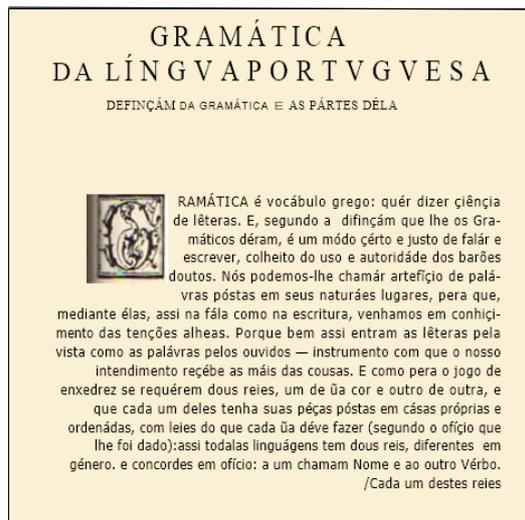
Assim, a edição diplomática (2000), também, foi integrada, em formato *doc* ao BUDAN, atendendo às investigações de alunos e professores interessados na história da língua. Para melhor demonstrar a revisão realizada nas duas gramáticas, observem-se, abaixo, as figuras 7 e 8.

Figura 7: Excerto da GDFO.



(OLIVEIRA, [1536]; TORRES, ASSUNÇÃO, 2000, p. 163).

Figura 8: Fragmento da GDJB.



(BARROS, [1540]; BUESCU, 1971, p. 293).

#### 4.1.5 Tratamento dado ao léxico

No que concerne à fragmentação das gramáticas e à seleção dos itens metalinguísticos, que iriam compor o vocabulário contrastivo, produto lexicográfico que abarca o registro de todos os itens lexicais de um *corpus*, a pesquisa se apoiou nas técnicas da Lexicografia Histórico e Variacional.

Com as duas gramáticas revisadas, foi possível submetê-las ao programa concordanciador *WordSmith 4.0*. Antes disso, converteram-se os textos ao formato *txt. unicode* (bloco de notas), para só assim fragmentá-los. Vale ressaltar que foram fragmentadas uma gramática de cada vez, para, depois, proceder-se à seleção dos itens metalinguísticos.

<sup>14</sup> Cf. SILVA, Jane Keli Almeida da. *A Gramática de Fernão de Oliveira: anotações críticas sobre a edição de uma obra do final da Idade Média portuguesa*, 2015. Trabalho a ser publicado nos anais do V SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, realizado em Lecce, Itália.

Nesse momento, foram disponibilizadas as *Wordlists*, que são listas de signos lematizados dispostos em ordem alfabética e de frequência. Identificaram-se 4.012 signos da gramática de Fernão de Oliveira e 3.415 signos lematizados da gramática de João de Barros, como se podem ver nas figuras abaixo.

Figura 9: *Wordlist* da GDFO.

N	Word	Freq.	%	Texts	% emmas	Set
1	#	22	0,09	1	100,00	
2	A	534	2,29	1	100,00	
3	a	7	0,03	1	100,00	
4	AB	1		1	100,00	
5	ABADE	2		1	100,00	
6	ABAIXÃDOSE	1		1	100,00	
7	ABAIXO	1		1	100,00	
8	ÃBAS	5	0,02	1	100,00	
9	ABASTA	7	0,03	1	100,00	
10	ABASTADAMENTE	1		1	100,00	
11	ABASTANÇA	2		1	100,00	
12	ABASTEÇER	1		1	100,00	
13	ABATĚ	1		1	100,00	
14	ABEM	1		1	100,00	
15	ABERTA	4	0,02	1	100,00	
16	ABERTOS	1		1	100,00	
17	ABERTURA	1		1	100,00	
18	ABOCA	2		1	100,00	
19	ABRANDE	1		1	100,00	
20	ABRE	2		1	100,00	
21	ABREUIAÇÕES	1		1	100,00	

Fonte: SILVA, 2017, p. 72.

Figura 10: *Wordlist* da GDJB.

N	Word	Freq.	%	Texts	% emmas	Set
12	ABAIXAMOS	1		1	100,00	
13	ABÁIXO	1		1	100,00	
14	ABATER	2	0,01	1	100,00	
15	ABC	1		1	100,00	
16	ABÉRTO	1		1	100,00	
17	ABITANTE	1		1	100,00	
18	ABLATIVO	25	0,13	1	100,00	
19	ABREVIATURA	2	0,01	1	100,00	
20	ÁBRO	1		1	100,00	
21	ACABA	1		1	100,00	
22	ACÁBA	6	0,03	1	100,00	
23	ACABÁDA	1		1	100,00	
24	ACABADO	3	0,02	1	100,00	
25	ACABÁDO	14	0,07	1	100,00	
26	ACÁBADO	1		1	100,00	
27	ACABAM	3	0,02	1	100,00	
28	ACÁBAM	12	0,06	1	100,00	
29	ACABAR	1		1	100,00	
30	ACABÁR	4	0,02	1	100,00	
31	ACABAREM	1		1	100,00	
32	ACABAREMOS	1		1	100,00	
33	ACÁBE	1		1	100,00	
34	AÇAFRÂM	1		1	100,00	
35	ACÁSO	1		1	100,00	

Fonte: SILVA, 2017, p. 73.

Observe-se que os signos leamáticos se encontram disponíveis à interpretação linguística do lexicógrafo, por isso, selecionaram-se, *a priori*, os elementos prototípicos da metalinguagem para, *a posteriori*, com o auxílio da ferramenta *concordance* do *WordSmith 4.0*, verificarem-se outros signos leamáticos que, também, compusessem o léxico metalinguístico, como, por exemplo, os vocábulos *ajuntamento*, *partes*, *conçerto*, *caráter*, *notas*.

Iniciou-se a seleção na *Grammatica* de Fernão de Oliveira, atentando-se, também, para o registro da variação gráfica dos itens, com vistas a conservar, no vocabulário proposto, a variação da escrita, tão comum em textos do século XVI e, também, antes dele, como se sabe.

Puderam-se, também, observar os elementos metalinguísticos que só tiveram uma única ocorrência, na obra em questão, conservando-os com o intuito de colaborar com os trabalhos de constituição histórica do português.

É interessante destacar, como mostra de exemplo, que os itens lexicais: *abreuiações*, *.a. breue*, *agetiuo*, *anomalia*, *anotações*, *denotatiuos*, *emprestihos*,

*monosylabos, thema*, além de só terem uma única ocorrência no *corpus* de Oliveira (1536), não apareceram na obra de João de Barros (1540), caracterizando, pois, a metalinguagem apresentada por Fernão de Oliveira, o que justifica ainda mais seus registros no vocabulário.

Selecionados os itens metalinguísticos, da *Grammatica* de Oliveira, estes foram cotejados com a *Grammatica* de João de Barros, com o objetivo de confrontar a metalinguagem dos autores, considerando as ausências ou presenças dos itens nas obras.

A adoção desse método contribuiu para a identificação de elementos remissivos em João de Barros. Ao mesmo tempo, atentou-se para identificar outros elementos que, embora não estivessem presentes na *Grammatica* de Fernão de Oliveira, encontravam-se no texto de João de Barros.

Como se fizera na seleção anterior, respeitaram-se os itens lexicais que só tiveram uma única recorrência no *corpus* de Barros, assim como as variantes lexicais e gráficas. Nesse sentido, encontraram-se, também, itens que, além de aparecerem uma única vez no *corpus* de Barros, não se fizeram presente na obra de Oliveira, caracterizando, portanto, a metalinguagem apresentada por João de Barros. Como exemplo, registram-se, aqui, alguns deles: *aféresis, averbiães, apócopa, breviatura, hiáto, sincopa, próstesis*.

Procurou-se, também, buscar o contexto em que os itens apareceram nas obras para confirmar sua natureza metalinguística. Destarte, o contexto se configurou como um importante auxiliador na seleção dos itens.

Por fim, ao total da seleção, identificaram-se quinhentos e sessenta itens que compõem a metalinguagem dos autores e seriam as entradas do *Vocabulário*. Nesse sentido, a fase de seleção dos itens metalinguísticos, assim como a etapa de revisão, mostrou-se morosa, exigindo do pesquisador cautela e reflexão sobre alguns elementos que nem sempre eram prototípicos, mas se configuravam como metalinguagem. Foi necessário, nessa fase, buscar novas leituras que discutissem a formação do léxico das línguas de especialidade, como as discussões propostas por Finatto (2004) e Krieger (2016).

Finalizada a etapa de seleção dos itens lexicais, procedeu-se à construção do vocabulário metalinguístico contrastivo.

Considerando que a lexicografia pressupõe critérios bem delineados, a fim de organizar os itens – cada informação apresentada no verbete – e os indicadores tipográficos – marcas de itálico, negrito, colorido, e não tipográficos – parênteses,

colchetes, sinais, símbolos que, juntos, formam a microestrutura do verbete, apresentam-se, abaixo, os itens e indicadores que compuseram a microestrutura dos verbetes elaborados.

Quadro 15 – Microestrutura dos verbetes contrastivos.

ITENS	INDICADORES TIPOGRÁFICOS	INDICADORES NÃO TIPOGRÁFICOS
<p>Lema principal Forma canônica do item lexical em foco. No que concerne ao vocabulário, são lexias que estão mais próxima da ortografia atual. Nesse sentido, a entrada pode ser tanto extraída do <i>corpus</i> de Oliveira como do de Barros.</p>	<p>Letra, redonda, minúscula e <b>negritada</b>.</p>	<p>Em casos de homografia (ex: <i>figura</i><sup>1</sup>, <i>figura</i><sup>2</sup>), utiliza-se o número sobrescrito para marcar unidades lexicais homógrafas. Quando uma lexia que se pretende lematizar não possui forma canônica, em termos lexicográficos, recorre-se à estratégia de indicação de morfologia falsa, conforme a metodologia adotada pelo <i>Dicionário Etimológico do Português Arcaico</i> – DEPARC. A morfologia falsa é indicada pelo uso de colchetes [ex: adjetivo].</p>
<p>Lema secundário Variantes gráficas e fônicas do lema principal</p>	<p>Letra redonda, minúscula e em negrito.</p>	<p>Precedida pelo sinal ~ (ex; <i>ajetivo</i> ~ <i>ajetiuo</i> ~ <i>ajetiuo</i>).</p>
<p>Lema múltiplo Formas morfológicas distintas para um mesmo lema (ex; dição(-ões))</p>	<p>Letra redonda, minúscula e em negrito.</p>	<p>Antecedidas por hífen e entre parênteses (-).</p>
<p>Classificação gramatical</p>	<p>Letra minúscula redonda, conforme a lista de abreviaturas.</p>	<p>Finalizada por ponto.</p>
<p>Antônimos em um mesmo verbete</p>	<p>letra minúscula e redonda</p>	<p>Separados por barra (/)</p>
<p>Étimo: origem ou</p>	<p>Letra redonda minúscula,</p>	<p>Entre parênteses e</p>

Processo de Formação	língua de origem conforme lista de abreviaturas, étimo ou origem em <i>itálico</i> .	encerrado por ponto. Formas compostas ou derivadas identificam-se com sinal de adição (+).
Fonte etimológica consultada	Em minúscula e redondo	Sobrescrito (< lat. <i>vōcālēs -ĭum</i> ) <sup>c</sup> .
Definição Codificação da informação semântica do item lexical.	Inicial minúscula, restante minúscula e arredondada	Entre aspas simples (‘ ’) e encerrada por ponto.
Indicação de abonações Emprego do item lexical no <i>corpus</i> .	Letra minúscula e itálico para a gramática de Fernão de Oliveira [ <i>gfo</i> ]. Em redondo, apenas, para a gramática de João de Barros [ <i>gjb</i> ]. A unidade lexical abonada é registrada em negrito. Ex: <b>avérbio</b> . As abonações são dispostas em ordem cronológica de publicação das obras (1536/1540).	Entre colchetes e encerrada por dois pontos.
Remissões Indicações que remetem ao lema principal.	Letra minúscula, redonda e negritada	Iniciada e separadas por setas.

Fonte: SILVA, Jane keli Almeida, 2017. p. 77.

Com base nos itens definidos e nos indicadores selecionados, elaborou-se a etiqueta lógica que seria utilizada na composição dos verbetes.

<lema principal> </lema principal> ( ~ <lema secundário/lema múltiplo> </lema secundário/lema múltiplo> – <clas.> .<clas.> <etim.> <etim.><fonte etim.> </ fonte etim. > (→ <remissão> </remissão>) '<definição> '</definição> [<gdfo/loc> ]</gdfo/loc>: <abonação> .</abonação> [<gdjb/loc> ]</gdjb/loc>: <abonação> .</abonação>

#### 4.1.6 Elaboração dos verbetes

Tendo em vista a elaboração dos verbetes contrastivos, consideraram-se os seguintes procedimentos metodológicos: primeiro – canonização dos signos lemáticos, isto é, a extração máxima de gramática desses itens, com o objetivo de transformá-los em lema, que é a ‘menor forma morfológica que um signo lemático possa assumir em

um dicionário' (MACHADO FILHO, 2012). Lematizaram-se quinhentos e sessenta lemas que compõem o léxico metalinguístico das obras.

Conforme os critérios pré-estabelecidos, o lema principal foi a forma mais próxima da ortografia atual, enquanto o lema secundário se configurou como uma variante lexical, que pode ser de origem fonética, fonológica ou morfológica. Juntos, compuseram as entradas dos verbetes, sendo que mesmo os lemas secundários tiveram entradas remissivas para o verbete principal.

No tocante à lematização dos verbos, registraram-se no interior do verbete todas as flexões de modo, tempo, número e pessoa, de acordo com a abonação dos *corpora*. Inobstante, não se identificaram variantes verbais, por isso, não foram também registradas como lemas secundários. Apenas quatro verbos – *conjugár*, *declinar*, *pronunçiar*, *reger* – compuseram a metalinguagem dos autores, diferentemente, dos nomes que representaram a maior parte dos itens levantados.

Quanto às formas canônicas, como, por exemplo, os itens *advérbiais*, *adjetivo*, *apócope*, *empréstimos*, *prótese*, *síncope*, que não se encontraram atestados nos *corpora*, mas tinham suas respectivas variantes *avérbiais*, *ajetivo*, *apócopa*, *emprestilhos*, *próstese*, *sincopa*, foram registrados com a estratégia das

chamadas 'falsas entradas' remissivas indicam que, embora a lexia pesquisada não esteja atestada na forma gráfica que se encontra patente entre indicadores estruturais, especificamente pelos colchetes, a sua correspondente histórica estaria devidamente lematizada no dicionário, conquanto em forma morfológica de plural, não-canônica, portanto, em função dos dados, que exemplarmente aqui só teria ocorrido com essa configuração linguística no *corpus* (MACHADO FILHO, 2012, p. 382).

O intuito de utilizar entrada falsa de lexias que estivessem pautadas na norma padrão foi sem dúvida tornar a consulta dicionarística mais eficiente, levando o consulente a realizar com rapidez e segurança a consulta desejada.

Estabelecidos os lemas principais e secundários, realizou-se a classificação gramatical de cada lema de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira – NGB. Embora se reconheça a problemática existente em torno das classes, nomeadamente, a dos substantivos, dos adjetivos e dos advérbios, que estão erroneamente classificados, segundo Perini (2010). Situação diferente, ocorre com os verbos, que se configuram como a classe mais evidente em linguística, por estar bem definido o seu potencial funcional. No entanto, agrupar os vocábulos da língua em classes é uma estratégia mantida nos dicionários, uma vez que se pode depreender, em alguns aspectos, o comportamento do item lexical.

Realizada a classificação gramatical, buscaram-se as abonações, ou seja, as passagens de um *corpus* que servem para exemplificar o emprego de determinado item lexical. Para isso, utilizou-se a ferramenta *Concordance* do *WordSmith 4.0* e as edições revisadas, em formato *txt*, da *Grammatica* de Oliveira (2000) e da de João de Barros (1971). Vale ressaltar que as abonações foram extraídas de forma a compreender a metalinguagem dos autores, nesse sentido, escolheram-se as que apresentavam um conceito claro sobre o item discutido.

Entrou-se, primeiro, no verbete, com a abonação de Fernão de Oliveira, adotando o critério de respeitar o período em que as gramáticas foram elaboradas, em seguida, registrou-se a abonação da *Grammatica* de João de Barros. Observe-se que, dessa forma, estabelece-se o confronto entre as abonações, ao mesmo tempo em que se contrasta a metalinguagem apresentada por cada gramático.

Quanto à definição dos verbetes, considerou-se a ideia de representar a metalinguagem atual, com o intuito de já estabelecer o confronto com a metalinguagem dos primeiros gramáticos. Nesse contexto, utilizaram-se as definições apresentadas pelo *Dicionário de Linguística*, de Dubois et al. (1973), na maior parte dos casos, no entanto, quando o item não era encontrado no referido dicionário, recorreram-se ao Houaiss (2009) e o Caldas Aulete digital.

Por fim, elaboraram-se o *front matter* – texto pré-dicionarístico –, composto pela chave de consulta dos verbetes, a lista de abreviaturas e os autores consultados, e o *back matter* – texto pós-dicionarístico –, que integra, sobretudo, as referências utilizadas na construção do vocabulário.

## 5 ANÁLISE CONTRASTIVA DA METALINGUAGEM

Como seria de se esperar, Fernão de Oliveira e João de Barros lançam mão de estratégias diferenciadas de reflexões metalinguísticas, provavelmente, em função da sua própria natureza e visão de mundo. Portanto, a análise contrastiva se apresenta em relação a alguns aspectos principais, denunciando as semelhanças e, sobretudo, as diferenças entre a metalinguagem dos autores.

Obviamente, os elementos metalinguísticos aqui observados são meramente exemplares, devido à natureza e dimensão condicionada desta dissertação, e são apresentados a partir dos próprios termos cunhados pelos autores, não ignorando as variantes gráficas e vocabulares que compuseram suas obras.

### 5.1 O *a.b.c*

O alfabeto atual compõe-se, conforme o novo acordo ortográfico do português, de vinte e seis letras. Não obstante, no século XVI, compunha-se de trinta e três letras e era reconhecido como *a.b.c* pelos primeiros gramáticos, Fernão de Oliveira e João de Barros. Note-se, ainda, no quadro abaixo que as vogais abertas e fechadas são apresentadas em ordem divergente pelos autores.

Quadro 16: O **abc** segundo as gramáticas de Fernão de Oliveira e João de Barros.

Fernão de Oliveira	João de Barros
seja logo este o nosso <b>.a. b. c.</b> a. a. b. c. ç. d. e. e. f. g. h. i. j. l. m. n. o. ω. p. q. r. rr. s. ss. t. v. u. x. z. y. ch. lh. nh. Neste nosso <b>.a. b. c.</b> ha hi trita e tres letras todas nossas e neçessarias para nossa lingua: das quaes oito são vogaes. e chamãose. a. a. e. e. i. o. ω. u. e vinta quatro consoantes e chamão se .b. c. çe. de. ef. gue. je. el. em. en. pe. qu. er. err. es. ess. te. ve. xi. ze. ye.	COMO vimos no princípio, sérve-se a nóssa linguág[em] déstas lêteras em a sua ortografia, <i>á a b c ç d é e f g h j i y l m n ó o p q R</i> <i>r s t V u x z – ch, lh, nh,</i> que sam em figura trinta e três e em póder vinte e seis.

Fonte: (TORRES, ASSUNÇÃO, 2000, p. 181) (BUESCU, 1971, p. 370).

Independentemente da diferente representação gráfica que ambos impõem a seu abecedário, seja em relação a algumas consoantes, seja às vogais, os excertos acima apresentados denunciam fortemente o foco que cada um viria a dar à avaliação metalinguística do português. Oliveira, um “foneticista de vanguarda”, busca, já à

partida explicitar como deveriam ser ditas e ouvidas as consoantes, utilizando-se, para isso, do apoio de grafemas, com juntura de vogais, revelando que *r* <er> não seria idêntico a *rr* <err>, nem *s* <es> a <ess>, como convinha saber.

João de Barros, muito mais centrado na função gramatical dos elementos linguísticos, logo adverte que embora fossem trinta e três as letras, seriam, “em poder”, apenas 26, permitindo a inferência de que subjazia, de forma embrionária, já naquela época, a noção de valor distintivo que viria, séculos depois, a caracterizar a noção de fonema.

É digna, ainda, de registro a forma com que Fernão de Oliveira empreende a descrição desse sons:

a grãde tem figura de dous oouos ou duas figuras douo hũa pegada cõ a outra cõ hũ so escudo diãte: a pronũciação e cõ a mesma forma da boca se não quanto traz mais espirito. Porque de neçessidade mais tempo gastão duas consoantes que hũa: as quaes tambem tem espirito e ajudão a soar e ter voz: mays tempo tem esta letra .vogal. a grande. em gasto. que em gato. esta letra .a. peqño tê figura douo cõ hũ escudete diãte e a pôta do escudo em bayxo cãbada para çima: a sua pronũciação e cõ a boca mais aberta que das outras vogaes e toda a boca igual (cf. Torres; Assunção, 2000, p. 177, 192).

Entrementes, a Gramática de João de Barros, doravante GDJB, não apresenta uma descrição fônica dessas vogais, mas se concentra em explicar, como antes se viu, as funções de cada elemento, a exemplo do *a grande*, que assume o ofício de preposição, de hiato, de interjeição e de verbo, na terceira pessoa do singular (há), ou do *a pequeno* assumiria a função de artigo feminino, de relativo e poder-se-ia juntar com letras diversas, na língua. O *e pequeno*, segundo esse autor, assumiria o ofício de conjunção quando junto a vocábulos. O *i pequeno* serviria como verbo no imperativo. O *o grande*, por sua vez, poderia ser empregado como interjeição, artigo, ou relativo masculino.

Considerando ainda o *a.b.c*, na lista das consoantes simples somam-se três dígrafos (*ch*, *lh*, *nh*), em ambos os gramáticos, e mais dois em Oliveira (*rr*, *ss*), para além do importante ç (*c* cedilhado), tão etimologicamente marcado na história da língua.<sup>15</sup>

Os autores distanciam-se, em algum grau, quanto à classificação das consoantes. Enquanto João de Barros considera o *m* uma consoante líquida e *mea vogal*, Fernão de

<sup>15</sup> Lembra-se que o ç representa o resultado de importante mudança fônico-fonológica na passagem do latim para o português, já que foi utilizada para registrar o resultado das sílabas *ce*, *ci* e *ti* originais latinas, que passam inicialmente, no português, a africadas e, posteriormente, a predorsodontais, não se confundido com a sibilantes ápico-alveolares decorrentes do *ss* latino, durante um bom período do português arcaico. Para maiores informações, cf. Maia (1995).

Oliveira classifica-a como consoante muda. No que se refere às consoantes semivogais, o *m*, *n*, e *x* não são reconhecidos pela GDFO, e de mesmo o *y* não é registrado como uma *mea vogal* pela GDJB. Cabe ainda pontuar que ambos os gramáticos consideraram indistintamente traço de sonoridade nas consoantes *b. c. d. f. g. p. q. t.*

Existem ainda hoje as consoantes apontadas pelas gramáticas como líquidas e mudas, assim como as consoantes que apresentam características de semivogal. O *y* permanece na língua como uma semivogal, da mesma forma apontada por Fernão de Oliveira.

## 5.2 O(s) acento(s) ~ acçento ~ acçêto ~ acêto(s)

O contraste entre a metalinguagem dos autores inicia-se pela variação gráfica, como se pode verificar acima. A GDJB só registra o item *acento*, as demais variantes pertencem a GDFO. Para melhor depreender o tratamento dado ao *acento* pelas gramáticas, observe-se o quadro 17:

Quadro 17 – Tratamento dado ao acento.

Fernão de Oliveira	João de Barros
<p><b>ACêto</b> quer dizer principal voz. ou tom da dição o qual acaba de dar sua forma e melodia as dições de qualquer lingua/digo as dições somête porque a linguaem ainda no ajuntamento das dições e no estilo e modo de proceder tem suas particularidades ou propriedades. e e verdade na nossa ligua que não ha dous <b>acçetos</b> se não onde ha duas dições e não compostas ou juntas em hũa. Ainda que eu diria que quando escreuemos .i. na penultima sempre ponhamos o <b>acçento</b> nessa penultima seguindose logo a ultima sem antreposição de consoante/como/ arauia/e se a tal penultima assi d'vogaes puras não teuer o <b>acçêto</b> não na escreueremos cõ .i. se não cõ .e. como gloreia/e memorea. nos verbos o thema ou principio são o presente do indicatiuo: e o infinitiuo: mas não sempre as outras partes do verbo seguem as formas destas primeiras posições: nem nos <b>acçentos</b> nem na ortografia. Os lugares deste <b>acçento</b> de que falamos são antre nos a vltima syllaba ou penultima: ou</p>	<p>Sílaba é ãa das quatro pártes da nóssa Gramática que corresponde à Prosódia, que quér dizer acento e canto. O terceiro açidente da sílaba, é canto álto ou báixo, porque como os músicos alevantam e abaixam / a vóz cantando, assi nós temos a mesma ordem, como nésta diçam le-mos que na primeira sílaba alevantamos e na segunda abaixamos. Suprimos também o tempo vindoiro deste módo, quando dizemos: amará, lerá, ouvirá, será, com o acento no á final, à diferença de amará, lera, ouvira que sam do tempo passádo nam acabádo do módo pera desejár, [em] que sómente o acento fáz a variaçám dos tempos e módos.</p>

<p>antepenultima. NA vltima syllaba estara o <b>açento</b> das nossas dições quando ellas acabão em .r. como pomar. alcaçer. auer. doutor. e artur. tirãdo alcaçer por castelo o qual tem a penultima grande ainda que alghūs o pronũcião alcaçere .cõ . e . no cabo e então fica o <b>açento</b> na antepenultima. Tambẽ tem o <b>açento</b> na vltima as partes acabadas em .z. como rapaz. perdiz: arroz. arcabuz. e quando acabão em .l. como bancal. pichel. couil çerol. azul. e outro tãto as acabadas em .s. como tomas. nome proprio dhomẽ. inues. retros. tirando marcos. lucas. e domingos. nomes proprios. e tirãdo os verbos os quaes nas partes de suas cõjugações como tẽpos e pessoas não guardão esta regra mas vão por outro caminho. As dições acabadas em til. tem o <b>açento</b> na vltima como escriuão. çidadão. çidadã. aldeão. aldeã. tirãdo rabão. orfão orgão. couão. tauão mosca. ouregão. pintão. e farão nome de lugar. e zimbão cousa de frades verdade e que estes todos tẽ a premeira ou penultima grãde mas frangão tem vogal pequena nessa premeira silba nem por isso deixa de entrar nesta eiçeiçam por que não tem tam pouco o <b>açento</b> na vltima. Tambem as dições acabadas nesta terminação: em. não tem muitas vezes o <b>açento</b> na vltima como linhajem. menajem. mas vintem porẽ tãbẽ. ninguem alguem. arreuem. almazem. desdem e outras tem o <b>açento</b> na vltima como diz a regra e alghũas pessoas dos verbos como dissemos tambẽ se não comprehendẽ nesta regra: como amão /amauão e amarão/preterito.</p>	
---	--

Fonte: (TORRES; ASSUNÇÃO, p. 186, 195-196, 197, 199, 186) (BUESCU, 1971, p. 296, 341).

Ambos os gramáticos entendem que o acento se relaciona com a tonicidade da sílaba, no entanto, utilizam estratégias diferenciadas para explicar o processo de acentuação do português. João de Barros, de maneira didática, compara a tonicidade silábica com o canto dos músicos, que levantam e abaixam as sílabas a depender do ritmo da música. Observa assim que a sílaba, o acento e o canto estão diretamente ligados à prosódia da língua, o que é uma observação válida para os dias atuais.

Fernão de Oliveira apoia-se na sua astúcia fonética-fonológica para realizar um estudo amplo e detalhado sobre as sílabas que devem ser acentuadas no português. Desse modo, utiliza toda a sua habilidade de ouvir e descrever o som da fala para explicar que existem sílabas mais fortes e mais fracas na língua. Salienta-se que os gramáticos dedicam-se a observar a tonicidade silábica, não nomeando tipos de acentos, como o agudo, o grave e o circunflexo, representados hoje no português.

### 5.3 O(s) advérbio ~ avérbios ~ averbios ~ auerbio(s)

As primeiras gramáticas dedicaram-se à classe dos advérbios de maneiras distintas, como se verifica no quadro abaixo.

Quadro 18 – Os advérbios do português.

Fernão de Oliveira	João de Barros
<p>e porque aqui e tempo como d'caminho quero dizer deste <b>auerbio</b> ate o qual antre nos responde ao que os latinos dizẽ vsq̃ este <b>auerbio</b> digo/algũs o pronunção cõforme ao costume da nossa lingua que he amiga dabrila boca. hauer outro tâto: mas hũ e alghũ hi e ahĩ <b>averbios</b> de lugar: honrra. hõrrado. na declinação natural onde falamos das dições tiradas: podemos tâbem meter os <b>auerbios</b> os quaes quando são tirados polla mayor parte ou semp̃ acabão em mente. como cõpridamente. abastadamente. chammente. e porem ha hi muitos q̃ não são tirados como. antes. despois. asinha. logo. çedo. tarde. os <b>auerbios</b> acabados em .mente. sinificação calidade. e não todos os q̃ sinificação qualidad' acabão em .mente. porq̃ ja agora não diremos prestesmente, como disserão os velhos nẽ raramẽte os quaes velhos tambẽ forão amigos de pronũciar hũs certos nomes verbaes em .mento. como cõprimẽto. afeiçoamẽto. e outros q̃ ja agora não vsamos.</p>	<p>Assi que podemos daqui entender ser a nõssa linguágem compõsta déstas nõve pãrtes: Artigo — que é próprio dos Gregos e Hebreus. Nome, Pronome, Vérbo, Advérbio, Partiçípio, Conjunçám, Preposiçám, interjeçam. <b>AVÉRBIO</b> é ùa das nõve pãrtes da òraçám que sempre anda conjunta e coseita com o vérbo e daqui tomou o nome, porque ad quér dizer çerca e, composto com verbum, fica adverbium que quér dizer àçerca do vérbo. Assi que tem o avérbio este poder: acreçenta, deminue e totalmente destrui a óbra do vérbo a que se ajunta, e ele é ô que dá aos vérbos cantidáde ou calidáde açidental, como o ajetivo ao sustantivo. E a cada um dos avérbios aconteçe[m] estes açidentes: espécia, figura, sinificaçám. AS espécias do avérbio sam duas: primitiva, como: muito e pouco; diriváda como: de bom se deriva bem e de máu, mal. Figuras tem duas: simples, como ontem: compõsta: antontem que quér dizer ante de ontem. COMO os avérbios sam muitos, assi tem divérsas sinificações, as quães nam podemos comprender todas pera âs reduzir a régras géraes. Sómente porei algũas, conformando-me com a órdem dos Latinos. De lugar: aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, algures. De tempo: antontem, ontem, [h]oje, agóra, depois, cedo,</p>

	<p>tárde, nunca. De cantidade: muito, pouco, maiór, menór. De calidáde: bem, má. De afirmár: çerto, si. De negár: nam, nem. De duvidár: quiça, perventura. De demonstrar: eis, ei-lo, ei-la. De chamár: ou, oulá. De desejár: oxe, oxalá. De ordenár: item, depois. De preguntár: como, porque. De ajuntár: juntamente, em sóma. De apartár: àparte. afóra. De jurár: çerto. em verdáde. De despertár: eia, sus, asinha. De comparár: assi, assi como, bem como. De acabár: em conclusám, finalmente. Per outra maneira soprimos gram diversidáde de avérbios, ajuntando a um nome ajetivo feminino ésta palávra mente e dizemos: boamente, màmente. escas[s]amente, grandemente. etc., que quér dizér má, escás[s]a, grande vontáde. O segundo u sérve na composiçám das dicões e antigamente servia per si de avérbio locál, como quando se dizia: U vás? u móras? Do quál já nam usamos.</p>
--	---

Fonte: (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 180, 208, 222) (BUESCU, 1971, p. 294, 345-347, 380).

Como se pode verificar no quadro acima, João de Barros elaborou um estudo minucioso sobre a classe dos advérbios, explicando sua produtividade na língua, uma vez que intensificam e modificam os verbos. Observa o autor que muitos advérbios se desfazem no português quando se juntam a adjetivos acabados em *mente*, como *boamente*, *màmente*. *escas[s]amente*, *grandemente*. Em relação a esse ponto, Fernão de Oliveira apoiando-se na sua habilidade de observar a variação linguística, nota que nem todos os advérbios acabados em *mente* representam qualidade, uma vez que estão em desuso na língua advérbios como *prestemente* e *raramente*.

Essas reflexões dos gramáticos certamente põe em evidencia a relação tênue existente entre os adjetivos e os advérbios, comprovando que tanto um como outro pode ter características híbridas e, por isso, seria mais interessante observá-los tendo como base a distribuição dos traços de cada um em um contínuo linguístico.

Outro aspecto que merece discussão é quando a GDJB denuncia que o *u*, assim como no francês moderno, expressava o valor de advérbio, identificado em exemplos como “u vás”? “u móras”?, mas que no século XVI já estava em desuso na língua. É interessante notar que João de Barros também estava atento à história da língua e, sem dúvida, tinha ciência da variação e da mudança linguística, embora tenha preferido em

toda sua obra, defender um ideal de norma que seria valorizado socialmente no século XVI.

Muitos dos advérbios apontados pelos gramáticos continuam na língua portuguesa, ratificando que a metalinguagem de ontem e de hoje tem muito mais aproximações do que distanciamentos.

#### 5.4 A analogia ~ anomalia

Analogia “quer dizer proporção: ou semelhança cõ a qual se mestura também a diferêçia que tê antre si as vozes”. Adverte-se que Fernão de Oliveira se dedica ao estudo da analogia fonética na maior parte de sua obra. Apesar disso, no capítulo quarenta, quando esclarece a declinação do nome frente à conjugação do verbo, baseia-se mais no plano morfológico da língua.

Cabe ainda ressaltar que a referida gramática traz *anomalia* como variante de *analogia*, apesar de não serem mais variantes hoje, pois, *anomalia* refere-se às irregularidades das formas linguísticas, desconsiderando o que é semelhante. Por fim, a GDFO cita a língua grega para explicar a origem da *analogia* e não deixa de defender que os portugueses “sabẽ falar e tê cõçerto em sua lingua”, tão quanto os gregos (OLIVEIRA [1536]; TORRES, ASSUNÇÃO, 2000, p. 217). A GDJB, de modo diferente, não traz considerações sobre o processo de analogia na língua.

#### 5.5 O(s) artigo(s)

Os gramáticos, curiosamente, declinaram os artigos da mesma forma, embora se possa mais uma vez com clareza identificar a preocupação de João de Barros em relação à função linguística, mormente sintática, utilizando-se metaforicamente e muito didaticamente, que se diga, a forma divergente *artelho*, para sua categorização. Vejam-se os exertos abaixo:

Quadro 19 – Definição de artigo no dois gramáticos.

Fernão de Oliveira	João de Barros
os <b>artigos</b> na nossa lingua diuersificão ou varião a forma de sua voz em generos: numeros e casos. em generos como .o. e .a. e ã numeros. como .os. e .as e em	DOS <b>ARTIGOS</b> : <b>ARTIGO</b> é ùa das pãrtes da òraçãm, a quãl, como já dissémos, nam tem os Latinos. E vem este nome, <b>artigo</b> , de <i>articulus</i> ,

<p>casos como o. do. o. o. a. da. a. a. os. dos. os. os. as. das. as. as. Aqui quero lêbrar como em Portugal temos hũa cousa alhea e com grande disonãçia onde menos se deuia fazer: a qual e esta. que a este nome rey damoslhe <b>artigo castelhano</b> chamando lhe elrey. AS consoantes ã se mudão hũa em outra são til. em .n. e .r. ã .l. quãdo despois dessestil ou .r. esta alghũ <b>artigo</b> como .o . ou . a . ou . os . ou . as . assi como polo . no . por .em .o. e por .o. e fezerãno por fezerãno .o. e assi tambẽ no plural fezerãnos por fezerãno os. E isto se faz de neçessidade em ã nos o costume ja pos e para se conheçer se em fezerãnos aquele nos e <b>artigo cõposto</b> ou plural deste nome eu.</p>	<p>diçãm latina deriváda de <i>arthon</i>, grega, que quer dizer juntura de nervos, a que nós prõpriamente chamamos <b>artelho</b>. E, bem como da liança e ligadura dos nervos se sostém o corpo, assi do ajuntamento do <b>artigo</b> aos cãsos do nome se compõe a òraçãm, per semelhante exemplo: Dos hõmens é obrãr virtude e das áves avoar. Però, tirando aos hõmens este <b>artigo</b> dos e às áves, das, diremos: hõmens é obrãr virtude e áves avoar: que nam póde ser máis confusa linguagém. Per onde claramente vemos que, pera o intendimento ficãr satisfeito, é neçessãrio <b>artigo masculino</b> ao nome masculino e <b>artigo feminino</b> ao feminino, porque nam diremos: Das hõmens é obrãr virtude e dos aves avoar.</p>
--	--

Fonte: (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 191, 222-224) (BUESCU, 1971, p. 313).

Na GDJB, já preconizava seu autor a importância do papel do determinante, isto é, o artigo nesse caso, para a composição do sintagma nominal e de construções oracionais nas línguas, sobretudo as românicas e mesmo em línguas neogermânicas, lembrando, argutamente, que o latim não dispunha dessa funcionalidade. Atualmente, a teoria gerativa elege o determinante como a “cabeça” do sintagma nominal, que, passou, por isso mesmo, a se chamar DP (*Determiner Phrase*), em substituição à antiga proposição NP (*Noun Phrase*). Se se pode afirmar que teria Oliveira sido um foneticista *avant la lettre*, talvez se possa advogar que Barros não ficaria atrás no seu papel de sintaticista, como se poderá, progressivamente, comprovar em outras análises neste trabalho.

No que concerne à GDFO, curiosa é também a observação de Oliveira sobre o que chama de *artigo castelhano*, especialmente anteposto ao nome *rei*. Como se sabe, na discussão sobre os mais antigos textos escritos em língua portuguesa, pairava, antes da descoberta da cópia de Toledo nos anos de 1970, uma dúvida sobre a autenticidade do *Testamento de Afonso II*, de 1214, exatamente em razão de se encontrar grafado esse artigo, à moda castelhana, *el rei*, extemporaneamente no século XIII, mas perfeitamente

sincrônico para Fernão de Oliveira em sua *Gramática*. Como se sabe, verificou-se, depois, que *el-rey* seria uma exogenia tardia do texto original de 1214.

Salienta-se, ainda, que a GFO adota a nomenclatura *artigo indeterminado* para se referir a *artigo neutro*, distanciando-se nesse aspecto da obra de João de Barros. Outro ponto a se considerar é que Fernão de Oliveira apesar de admitir que os artigos se declinam conforme os casos latinos, não os declina da mesma maneira que João de Barros. Este adota em sua obra a declinação dos artigos da seguinte maneira:

Quadro 20 – Declinação dos artigos.

<b>Artigos masculinos</b>	<b>Artigos femininos</b>
Nominativo – o – os	Nominativo – a – as
Genitivo – do – dos	Genitivo – da – das
Dativo – ao – aos	Dativo – à – às
Acusativo – o – os	Acusativo – a – as
Vocativo – ó – ó	Vocativo – ó – ó
Ablativo – do – dos	Ablativo – da – das

Fonte: (BUESCU, 1971, p. 314 ).

Chama ainda atenção o autor que os artigos também desempenham a função de relativos na língua. Embora a declinação dos “artigos” de acordo com os casos latinos colabore para o ensino da regência dos nomes, decliná-los só comprova a submissão da GDJB aos modelos latinos.

Note-se ainda que artigos e pronomes se confundem nas obras dos dois gramáticos. Os clíticos pronominais tinham comportamentos dependentes, assim como os artigos, mas funções claramente diferentes.

## 5.6 Os barbarismos

Enquanto instrumento de controle de poder social, as gramáticas de língua portuguesa, sejam as brasileiras, sejam as europeias, continuam, com raras exceções, perpetuando, a ideia de vício de linguagem, como se fosse possível associar a variação linguística a infrações que fossem cometidas pelos próprios utentes da língua, em

situações em que sua fala entre em desacordo à norma eleita como de prestígio ou mesmo ao padrão escrito. Obviamente, esse nicho ideológico encontra suas bases, no caso do português, na GDJB, já que João de Barros, diferentemente de Fernão de Oliveira que sequer registra o fenômeno, apresenta não menos do que doze barbarismos na língua: *prótesis*, *epêntesis*, *paragóge*, *síncopa*, *aféresis*, *apócopa*, *metátesis*, *diéresis*, *sinéresis*, *sinaléfa*, *antítesis*, *ectlísis*.

Observe-se o que diz Barros:

**Barbarismo** é vício que se comete na escritura de cada ãa das pártes ou na pronunçiaçám. Ao primeiro viço chamamos **barbarismo** e ao segundo solecismo. Ao presente, vejamos as espécias do nósso **barbarismo**, os vocábulos das quães, ainda que sejam gregos, tomaremos co/mo tomáram os Latinos, levando a sua órdem. **Prótesis** que é a primeira espécia, quer dizer acreçentamento; comete-se este vício quando se acreçenta algũa lêtera ou sílaba ao princípio de qualquer diçám, como quando dizemos até qui por té qui, acreçentando a lêtera a. **Aféresis** quer dizer cortamento, porque do princípio d'algũa diçám, cortamos e tiramos algũa lêtera ou sílaba (que é o contrairo dô de cima) como desta diçám, determinár, tiramos de e dizemos terminár que é o simples. **Epêntesis** quer dizer interposiçám porque, quando â cometemos, se enterpõe lêtera ou sílaba na diçám, como a ésta palavra todolos, que, em lugar de s que lhe tiramos, lhe põe / que arrebáta a sílaba final *os*. E dizemos todolos com um só l e nam com dous, como fazem ôs que nam sentem que ésta pártte todolos é compôsta destas duas: todos os. **Síncopa** quer dizer cortamento cá se córta, do meo da diçám, lêtera ou sílaba que é o contráiro dá de cima, como quando dizemos consirár por considerár, viço por vício, letra por lêtera. **Paragóge** quer dizer acreçentamento; comete-se este vício quando em fim d'algũa palavra se acreçenta lêtera ou sílaba, como se fáz nos rimações antigos que, por fazerem consoante, diziam: *ôs que me querem guardáre por guardár*. **Apócopa** quer dizer cortamento do fim, que é o contrái/ro de estoutra que acreçenta, como quando dizemos fidálgo por filho de álgo, a mó de falar por a módo de falár (BARROS, [1540]; BUESCU 1971, p. 357-360).

Ora, os seis barbarismos apresentados no excerto acima, são metaplasmos extremamente produtivos na história da língua portuguesa e muitos deles acolhidos pela norma padrão de hoje em unidades lexicais bastante utilizadas, a exemplo da ignorada paragoge em *assim* < *assi*, mesmo que por vezes nem mesmo os gramáticos se deem fé disso.

Machado Filho (2016, p. 255) já havia registrado a falta de coerência exibida por João de Barros no seu afã por defender o prestígio linguístico de seus usos no português do século XVI:

É ao mínimo curioso que um texto normativo, ou, como preferia João de Barros, preceitivo, demonstre formas como “enxedrez” (linha 1), “avérbio” (linha 6) ou “jurdiçám” (linha 8), condenáveis hoje pelos detentores e fiéis defensores das normas de prestígio no Brasil, se comparadas a suas correspondentes vocabulares modernas. Ademais, que o ditongo nasal <-ão>, tão caro hoje para caracterização do português em face das outras línguas

românicas, ainda não se exiba em “conjunçám”, “interjeçám”, “sam”. Pior ainda é considerar que, já que teria optado o autor pela tradição, devessem ter sido respeitados seus étimos latinos, grafando-se “conjunçom”, “interjeiçom” e “som”. Mas como bem disse Camões (...): “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”.

Ademais, os barbarismos registrados pela GDJB revelam a defesa de um padrão de língua, ao mesmo tempo em que denunciam a maneira pela qual a mudança linguística foi tratada em sua obra. A GDJB mostra-se vigilante à construção e à manutenção de uma norma de prestígio ao condenar os barbarismos da língua, que se configuram, segundo sua ótica, também como vulgarismos cometidos pelos povos da Asia, da Guiné e do Brasil.

Atualmente, a ideia de barbarismo não se refere, somente, às chamadas construções impróprias ou vícios que atingem a norma culta e a padrão, mas, também, remete às figuras de linguagem, que podem ser usadas na língua com o intuito de fortalecer a argumentação. Nesse contexto, existem barbarismos voltados ao plano fonético, morfológico, sintático e semântico.

### 5.7 A(s) composição(ões) ~ composiçám ~ composiçã

Um aspecto da morfologia bastante interessante na obra dos dois gramáticos relaciona-se com a questão da composição. Veja-se o quadro abaixo:

Quadro 21: A composição nas GDFO e GDJB.

Fernão de Oliveira	João de Barros
<p>Alghũas partes ou vozes temos na nossa lingua as quaes são partes porsí/mas não sinificão cousa alghũa e por tâto não lhe chamaremos partes da oração ou da lingua como são o nome e verbo e outras: mas todauia fazê ajütamêto ou <b>composiçã</b> porç de seu naçimento ellas são apartadas: mas tê por offiçio seruir sempre em ajütamêto e nũca as achamos fora delle: e são estas as partes .re. es. e des. As quaes se ajuntão assi. reuender. estornar. desconçertar. E porê em que não sinifiquem apartadas por si fazem sinificar as dições com que se ajütão mais ou menos ou ã contrairo. premeiro caso a ã os latinos chamão nominatiuo e nos lhe podemos chamar ppositiuo pola rezão que daremos quando falaremos da</p>	<p>PREPOSIÇÁM é ãa páрте das nóve que tem a nóssa gramática a qual se põe antre as outras pártes per ajuntamento ou per <b>composiçám</b>. Quando é per ajuntamento, ordena-se per este módo: Eu vou à escola. Ésta lêtera à, pósta ante de escola, se chama preposiçám, á qual rége o caso acusativo e neste está o nome escola. E se dissér: Eu apróvo tua doutrina, é per <b>composiçám</b>, ca se compõe esta lêtera a com próvo e dizemos: apróvo. Em ésta maneira de compoer ãa páрте com outra tem os Gregos gram facilidade. e é a eles tam comum e fáçil que às vezes compõem ãa diçám de quátro sinificádos com que fázem a sua língua mui elegante. Os Latinos também fázem suas <b>composições</b>, mas nam passa de três pártes. Nós fazemos a nossa</p>

<p>natureza dos casos e da <b>composiçã</b> da língua. venho do paço. e polo q̃do significa por .o. como por o amor de d's. e no por ã .o. e co. por cõ .o. e anto por ãte o meu d's. e não somēte estas e outras <b>composições</b> se fazem com os artigos</p>	<p><b>composicám</b> de duas, e, compondo um nome com outro, dizemos: rede-fóle, de rede e fóle; arquibanco, de árca e banco. compondo vérbo e nome dizemos: torçicólo, de torçer e cólo. Compoendo ù verbo com outro dizemos: morde-fuge, de morder e fugir. Compoendo vérbo com avérbio dizemos: puxavante de puxár e àvante. Compoendo nome com preposiçám dizemos: tráspé, de trás e pé. E per ésta maneira fazemos nóssas <b>composições</b>.</p>
--	--

Fonte: (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 207, 223-224) (BUESCU, 1971, p. 347).

Ambos os autores observam a derivação como processo análogo ao da composição, chegando mesmo Oliveira a identificar a contração, isto é, a ligação de uma preposição com elementos lexicais de outras classes, como um mesmo fenômeno. Não obstante, João de Barros, muito mais atento às questões funcionais, oferece alguns exemplos de efetivas composições do português, revelando, inclusive, possíveis condicionamentos distribucionais, isto é, possibilidade de ocorrerem entre um nome e um verbo, entre dois verbos, entre um verbo e um advérbio, ou mesmo com preposição e nome, revelando, mais uma vez, sua tendência a, sistematicamente, focalizar em sua *Gramática* as regras de natureza morfossintática e sintática.

As *partes* apontadas por Fernão de Oliveira seriam, segundo a metalinguagem contemporânea, morfemas que atualizam seus significados imanentes em processo de recursividade funcional. Para o referido autor, o processo de composição e ajuntamento é o mesmo que o de ajuntamento. De modo diferente, João de Barros admite que a composição é um processo formativo destoante do ajuntamento, como se pode verificar no quadro acima. Assim, o ajuntamento seria o que se considera por crase no português atual.

#### 5.8 O conçerto ~ cõposição ~ construiçám ~ cõstruição ~ cõstruiçã ~ sintáxis

Como se poderá comprovar, Fernão de Oliveira, diferentemente de João de Barros, não desenvolve em sua *Gramática* uma reflexão aprofundada sobre a sintaxe da língua portuguesa, reservando-se a registrar que com “mais comprimento” falaria dela em outra obra já começada. Ademais, terminologicamente utiliza *cõposição* tanto para a morfologia, com antes visto, como para se referir a processos sintáticos. Todavia, caberá

a João de Barros apresentar uma sistematização bastante aprofundada sobre esse aspecto metaliguístico. Veja-se o quadro contrastivo abaixo:

Quadro 22 – Reflexões dos gramáticos sobre a sintaxe.

Fernão de Oliveira	João de Barros
<p>e por derradeiro diremos hũ pouco do <b>conçerto</b> ã tẽ as partes da oração hũas cõ outras. AGora vejamos da <b>cõposição</b> ou <b>conçerto</b> que as partes ou dições da nossa lingua tẽ. antre si como em qualquer outra lingua: e esta he a derradeira parte desta obra: a qual os gramáticos chamão <b>cõstruição</b>: e nella mais ã em alghũa outra guardamos nos çertas leis e regras: posto que tambem nas outras partes da gramática temos menos eiçeições ã os latinos e gregos. se aquiseremos seguir: nesta derradeira parte ã e da <b>cõstruiçã</b> ou <b>cõposição</b>. da lingua não dizemos mais por ã temos começada hũa obra em ã particularmente e cõ mais comprimento falamos della.</p>	<p>TÉ qui, tratámos das primeiras três partes da gramática: lêtera, sílaba, diçám; fica agóra vermos a quarta que é da <b>construiçám</b>. Ésta, segundo difinçám dos gramáticos, é ãa conveniência antre pãrtes póstas em seus naturães, per as quães vimos em conheçimento dos nõssos conçeitos. E, bem como ao homem é natural a fãla, assi lhe é natural a conveniência dẽstas pãrtes: nome sustantivo com ajetivo, nominativo com vërbo, relativo com antecẽdente. DUAS cousas aquẽcem à <b>construiçám</b>: concordãncia e regimento. Nome, Pronome, Vërbo, Advèrbio, Particípio, Conjunçám, Preposiçám, interjeçám – que tem os latinos. Os quães partem a sua Gramática em quátro pãrtes: em Ortografia, que trata de lêtera; em Prosódia, que trata de sílaba; em Etimologia, que trata da diçám, e em <b>Sintáxis</b>, a que responde a construçám.</p>

Fonte: (TORRES, ASSUNÇÃO, 2000, 2000, p. 234-235) (BUESCU, 1971, p. 294, 349-350).

Não apenas os excertos acima comprovam a dedicação de João de Barros pelas regras morfossintáticas e sintáticas do português, mas também toda a descrição detalhada que vai empreender sobre o tema em sua obra, revelando uma preocupação em relação às regras de concordância e às de regimento, enquanto bases da dinâmica sintática da língua portuguesa. Aliás, considerando ser herdeiro da derrocada morfológica do latim que lhe deu origem, o português viria a acionar, em seu processo de constituição, uma adormecida sintaxe que lhe desse o provimento casual perdido naquele outro nível linguístico.

Para o autor, a “conveniência” entre as partes, ou seja, nome substantivo com adjetivo, nominativo e verbo, relativo com antecedente seriam responsáveis pela adequada construção em língua portuguesa. É isso que vai buscar definir o mais detalhadamente possível em seu trabalho. O mais interessante é perceber que a

concordância no sintagma nominal ou verbo-nominal, assim como a questão da formação de orações relativas, dada a sua complexidade funcional, foram os pontos em que mais evidentemente os crioulos de base lexical portuguesa se distanciaram de sua base formativa, em seu processo de construção e em que o português brasileiro mais se evidencia contrastivamente do europeu.

### 5.9 A concordância

A GDJB discute a concordância entre o *adjetivo* e o *substantivo*, entre o *relativo* e o *antecedente*, entre o *pronome*, o *particípio* e o *nome*. Vale destacar que a obra já chama atenção para a concordância entre o nome no caso nominativo (sujeito) e o verbo. Verifica-se, ainda, no texto da gramática, que os negros são acusados de não fazerem concordância como o “bom português”, o que comprova a força coercitiva da norma defendida na obra, vinculada claro ao preconceito linguístico contra todo e qualquer falar que fuja desse padrão.

### 5.10 A(s) conjunçám(ões) ~ conjũções ~ cõjũção

Note-se a classificação dada:

Quadro 23 – As conjunções do português.

Fernão de Oliveira	João de Barros
<p>E também se este verbo /nego/ seruia em lugar de <b>cõjũção</b> e valia ãtros velhos tâto como senão. e aindagora assi val na beira. e como muitas <b>conjũções</b> e preposições e auerbios e outras partes assi das que elles dizem que se não declinão como também das declinadas ora sejam artigos ou quaesquer outras.</p>	<p>SE [h]ouvéssemos de tratár de quantas espécias i [h]á de <b>conjunçám</b>, seria curiosidáde enojósa aos ouvintes. Básta saber que temos <b>conjunções</b> máis comuns. A ùa chamam copulativa, que quér ajuntador, porque ajunta as pártes antre si. A copulativa ajunta as pártes per semelhante exemplo: Alexandre e Çésar e Hanibál e Pompéo e Pirro foram grandes capitães. E, por cáusa de elegância, e nam repitirmos tantas vezes a <b>conjunçám</b> e, com ùa só, pósta ante a derradeira párte, ajuntamos todalas outras preçedentes, antre as</p>

	<p>quães ela fica entendida. Como: Alexandre, Çésar, Hanibál, Pompéo e Pirro foram grandes capitães. e a outra, disjuntiva, a quá, máis própriamente, se déve chamár disjunçám que <b>conjunçám</b>, porque divide ás pártes. sérve nos exemplos semelhantes: Dos filósofos, Sócrates ou Platám ou Aristóteles, não sei quá diz que a vérdade, àçerca dos hómens tem dous rostros: com um ôs alégra e com outro ôs entristéçe.</p>
--	--

Fonte: (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 206, 235) (BUESCU, 1971, p. 355-356).

Embora a GFO não traga os tipos de conjunções, indica duas em variação no século XVI, a conjunção *nego*, proveniente do verbo latino *negare*, que era considerada a mais antiga na língua, mas continuava em uso na região da Beira, e a conjunção *senão* tida como a variante inovadora que estava sendo falada em todas as regiões de Portugal.

Se se recorrer a história do português, identificam-se casos análogos com a preposição *com*, que se juntou a verbo latino *edere* > *comedere*, alterando seu paradigma e sua raiz verbal, como se sabe. Também, a preposição *com* juntou-se a forma *nos* e formou o pronome pessoal *connosco* > *conosco*.

Sem tocar na variação e mudança linguísticas, mas centrada na escrita, a GDJB traz as *conjunções* do português, destacando duas: a *copulativa*, cujo representante é a vogal *e*, e a *disjuntiva* que é representada pelo vocábulo *ou*. Não deixa de enfatizar a obra que a vírgula assume também a função de conjunção, pois liga frases e orações, sendo elegante utilizá-la na escrita em vez de se repetir muitas vezes a conjunção *e*.

### 5.11 A(s) declinação(ões) ~ declinaçám

Baseadas outra vez em perspectivas distintas de língua, as primeiras gramáticas dedicaram-se ao estudo da declinação, que pode ser evidenciado no quadro a seguir.

Quadro 24 – Processo de declinação.

Fernão de Oliveira	João de Barros
<p><b>Declinação</b> e diuersidade de vozes tiradas de hũ premeiro e firme p̄ncipio por respeito de diuersos estados das cousas. Marco varrão diuide as <b>declinações</b> em naturaes e voluntareas. <b>volūtareas</b> são as que cada hũ faz a sua vontade tirãdo hũa voz doutra: como de portugal portugues./ e de frãça: frãçes: mas de frandes framengo. e de galiza galego. E assi diz marco varrão que a <b>declinação natural</b> e aquell a que não obedeçe a vontade particular de cada hũ: mas que e conforme ao comũ parecer de todos: e mais não se muda tão asinha: posto que o vso do falar tenha seu mouimêto como elle diz e não perseuere hũ mesmo âtre os homens de todas as idades. AS <b>declinações naturaes</b> são mais sogeitas as regras e leis de cujo mandado se rege esta arte. as regras ou leys que digo são com disse anotações de bo costume.</p>	<p><b>Declinaçám</b>, acerca da nõssa linguágem, quér dizer variaçám, porque, quando variamos o nome de um cásio ao outro em o seu artigo, entám ô declinamos. Os Latinos tem çinquo <b>declinações</b>, os Gregos tem outras çinquo simples, que na quinta fõrnam outras a que chamam contrátas. Os Hebreus tem duas, ãa dos nomes masculinos e outra dos femininos A nõssa linguágem declina-se em outras duas: a ãa podemos chamár vogál por ser dos nomes que acabam nas vogáes; e a outra consoante, por acabarem os nomes, que per ela de/clinamos nestas çinquo consoantes: l. m. r. s. z. Nam falo em nomes estrangeiros que se terminam em outras lêteras. como Isac, Jacob.</p>

Fonte: (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 216, 218, 221) (BUESCU, 1971, p. 314-315).

Como se pode observar, no quadro contrastivo, os autores assumem posturas bastante distintas quanto ao processo de declinação na língua. Enquanto, Oliveira traz a declinação natural, que seria “aquella que não obedeçe a vontade particular de cada hũ: mas que e conforme ao comũ parecer de todos: e mais não se muda tão asinha: posto que o vso do falar tenha seu mouimêto” ( p. 221), e a declinação voluntária que ocorreria quando “cada hũ faz a sua vontade tirãdo hũa voz doutra: como de portugal portugues./ e de frãça: frãçes: mas de frandes framengo. e de galiza galego” (p. 222), João de Barros volta-se ao estudo da declinação dos vocábulos com vogal e consoante, remetendo à ideia do processo de flexão da língua, atual.

Considerando a metalinguagem presente, é possível relacionar respectivamente as declinações voluntárias e as naturais discutidas na GFO, com a declinação atual e à flexão, já que a primeira se volta à formação de vocábulos, e a segunda a morfemas na língua.

## 5.12 A(s) dição(ões) ~ diçám(-ões)

Denuncia-se em primeira mão que a GDFO, diferentemente da GDJB, apresenta um amplo estudo sobre a formação das dições na língua. Classifica-as em *primeiras, alheas, apartadas, comuns, juntas* – retomando aí a questão dos compostos, *novas, velhas, usadas* entre tantas outras. O que se reveste de interesse é observar o nível de detalhamento a que chega, revelando os processos de fixação, arcaísmo e renovação lexical. Observe-se a definição que os autores apresentam para o termo, no quadro abaixo:

Quadro 25 – Tratamento dado às dições.

Fernão de Oliveira	João de Barros
<p><b>Dição</b> vocabolo: ou palaura: tudo q̄r dizer hũa cousa: e podemos assi dar sua definiçã. AS nossas <b>dições</b> são aquellas que naçerão ãtre nos ou são ja tam antigas que não sabemos se vierão de fora: nestas a grãmatica manda saber donde / quando / porq̄ / e como forão feytas. os latinos nas partes onde se mesturão as dições que elles chamam <b>encléticas</b> as quaes pronunciaõ de baixo de hũ acento co a <b>diçã precedente</b>. e se disto para que seja entẽdido podemos dar alghũ exemplo na nossa lingua seja nas partes em cujos cabosse mesturão os artigos como fezerãno por fezerão: e querẽno bem por querẽno bẽ: onde o artigo se mete debaixo do acento da <b>dição precedẽte</b>. As dições que chamamos <b>primeiras</b> chamão os latinos <b>primitivas</b>: estas são cujo naçimẽto não proçede doutra parte mais da võtade liure daquelle que as primeiro pos como roupa mãta. esteira. cadeyra. e matula e candieiro. ainda que cãdieiro alghũ a pareçera que voa muito pode dizer que vem de cãdeo cãdes verbo latino que quer dizer resplãdecer: porque o candieiro resplãdeçe: e porem quando tẽ lume e não ja sempre: mas como quer que seja isto e cousa de riso: e quando muito aperfiarẽ estes nossos latinos acalẽtemolos dizendo que si. AS <b>dições alheas</b> são aquellas que doutras linguas trazem a nossa por</p>	<p>NÉSTA terçeira páрте da nõssa Gramática — que é da <b>diçám</b>, que os Latinos chamam Etimologia que quér dizer naçimento da <b>diçám</b> –, se quiséssemos buscár o fundamento e raiz donde veéram os nõssos vocábulos, seria ir buscár as fontes do Nilo. E pois Isidóro, nas suas Etimologias, â nam pôde achár a muitas cousas, menos â daremos aos nõssos vocábulos. E, porque a máis pequena déstas pártes é a lêtera, donde se totalas <b>dições</b> compõem. Chamam-se ditongos déstas duas <b>dições gregas</b>: <i>dis</i> que quér dizer dous e <i>p[h]thongos</i>. tem os Latinos ser espiçám e nam lêtera, e k que sêrve sómente em algũas <b>dições gregas</b> como Kyrie eleison.</p>

algũa neçessidad' d' costume trato arte: ou cousa algũa nouamente trazida a terra.	
--	--

Fonte: (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 196, 200-201, 203, 215) (BUESCU, 1971, p. 294-295, 298-299, 370).

Registre-se que a GDFO utiliza *dições primeiras*, em vez de “dições primitivas”, *dições apartadas*, para dições “simpreses ou singelas”, *dições juntas*, no lugar de dições “compostas”, *dições mudadas*, para dições “trasladadas”, *dições tiradas*, no lugar de “dições *dirivadas*”, provavelmente com o intuito de rejeitar os modelos da gramática latina e, ao mesmo tempo, conceder originalidade terminológica à obra.

Sem dúvida, o estudo da *dição* comprova a natureza inovadora e original da GDFO que, ao recusar as terminologias latinas, põe o português numa posição de igualdade com sua *lingua-mater*, distanciando-se bastante da GDJB, que se dedica pouco ao estudo da *dição* e procura sempre aproximar o português do latim por semelhança.

O que destoa a metalinguagem contemporânea da do século XVI é que se deixou de usar *dição* na língua como sinônimo de palavra ou vocábulo, embora o dicionário Caldas Aulete (digital) ainda apresente *dição* com uma das acepções do verbete *dicção*, que vem do mesmo étimo latino *dictio*, *ōnis*. Perceba-se que *dicção* se refere à maneira de pronunciar as palavras, à prolação, e não mais a palavra em si, como representava no século XVI, havendo uma mudança de significado que se concretizou ao longo do tempo.

### 5.13 O(s) ditongo(s) ~ ditõgo(s)

As primeiras gramáticas representaram os ditongos da seguinte maneira:

Quadro 26 – Os ditongos do português.

Fernão de Oliveira	João de Barros
<b>Ditõgo</b> dizẽ tãbẽ ser dição grega e quer dizer ou sinifica e diz dobrado sō: aueis dētender ã hũa. voz .cõ hũ so spirito ou e sillaba na qual são duas vogaes porque isto queremos entēder da syllaba que sejão ã ella todas as letras que teuer vnidas. cõ hũ so espirito e destes temos	Chamam-se ditongos destas duas dições gregas: dis que quer dizer dous e p[h]thongos, som, cási: dobrádo som. porque ambas as lêteras retém o seu som e fazem ãa silaba. fica agóra vermos do til, a que podemos chamar soprimento ou abreviatura de quátro lêteras, m,

<p>muitos na nossa lingua: mais cuidado eu que em qualquer outra pode auer ao menos das que eu conheço. e esta he hũa das particularidades da nossa propria armonia. os <b>ditōgos</b> que eu achei antre nos portuguezes sãõ estes .ae. como tomae .ãe. como pães .ao. como pao .ão. como pão .ãÿ . como mãÿ .ei. como tomei .eo. como çeo .eo. como d's .eu como meu .io. como fugio .oe. como soe .oi. como caracois . õe. como põe .oi. como boi .ou. como dou .ui. como fuy .nos quaes .a. grãde e .a. pequeno .e assi .e. grãde e o grãde. E nos aqui vemos e sentimos co as orelhas que soa ali hũ til sobre ambas as letras vogaes do <b>ditongo</b>: como escriuão escriuães. Os <b>ditongos</b> recebem despoys de si til. ou .s. ou ãbas: como tabalião. escreueys. çidadãos capitães lições. O til he hũa linha derecha lâçada sobre as outras letras sua força e tão brãda que a não sentimos se não mesturada cõ outras: e por tão não tê nome apropriado mais de quanto lhe o costume quis dar. e eu digo que e neçessareo todas as vezes que despoys de vogal em hũa mesma syllaba escreuemos .m. ou . n . e muito mais sobre os ditōgos. queremos aqui repetir quanto e neçessaria esta letra ou sinal til pera os ditōgos porque se em çidadão e escriuão e outros desta voz e outras escreuemos .m. ou .n. no meyo dira vilamo ou vilano: e se no cabo fica sobre a letra o somẽte e a derradeira: e se fosse .m. morderia a voz e apertalia antros beyços: e o .n. não e nosso/porque a nossa lĩgua e mui chea e .n. corta muito somos cõtrairos aesta letra .n. eu pregunto se nas dições que acabão em ão: e ães: e ões: e ãos: escreueremos .m. ou .n. e o poseremos antre aquellas duas vogaes que soara: ou se o poseremos no cabo que pareçera: por ond' me parece teremos neçesidade de hũa letra que este sobre aquellas duas vogaes juntamente: a qual seja til.</p>	<p>n (pela maneira que já vimos, quando tratamos de ambos) e abreviatura de ue, a este módo: q, que tanto significa como este que. E assi este til como outras vergas e pontos que tem a nõssa escritura, principalmente õs da lãtera tirãda, que mãis se pódem chamár atãlhos dos escriuães, por nam gastãrem tempo, e papél que [por] outra algũa neçesidade.</p>
---	---

Conforme o quadro acima, pode-se verificar que a GDFO e a GDJB apresentam reflexões semelhantes quanto aos ditongos. Não obstante, Fernão de Oliveira vai além, demonstrando mais uma vez sua habilidade em observar os sons, ao esclarecer as maneiras pelas quais duas vogais podem formar ditongos. Aponta a gramática uma importante informação histórica, ao afirmar que em nenhuma outra língua há mais ditongos do que no português, sendo essa uma característica que o distingue de outras línguas, até mesmo das românicas. O ditongo *ão*, por exemplo, só existe em português, por isso, muitos estrangeiros têm dificuldades em pronunciá-lo e, na verdade, não conseguem nasalizá-lo como um português ou brasileiro naturalmente nasalisa.

A GDFO ao trazer os tipos de ditongos, explica que suas formações se dão ora com duas vogais, ora com uma vogal e uma semivogal, ou seja, a obra já traz reflexões sobre a formação dos tritongos. Ambas as gramáticas registraram que uma das funções do til na Idade Moderna era nasalizar ditongos, tal como ocorre hoje o til continua marcando a nasalidade e a tonicidade da sílaba.

#### 5.14 Os empréstimos

No esteio do estudo de ordem etimológica relacionada às dições, a GDFO reconhece que a maior parte dos empréstimos do português provém do latim. No entanto, talvez numa tentativa de valorizar a língua portuguesa, surpreende Oliveira, de forma muito negativa e destoante de seu posicionamento, comumente aberto à variação, ao expressar que

em vez de apurarẽ sua lingoa corrompẽna com emprẽstihos: nos quaes não podem ser perfeitos. Tenhamos poys muito resguardo nesta parte: porq̃ a lingua e escritura e fiel tisoureyra do bem de nossa soçessão e são diz Quintiliano as letras para ãtregar aos que vierem as cousas passadas (OLIVEIRA, [1536]; TORRES, ASSUNÇÃO, 2000, p. 172).

De certa forma, essa posição de Fernão de Oliveira revela “um quê” de inesperado preconceito linguístico, já observado na obra de João de Barros quanto este trata da concordância entre o nome e o verbo, por exemplo.

No tocante aos estrangeirismos, a GDJB não traz muitas considerações, mas já observa que a maior parte do léxico português provém de duas fontes principais: o

latim, obviamente por ser a língua mãe, e o árabe, devido a sua longa convivência com o português no decurso de sua história.

#### 5.15 A(s) etimologia(s) ~ ethimologia ~ etymologia

No que tange à etimologia, a GDFO, baseada em Marco Varrão, relaciona-a com o nascimento das dições ou vocábulos. A GDJB, também, apresenta a mesma concepção, mas se apoia para isso no trabalho de Isodoro de Sevilha sobre as etimologias latinas. Entretanto, resolve não se dedicar às etimologias por ser uma tarefa tão difícil de realizar quanto buscar as fontes do rio Nilo. Certamente, é uma justificativa curiosa, mas compreensível, considerando que nessa época não existiam trabalhos voltados às etimologias do português, os quais serão elaborados trinta e quatro anos depois da publicação da GDJB (1540). Os *Manuais* de Gandavo (1574) e Leão (1576), como se viu na seção *Metalinguagem depois das gramáticas*, voltaram-se ao estudo, prioritamente, etimológico do português.

Na GDJB, verifica-se que étimo e origem não se diferenciam. De modo diferente, a GDFO, embora pouco tenha se dedicado às etimologias, já parece dissociá-los quando explica que *mesa* provém de *mensa*, do latim, mas na verdade a palavra tem “nascimento escondido” em *meson*, vocábulo grego.

#### 5.16 O(s) genero(s) ~ género(s)

Ambos os gramáticos apresentaram reflexões sobre o gênero que se encontram contrastadas abaixo,

Quadro 27 – Representação dos gêneros em português.

Fernão de Oliveira	João de Barros
<p>os <b>generos</b> são distintos em letras porq̃ o <b>masculino</b> tê .o. e ao <b>femenino</b> serue a. e estas são proprias letras desses <b>generos</b>. as declinações dos <b>generos</b> são muitas e menos pã cõprêder porq̃ posto que os nomes acabados em hũa letra qualquer sejam mais dhũ <b>genero</b> q̃ doutro não por isso se pode dar regra vniuersal como nestas duas letras .a. e .o. das quaes hũa e mais masculina e outra femenina: e com todo tê suas faltas: porq̃ isto. isso. e aquillo. são acabados ã .o. e não são masculinos: mas são de</p>	<p><b>GÊNERO</b>, em o nome, é ùa distincám per que conhecemos o mácho da fémea e o neutro d[e] ambos. Os Latinos conhêcem o <b>género</b> dos seus nomes uns pela sinificaçám, outros pela terminacám, dos quâes fazem estes sete géneros: <b>masculino</b>, <b>feminino</b>, <b>neutro</b>, <b>comum a dous</b>, <b>comum a três: duvidoso e confuso</b>. Os Gregos, dádo que tenham éstas diferenças de género, conhêcem-nô per artigos. Os Hebreos. per artigos e terminaçám. Nós nam sómente conhêcemos o nosso género per</p>

<p><b>genero indeterminado</b> não <b>neutro</b> como o dos latinos. e eixo. mouço. queiro. e outros são femeninos. e em .e. pequeno. Também temos nomes masculinos e femeninos: como almadraque: e alfaçe. em .e. grãde. outro tanto como alquice. e chamine ã .i. e .u. alê de auer mui poucos: tâbê são não muito nossos como çafi. guadameçi. calecu. peru. e çegu. todauia são estas letras mais enclinadas a masculinos: em ditôgo sem consoante acabão poucos nomes: e esses que são tê mais parecer d' masculinos como pao. birimbao. breu. treu. baldreu. e esses ditôgos tendo cõsoãte ou til. são duuidosos como lição: dição: rezão: melão: coração. as cõsoantes de qualquer outra feição tâbê são duuidosas ainda que mais enclinadas a hũ <b>genero</b> que outro: por que em al mais são masculinos. como bancal: cabeçal: brial. e em el. como papel. pichel. e em il. como barril: buril e ã ol. como rol: çerol. e em ar. como lugar: lugar. e em er. como alcaçer. e em or. com .o grãde como suor. mas quatro cõparatiuos. mayor. menor. millhor. e pior são de <b>genero comũ</b>. pois ã .or. com .o. pequeno tâbê são masculinos polla mayor parte como ardor. feruor: mas algũs são femeninos como flor. cor e dor em .ur. não me lãbra outro se não artur nome proprio dhomẽ: e mais não e nosso: os nomes ã .as. cõ .a. grãde: e ã es. com .e. grãde são masculinos como êtras. inues. e ã .es cõ .e. pequeno de <b>genero comũ</b>: como portugues. ingres. frãçes posto. que tenhamo femeninos em a como portuguesa. ã os. cõ. o. pequeno: e em os com o grãde são masculinos como marcos domingos/cos/retros. em az. são masculinos. como rapaz. cabaz. e ã ez cõ .e. grãde como enxadrez: e em. ez. cõ .e. pequeno como pez. tâbê são masculinos: mas em .iz. d'les são masculinos e delles femeninos como juiz almofariz e delles femeninos: como boyz rayz. perdiz. e ã oz. cõ .o. grãde: e tâbê em .oz. cõ o</p>	<p>significaçãm, como os Latinos, mas per artigo, como os Gregos. As régras do quãl sam as seguintes: Todo nome que per sexo é conhecido. per ele será mácho ou femea, como hõmem e molhãr. Todo nome que convém a hõmem e a molhãr será <b>comum a dous</b>, como: inventor, taful. Estes ajetivos fõrte, triste. alãgre e outros semelhantes serãm <b>comuns a três</b> porque dizemos: o homem fõrte, a molhãr alãgre. o pecãr triste. Todo nome d[e] algũa lãtera do nõsso A B C será <b>neutro</b>, e os nomes vãrbaes que se fãzem do infinitivo do presente tempo como: o querer. o amãr, o ler e este nome ãl que é relativo. Todo nome que se nam conhecẽ per significaçãm e nam entra em algũa dẽstas regras per este artigo —o — será masculino e per este — a— será feminino, assi como: O çéo é habitaçãm dos anjos e a tãrra morada dos homens. Todo nome que convém a hõmem e a molhãr será <b>comum a dous</b>, como: inventor, taful. <b>GãNERO</b>, em o vãrbo, é ãa natureza espeçial que tem uns e nam tem outros, pela quãl conhecẽmos serem uns <b>ativos</b>, outros <b>pãssivos</b> e outros <b>neutros</b> — nos quães <b>gãneros</b> repãrtem os Latinos os seus, e em outros dons, a que chamam <b>comuns</b> e <b>depoentes</b>. Nõs, destes çinquo <b>gãneros</b> temos somente dous: <b>ativos</b> e <b>neutros</b>.</p>
--	--

<p>pequeno: e outro tanto em uz. são. masculinos como arroz catramoz. alcatruz. Ainda porem que nesta çidade ouue ou cuido que aïda e viva hũa molher que se chamava cataroz. Os nomes que se acabão em til se tem ditongo ja dissemos de que <b>genero</b> são: mas não tendo ditôgo se tem .a. sam femininos: como. iam. couilhã. vilã. çidadã. e se tem .e. as vezes são masculinos: como vintem. desdê. almazem. arreuem. e as vezes femininos: como linguagem linhagê borragê. E se bẽ olhardes aos femininos não achareis o açêto na vltima: como aos outros. Alguê niguê. e quẽ são d'<b>genero indeterminado</b> til. com .i. faz os nomes masculinos: como patim: e jardim e com .o. també como som e tom: cũ. .u. també sam masculinos: como hum. alghum. nenhum. e mais jejum e debrũ. Este nome ajetiuo. comũ. serue a masculinos e femininos porque não digamos nos femininos hũs çertos nomes ajetiuos acustumamos nos formar em .um. como ouelhum. cabrum. porcum. E outros os quaes damos a <b>genero masculino</b>: mas porem em seu lugar e tempo diremos que os nomes ajetiuos e denotatiuos não tẽ çerto genero por si. Nos <b>generos dos verbos</b> não temos mais que hũa so voz acabada em .o. pequeno: como ensino. amo. e ando: a qual serue como digo em todos os verbos tirando algũs poucos como são estes. sei. de saber. e vou. e dou. e estou. e mais o verbo sustãtiuo.</p>	
--	--

Fonte: (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 222, 225-227, 232) (BUESCU, 1971, p. 308-309, 325).

Conquanto muito longas as citações, crê-se que servem bem para representar com maior substância, não apenas a metalinguagem lexical, mas como se constrói o discurso metalinguístico dos dois gramáticos. Conforme os dados apresentados, nota-se que a metalinguagem dos autores distancia-se nesse ponto, à medida em que João de Barros reproduz os gêneros latinos e os relaciona com a ideia de sexo. Elogiavelmente, a GDFO já observa que nem todo nome terminado em *a* se configura como feminino,

assim como nem todo nome acabado em *o* é masculino, haja vista o gênero masculino não ser marcado morfológicamente em português. Ainda para problematizar a questão, a referida gramática discute outros nomes terminados em *e*, como *almadraque* e *alface*, que podem ter, como se vê, gênero masculino ou feminino.

Cabe ainda destacar que a GDFO recusa o gênero neutro latino e adota o *gênero indeterminado*, além de trazer o *gênero comum*, que pode ser identificado em nomes como *inglês*, *português*, por exemplo, caracterizando as unidades atemáticas na língua portuguesa. Inobstante, ambas as obras consideraram o artigo e o significado na identificação do gênero.

Mantêm-se até hoje no português os dois gêneros *masculino* e *feminino*, além do *gênero neutro*, que se evidencia em alguns vocábulos, como os pronomes *isto*, *isso*, *aquilo*, apontados pela GDFO. Diferentemente, do que apontaram os gramáticos, os verbos não mais conservam *gênero*, restando aos substantivos e adjetivos a aceitação do *gênero*.

#### 5.17 A(s) gramática(s) ~ grāmatica ~ grammatica ~ grammática

Importante termo metalinguístico, a noção de gramática explicitada por Fernão de Oliveira e João de Barros distancia-se em sua essência, conformada pela visão de mundo que ambos assumiam, em função de suas estaturas sociais. Observe-se o quadro abaixo:

Quadro 28 – Concepção de gramática para os autores quinhentistas.

Fernão de Oliveira	João de Barros
<p>E pois <b>gramatica</b> e arte que ensina a bem ler e falar: saybamos quem primeiro a ensinou e onde e como: porque também agora a possamos usar na nossa antigua e nobre lingua. esta arte de <b>grammatica</b> em todas as suas partes e muito mais nesta da analogia: e resguardo e anotação d'sse costume e vso tomada despois que os homens souberão falar: e não lei posta que os tire da boa liberdade quãdo e bẽ regida e ordenada por seu saber: nẽ e diuindade mãdada do çeo que nos possa d'nouo ensinar: o que ja temos e e nosso: não embargãdo que e mais deuino quẽ melhor entẽde. eu não presumo ensinar aos que mays sabem: mas notarey o seu bo</p>	<p><b>GRAMÁTICA</b> é vocábulo grego: quér dizer çiência de lêteras. E, segundo a difinçã que lhe os Gramáticos déram, é um módo çerto e justo de falár e escrever, colheito do uso e autoridãde dos barões doutos. Nós podemos-lhe chamár artefício de palávras póstas em seus naturães lugares, pera que, mediante élas, assi na fála como na escritura, venhamos em conheçimento das tenções alheas. Porque bem assi entram as lêteras pela vista como as palávras pelos ouvidos — instrumento com que o nosso intendimento reçebe as máis das cousas. Nome, Pronome, Vérbo, Advérbio, Partiçípio, Conjunçãm, Preposiçãm, interjeçãm – que tem os latinos. Os quáes partem a sua Gramática</p>

<p>costume para que outros muitos aprendão e saybão quanto prima e a natureza dos nossos homẽs porq̃ ella por sua Võtade busca e tem de seu a perfeçãõ da arte que outras nações aquirem corre muyto trabalho: e nestas cousas se acabara esta primeiras anotação em dizer não tudo mas apontar alghũas partes neçessarias da ortografia: acento: ethimologia: e analogia da nossa linguagem em comuõ particurizando nada de cada dição: porq̃ isto ficara para outro tempo e obra. A primeyra partição que fazemos em qualquer lingua e sua <b>grãmatica</b> seja esta em estas tres partes. Letras Syllabas e Vozes: que tambẽ ha na nossa de Portugal com suas considerações cõformes a propria melodia.</p>	<p>em quátro pãrtes: em Ortografia, que tráta de lêtera; em Prosódia, que trata de sílaba; em Etimologia, que trata da diçãõ, e em Sintáxis, a que responde a construçãõ. À imitaçãõ dos quães Por termos as suas partes dividimos a nõssa <b>Gramática</b>. E, porque a máis pequena déstas pãrtes é.a lêtera, donde se todalas dições compõem, vejamos primeiro déla e desi das outras três, nam segundo convém à ordem da <b>Gramática especulativa</b>, mas como requêre a <b>preçeitiva</b>, usando dos termos da <b>Gramática latina</b> cujos filhos nós somos, por nam degenerár déla. E tambẽ porque as çiências requêrem seus próprios termos per onde se [h]am de aprender, como as óbras mecãnicas instrumentos com que se fazem, sem os quães nenhũa déstas se póde entender nem acabár. ESTA maneira de nomes aumentativos é contrária á de çima. porque ùa diminui a cousa e outra acreçenta. Destes nomes, Gregos e Latinos nam trátam em suas <b>Gramáticas</b> por òs nam terem.</p>
---	--

Fonte: (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 164, 169, 171, 220) (BUESCU, 1971, p. 293-294, 305).

No texto de Oliveira, chama a atenção o trecho em que o autor afirma que é a gramática “resguardo e anotação”, mas não “lei posta” que retire a liberdade. A ideia de que “os homens fazem a língua, não a língua os homens”, dissociada da visão de que determinados modelos linguísticos funcionariam como camisa de força associada à visão descritivista das línguas, apenas tardiamente implementada após os avanços da Linguística a partir do século XX, referenda o caráter vanguardista do autor de outros trabalhos reconhecidos como *A arte da guerra do mar* (1555), de um homem que sempre defendera a população contra os abusos da aristocracia portuguesa e que fora, talvez por isso mesmo, perseguido pela “Santa Inquisição”, por heresia.

Herético ou não, Oliveira renuncia em algum grau à tradição gramatical, antes seguida por Nebrija e por depois por João de Barros, que se voltava ao ensino e à aprendizagem de regras para o “bem falar e escrever”, extraídos da “autoridade dos barões doutos”, como viria afirmar o próprio João de Barros na apresentação de sua *Gramática*.

No tocante aos preceitos, a GDFO defende que deve, obviamente, na pronúncia dos vocábulos, haver regras, caso contrário, o som, o significado e as letras mudariam com maior frequência. Não condena a obra a mudança linguística, embora reconheça a

importância dos preceitos para que não haja muitas transformações na língua. Admite, mais uma vez, que toda regra tem exceção, já que o uso linguístico molda a língua, e não os preceitos. De modo diferente, a GDJB defende que os preceitos se configuram como norteadores de toda gramática.

### 5.18 O gráo

Fernão de Oliveira e João de Barros não deixaram de refletir sobre a formação do grau na língua, como se verifica abaixo.

Quadro 29 – Representação dos graus.

Fernão de Oliveira	João de Barros
<p>com .o grãde como suor. mas quatro <b>côparatiuos</b>. mayor. menor. melhor.</p>	<p>E a este nome ajetivo chamam os Latinos como já disse positivo, em respeito do <b>comparativo</b>. Quando vem ao segundo <b>gráo comparativo</b> dizemos: [H]eitor foi milhór cavaleiro que Aquiles: ou diremos: foi máis esforçado que Aquiles, porque melhor e máis, nésta ordem de comparaçám, é ùa mesma cousa. E entre nós e os Latinos [h]á ésta diferença: eles fázem <b>comparativos</b> de todolos seus nomes ajetivos que pódem receber maiór ou menór sinificaçám, e nós nam temos máis <b>comparativos</b> que estes: maiór, que quér dizer máis grande; menór, por máis pequeno: milhór, por máis bom e piór, por máis máo. Però, todolos outros <b>comparativos</b> que eles fórmam suprimos nós com este avérbio máis que acreçenta a cousa a que ô ajuntamos. [gdjb/p306]: E pera falármos pelo módo superlativo, que é o máis alto <b>gráo</b> de priminência e ventájem que se póde dár a algũa cousa, ajuntamos esta páрте mui ou muito ao <b>comparativo</b> e dizemos: [Heitor] foi muito milhór cavaleiro que Aquiles. E assi fica [H]eitor louváo de Cavaleiro em gráo superlativo. Verdáde é que [n]alguns nomes que recebemos do Latim vai a sinificaçám superlativa já formáda, assi como: doutíssimo. sapientíssimo e outros que o uso nos fez próprios.</p>

Fonte: (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 226) (BUESCU, 1971, p. 305-306).

A GDJB apresenta praticamente os mesmos graus observados por Fernão de Oliveira, no entanto, a obra registra que o português supre o *grau comparativo* com o *advérbio mais* e, por isso, faz menos *grau* do que o latim. Diferente da GDFO, sinaliza que o *adjetivo* e o *advérbio* comportam o *grau comparativo*, e o *superlativo* se configura com o mais alto grau que, também, tem origem no latim, como *doutíssimo* e *sapientíssimo*.

Um ponto a ser considerado na metalinguagem da GDJB é que há sempre exemplos voltados à explicação dos itens metalinguísticos, o que dá um caráter didático à obra e, portanto, corrobora o que já havia apontado Buescu sobre a didaticidade do autor. A GDFO costuma sempre exemplificar sua metalinguagem tendo como base a fala, apesar disso não traz muitas vezes conceitos para defini-la.

Os *graus aumentativo* e *diminutivo* do *substantivo* não foram apontados, pois, as gramáticas consideravam-nos *nomes verbais*. Assim como foi sinalizado pela GDJB, os *advérbios* continuam tendo graus, não somente o *grau comparativo*, como sinalizou a obra, mais o *superlativo* e o *diminutivo*.

#### 5.19 A(s) interjeicám ~ interjeicám(ões) ~ interjeições ~ interjeições

Fernão de Oliveira e João de Barros registraram em suas obras as interjeições do português, que podem ser apreciadas a seguir.

Quadro 30 – Quadro representativo das interjeições.

Fernão de Oliveira	João de Barros
<p>das vogaes não ha hi duuida se não que nenhũa e aspirada antre nos/tirãdo alghũas <b>interjeições</b>. antre nos eu não vejo alghũa vogal aspirada se não e nestas interjeições vha e aha e nestoutras de riso ha ha he. aida que não me parece este bo riso portugues posto que o assi escreua Gil viçente nos seus autos.</p>	<p>Cada um destes reies tem sua dama: â do Nome chamam Pronome e à do Vérbo, Avérbio, Partição, Artigo, Conjunçám, <b>Interjeicám</b>. Nome e Verbo. os gregos contaram ésta párte da <b>interjeicám</b> com o nósso, avérbio. Os Latinos (a quem nós seguimos) distintamente faláram déla. E, segundo eles, nam é que máis que ùa denotaçám do que a álma padéçe. E, antre muitas que</p>

	temos, éstas sam as máis comuns: ai, oi, ex, sam de quem sente dor; há, há, hé, de quem ri: Jesu! de quem se espanta; ai-ai, de quem sinte prazer, achando: adeus, de quem exclama; á — há, de quem comprende alguém em malefício; ui, de quem zomba; chis, st, pera fazer silêncio. <b>INTERJEIÇÂM</b> , como vimos atrás, tem tantos sinificádos como sam os efeitos da álma.
--	---

Fonte: (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 180, 183) (BUESCU, 1971, p. 294, 348-349, 356).

É evidente a dedicação diferenciada dos gramáticos quanto ao estudo das interjeições. Enquanto João de Barros baseado na gramática latina registra os mais variados tipos de interjeição do português, Fernão de Oliveira traz apenas algumas como *aha, uha, ha, he*. Observa ainda Barros que os gregos faziam suas *interjeições* com advérbios, e o português usa suas *interjeições* para reger também casos na língua, como as *interjeições ó Deos! ó vós! ó hómem perdido! ó malaventurado de pecador!*, regidas no vocativo.

#### 5.20 A(s) letra(s) ~ lêtera(s)

Ambos os gramáticos concentraram-se no estudo das letras, observando-as a partir de perspectivas distintas. Em Oliveira, verifica-se, como era de se esperar, uma tendência descritiva para os fenômenos de fala, no sentido de relacionar letra a fone/fonema, como se pode observar abaixo:

pronũçiasse a letra .b. antros beyços aãtados lanãdo para fora o bafo com ímpeto: e quasi com baba. c. Pronũçiasse dobrãdo a lingua sobre os dentes queyxaes: fazendo hũ çerto lombo no meyo della diante do papo: casi chegando cõ esse lôbo da lingua o çeo da boca e empedindo o espirito: o qual per força faça apartar a lingua e faças e quebre nos beyços com impeto (OLIVEIRA, [1536], TORRES e ASSUNÇÃO, 2000, p. 178).

Descrição deveras inusitada para os padrões de hoje, mesmo a princípio um pouco ingênua, mostra-se conquanto clara e, dentro do possível para a época, correta. Esse ponto serve para ilustrar a importância da metalinguagem e, junto a esta, do estabelecimento de uma terminologia que lhe dê suporte. Hoje, bastaria dizer, no primeiro dos casos, tratar-se de uma oclusiva bilabial sonora.

A GDJB segue outra perspectiva ao se apoiar em um eixo mais morfológico, por assim dizer, quando define *lêtera* como a menor parte da dição, que tem nome, figura e poder, segundo os gramáticos latinos. Para melhor depreender os pontos de vista de cada autor, observe-se o quadro a seguir.

Quadro 31 – Reflexões gramaticais sobre as letras do português.

Fernão de Oliveira	João de Barros
<p><b>Letra</b> he figura de voz estas diuidimos em cõsoantes e vogaes. pronunciasse a <b>letra .b.</b> antros beyços apertados lançado para fora o bafo com ímpeto: e quase com baba. <b>c.</b> Pronũciasse dobrãdo a lingua sobre os dentes queyxaes: fazendo hũ çerto lombo no meyo della diante do papo: casi chegando cõ esse lõbo da lingua o çeo da boca e empedindo o espirito: o qual per força faça apartar a lingua e faças e quebre nos beyços com impeto. Esta <b>letra .c.</b> cõ outro .c. de bayxo de si virado para tras nesta forma <b>.ç.</b> tẽ a mesma pñçiação q̃ .z. se não que aperta mais a lingoa nos dêtes. A pronũçiação da <b>letra .d.</b> deita a lingua dos dentes d'çima com hũ pouco de espirito. A pronũçiação do <b>.f.</b> fecha os dêtes de çima sobre o beicho de bayxo e não he tão inhumana ãtre nos como a quentiliano pinta aos latinos: mas todauia assopra como ele diz. A pronũçiação do <b>.g.</b> e como a do .c. cõ menos força do spirito.</p>	<p><b>Lêtera</b> segundo os Gramáticos é a mais pequena pártte de qualquer diçám que se póde escrever, a que os Latinos chamáram nóta e os Gregos caráter, per cuja valia e poder formamos as palávras. as <b>lêteras</b> veéram ter éstas três cousas: nome, figura, poder. Nome, porque à primeira chamam A, à segunda Bê, à terceira Çê. Figura, porque se escrevem désta maneira: A, B, C. Poder, pola valia que cada ùa tem, porque, quando achamos ésta <b>lêtera A</b>, já sabemos que tem a sua valia. Esta segunda <b>lêtera, b</b>, àçerca de nós e dos latinos nam tem máis açidente que querer antes de si m, como néstas dições: ambos, embólas: embigo, tombo. <b>c.</b> Tem duas figuras: a primeira de çima e ésta seguinte: <b>ç.</b> Quintiliano, porque os latinos nam tem este em figura, tratou do primeiro, dizendo que com ele podíamos soprir o ofício de k e q. este primeiro c ajunta-se sómente a éstas três vogáes: ca, co, cu. E o segundo a todas, a este módo: ça, çe, çí, ço, çu, com que as sílabas ficam çeçeádas da maneira dos çiganos. Nós, paréçe que [h]ouvemos éstas lêteras dos mouriscos que vençemos. <b>DFPTXZ</b> Éstas seis lêteras, nam tem tantos trabálhos nem mudanças em servir seus ofícios como vemos que tem as outras. <b>G</b> tem diferenças em seu serviço quando se ajunta às vogáes, porque nam pronunçiamos ga, go, gu como ge, gi, cá estes tem a prolaçám de je, ji. E pera ajuntármos à <b>lêtera g</b> éstas duas vogáes e, i, com que faça a prolaçám de ga, go, gu, é neçessária ésta lêtera u, a este módo: guérra, Guilhélme. Porque, como os latinos nám pôdem dizer che, chi senám mediante ésta lêtera h, assi nós nam podemos dizer</p>

	que, qui, senám mediante u. E, porque muitos confundem a ortografia néstas duas sílabas ge, gi, escrevendo je, ji, e tóman ãas por outras, devemo-nos conformár pera boa ortografia com as dições latinas, porque cási todolos nomes próprios se escrevem com J e as outras partes com g: Jerusalém, Jeremias, Jeroboám. E com g: gente, geáda, genro, ginete, etc. Sérvem-nos comumente em totalas dições.
--	---

Fonte: (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 171, 178-179) (BUESCU, 1971, p. 295, 380, 385).

Sempre centrada na prescrição de regras, a GDJB explica que o *b* deve ser escrito sempre antes de *m*, e a letra *c* deve ser usada no lugar de *k* e *q*, diante de vogais. Pontua ainda a obra que *ç* é uma herança do árabe e deve ser escrito antes das vogais *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, assim, vai preceituando regras para a escrita das letras, enquanto Oliveira segue um caminho inverso, o da descrição dos sons. Para isso, mostra-se extremamente habilidoso em observar os sons da falar e elaborar uma terminologia própria para descrevê-los.

Em relação à metalinguagem atual, como se pode observar no quadro acima, ambos os gramáticos não separaram letra de fonema<sup>16</sup>, não obstante, suas reflexões foram importantes à construção do conhecimento que se tem hoje sobre as *letras*, sobretudo, as regras de escrita apresentadas pela GDJB e a descrição dos fonemas, elaborada pela GDFO.

### 5.21 A(s) língua(s) ~ lingoa(s) ~ lĩgua ~ lĩgoa

A GDFO defende que a língua é “antiga, ensinada e próspera, além de ser bem conversada e exercitada em bons tratos e ofícios”, valorizando-a, assim como os costumes portugueses. A célebre passagem da obra “os homens fazem a língua e não a língua os homens” corrobora bem a visão de língua adotada pela obra, e antecipa reflexões linguísticas no espaço geográfico e no meio social que seriam desenvolvidas, *a posteriori*, com investigações da Dialectologia e da Sociolinguística.

A GDJB, como já se evidenciou ao longo das discussões, defende a língua dos “barões doutos” e não se debruça sobre a língua dos “capateiros”, dos “artesãos” e dos

<sup>16</sup> Obviamente, a noção de fonema é um construto estruturalista do século XX.

“mecânicos” que, habilidosamente, foi descrita pela GDFO. Apesar disso, as reflexões trazidas pela obra de Barros abriram espaço para que áreas importantes do conhecimento linguístico pudessem se desenvolver, como a morfologia, a sintaxe e até mesmo a própria ortografia.

Diante desse cenário, fica evidente que a GDJB procurou codificar uma variedade da língua socialmente bem aceita no século XVI, que foi posta sempre em conformidade com o latim numa relação de semelhança e, conseqüentemente, de subordinação, como se pôde constatar nas discussões travadas até aqui sobre a obra. De modo diferente, a GDFO posiciona as variantes da língua portuguesa numa relação de igualdade com o latim quando compara, por exemplo, as duas línguas, defendendo que cada uma tem suas particularidades e é falada por homens “bem assentados”.

## 5.22 O(s) nome(s)

Refletindo sobre a classe dos nomes, os gramáticos consideraram que:

Quadro: 32 – Quadro dos nomes.

<b>Fernão de Oliveira</b>	<b>João de Barros</b>
<p>OS <b>nomes</b> se declinão em generos e numeros: em generos como moço. moça. e em numeros como. moço e moços. moça e moças. Tirando Domingos. Marcos e Lucas: que não varião seus numeros: e com tudo o genero que tinhão no singular os <b>nomes</b> esse terão no plural. como candeya que he feminino no singular tambem o assi sera no plural como candeyas. em o <b>nome</b> o singular e seu p̄ncipio. e no verbo o presente do indicatiuo e infinitiuo. e por tanto os <b>nomes</b> se conheçem dos verbos e os verbos cõ os <b>nomes</b> das outras partes: porque são diferêtes hũs dos outros e os nomes se conheçem por outros <b>nomes</b>: e os verbos por outros verbos porque sam em alghũa cousa e voz semelhantes cada parte destas cõ as outras do seu genero: e cõ tudo não tão que não tenham alghũas meudezas diferentes ou diferências mais</p>	<p><b>NOME</b> segundo a difinçãm dos gramáticos é aquele que se declina per casos sem tempo, significando sempre algũa cousa que tenha corpo ou sem corpo: que tenha corpo, como hõmem, páu, pédra; sem corpo, Gramática, çiência, doutrina. E cada um dos <b>Nomes</b> tem estes açidentes: Calidáde, Espécia, Figura, Gênero, Número. TODOLOS nomes [h]am de ter ùa de duas calidádes: própria ou comum. Calidáde em o nome é ùa diferença pela qual conheçamos um do outro. Será também calidáde em o nome a distinçãm per que apartamos o sustantivo do ajetivo. Põde ser também calidáde em o nome aquilo per que o relativo se apárta do antecedente. Tem o nome outro açidente a que os Gramáticos chamam espécia: a qual é uma divisãm per que apartamos o <b>nome dirivádo</b> do primitivo ou <b>primeiro gérádo</b>. COMO em o <b>nome</b> vimos que</p>

meudas e particulares como o **nome** ser comũ ou proprio: ajetiuo e sustantiuo: e o verbo pessoal ou impessoal: e mais ainda cada verbo ou **nome** tem diuersidade em outras mais cousas: como o nome em estados: e o verbo em modos e tempos numeros e pessoas: dos quaes numeros e pessoas o **nome** isso mesmo não e liure delles. e a regra que demos dos **nomes dos officios** que acabassem em .eiro. damos das officinas ou lugares desses officios cujos nomes acabarão em ria: pella mayor parte como oriuezaria. çapataria. carpentaria: mas de telheiro dizemos telheira: e d' tauerneiro tauerna. e o lugar de mercador dizemos logea: e o do boticairo botica. Ainda porẽ que estes não são dirivados. os **nomes ajetiuos** e denotatiuos não tẽ çerto genero por si. Este **nome ajetiuo. comũ.** serue a masculinos e femininos porque não digamos nos femininos hũs çertos **nomes ajetiuos** acostumamos nos formar em .um. como ouelhum. cabrum. porcum. E outros os quaes damos a genero masculino. tomas. **nome proprio** dhomẽ. marcos. lucas. e domingos. **nomes proprios.** e os **nomes verbaes:** assi tãbẽ são diferentes: porque de ler dizemos lição: e de orar oração: mas de amar e honrrar dizem amor e hõrra ainda que não são tirados estes derradeiros e não somẽte os tirados de diuersas partes são diferẽtes como de capitão dizem molher capitoa e não capitaina. e de pescado ou pescar dizemos homẽ pescador: e molher pescadeira: e barca pescaresa. os **nomes verbaes femeninos** acabem todos em .ão. como lição. oração. e os masculinos acabem em or. como regedor. governador. Mas que diremos destes **nomes femeninos:** capitoa: e viloa: e outros comestes que tem .o. pequeno na penultima cõtinoãdose logo vogal sem antreposição de alghũa cõsoante e mais na antepenultima tem .i. o qual nos

tinha duas espécias, primitiva e derivada. DUAS figuras tem o **nome:** a ùa chamam simples e à outra composta. **Nome simples** é aquele, as pãrtes do quá, estremãdas ùa da outra, nam sinificam cousa algũa, como este nome: justo — o qual, partido em éstas duas pãrtes, jus-to. em nõssa língua nam entendemos per élas cousa algũa. **Nome composto** tem o contrário deste porque, partido em duas pãrtes, sempre per ùa delas entendemos cousa algũa, como: guarda - pórtã, que é composto deste verba guardár e deste nome pórtã. Género em o **nome,** é ua distinçãm per que conhecemos o mácho da fêmea e o neutro de ambos. **CHAMAMOS nome possessivo** aquele que se nomeia do possédor da cousa, como: doutrina cristãm, de Cristo; opiniãm luterana, de Lutéro. E destes nomes é nõssa linguagem próve. E, porém, temos outros semelhantes a estes a que os Gramáticos chamam **gentilicos** por serem da gente da província ou lugar de que se nomeam. Dos quaes nomes temos gram cópia como: algarvio ao hómẽ do Algarve; beirãm, da Beira; coimbrãm, de Coimbra: sivilhano de Sivilha, etc. **CHAMAMOS nomes verbães** todolos que se derivam de algum vérbo, como: de amár, amor: de sospirár, sospiro e de chorár, choro. Podemos também dizer serem **nomes verbães** todolos infinitivos, do presente tempo, poendo-lhe seu artigo com que fica[m] nome[s]. Podemos também dizer serem **nomes verbães** todolos infinitivos, do presente tempo, poendo-lhe seu artigo com que fica[m] nome[s]. que por regra de bãa Gramática. **Nome próprio** é aquele que se nam póde atribuir a máis que a ùa só cousa, como este nome Lisboa — por ser próprio desta cidade e nam convém a Roma; nem ô de Çésar a Çipiãm. Però, se dissérmos çidãde, que é géral nome a todas, entãm será **comum;** e por este nome hómẽ, assi entendo Çésar e

dissemos que sempre .e. grande . Estes nomes eu nam nos pronüciaria nesta forma çidadoa. capitoa: viloa: rascoa: aldeoa. mas pronunçialosia assi aldeã vilã çidadã. e os <b>nomes demenutiuos</b> e aumētatiuos e alghūs outros ainda que não em tudo: não se tirã mas formãse guardãdo çertas regras	Çipiám como todolos outros hómens.
---	---------------------------------------

Fonte: (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 194-195, 197, 219-220, 225, 227, 218, 221-222, 226-227)  
(BUESCU, 1971, p. 299, 301, 303, 304, 306, 307, 308, 320).

O primeiro ponto contrastivo entre as obras é a declinação dos nomes, como se vê no quadro acima. Para a GDJB, os nomes declinam-se conforme os casos latinos nominativo, genitivo, acusativo, dativo, vocativo e ablativo, apresentando ainda qualidade, espécie e figura.

Outro ponto de desencontro entre as gramáticas diz respeito à classificação dos nomes, que se distingue bastante de acordo com o quadro contrastivo. A GDFO, diferentemente da GDJB, traz os nomes derivados terminados em *eiro*, como *carpinteiro*, *carpintaria*, *çapateiro*, *çapataria*. Também não deixa de observar que os nomes verbais que acabam em *ão* como *lição*, *oração*, *amor*, *honra* são femininos, e masculinos em *or*, como *regedor*, *governador*.

A GDJB, de modo destoante, tece reflexões sobre o *nome simples* e *composto*, explicando que o primeiro não pode ser fragmentado, como *jus- to*, enquanto o nome composto se fragmenta, como *guarda roupa*, tendo significado cada parte, embora seja diferente do significado formado na composição.

Outrossim, de maneira dessemelhante, a GDJB apresenta os *nomes possessivos*, como *doutrina cristám, de Cristo*; *opiniám luterana, de Lutéro*, e os *nomes gentílicos*, como *algarvio ao hómem do Algarve*; *beirám, da Beira*; *coimbrám, de Coimbra*; *sivilhano de Sivilha* etc.

Um ponto de encontro entre as obras é que ambas trazem os *nomes verbaes*, embora sejam abordados de maneiras distintas. A GDFO explica que eles provêm de verbos e de nomes, e a GDJB defende que os *nomes verbáes* podem ser os próprios verbos na sua forma nominal mais o artigo, como, nos exemplos, *o amar*, *o chorar*.

Por conseguinte, pôde-se verificar que a GDJB mostra-se original quando reflete sobre os variados nomes na língua e suas funções, apesar de decliná-los conforme os

casos latinos. Entretanto, à medida em que reflete sobre os nomes distancia-se de sua língua *mater*, o latim.

### 5.23 O(s) número(s) ~ numero(s)

As gramáticas portuguesas apresentaram considerações sobre o singular e o plural, embora tenham sido sob perspectivas díspares.

Quadro 33 – Representação do singular e do plural.

Fernão de Oliveira	João de Barros
TEm diferença as vozes dos nomes: ou se declinão em <b>numeros</b> porque o singular he diferente do plural: nem o plural se contenta com so as letras do singular. Tirando Domingos. Marcos e Lucas: que não varião seus <b>numeros</b> : e com tudo o genero que tinhão no singular os nomes esse terão no plural.	<b>NÚMERO</b> em o nome é aquéla distincám per que apartamos um de muitos. E ao <b>número</b> de um chamam os gramáticos singulár: e ao de muitos plurár. E falando pelo primeiro diremos: O hómem verdadeiro tem pouco de seu. E se disser: Os hómens bulrões tem pouca vergonha, fálo pelo número plurár porque sam muitos. <b>DÉSTA</b> régra açima em que disse os nomes terem dous números, singulár e plurár.

Fonte: (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 227) (BUESCU, 1971, p. 309).

Os gramáticos mostram-se atentos à formação do singular e do plural, observando que nem sempre os nomes formam seus plurais, seguindo as quatro declinações propostas.

Nesse contexto, a GDFO observa que os nomes terminados em *ão* quando se referem aos ofícios formam plural em *ães*, como, *tabelião* > *tabeliães*, *escrivão* > *escrivães*. Adiante, a obra cita alguns nomes que fogem à regra, como, *ortelão* > *ortelões*, registrando que na língua há muitos outros nomes como a mesma formação.

Interessante é verificar como a força da norma já se impunha contra o próprio étimo latino, ainda nos anos de 1500. Como se sabe, *hortelão* advém do latim *hortelānus*, o que deveria remeter para o plural *hortelãos*.

Em contrapartida, traz a obra nomes também acabados em *ão*, como *cidadão* > *cidadãos*, *cortesão* > *cortezãos*, que têm apenas acréscimo do *s* no plural, uma vez que guardam a regra do singular. Portanto, a obra se mostra atenta às irregularidades do plural, ao mesmo tempo em que, baseada no gramático Marcos Varrão, percebe a mudança da língua e a relaciona ao costume e ao uso.

A GDJB discute também os plurais dos nomes acabados em *al, el, ol, ul*, que integram a segunda declinação. Outrossim, aponta as exceções dos plurais, justificando que nenhuma regra está isenta de ser acatada completamente. Critica a obra o singular de alguns nomes em *ão*, como *razão > razões*, por serem uma herança galega na língua, por isso, sugere que se escreva *razám*, embora reconheça que os falantes preferem a forma *ão*.

Sendo assim, a GDJB renega sua antiga gênese linguística, ao mesmo tempo em que demonstra estar preocupada com a ortografia da língua. Sua preocupação não é legitimar os usos linguísticos, mas fixar regras para a escrita, mesmo que estejam distantes da língua falada. Nesse contexto, atenta-se aos vocábulos que têm o singular em *am*, como *pam, cam* que, no plural, passam a *pães, cães*, e não *paões, caões*, além de explicar outros plurais dos nomes, mostrando-se tão atenta a essa metalinguagem quanto à GDFO.

#### 5.24 A ortografia ~ orthographia

A GDFO tece considerações sobre a ortografia quando defende a existência de regras para as letras que muitas vezes causam dúvidas na escrita. Em contrapartida, João de Barros, considerando seu intuito de normatizar a escrita, concentra-se em ensinar as *lêteras* aos meninos, para que possam aprender a escrever corretamente. Defende a obra que a escrita deve estar em conformidade com a pronúncia, afastando-se, inesperadamente, de seu referencial latino, apesar de reconhecer que a maior parte das etimologias do português provém do latim. Nesse momento, a obra mostra-se “original” à medida em que defende uma ortografia própria para o português, ao mesmo tempo em que valoriza a língua.

Dessa maneira, a GDJB tenta resolver problemas ortográficos da língua, que, também, foram estudados, de certa forma, pela GDFO e por uma tradição de gramáticos inseridos no Renascimento, segundo Buescu (1984).

Tendo em vista o projeto de valorização da língua, a gramática critica as pronúncias galegas e defende que sejam abolidas da ortografia portuguesa, uma vez que se deve escrever conforme a pronúncia dos vocábulos portugueses. Assim, sugere a obra que sejam retiradas da língua vocábulos terminados em *ão*, como *razão*, por serem eminentemente galegos e, em vez dele, deve-se escrever *ám*, porque conservam “a verdadeira ortografia” (p. 317).

A GDJB foi a primeira a se dedicar ao estudo da ortografia do português, o que conferiu a seu autor o estatuto de ser o primeiro ortógrafo da língua, segundo Buescu (1984). Desse modo, a obra em questão propõe cinco regras gerais para a ortografia.

- i. A primeira, refere-se à escrita das dições conforme à pronúncia, sendo, a principal regra defendida pela obra. Nesse caso, o vocábulo grego *orthographia* deve ser escrito *ortografia* em português.
- ii. A segunda *regra*, volta-se às dições mudas, que não devem ser escritas em final de sílabas, como *Jacob, Joseph*, considerando que as sílabas do português só podem acabar com as semivogais *l, m, n, r, s, z*.
- iii. A terceira *regra*, refere-se à letra dobrada, que só se dobra com as consoantes *l, m, n, r, s, z*.
- iv. A quarta *regra* trata, também, das dições dobradas, que se separam na sílaba do seguinte modo: *nos-sa*.
- v. Já a última *regra*, volta-se aos nomes acabados em *am, em, im, om, um*, no singular, que passarão a ter til no plural, como *pães, hómens, çeitins, bons, atuns*.

No tocante à ortografia atual, segundo Machado Filho e Góis (2014), tem-se em geral uma ortografia mais fonológica, se comparada ao passado que foi mais etimológico, portanto, a metalinguagem atual aproxima-se da GDJB. Não obstante, no que diz respeito à representação gráfica das sibilantes, a convenção ortográfica optou por estabelecê-la, considerando critérios etimológicos. Por isso, se justifica escrever, atualmente, *ascensão* e *assunção*, com a segunda sibilante surda de ambas grafada de modo diferente, ainda que em contextos fonéticos e gráficos similares.

Diante do exposto, conclui-se que a GDJB se distancia bastante da GDFO no plano da escrita. Esse dado só confirma a natureza das obras, enquanto a primeira está preocupada em normatizar a língua, a segunda segue outro caminho, o da descrição da língua falada, por isso, mostra-se tão atenta à variação e à mudança linguísticas.

### 5.25 Os pontos

Reflexões sobre a aplicação de cada ponto no texto escrito foram desenvolvidas por João de Barros, o que só comprova mais uma vez o cunho normativo da obra.

- i. *coma,*

- ii. *cólo*;
- iii. *vergas*;
- iv. *cortaduras*;
- v. *zeburas*;
- vi. *parêntesis* ou *entreposição*;
- vii. *interrogativos*.

Esses sinais são latinos e, no século XVI, compunham o sistema pontuacional do português. A GDJB volta-se, então, à explicação desses pontos, alertando que aprendê-los é o primeiro passo para se escrever “doutamente”. Machado Filho (2004) em sua dissertação de mestrado estudou esses pontos medievais e comprovou que, diferentemente do que se pensava, a pontuação obedecia a uma lógica gramatical, atendendo a prosódia da língua. É uma importante constatação do autor que corrobora a influência significativa da língua falada sobre as práticas escritas de uma sociedade medieval e, posteriormente, moderna que, como se sabe, não seguia nenhum tipo de normatização gráfica

## 5.26 A(s) preposição(ões) ~ p̃posição(ões) ~ preposiçám

Quadro 34 – As preposições da língua portuguesa.

Fernão de Oliveira	João de Barros
<p>como esta <b>preposição</b>. de. quãdo serue a genetiuo: ou se serue em dous officios como esta parte .por. aqual as vezes e <b>preposição</b>: e as vezes auerbio e outrotãto estas/ãtes/d'spoiss/ate/e outras muitas que tẽ dous officios. .e. terçeyra pessoa do presente do indicatiuo no verbo sustãtiuo: e como .i. por .ide. imperatiuo deste verbo .ir. e como muitas conjũções e <b>preposiões</b> e auerbios. Nesta parte queremos amoestar que não cuide algũs quando dizẽ .ao. parao. aos. paraos. que tudo aquillo assi jũto e so artigo de datiuo. mas as premeiras</p>	<p>PREPOSIÇÁM é ùa páрте das nóve que tem a nósãa gramática a quál se põe antre as outras pártes per ajuntamento ou per composiçám. Quando é per ajuntamento, ordena-se per este módo: Eu vou à escola. Ésta lêtera à, pósta ante de escóla, se chama preposiçám, á quál rége o caso acusativo e neste está o nome escóla. E se dissér: Eu apróvo tua doutrina, é per composiçám, ca se compõe esta lêtera a com próvo e dizemos: apróvo. A preposiçám nam tem espéçia como o avérbio mas tem figura singela e dobráda. Singéla, como</p>

<p>partes daquelles: ajütamêt' .a . em .ao e para ã. parao. são <b>pposições</b> e o artigo que trazê despois d'si não e datiuo mas e pospositiuo. o qual se segue sempre despois d'<b>pposição</b> e não algũ outro caso.[</p>	<p>quando dizemos çerca e compósta, acreçentando-lbe ésta preposicám a, diz ácerca, que já tem máis eficácia. E, muitas vezes, quando âs ajuntamos per composicám ao vérbo mudam a sinificaçám dele; e âs que se ajuntam sam éstas: a, com, des, re, como: acordár — do qual mantemos o simples —, concordár, discordár, recordár; aprazer, comprazer, desaprazer e outros muitos a que se éstas preposições ajuntam. E também se compõem ãas com outras como: çerca — àçerca. E com avérbios: fora — de fora; dentro — de dentro. Estas preposições ãas régem genitivo, outras dativo, outras acusativo e outras ablativo. Âs do genitivo sam: de, do. Âs do dativo: à, ao, pera. Âs do acusativo: à, ante, diante, antre, contra, per, por. Âs do ablativo: com, em, no, na, sem.</p>
---	---

Fonte: (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 206, 224, 235) (BUESCU, 1971, p. 347-348).

Atenta à função dos elementos na língua, a GDFO observa que as preposições *de, por, antes, depois* e *até* também podem exercer a função de advérbio. Nesse sentido, reflete mais uma vez sobre a língua em uso à medida em que traz a dupla função das referidas *preposições*, observando, também, seu ajuntamento com artigos, como é o caso da contração *ao*.

De maneira semelhante, a GDJB defende que as preposições fazem parte dos processos de ajuntamento, formando crase, como no exemplo *vou à escola* e de composição, quando se acoplam a verbos, além de se voltarem à regência dos nomes e dos casos *genitivo, acusativo, dativo, ablativo*. É evidente o quanto João de Barros dedica-se ao estudo das preposições, já notando a herança de casos nela e a importância de se escrevê-las conforme seu regimento para que se tenha uma escrita digna de erudição, num momento em que essa se direcionava à codificação e, conseqüentemente, a sua standardização no século XVI.

## 5.27 A(s) pronunçiação(ões) ~ pronũçiação(ões) ~ pronunçiam

A GDFO denuncia que os latinos preferem chamá-las de *elementos*, mas interpreta-as Oliveira como “fundamentos das vozes e escritura”, evidenciando, pois, a importância de se pronunciar os sons da língua conforme o uso.

Quadro 35 – Pronunçiação das letras.

Fernão de Oliveira	João de Barros
<p>O proprio de cada letra entendemos a particular <b>pronunçiação</b> de cada hũa: e o comũ chamamos aquela parte da <b>pronũçiação</b> e força em que se hũa parece cõ a outra. As letras liquidas não tem outras figuras nomes nẽ <b>pronunçiações</b> diuersas do que soyão quando não erão liquidas: mas são as mesmas cõ menos força. As figuras destas letras chamão os Gregos caracteres: e os latinos notas: e nos lhe podemos chamar sinaes. Os quaes hão de ser tantos como as <b>pronũçiações</b> a que os latinos chamão elementos: e nos as podemos interpretar fundamẽtos das vozes e escritura.</p>	<p>Barbarismo é viçio que se cométe na escritura de cada ùa das pártes ou na <b>pronunçiam</b>. E em nenhũa páрте da térra se cométe máis ésta figura da <b>pronunçiam</b> que nestes reinos, por cáusa das muitas nações que trouxemos ao jugo de nõsso serviço.</p>

Fonte: (TORRES, ASSUNÇÃO, 2000, p. 171, 176, 183) (BUESCU, 1971, p. 357).

Ao afirmar que a pronunçiação se configura como o “fundamento das vozes e escritura”, Fernão de Oliveira sublinha toda a importância dada à descrição e à pronúncia dos sons em sua obra. Para esse autor, a pronunçiação das letras é diversa, pois muda de acordo com o costume, como é o caso do *verbo tanger* que já foi pronunciado diferente em períodos anteriores ao século XVI.

Nota Fernão de Oliveira que os gregos e os latinos tinham pronúncias semelhantes devido a sua longa convivência histórica. Do mesmo modo, o árabe se aproxima do hebraico no que concerne às pronunçiações, e o português, por sua vez, tende a pronunciar vocábulos como os do castelhano, também por causa dos longos anos de contato linguístico e cultural. Teyssier (1999) afirma que ambas as línguas conviveram mutuamente, sobretudo, no século XVII, quando Portugal e Espanha estreitaram ainda mais suas relações políticas, o que conferiu a corte lisboeta aprender o castelhano a ponto de utilizá-lo como língua segunda.

João de Barros, com seu tom de gramático preceitativo, condena pronúncias que sejam fruto do contato do português com outras línguas do globo, conferindo que essas pronúncias são imperfeitas e são reconhecidas como barbarismo por atingir diretamente a pronúncia tida como correta na língua.

### 5.28 O(s) pronome(s)

Os gramáticos quinhentistas mais uma vez lançam mão de estratégias diferenciadas, ou seja, à medida em que um descreve a língua, o outro procura normatizá-la, para explicar os pronomes, como se vê abaixo:

Quadro 36 – Representação dos pronomes.

Fernão de Oliveira	João de Barros
<p>nos também temos casos em tres <b>pronomes</b>: os quaes são. eu. me. mi. tu.te.ti. se.sí. Alghūs nomes não tem plural: como prol: retros. isto. isso. aquilo. quem alguem. ninguem</p>	<p>PRONOME é ãa páрте da óraçam que se põe em lugar do próprio nome, e por isso dissémos que era conjunta a ele per matrimónio e daqui tomou o nome. Exemplo: Eu escrevo ésta Gramática pera ti. Ésta páрте eu se chama pronome. a quál bástá pera se entender ô que disse, sem acreçentár o meu próprio nome Joám da Bárros, em cujo lugar sérve. Ésta, também é pronome da Gramática: ti esta em lugar de António, como se dissésse: Eu, Joám de Bárros, escrevo ésta Gramática para ti, António. E, tirando [a] cada nome destes o seu pronome. dizendo: Joám de Bárros escrevo Gramática pera António. fica ésta linguagem imperfeita. Assi que podemos dizer ser inventáda ésta e da óracám pera boa ordem e perfeito intendimento da linguagem. A quál tem estes seis açidentes: espéçia, género, número, figura. Pe[s]soa e declinaçám per cásos. temos pronomes primitivos e derivádos. Os primitivos ou primeiros sam estes seis: eu, tu, si, este, esse, ele. dirivádos sam çinco: meu, teu, seu, nósso,vósso. Chamam-se derivádos porque se derivám</p>

	<p>dos primeiros em o caso genitivo: onde diz de mi, se deriva meu: e de ti, teu; e de si, seu E no plurár, nósso, vosso. Eu, nós, vós, este, estes. sam demonstrativos porque cási demóstram a cousa. per semelhante exemplo: Este livro é do príncipe, nósso senhor. Ele, esse, com seus pluráles chamam[-se] relativos, por fazerem relaçám e lembrança da cousa dita, posto que o seu príncípál ófício seja demonstrativo. DUAS figuras tem o pronome: simples e composta. Figura simples é: eu, tu, este, esse. Compósta chamámos: eu mesmo, tu mesmo, aqieste, aquesse. etc. Èsta composiçám déstas duas pártes — eu mesmo — nam fáz máis que acreçentár uma eficácia e vehemência ao pronome, a que os Gregos chamam enfasim. porque maiór eficácia tem dizer: Eu mesmo escrevi ésta árte que: eu escrevi ésta árte. QUÁTRO géneros tem o pronome: este, que é masculino: Ésta feminino: isto, que é neutro; eu, tu, de si, comun[s] de dous. As pessoas sam três: eu, primeira, que fála de si mesmo; tu, a segunda, à qual fála a primeira; ele, a terceira, da quál a primeira fála. Como se dissesse: Eu trabálho pera aproveitár[em] os moços, e tu fólgas com isto e os pecos zombarám. Dous números tem o pronome: singulár e plurár. Singulár, como quando digo: Eu confésso a Cristo. E per plurár: E nós, que ô confêssamos, guardamos má l sua doutrina por nósas culpas. DA primeira declinacám dos pronomes se deriva ésta abáixo, a que os Latinos chamam possessiva. cá per ela se declinam os pronomes possessivos, os quáes sam ajetivos e fórmam-se dos seus genitivos. E a primeira declinacám é para os masculinos e neutros e a segunda pera os femininos. E a primeira terminaçám é para os masculinos e neutros e a</p>
--	---

	segunda pera os femininos.
--	----------------------------

Fonte: (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 230-232) (BUESCU, 1971, p. 319-322).

Observe-se que os espaços vazios do quadro acima representam, obviamente, a ausência da metalinguagem oliveiriana, que se debruça minimamente sobre os pronomes, enquanto a GJB traz como se ver acima um amplo estudo, classificando-os como *relativos*, *primitivos*, *derivados* e *demonstrativos*. Note-se que a classificação proposta difere-se bastante do português hodierno, uma vez que os pronomes pessoais são reconhecidos pela gramática como *primitivos* ou *primeiros*, os *possessivos* são os chamados *derivados*, e os *demonstrativos* são pronomes pessoais e possessivos atualmente.

Ressalta-se que a GDFO traz os vocábulos *isto*, *isso*, *aquilo*, *quem*, *alguém*, *ninguém* como nomes sem plurais, aproximando, pois, da metalinguagem apresentada pela GDJB que, também, os considera nomes, exceto o vocábulo *quem* – reconhecido pela obra como relativo.

Ambas as obras reconhecem que os pronomes conservam casos latinos, no entanto, a GDJB vai além ao flexioná-los conforme a primeira e a segunda declinação latina, o que contribui para o ensino da escrita, sobretudo, à regência dos nomes, no entanto, o paradigma de casos apresentados não se aplica mais desde à mudança do latim ao português, que passou a ser, como se sabe, uma língua mais analítica, marcando os casos a partir da função desempenhada pelos sintagmas na frase.

Não obstante, a GDJB procura aplicar o paradigma à língua a fim de valorizá-la diante do latim, distanciando, da GDFO, que se afasta da língua latina à medida em que renega seus modelos.

### 5.29 Os regimentos

Paralela à discussão da concordância, traz a GDJB os regimentos dos verbos transitivos com os casos *genitivo*, *dativo* e *acusativo*. Já a GDFO dedica-se muito pouco à escrita, denunciando apenas que não se devem escrever duas consoantes juntas em uma mesma sílaba, como se pode ver em vocábulos como *offício*, *peccado*. Todavia,

acredita ser elegante escrever a letra *s* ao lado de outra consoante, como nos vocábulos *sesta, sostra*.

A GDJB, ao contrário, dedica-se demasiadamente à escrita, apresentando um estudo profícuo sobre os regimentos na língua, como se observa abaixo:

- i. Quanto ao *regimento* dos nomes, a obra sinaliza que os adjetivos, também, podem *reger* substantivos e casos dativo e genitivo, os demais nomes (substantivo, pronome, advérbio) *regem* outros casos.
- ii. No que concerne ao *regimento* do advérbio, assim como os verbos e os nomes, também, regem casos. Ajuntam-se com as conjunções *e, se*, e com os verbos, alterando seus significados.
- iii. Quanto às preposições, regem casos genitivo *de, do*, já o acusativo, fica a cargo das preposições *sobre ante, à, contra, antre, per*, e o ablativo é regido por *com, no, sem*.
- iv. No tocante à interjeição, também, requerem casos, como *vocativo e genitivo* – neste caso estão as interjeições que expressam tristeza, como “ái de aqueles que tem pouca fazenda e guái dos que â ganham com máo título”.

Portanto, a GJB, ao discutir as regências da língua, volta-se ao ensino e, também, à prescrição de regras para a escrita, colaborando, significativamente, para a construção de uma norma valorizada socialmente. Distancia-se, nesse contexto, como já se mencionou da GDFO, que não discute os *regimentos*, contudo, se aproxima da metalinguagem atual à medida em que permanecem na língua os verbos, os nomes, as preposições e as interjeições regendo casos e complementos.

### 5.30 A(s) regra(s)

Fernão de Oliveira atento à fala verifica que há mais regras de analogia no português do que no próprio latim e no grego, e é no uso e somente nele que as regras são feitas e desfeitas. João de Barros embora reconheça que a sociedade usa a língua e constroi mais regras do que a gramática, desconsidera-a totalmente em sua descrição gramatical. Inobstante, ambos os autores acreditam que regra e lei são essencialmente termos sinônimos.

Considerando a metalinguagem presente, pode-se dizer que *regra*, segundo a ótica da gramática tradicional

constitui um preceito para falar ou escrever bem. Em linguística, uma regra é uma hipótese a respeito de um mecanismo da língua. Existe outro sentido para a palavra *regra*: o termo é, muitas vezes, sinônimo de *lei*. O positivismo do século XIX formulou como leis numerosas observações, em particular, no domínio da fonética. A lei pretende descrever o que passa na realidade; em linguística moderna, a regra é uma hipótese no seio de uma teoria linguística geral. Pode-se opor lei e regra como busca empírica das estruturas de uma língua (método indutivo da gramática tradicional) e tentativa de produção de um modelo linguístico pela estruturação dos fatos da língua (método hipotético-dedutivo da gramática gerativa) (DUBOIS, 1973, p. 515).

Note-se que a GDJB permite a inferência de que seguiria o mesmo conceito de regra adotado pela gramática tradicional, hoje. Paralelamente, a GDFO parece voltar-se mais para as leis da língua, ao tentar descrevê-la nas situações de uso. Um ponto de distanciamento entre as obras e o português hodierno é que não se usa mais lei como sinônimo para regra, como era comumente empregada no século XVI.

### 5.31 A(s) sílaba(s) ~ silba ~ sillaba(s) ~ syllabas ~ sylba(s) ~ syllaba(s)

Novamente, a variação gráfica se faz presente muito mais na edição da gramática de Fernão de Oliveira do que na de João de Barros. Ambos trazem as seguintes reflexões sobre a sílaba:

Quadro 37 – As sílabas do português.

Fernão de Oliveira	João de Barros
<p><b>SYllaba</b> dizê os grãmaticos e vocabulo grego e quer dizer ajũtamẽto de letras: mas nos deixada a interpretação do vocabulo seja cujo for podemos dizer que <b>syllaba</b> he hũa so voz formada cõ letra ou letras: a qual pode sinificar por si ou ser parte de dição: e assi as vogaes aĩda q sejam ã ditõgo pode fazer <b>syllaba</b> sê outra ajuda: e as cõsoãtes não se não mesturadas cõ as vogaes. mas acreçentando aquella <b>silaba</b> .buz. a qual quasi e sinal de aumento</p>	<p><b>Sílaba</b> é ùa das quatro pãrtes da nõssa Gramática que corresponde à Prosódia, que quér dizer acento e canto: a qual <b>sílaba</b> é ajuntamento de ùa vo/gal com ùa e duas e às vezes três consoantes que juntamente fazem ùa só vóz. Digo ùa consoante, quando se ajuntam desta maneira li, e com duas, vro, e com três vros. que juntamente fãzem este nome livros. E porque às vezes ùa só lêtera vógal sérve de <b>sílaba</b>, prõpriamente a ésta tál nam chamaremos <b>sílaba</b> mas àquela que</p>

<p>ougrandeza da cousa como esta <b>sillaba</b> ão. nestes nomes rapagão: molherão: e como .az. nestes .beberraz. velhacaz. diuidense poys as dições singelas ou apartadas como dou. das. dar. e como .es. segunda pessoa do verbo sustãtiuo: e em <b>silabas</b> se diudem: como/damos e somos/e andamos: e não se podê diuidir em dições como . fazer .porque. fa . por si não diz nada e .zer. tampouco. O numero das <b>sillabas</b> quintiliano o não quer determinar. POys ja começamos a falar das letras em que as nossas <b>syllabas</b> podem acabar vamos por diante coellas. porque em escreueste tem a diante na mesma <b>silba</b> hũa letra consoante .s. A Quantidade das <b>syllabas</b> da nossa lingua e muy façil de conhecer: porque as vogaes em si dão çerta voz destinta as grandes das pequenas/e as pequenas das grandes. E . s . como entras / reues / dormis / retros .us / não temos em cabo de dição: mas temolo em cabo de <b>syllba</b>. A primeyra partição que fazemos em qualquer lingua e sua grãmatica seja esta em estas tres partes. Letras <b>Syllabas</b> e Vozes.</p>	<p>for compósta de vogal e consoante. Os Latinos fázem às vezes ãa só <b>sílaba</b> com çinquo consoantes: como néstas dições scrobs, stirps. A nossa <b>sílaba</b> num pássa de três. Toda <b>sílaba</b> tem três acidentes: número de lêteras; espáço de tempo; acento álto ou báixo. Espáço de tempo, porque ãas sam curtas e outras longas, como nésta diçãm — Bárborã — [em] que a primeira é longa, e as duas sãm bréves. Porque tanto tempo se gásta na primeira como nas duas seguintes, à semelhança dos músicos, os quães tanto se detem no ponto désta primeira figura, bár, como nas duas derradeiras, bo-ra. E os Latinos e Gregos sentem milhór o tempo das <b>sílabas</b> por cáusa do vérso do que ô nós sintimos nas tróvas: porque cási máis espéra a nóssa orelha o consoante que a cantidáde, dádo que a tem. O terceiro açidente da sílaba, é canto álto ou báixo, porque como os músicos alevantam e abaixam / a vóz cantando, assi nós temos a mesma ordem, como nésta diçãm le-mos que na primeira sílaba alevantamos e na segunda abaixamos.</p>
---	---

Fonte: (TORRES; ASSUNÇÃO, p. 26, 171, 188, 189, 192, 193, 194, 195, 204) (BUESCU, 1971, p. 296-298).

Vê-se, no quadro acima, que a GDJB segue a tradição latina ao adotar sílaba longa e breve, em vez de aberta e fechada, como se esperava que fosse feito, tendo em vista o sistema vocálico do português. Inobstante, a obra apresenta caráter didático ao

relacionar a abertura e o fechamento das sílabas com o canto dos músicos. Além disso, a referida gramática já relaciona o estudo da sílaba com a prosódia.

Ambos os gramáticos discutem que o português não faz sílaba com duas consoantes juntas sem vogal, ao passo em que não há sílaba com letras da mesma natureza, nem mais de três sílabas na língua. Nesse ponto, Fernão de Oliveira vai além e já explica e distingue as sílabas oxítonas, paroxítonas e proparoxítons, estando em conformidade com a metalinguagem contemporânea.

### 5.32 Os solecismos

A GDJB defende que essas figuras atingem, diretamente, a “construicám e órden das pártes”, prejudicando, sobretudo, a língua escrita. Até hoje, os *solecismos* mantêm-se relacionados com a sintaxe da língua, alterando, por exemplo, as regras de concordância verbal e nominal, de regência, e a colocação dos pronomes átonos.

Nesse contexto, a GDJB identifica trinta e três *solecismos* no português que, também, são considerados figura de linguagem. Tendo em vista que a GDFO não discute os referidos solecismos, procuraram-se confrontá-los com a metalinguagem atual, baseando-se nos dicionários *Houaiss* (2009), Aulete Digital e em outras fontes. Julgou-se importante identificar os *solecismos* que ainda se encontram hoje dicionarizados e os cujo registro não se impõe hodiernamente nos dicionários de língua.. Apresentam-os, aqui, na mesma ordem em que se encontram na GDJB.

- i. O *prolépsis*, “quér dizer antecipaçám”, permanece na língua atual como uma figura de sintaxe.
- ii. O *zeuma*, “é o contrário désta de çima, quér dizer conjunçám”, também, se conserva como uma figura de sintaxe na língua.
- iii. O *hipozêusis*, “quér dizer ajuntamento debáixo”, não mais é identificado na língua corrente.
- iv. A *silépsis*, “quér dizer concebimento porque, debaixo de nomes [...] colhemos a um vérbo ua cláusula”. Atualmente, é um caso extremo de *zeugma* e se enquadra nas figuras sintáticas do português.

- v. A *antíptosis*, “quér dizer caso por caso”, se configura na língua como uma figura de sintaxe.
- vi. O *sinédoque* que, “quér dizer entendimento porque, pela parte, entendemos o todo”, se insere na língua como figura semântica, que atinge a *construção*.
- vii. O *cacófaton* que, “quér dizer má som e é vício que a orelha recebe má”, passou a representar uma *cacofonia* na língua – figura semântica.
- viii. O *pleonásmo*, “quér dizer sobegidám de palávras”, se conserva na língua como uma figura de sintaxe.
- ix. A *periossologia*, quér dizer “sobegidám de razões”, também, permanece na língua como uma figura de linguagem.
- x. A *macrologia*, “quér dizer longo rodeo de palávras e dições”, se refere à prolixidade do discurso, portanto, não é mais considerada uma figura de sintaxe.
- xi. A *tautologia*, quér dizer repetiçám de ua palávra muitas vezes”, se conserva na língua como uma figura de sintaxe.
- xii. O *eclipsis*, “quér dizer desfaleçimento”, se reconhece na língua hoje como *elipse* e como uma figura de sintaxe.
- xiii. O *cacosínteton*, “quér dizer má composiçám”, não foi encontrado em nenhuma das fontes consultadas, do português, entretanto, integra o quadro de figuras sintáticas do espanhol, segundo o endereço <<http://www.venelogia.com/archivos/7904/>>.
- xiv. A *anfíblogia*, “quér dizer dúvida de palávras”, pode ser reconhecida, também, como a figura *ambiguidade* e integra o quadro de figuras semânticas.
- xv. O *epizêuxis*, “quér dizer conjunçám, a qual cometemos quando se repete ua cousa duas e três vezes sem entreposiçám de parte”, se mantém como uma figura de sintaxe na língua.
- xvi. O *esquesionomaton*, “quér dizer confusám de nomes”, não mais se identifica no português contemporâneo como uma figura de linguagem.
- xvii. O *paromeon*, “quér dizer semelhante princípio”, não se encontra mais no português, todavia, foi identificado no espanhol como uma figura retórica, segundo o *Diccionario Nacional de la Lengua Española* (1849).

- xviii. O *polipteton*, “quer dizer multidám de cásos”, também, não se registra mais na língua portuguesa, sendo uma figura retórica do espanhol, segundo *Al Diccionari de Fabra* (2003).
- xix. Os *Hirmos*, “quer dizer estendimento, a qual figura se cométe quando levamos ua sentença suspensa com grande arrezamento de palavras”, não mais se identificam na língua.
- xx. O *polisinteton*, “quer dizer composiçám de muitos”, permanece como uma figura de sintaxe no português.
- xxi. O *dialeton*, “quer dizer di[s]soluçám ou desatamento, o qual se fáz quando muitas pártes e cláusulas se ajuntam sem conjunçám”, não mais é identificado na língua portuguesa.
- xxii. A *metáfora*, “quer dizer transformaçám”, se configura na língua como uma figura semântica e não mais sintática, distanciando-se da metalinguagem apresentada pela GJB, no século XVI.
- xxiii. A *metonímia*, “quer dizer transnomaçám, e cométe-se quando poemas o instrumento pola cousa que com ele se fáz”, passou a ser na língua corrente uma figura semântica.
- xxiv. A *antonomásia*, “quer dizer postura debaixo de nome”, é reconhecida atualmente como uma figura semântica do português.
- xxv. O *epiteton*, “quer dizer postura debaixo de nome”, reconhecido como *epíteto* na língua e como uma figura de linguagem.
- xxvi. A *onomatopeia*, quer dizer fíngimento de nome”, passou a representar uma figura semântica na língua.
- xxvii. O *parêntesis*, “quer dizer entreposiçám”, não mais se identifica na língua como uma figura de sintaxe, mas sim como um sinal de pontuação.
- xxviii. A *hipérbole*, “quer dizer transçendimento”, se enquadra no momento como uma figura semântica.
- xxix. A *alegoria*, “quer dizer sinificaçám alhea”, integra o quadro das figuras semânticas.
- xxx. A *ironia*, “quer dizer dissimulaçám”, também, se configura como uma figura semântica da língua.
- xxx. A *antífrasis*, “quer dizer fála contráira”, faz parte do rol de figuras semânticas.

- xxxii. O *enigma*, “quér dizer escura pergunta”, é reconhecido como um tipo de alegoria (figura semântica) do português.
- xxxiii. E, por fim, os “*carientismos* quér dizer graçiosidade”, se identificam na língua presente como figura de retórica.

Dentre as figuras cotejadas, vinte e cinco foram reconhecidas no português hodierno como figura sintática ou semântica. Enquanto oito figuras não se identificam mais na língua portuguesa, contudo, três delas, o *cacosínteton*, o *paromeon*, o *polipteton*, são reconhecidas no espanhol, segundo os dicionários consultados.

Mattos e Silva (2008) concorda que muitos

desse termos ainda são correntes na gramática, na linguística, na retórica. Contudo, as definições de João de Barros se nem sempre são claras, são sempre, a meu ver, não precisas, curiosas e permitem inferir a terminologia buscada e sistematizada por esse primeiro gramático “preceitivo”, tão perto e tão longe do seu contemporâneo Fernão de Oliveira, descritivista, intuitivo e explosivo. Que me permita o plágio o poeta Gregório de Mattos, no poema Cidade da Bahia, em que diz: “A cidade da Bahia! / ó quão dessemelhante / Estás e estou do nosso antigo estado” (2008, p. 163).

Nesse ponto, conclui-se que a força da gramática tradicional, representada inauguralmente por Barros, conservou fortemente grande parte da metalinguagem utilizada em sua obra. Talvez fosse importante que se realizassem mais estudos sobre as referidas figuras de linguagem para verificar com acuidade até que ponto se tocam e até que ponto se distanciam. Mais uma vez pôde se comprovar que a GDJB se volta às regras de escrita da língua ao elencar trinta e três *solecismos* que estavam alterando a sintaxe da língua.

### 5.33 O(s) verbo(s) ~ verbo(s)

Os autores voltaram-se ao estudo do verbo, todavia, a GDJB concentrou-se mais nessa classe gramatical do que a GDFO, como se corrobora abaixo tendo como base o quadro contrastivo.

Quadro 38 – Classificação dos verbos.

Fernão de Oliveira	João de Barros
não dizemos que cousa e <b>verbo</b> nê quantos generos de <b>verbos</b> temos: porque não e desta parte a	<b>VÉRBO</b> (segundo difinçám de todos gramáticos) é ùa voz ou palávra que demóstra obrár algũa

<p>tal accupação: mas so mostrarem como são diuersas as vozes desses <b>verbos</b> em generos: cõjugações. modos. tẽpos. numeros. e pessoas. e tambẽ como em cada genero. cõjugaçã. modo e tẽpo. numero e pessoa. desses <b>verbos</b> se proporcionão essas vozes e medẽ hũas por outras. não dando porẽ cõprida e particularmẽte as inteiras formações e as eiçeições de suas faltas se não so amoestando em breue o que ha nellas: para que depois a seu tẽpo quando as trataremos sejão melhor e cõ mais facilidade entendidas. Nos <b>verbos</b> o thema ou principio são o presente do indicatiuo: e o infinitiuo. auerbios e preposições ou quaesquer outras partes são muitas vezes mudadas antre os latinos e gregos. e poẽ. se hũas por outras o que se não faz na nossa lingua: ao menos tão ameude nẽ em todas estas cousas: porque posto que alghũora os <b>verbos infinitiuos</b> siruão por nomes como o ler faz bẽ aos homẽs. hũa mesma nação e gente de hũ tempo a outro muda as vozes e tambẽ as letras. Porque doutra maneira pronunçiauão os nossos antigos este <b>verbo</b> tanger: e doutra o pronunçiamos nos: e os latinos não podem dizer que amesma letra era .c. quando tinha sempre hũa so força com todas as vogaes: como diz Quintiliano. e tãbẽ tẽ os nossos <b>verbos gerũdios</b> como sendo: amãdo: fazendo. este verbo .amariam. como outras muitas partes tãbẽ fazẽ se possa apartar em outras partes que sinificão apartadas como em ama. nome de molher que cria ou <b>verbo imperatiuo</b> e tãbem indicatiuo: e mais em riamos preterito imperfeito de rir. o <b>verbo sustãtiuo</b> o qual hũs pronũçiã em .om. como som. e outros em ou. como. sou. e outros em .ão. como são. e tãbẽ outros que eu mais fauoreço em .o. pequeno como .so. no parecer da premeira pronũciação cõ .o. e .m. que diz som. he o mui nobre johã d'barros e a rezão que da por si e esta: que de som. mais perto vẽ a formaçã do seu plural o qual diz. somos. com tudo sendo eu moço</p>	<p>cousa, o qual nam se declina, como o nome e pronome, per cãsos, mas conjuga-se per módos e tempos. Os Latinos pãrtem os seus <b>vérbos</b> em sustantivos e ajetivos. Dos primeiros temos este só <b>vérb</b>o, sou, ao qual chamamos sustantivo porque demõstra o ser pessoál da cousa, como quando digo: eu sou criatura raçõnãl. <b>Vérbo ajetivo</b> podemos chamár todolos outros. Repãrtem máis os Latinos os seus <b>vérbos</b> em pessoães e impessoães: <b>vérb</b>o <b>pessoál</b> é aquele que tem números e pessoas. E todos eles trãzem consigo estes oito açidentes : género, espécia, figura, tempo, módo, pessoa, número. conjugaçãm. Estes <b>vérbos pessoães</b> ou pãssa a sua auçãm em outra cousa ou nam. Os que pãssam, chamam-lhe os Latinos transitivos, que quér dizer pa[,]ladores, como: Eu amo a çiência; a auçãm do qual vérbo, amo, pãssa na çiência. Éstes transitivos tem diuérso regimento, porque uns regem genitivo outros dativos, outros acusativo, outros dativo e acusativo. Ôs que régem genitivo sam estes e outros semelhantes: Maravavilho-me da grandeza de Deos, lembro-me dos seus benefiços; esquêçe-se dos meus pécados porque eu uso das virtudes e careço dos viços. Todo <b>vérb</b>o que sinifica comprazer, obedecer ou cujo áuto dá proveito ou dano a algũa cousa, quér depois de si dativo como: sirvo a Deos, obedeço a el-rei, aproveito a meus amigos, empéço a seus contrãiros. Os <b>vérbos</b> que régem acusativo própriamente sam os transitivos como: Amo a virtude, avorreço o viço, leo os livros, aprendo çiência, ouço gramática e ganho honra. Ôs que régem genitivo ou ablativo depois do acusativo sam todolos que sinificam encher ou vazár algũa cousa como: Eu enchi a cãsa de trigo e vazei a bolsa de dinheiro. E assi outros vérbos ao exemplo déstes: [h]ei piédade de ti, tenho vergonha da mentira e tristeza do pécado, etc. Outros, depois do acusativo quérem dativo como: Eu dou grãças a Deos, fáço bem</p>
---	--

<p>pequeno fui criado em são domingos Deuora onde fazião zōbaria de mÿ os da terra porque o eu assi pronūciaua segūdo que o aprendera na beira. e cō tudo não tãto que não tenham alghũas meudezas diferentes ou diferēcias mais meudas e particulares como o nome ser comũ ou proprio: ajetiuo e sustantiuo: e o <b>verbo pessoal</b> ou impessoal. os gregos cuja lingua e bem conçertada tem hũ bo caderno de <b>verbos irregulares</b>: e alghũs nomes. e os latinos tẽ outro tã grande de nomes cõ seus <b>verbos de cõpanhia</b>: e nos dos nossos faremos memorea a seu tẽpo: mas não nesta obra na qual não fazemos mais que apontar os principios da grammatica que temos na nossa lingua.</p>	<p>aos próves, emprésto dinheiro a meus amigos e nam dou logro aos onzeneiros, etc. Os <b>verbos pessoáes</b>, cuja auçam nam pássa em outra cousa, sam ôs que própriamente se pódem chamár neutros e que depois de si nam quérem caso senam mediante preposiçám como: Estou na igreja, vou à escola, vigio de dia, durmo de noite, acórdo a boas [h]óras, navégo no véram, fólgo no invérno por amor do estudo, etc. <b>DOS VERBOS AUTIVOS</b>: VÉRBO ativo é aquele que se póde converter ao módo / passivo e pelo quál denotamos fazer algũa óbra que pásse em outra cousa, a quál poemos em o caso acusativo per semelhante exemplo: Eu amo a verdáde. Ésta páрте, eu, que é pronome, denóta a minha pessoa, e o verbo, amo, que é ativo, denóta ésta óbra de amár a verdade, a quál está em o caso acusativo, segundo móstra este artigo, a, que é do número singular e do género feminino. porque nam temos vérbos da vóz passiva, soprimos este defeito per rodeo (como os Latinos fázem nos tempos [em] que lhes faleçé a vóz passiva), com este vérbo, sou, e um partiçípio do tempo passádo, dizendo: Eu sou amádo dos hómens e Deos é glorificádo de mi. <b>DOS VÉRBOS NEUTROS</b>: Verbo neutro, em nõssa linguágem, será aquele que se nam póde converter ao módo passivo, e cuja auçám nam pássa em outra cousa, assi como: estou, ando, venho, vou, fico, e outros que podemos conheçer per este exemplo: Os hómens que vam a Paris e estão no estudo pouco tempo, e folgám de levár bõa vida, nam ficam com muita doutrina.</p>
---	---

Fonte: (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 172, 198, 199, 216 232, 233, 234, 235) (BUESCU, 1971, p. 325, 326, 352-353).

Curiosamente, os gramáticos reconhecem que os verbos têm gêneros<sup>17</sup>, o que não se identifica mais na língua. Ambos discutiram o verbos substantivo que “demonstra o ser pessoal da cousa” e se declina segundo o paradigma *som, sou, são*, para as três primeiras pessoas do singular. Porém já anuncia a GDFO que existia na língua a variante *so*, mas era uma forma estigmatizada pelos gramáticos da época, como João de Barros.

Não obstante, Fernão de Oliveira considera-a uma variante legítima na língua, assumindo que faz seu uso, pois, aprendeu a falar como as pessoas da região da Beira. Denuncia o autor, ao mesmo tempo, a variação diatópica, e o preconceito linguístico que sofreu.

A GDJB traz ainda que os verbos impessoais como aqueles que não apresentam número nem pessoa, como *sou, venho, vou*. No que concerne aos gerúndios, a GDFO defende que os verbos terminados em *ndo*, como *sendo, amando, fazendo* estão na forma do *gerúndio*. Semelhantemente, a GDJB traz também os referidos verbos terminados em *ndo* e defende ser o *gerúndio* uma forma latina. Segundo a obra há ainda o *gerúndio do ablativo* no português que se realiza na voz ativa.

Quanto à conjugação verbal, a GDFO apresenta verbos irregulares, como *pôr*, cuja forma antiga é *poer* e continua sendo falada pelas pessoas mais velhas, ao lado da forma nova *pôr*. Mais uma vez, a GDFO demonstra estar atenta à variação e à mudança da língua. Assim como a GDFO, sinaliza a irregularidade do verbo *poer* e o conjuga conforme a segunda conjugação, mas vai além, apontando outros verbos irregulares como *dar* e *estar*. Diferentemente da GDFO, não observa a variação do verbo *poer* > *pôr*, opta, na verdade, pelo uso da forma mais antiga. Cabe ainda ressaltar que João de Barros adota o termo *discurso* para se referir à conjugação.

Os gramáticos também teceram reflexões sobre os tempos verbais, como se verifica abaixo.

Quadro 39 – Os tempos verbais.

<b>Fernão de Oliveira</b>	<b>João de Barros</b>
<i>presente do indicatiuo</i>	<i>presente</i>
<i>presente futuro</i>	

<sup>17</sup> Como já se discutiui, os gramáticos apontaram os gêneros ativo e neutro para os verbos, que são identificados a partir da voz verbal. O gênero ativo dos verbos é reconhecido pela voz ativa e o gênero neutro é aquele que não se converte na voz passiva, como no exemplo: “Os homens que vam a Paris e estão no estudo pouco tempo, e folgám de levár bõa vida, nam ficam com muita doutrina”(BARROS, [1540]; BUESCU, 1971, p. 326).

<i>preterito do indicatiuo</i>	
<i>presente do subjuntivo</i>	
<i>preterito</i>	<i>passádo acabádo</i>
<i>preterito imperfeito</i>	<i>passádo por acabar</i>
<i>futuro</i>	<i>vindouro ou futuro</i>
	<i>passádo máis que acabádo</i>
<b>Tempo composto</b>	<b>Tempo composto</b>
	<b>Tempo passádo máis que acábado – per rodeo</b> <i>tivéra amádo – tivéras amádo – tivéra amádo</i>
	<b>Tempo passado per rodeo</b>
	<i>ter amádo – ter lido – ter ouvido – ter sido</i>
	<b>Tempo vindouro per rodeo</b> <i>haver de amár – haver de ler – haver de ouvir – haver de ser</i>

O contraste entre a metalinguagem dos autores evidencia que ambos usaram terminologias distintas de classificação. A GDJB, como era de se esperar, apoia-se nos latinos, enquanto a GDFO traz sua própria divisão dos tempos.

No que concerne ao tempo composto, a GDJB, de modo destoante da GDFO, discute que o português precisa de dois verbos, um auxiliar – o verbo *ter*, e outro no particípio passado para formar o tempo passado. Já o futuro composto se forma com o verbo *haver* e com outro verbo no infinitivo. Aponta ainda a GDJB que o português usa o tempo composto para suprir todos os tempos do latim, adotando, nesse caso, o *circunlóquio*, que quer dizer *rodeo*, segundo os gregos.

No tocante à metalinguagem presente, conservaram-se os tempos trazidos pela GDJB, mudando algumas terminologias, como o *passádo acabádo* > pretérito perfeito, o *passádo por acabár* > pretérito imperfeito, o *passádo mais que acabádo* > mais-que-perfeito, e o *vindouro* > futuro. A GDFO aproxima-se, também, à medida em que permanecem no português os tempos *presente do indicatiuo*, *presente futuro*, *preterito do indicativo*, *presente do subjuntivo*, *preterito*, *preterito imperfeito* e *futuro*, trazidos pela obra.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou discutir o surgimento da metalinguagem tendo como base a história linguística do português. Como se viu ao longo das discussões, a metalinguagem nasce atrelada às reflexões do homem sobre a língua que, em português, surgem a partir do século XV, quando se publica o primeiro dicionário bilíngue e as primeiras *Cartinhas*. Esses foram os instrumentos iniciais voltados à reflexão do português, que serviriam de caminho para que as gramáticas de Fernão de Oliveira e de João de Barros fossem publicadas no século seguinte.

A análise da metalinguagem apresentada por cada obra revelou que os primeiros gramáticos têm, de fato, percepções muito diferentes de língua, como se previu, inicialmente na pesquisa. O confronto de trinta e três itens metalinguísticos só veio confirmar o perfil descritivo de Oliveira e o caráter normativo e pedagógico de João de Barros. Aquele, ao observar a língua pelo ponto da descrição, aprofunda-se no estudo do *açento*, do *ditongo*, das *dições*, das *pronúncias das letras*, da *formação do plural e do genero*. Este, tomando como base a normatização, concentra-se no estudo das classes gramaticais, como o *avérbio*, o *verbo*, o *ajetivo*, as *interjeições*, as *conjunções*, as *preposições e os pronomes*.

O profícuo estudo das dições realizado por Oliveira caracteriza sua metalinguagem ao passo em que a distancia completamente da de Barros, que sequer tangencia em sua obra processos de renovação lexical, como o neologismo, o estrangeirismo e até mesmo o arcaísmo, como faz elogiavelmente Fernão de Oliveira. Nos demais itens metalinguísticos confrontados, a metalinguagem dos autores apresenta graus de oscilações, ora se aproxima, ora se distancia. Claro que o grau de distanciamento é sempre muito maior do que o de aproximamento entre as obras.

No tocante à relação de aproximação, aponta-se o gênero dos verbos ensinados pelas gramáticas, assim como o ensino da declinação dos artigos e dos nomes verbais – aumentativo e diminutivo. Mas quando se trata do plano escrito, a metalinguagem dos autores distancia-se bastante, chegando a se opor, pois, à medida em que João de Barros traz as figuras de linguagem, como os barbarismos, os solecismos, as cinco regras para a ortografia, as regras de concordância e o regimentos dos nomes e dos verbos, Fernão de Oliveira simplesmente se anula nessas questões, corroborando sua natureza sociolinguística de observar a língua falada.

Portanto, as primeiras gramáticas trouxeram orientações muito distantes de língua, que expuseram o conhecimento linguístico de dois importantes gramáticos,

inseridos na elite cultural do século XVI. Inobstante, os dados contrastivos confirmaram que esses homens tinham visões de mundo bem diferentes e, por isso, debruçaram-se sobre a língua a partir de pontos tão dessemelhantes.

Não obstante, suas reflexões foram e ainda são muito relevantes à elaboração do conhecimento do português, sobretudo, o hodierno, que tem buscado cada vez mais na história as devidas respostas para apreender sua multifacetada realidade linguística. Os dados contrastivos confirmaram que existe muita recursividade entre o português quinhentista e o contemporâneo – dos trinta e três itens observados, todos apresentaram recorrência na língua portuguesa atual.

Conforme o vocabulário contrastivo, há muito o que se desvendar na história da língua portuguesa. Por isso, outros estudos precisam ser realizados para que se apreenda com mais afinco as variedades da língua, especialmente, as que se inserem nas chamadas normas desprestigiadas, que precisam ser reconhecidas socialmente para que exista, pelo menos em língua, a igualdade.

O presente vocabulário teve o suporte da Lexicografia Histórica e Variacional, portanto, observou-se a língua a partir do esteio do léxico, o que permitiu verificar as inovações e mudanças que se fizeram presentes no português quinhentista e se mantiveram até os dias atuais. Sem dúvida, o estudo lexical associado à Filologia e à Linguística Histórica permitiu a apreensão da cultura e da língua no recorte sincrônico do século XVI, colaborando, significativamente, para a elaboração de reflexões sobre o português hodierno.

Por fim, os dados apresentados pelo vocabulário contrastivo servem de ponto de partida para que sejam mais explorados os aspectos fônicos, morfológicos, sintáticos, lexicológicos e ortográficos da língua quinhentista. Fica aqui registrada uma singela homenagem aos primeiros gramáticos, Fernão de Oliveira e João de Barros, por mostrarem os “dois lados”, por assim dizer, da mesma língua, que são ao mesmo tempo tão destoantes e complementares.

## REFERÊNCIAS

- AUROUX, Silvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. São Paulo: UNICAMP, 2014. p. 21-22, 35-36, 38-39, 65.
- BARROS, João de. *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja*. Lisboa: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1539.
- \_\_\_\_\_. *Diálogos da Viçiosa Vergonha*. Lisboa: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1540.
- \_\_\_\_\_. *Grammatica da lingua portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1540.
- BORGES NETO, José. A teoria da linguagem de Fernão. In: ABAURRE, Maria Bernadete et al. *Fernão de Oliveira: Um gramático na história*. Campinas: Pontes Editores, 2009. p. 44-45.
- BUESCU, Maria Carvalhão. *Gramática da língua portuguesa*, de João de Barros Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, 1971, p. 1, 3-5, 292, 311, 317.
- \_\_\_\_\_. João de Barros e o cosmopolitismo do Renascimento. *Oceanos*. Lisboa, n. 27, jul/set, 1996. p. 14, 57-58.
- \_\_\_\_\_. *Historiografia da língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1984.
- CALDAS AULETE. Disponível em: <[www.aulete.com.br/](http://www.aulete.com.br/)>. Acesso: 10. jan. 2017.
- CALVET, Louis-Jean. *Tradição oral e tradição escrita*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 19.
- CARTINHA PERA ENSINAR A LEER. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1500.
- CASTRO, Ivo. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999. p. 77.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de linguística e fonética*. Tradução e adaptação: Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 171.
- DUARTE, Sónia. Fernão de Oliveira: Gramática da Linguagem Portuguesa, Fac-simile. Porto: *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, v. 8, p. 249-253, 2013.
- DUBOIS, Claude-Gilbert. *O imaginário da Renascença*. Brasília: UNB, 1995.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 412-515.
- FINATTO, Maria José Bocorny. Orientações para a terminografia: das teorias às práticas em busca de amplitude da informação terminológica. In: ISQUERDO, Aparecida Negri et al. *As ciências do léxico*. Campo Grande: UFMS, 2014. p. 83.
- FRAGO, António Viñao. Por una historia de la cultura escrita: observaciones y reflexiones, Signo. *Revista de Historia de la cultura escrita*, 3, Universidad de Alcalá de Henares, 1996, p. 51.
- FRANCO, Jose Eduardo; SILVESTRE, João Paulo. *Gramática da Linguagem Portuguesa*. Fac-simile, introdução e edição atualizada e anotada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2012.
- GÂNDAVO, Pêro Magalhães de [1574]. *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa*. Com o diálogo que adiante se segue em defesa da mesma língua. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981. p. 61.
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1985. p. 46.
- JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de Linguística*. Queluz de Baixo – Portugal, Presença, 1985. p. 205.
- KRIEGER, Maria da Graça. Estudos em terminologia para a tradução técnica. In: COSTA, Daniela de Souza Silva et al. *Novos caminhos do Léxico*. Campo Grande: UFMS, 2016. p. 87-88, 89.

- LE GOFF; Jacques, SCHMITT, Jean Claude (Org.). Dicionário temático do ocidente medieval. São Paulo: Imprensa Oficial; EDUSC, 2002.
- LEÃO, Duarte Numes de. *Orthographia da Lingoa Portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1576.
- \_\_\_\_\_. *Origem da língua portuguesa*. Lisboa: Faculdade de Letras, 1669.
- LEWANDOWSKI, Theodor. *Diccionario de Lingüística*. Madrid: Cátedra. 1995. p. 225.
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário gramatical da língua portuguesa*. Porto Alegre: Globo, 1967. p. 149.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *A pontuação em manuscritos medievais portugueses*. Salvador: EDUFBA, 2004. p.79.
- \_\_\_\_\_. Lexicografia histórica e questões de método. In: LOBO, Tânia et al. *ROSAE: Linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 382.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário etimológico do português arcaico*. Salvador: EDUFBA, 2013.
- \_\_\_\_\_. Do conceito de variante nos estudos do léxico de perspectiva histórico-variacional. *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, n. 2, p. 261-275, v. 16, jul./dez. 2014.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes; GÓIS, Iuri Alves. O conhecimento da etimologia aplicado ao ensino-aprendizagem da ortografia na escola. In: *I Congresso Internacional do Estudo do Léxico e suas interfaces: Araraquara, Unesp, 2014*.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes; MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *O Português Quinhentista: Estudos Linguísticos*. Salvador: EDUFBA, 2002. p. 12.
- MAIA, Clarinda. A consciência da dimensão imperial da Língua na produção linguístico-gramatical. In: *Gramática, história, teorias, aplicações*. Porto: Universidade do Porto, 2011. p. 30, 32.
- MAIA, Clarinda. A selecção do dialecto da antiga província da Estremadura como modelo de língua exemplar na tradição gramatical portuguesa: fundamentos históricos da sua “excelência idiomática”. In: *XXV Congrès International de Linguistique et de Philologie Romane*. Berlin, New York (De Greyton), v. 3, 2010. p. 485.
- MAIA, Clarinda. Linguística Histórica e Filologia. In: Lobo Tânia et al. *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- MARTINS, Ana Maria. Ainda os mais antigos textos escritos em português. Documentos de 1175 a 1252. In: FARIA, Isabel (Org.) Lindley Cintra. *Homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão*. Lisboa: Edições Cosmos e FLUL, 1999.
- MARUYAMA, Toru. *Keywor-in context inde of the Grammatica da Lingoagem Portuguesa 1536. By Fernão de Oliveira*. Nagoya: Nanzan University, 2001.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 163.
- \_\_\_\_\_. *O Português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. Para uma caracterização do período arcaico do português. *D.E.L.T.A*, 10 (nº especial) 247-276, 1994.
- MOUNIN, Georges. *Dictionnaire de la linguistique*. Paris: Universitaires de France, 1974. p. 212-213.
- NEBRIJA, António de. *Gramatica castellana*. Madrid: Biblioteca Nacional de Madrid, 1492.
- NICOLAU, Eunice. A influência do contexto histórico-social na reflexão de Fernão de Oliveira: Língua e sociedade na Grammatica da lingoagem portuguesa. In: ABAURRE,

- Maria Bernadete et al. *Fernão de Oliveira: Um gramático na história*. Campinas: Pontes Editores, 2009. p. 146.
- OLIVEIRA, Fernão de Oliveira. *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1536.
- PAIVA, M. H. *Os gramáticos portugueses quinhentistas e a fixação do padrão linguístico: contribuição da Informática para o estudo das relações entre funcionamento, variação e mudança*. Porto. Tese de doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002.
- PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.
- RODRIGUES, Violeta Virgínia. *Articulação de orações: pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- RODRIGUES, Violeta Virgínia. *Gramaticalização, combinação de cláusulas, conectores*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- SILVA, Jane Keli Almeida da. *A Gramática de Fernão de Oliveira: anotações críticas sobre a edição de uma obra do final da Idade Média portuguesa, 2015 (No prelo dos anais do V – SIMELP/Lecce/Itália)*.
- SILVA, Jane Keli Almeida da; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Vocabulário gramatical quinhentista: para uma análise contrastiva da metalinguagem em Fernão de Oliveira e João de Barros*. 2017. 2v. 204f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras da universidade Federal da Bahia, Salvador.
- TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Tradução Celso Ferreira da Cunha. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2007.
- TORRES, Amadeu; ASSUNÇÃO, Carlos. *Gramática da Linguagem portuguesa (1536) Fernão de Oliveira: Edição Crítica, Semidiplomática e Anastática*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000. p. 166, 168-169, 177, 178-179, 213, 217, 221-222.
- TRASK, Robert Lawrence. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 191.
- VERDELHO, Telmo; SILVESTRE, João (Org.). *Dicionarística portuguesa: inventariação e estudo do património Lexicográfico*. Coimbra: Universidade de Aveiro, 2007. p. 13, 14, 196.
- VIARO, Mário Eduardo et al. *Manual do NEHILP*. Disponível em: <<http://www.usp.br/nehilp/infos/manual.pdf>> . Acesso em: 20. fev. 2016.
- VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
- WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução*. 2. ed, Brasília: Thesaurus, 2004.
- XAVIER, Maria Francisca; MATEUS, Maria Helena Mira. *Dicionário de Termos Linguísticos* v. 2. São Paulo. Cosmos, 1992, p. 243, 356.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

**JANE KELI ALMEIDA DA SILVA**

**VOCABULÁRIO GRAMATICAL QUINHENTISTA: PARA UMA ANÁLISE  
CONTRASTIVA DA METALINGUAGEM EM FERNÃO DE OLIVEIRA E  
JOÃO DE BARROS**

**V. 2**

Salvador  
2017

**JANE KELI ALMEIDA DA SILVA**

**VOCABULÁRIO GRAMATICAL QUINHENTISTA:  
PARA UMA ANÁLISE CONTRASTIVA DA METALINGUAGEM EM  
FERNÃO DE OLIVEIRA E JOÃO DE BARROS**

**V. 2**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguística Histórica.

Orientador: Prof. Dr. Américo Venâncio Lopes Machado Filho.

Salvador  
2017

## SUMÁRIO

### V. 1

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	15
<b>2 A LÍNGUA PORTUGUESA EM DIREÇÃO AO SÉCULO XVI: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA</b>	21
2.1 METALINGUAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA ANTES DAS PRIMEIRAS GRAMÁTICAS	26
2.2 O PORTUGUÊS NO CENÁRIO DE GRAMATIZAÇÃO DAS LÍNGUAS VERNÁCULAS EUROPEIAS	30
2.2.1 A normatização da língua	33
2.2.2 Metalinguagem depois das gramáticas	37
<b>3 A METALINGUAGEM SOB O PRISMA DA LINGUÍSTICA</b>	40
3.1 CONSULTA AOS DICIONÁRIOS	40
3.1.1 Definição de Metalinguagem adotada	48
<b>4 METODOLOGIA</b>	49
4.1 DISCUSSÃO AMPLIADA SOBRE OS <i>CORPORA</i>	49
4.1.1 As edições da <i>Grammatica</i> de Fernão de Oliveira	49
4.1.2 Edições utilizadas: critérios e seus problemas	50
4.1.3 A edição da <i>Gramática</i> de João de Barros	69
4.1.4 Preparação dos originais	71
4.1.5 Tratamento dado ao léxico	74
4.1.6 Elaboração dos verbetes	79
<b>5 ANÁLISE CONTRASTIVA DA METALINGUAGEM</b>	82
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	135
<b>REFERÊNCIAS</b>	137

### V. 2

<b>7 VOCABULÁRIO GRAMATICAL</b>	144
---------------------------------	-----

	143
7.1 LISTA DE ABREVIATURAS	144
7.2 AUTORES CONSULTADOS	145
7.3 <b>Chave de consulta</b>	147
<b>VERBETES METALINGUÍSTICOS</b>	148-
	198

## 7 VOCABULÁRIO GRAMATICAL QUINHENTISTA

O vocabulário, como se sabe, é um produto lexicográfico que busca assegurar o registro integral das unidades lexicais de um *corpus* ou de um tema em um *corpus*. Nesse sentido, apresenta-se, nesta seção, o *Vocabulário Contrastivo da Metalinguagem* apresentada pelos gramáticos, Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1540). Compõe-se, o referido produto lexicográfico, de quinhentos e sessenta lemas ou entradas que circunscrevem a metalinguagem dos autores.

Tendo em vista que a feitura de um vocabulário, pressupõe os textos pré e pós-dicionarísticos, ou seja, o *front matter* e o *back matter*, apresentam-se abaixo a lista de abreviaturas, os autores consultados e, por fim, as referências que compuseram este trabalho lexicográfico.

### 7.1 LISTA DE ABREVIATURAS

Quadro 16 – Abreviaturas utilizadas no vocabulário.

<b>adj.</b>	Adjetivo	<b>IPI*</b>	Indicativo Pretérito Imperfeito
<b>adv.</b>	Advérbio	<b>lat.</b>	Latim
<b>ár.</b>	Árabe	<b>m.</b>	Masculino
<b>art.</b>	Artigo	<b>med.</b>	Medieval
<b>C*</b>	Condicional	<b>num.</b>	Numeral
<b>conj</b>	Conjunção	<b>G.</b>	Gerúndio
<b>CP*</b>	Conjuntivo Presente	<b>orig. contr.</b>	Origem controversa
<b>def.</b>	Definido	<b>p.</b>	Plural
<b>f.</b>	Feminino	<b>PP**</b>	Particípio Passado
<b>fr.</b>	Francês	<b>prep.</b>	Preposição
<b>pro.</b>	Provavelmente	<b>prov.</b>	Provençal
<b>gdfo</b>	Grammatica de Fernão de Oliveir a	<b>pron.</b>	Pronome

	Grammatica de João de Barros	<b>s.</b>	Singular
<b>greg</b>	Grego	<b>sf.</b>	Substantivo feminino
<b>IF*</b>	Indicativo Futuro	<b>sm.</b>	Substantivo masculino
<b>INF</b>	Infinitivo	<b>v.</b>	Verbo
<b>IP*</b>	Indicativo Presente	<b>vulg.</b>	Vulgar
<b>IP+</b>	Indicativo Pretérito mais-que-perfeito		

\* A abreviatura será seguida de um número que indica a pessoa do discurso referente à abonação.

\*\* Essa abreviatura será seguida de duas letras minúsculas que indicam masculino (m) ou feminino (f) e singular (s) ou plural (p).

## 7.2 AUTORES CONSULTADOS

Quadro 17 – Relação de autores revisitados para a pesquisa etimológica.

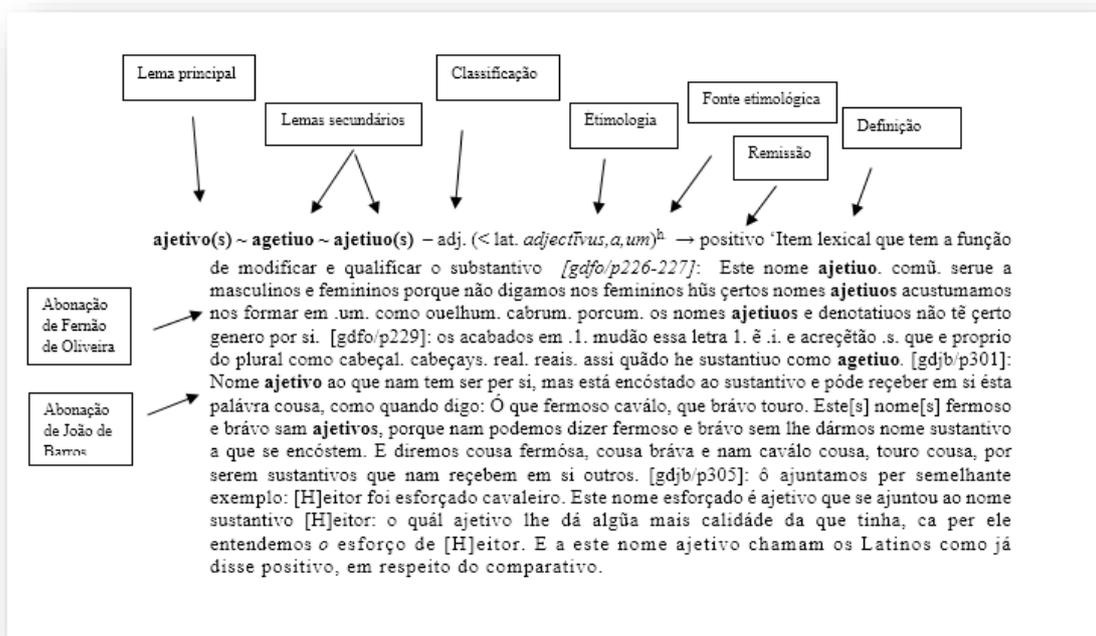
<b>h.</b>	HOUAISS, Antônio; VILAR, Mauro de Salles	<i>Dicionário Houaiss da língua portuguesa.</i> 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
<b>m.</b>	MACHADO, José Pedro	<i>Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muito vocábulos estudados.</i> 6 ed. Lisboa: Livros Horizonte, 5v, 2003,
<b>c.</b>	CUNHA, Antônio Geraldo da.	<i>Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa.</i> Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
<b>mf.</b>	MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes	<i>Dicionário etimológico do português arcaico.</i> Salvador: Edufba, 2013.

<b>mf.</b>	MACHADO FILHO. Américo Venâncio Lopes	<i>Pequeno vocabulário do português arcaico.</i> Brasília: Editora Universidade de Brasília; [Salvador]: Edufba. 2014.
<b>a.</b>	NASCENTE, Antenor.	<i>Dicionário Etimológico da língua portuguesa.</i> Rio de Janeiro: Livraria S. José, 1955.
<b>cr.</b>	COROMINAS, Joan; PASCUAL, José.	<i>Dicionário Crítico Etimológico Castellano e Hispánico.</i> Madrid: Gredos, 6v. 1997.

### 7.3 Chave de consulta

Considerando que a microestrutura ou designer dos verbetes precisa estar organizada com todos os itens – toda informação dada no verbete desde o lema principal até as abonações –, e os indicadores – como a informação se apresenta, se em redondo, negrito, ou em símbolo, como os parênteses, os colchetes, a seta de remissão etc –, para que assim o verbete seja estruturado de maneira linear, elaborou-se a chave de consulta abaixo:

Figura 12 – Chave de consulta.



Fonte: SILVA, Jane Keli Almeida, 2017, p. 6.



**.a.b.c.** – sm. (a + b + c)<sup>h</sup> ‘conjunto de signos utilizados para a expressão escrita de uma língua a fim de representar principalmente fonemas, e, por vezes, sequência de fonemas’. [gdfo/p181]: seja logo este o nosso **.a. b. c.** . a. a. b. c. ç. d. e. é. f. g. h. i. j. l. m. n. o. õ. p. q. r. rr. s. ss. t. v. u. x. z. y. ch. lh. nh. Neste nosso **.a. b. c.** ha hi trîta e tres letras todas nossas e neçessarias para nossa lingua: das quaes oito são vogaes. e chamãose. a. a. e. é. i. o. õ. u. e vinta quatro consoantes e chamão se .b. c. çe. de. ef. gue. je. el. em. en. pe. qu. er. err. es. ess. te. ve. xi. ze. ye. [gdjb/p372]: Quando vem a çinco, poemas ésta lêtera b que é segunda na ordem do nosso **ABC**. [gdjb/1540/p370]: COMO vimos no princípio, sérve-se a nóssa linguág[em] déstas lêteras em a sua ortografia, áabcçdéefghijlmnóopqRrstV uxz –ch, lh, nh, que sam em figura trinta e três e em póder vinte e seis.

**ablativo** → caso(s).

**.a. breue** → vogal(-es).

**.a. [breve]** → vogal(-es).

**abreuiações** – sf. (< lat. tardio *abbreviatio, onis*)<sup>ca</sup> ‘ação ou resultado da representação de uma série de unidades ou de uma só unidade por parte delas’. [gdfo/p175]: e também esta letra til serue em lugar doutras alghûas letras/em muytas **abreuiações**. O que mostra não ter ella virtude muy propria: mastodauia he necessaria.

**abreuiaturas** → abreviatura.

**[abreuiações]** → abreuiações.

**abreviatura** ~ **abreuiaturas** ~ **breviatura** – sf. (< lat. tardio *abbreviatura*)<sup>h</sup> ‘resultado do processo de abreviação’. [gdfo/p181]: **Abreuiaturas** temos muitas: e escusadas: as mays dellas co esta letra til. ao sinal daspiração chamamos aha: e ao sinal das **abreuiaturas** chamamos til. [gdjb/p386]: Té qui tratamos particulármente de cada ùa das nóssas lêteras; fica agóra vermos do til, a que podemos chamár soprimento ou **abreviatura** de quátro lêteras, m, n (pela maneira que já vimos, quando tratamos de ambos) e **abreviatura** de ue, a este módo: q,

que tanto sinifica como este que. [gdjb/p371]: ésta lêtera x é **breviatura** destas cs e z de sd.

**açento(s) ~ açcento ~ aççêto ~ açêto(s)** – sm. (< lat. *accēntus, us*)<sup>h</sup> ‘é um processo que permite valorizar uma unidade linguística superior ao fonema (sílabas, morfema, palavra, sintagma, frase), para distingui-la das outras unidades linguísticas de mesmo nível’. [gdfo/p195]: **ACêto** quer dizer principal voz. ou tom da dição o qual acaba de dar sua forma e melodia as dições de qualquer lingua/digo as dições somête porque a linguajem ainda no ajuntamento das dições e no estilo e modo de proceder tem suas particularidades ou propriedades. [gdfo/p196]: e e verdade na nossa ligua que não ha dous **açêtos** se não onde ha duas dições e não compostas ou juntas em hûa. [gdfo/186]: Ainda que eu diria que quando escreuemos .i. na penultima sempre ponhamos o **açcento** nessa penultima seguindose logo a ultima sem antreposição de consoante/como/ arauia/e se a tal penultima assi d/vogaes puras não teuer o **açêto** não na escreueremos cõ .i. se não cõ .e. como glorea/e memorea. [gdfo/p199]: nos verbos o thema ou princípio são o presente do indicatiuo: e o infinitiuo: mas não sempre as outras partes do verbo seguem as formas destas primeiras posições: nem nos **açentos** nem na ortografia. [gdfo/p196]: Os lugares deste **açento** de que falamos são antre nos a vltima syllaba ou penultima: ou antepenultima. [gdfo/p197-199]: NA vltima syllaba estara o **açento** das nossas dições quãdo ellas acabão em .r. como pomar. alcaçer. auer. doutor. e artur. tirãdo alcaçer por castelo o qual tem a penultima grande ainda que alghûs o pronüição alcaçere . cõ . e . no cabo e então fica o **açento** na antepenultima. Também tem o **açento** na vltima as partes acabadas em .z. como rapaz. perdiz: arroz. arcabuz. e quãdo acabão em .l. como bancal. pichel. couil çerol. azul. e outro tâto as acabadas em .s. como tomas. nome proprio dhomê. inues. retros. tirando marcos. lucas. e domingos. nomes proprios. e tirãdo os verbos os quaes nas partes de suas cõjugações como têpos e pessoas não guardão esta regra mas vão por outro caminho. As dições acabadas em til. tem o **açento** na vltima como escriuão. çidadão. çidadã. aldeão. aldeã. tirãdo rabão. orfão orgão. couão. tauão mosca.

ouregão. pintão. e farão nome de lugar. e zimbão cousa de frades verdade e que estes todos têm a primeira ou penúltima grãde mas frangão tem vogal pequena nessa primeira silba nem por isso deixa de entrar nesta eigeçam por que não tem tam pouco o **açento** na vltima. Tambem as dições acabadas nesta terminação: em. não tem muitas vezes o **açento** na vltima como linhagem. menajem. mas vintem porê tâbê. ninguem alguem. arreuem. almazem. desdem e outras tem o **açento** na vltima como diz a regra e alghũas pessoas dos verbos como dissemos tambê se não comprehendê nesta regra: como amão / amauão e amarão/preterito. As dições que tem vogal grande no cabo tem o **açento** nessa vogal grande como aluara. eyxω. chamine guadameçi. peru. calecu. çegu. ja dissemos que .i. e .u. se contão por vogaes grandes. As dições acabadas em ditõgo tem o **açento** na vltima syllaba ainda que com esse ditongo tenham .s. ou til: como amei. amareis . amarão . futuro. Na penúltima syllaba tem seu **açento** as dições que não tendo a vltima grande ou cõ alghũa dascõdições ja ditas tem essa penúltima grande como estudaste. estudauas. os verbos tambê em alghũas partes tem o **açento** na penúltima posto que a vltima tenha as cõdições que dissemos que auia de ter pera ter o açento em si: e as partes dos verbos que a isso não tem respeito são como estas . amas. andas .ames andes: e tambê apanhas. apanhes. acolhas. recolhas. E porem não tem o **açento** na penúltima: as partes que tendo a ante penúltima longa tem as outras duas seguintes pequenas: como amauamos. faziamos ainda que isto falta nas segũdas pessoas do plural: assi no presente futuro e preterito do indicatiuo como tâbê no presente do sojũtiuo assi como dizemos estudamos. riremos. e digamos onde o **açento** esta na penúltima não embargando que essa penúltima seja pequena e antepenúltima grande: a qual se forma cõ u. ou .j. vogaes grãdes. As dições que não têm nenhũa destas tres sylbas de que falamos grãde vltima nê penúltima nê antepenúltima pela mayor parte têm o **açêto** na penúltima como cãdea. zãboa. êtoa. atoa. [gdfo/p199]: As dições que têm ou todas tres estas syllabas grandes: ou a vltima com alghũa qualquer das outras escolhe antre as outras o nosso costume para lugar do **acçêto** e som principal da dição ou parte a vltima como

lugar/rosalgar. E com tudo da penúltima e antepenúltima antes escolhe a penúltima tam grãde amigo e de chegar o açento ao cabo da dição: e poêno antes na penúltima. como linguajem. giesta trouxerão. Na penúltima syllaba tem o **acçêto** as dições que têm essa antepenúltima grãde tẽdoas outras seguintes vltima e penúltima pequenas: como amauamos. andauamos. ardego. etego. aspero. colera. e isto não sempre: mas pella mayor parte/ porque as segundas pessoas dos verbos, no plural dos tempos que disse seguem outra cousa. [gdjb/p296]: Silaba é ùa das quatro pãrtes da nõssa Gramática que corresponde à Prosódia, que quêr dizer **açento** e canto. O terceiro açidente da sílaba, é canto álto ou báixo, porque como os músicos alevantam e abaixam / a vóz cantando, assi nós temos a mesma ordem, como nesta diçam lemos que na primeira sílaba alevantamos e na segunda abaixamos. [gdjb/p341]: Suprimos tambêm o tempo vindoiro deste módo, quando dizemos: amará, lerá, ouvirá, será, com o **açento** no á final, à diferença de amará, lera, ouvira que sam do tempo passádo nam acabádo do módo pera desejár, [em] que sómente o açento fáz a variaçám dos tempos e módos.

**acçento** → acento(s).

**acçêto** → acento(s).

**acento** → acento(s).

**accusatiuo** → caso(s).

**acusativo** → caso(s).

**[adjetivo]** → ajetivo(s).

**[adverbial]** → avèrbiães.

**advérbio ~ avérbios ~ averbios ~ auerbio(s)** – sm. (< lat. *adverbium*)<sup>h</sup> → avèrbiães ‘palavra colocada antes do adjetivo ou do advérbio por ele modificado’. [gdfo/p208]: e porque aqui e tempo como d’caminho quero dizer deste **auerbio** ate o qual antre nos responde ao que os latinos dizê vsq̃ este **auerbio** digo/alghũs o pronunçiação cõforme ao costume da nossa lingua que he amiga dabrila boca. [gdfo/p180]: hauer outro tâto: mas hũ e alghũ hi e ahi **averbios** de lugar: honrra. hõrrado. [gdfo/p222]: na declinação natural onde falamos das dições tiradas: podemos tâbem meter os **averbios** os quaes quando são tirados polla mayor parte ou semp̃ acabão em mente. como cõpridamente. abastadamente. chammente. e porem ha hi muitos q̃ não são tirados como. antes. depois. asinha. logo. çedo. tarde. os

**auerbios** acabados em .mente. sinificão calidade. e não todos os q̄ sinificão qualidad' acabão em .mente. porq̄ ja agora não diremos prestesmente, como disserão os velhos nẽ raramẽte os quaes velhos tambẽ forão amigos de pronũciar hũs certos nomes verbaes em .mento. como cõprimẽto. afeiçoamẽto. e outros q̄ ja agora não vsamos. [gdjb/p294]: Assi que podemos daqui entender ser a nõssa linguágem compõsta dẽstas nõve pãrtes: Artigo — que é próprio dos Gregos e Hebreus. Nome, Pronome, Vêrbo, **Advêrbio**, Particípio, Conjuncã, Preposicã, interjeçã. [gdjb/p345]: **AVÉRBIO** é ãa das nõve pãrtes da òraçã que sempre anda conjunta e coseita com o vêrbo e daqui tomou o nome, porque *ad* quẽr dizer çerca e, composto com *verbum*, fica *adverbium* que quẽr dizer àçerca do vêrbo. Assi que tem o **avêrbio** este poder: acreçenta, deminui e totalmente destrui a òbra do vêrbo a que se ajunta, e ele é ô que dá aos vêrbos cantidãde ou calidãde açidental, como o ajetivo ao sustantivo. E a cada um dos **avêrbios** aconteçe[m] estes açidentes: espẽcia, figura, sinificaçã. [gdjb/345-347]: AS espẽcias do **avêrbio** sam duas: primitiva, como: muito e pouco; dirivãda como: de bom se deriva bem e de máu, mal. Figuras tem duas: simples, como ontem: compõsta: antontem que quẽr dizer ante de ontem. [gdjb/p346-347]: COMO os **avêrbios** sam muitos, assi tem divêrsas sinificações, as quães nam podemos compreender todas pera ãs reduzir a rêgras gêraes. Sõmente porei algũas, conformando-me com a òrdem dos Latinos. De lugar: aqui, aí, ali, cá, lá, acolã, algures. De tempo: antontem, ontem, [h]oje, agóra, depois, cedo, tárde, nunca. De cantidãde: muito, pouco, maiór, menór. De calidãde: bem, má. De afirmãr: çerto, si. De negãr: nam, nem. De duvidãr: quiça, perversura. De demonstrar: eis, ei-lo, ei-la. De chamãr: ou, oulá. De desejar: oxe, oxalã. De ordenãr: item, depois. De preguntãr: como, porque. De ajuntãr: juntamente, em sóma. De apartãr: àpãrte. afóra. De jurãr: çerto. em verdãde. De despertãr: eia, sus, asinha. De comparãr: assi, assi como, bem como. De acabãr: em conclusã, finalmente. Per outra maneira soprimos gram diversidãde de **avêrbios**, ajuntando a um nome ajetivo feminino êsta palãvra mente e dizemos:

boamente, mãmente. escas[s]amente, grandemente. etc., que quẽr dizêr má, escã[s]a, grande vontãde. [gdjb/p380]: O segundo u sêrve na composicã das dicões e antigamente servia per si de avêrbio locãl, como quando se dizia: U vãs? u mórias? Do quãl já nam usamos.

**[aférese]** → barbarismo.

**aféresis** → barbarismo

**agetiuo** → ajetivo(s).

**a grãde** → vogal(-es).

**a grande** → vogal(-es).

**ajetivo(s)**<sup>1</sup> ~ **agetiuo** ~ **ajetiuo** – sm. (< lat. *adjectivus, a, um*)<sup>h</sup>. → nome(s) ‘morfema definido ao mesmo tempo por certos tipos de circunstãcias, e por seu caráter não necessário à constituição do sintagma’. ‘o adjetivo no sintagma nominal é uma expansão, ou que é introduzido por uma *epitetização*. [gdfo/p218]: e cõ tudo não tâto que não tenham alghũas meudezas diferentes ou diferẽcias mais meudas e particulares como o nome ser comũ ou proprio: **ajetiuo** e sustantiuo. [gdfo/p229]: os acabados em .l. mudão essa letra l. ã .i. e acreçẽtão .s. que e proprio do plural como cabeçal. cabeçays. real. reais. assi quãdo he sustantiuo como **ajetiuo**. [gdjb/p301]: Este[s] nome[s] fermoso e brãvo sam **ajetivos**, porque nam podemos dizer fermoso e brãvo sem lhe dãrmos nome sustantivo a que se encõstem. [gdjb/p305]: ô ajuntamos per semelhante exemplo: [H]eitor foi esforçado cavaleiro. Este nome esforçado é **ajetivo** que se ajuntou ao nome sustantivo [H]eitor: o quãl **ajetivo** lhe dá algũa mais calidãde da que tinha, ca per ele entendemos o esforço de [H]eitor. E a este nome ajetivo chamam os Latinos como já disse positivo, em respeito do comparativo.

**ajetivo**<sup>2</sup> → verbo(s).

**ajetiuo** → ajetivo(s).

**ajuntamento** ~ **ajuntamẽto(s)** ~ **ajũtamẽto** – sm. (< lat. *junctus*)<sup>c</sup>. → composicão(-ões) ‘junção de uma unidade lexical com outra, formando um só vocábulo e um só sentido’. ‘composicão’. ‘fusão de unidades’. [gdfo/p208]: Hũa çerta maneira de dições mayormẽte verbos temos nos que pareçẽ juntos como apanhar: arranhar. açoutar. abertura: abastança. açerto: mas na verdade isto em muitas partes não he **ajuntamento** se não costume bẽ ameadado antre nos: posto que as vezes tambẽ he **ajuntamento**: como acorrer.apareçer. aconselhar. porque as partes dos

primeiros não se achão apartadas e as destes derradeiros si: como correr. parecer. conselhar. [gdfo/p209]: como esta parte .re. no **ajuntamêto** tem virtude de acreçêtar: e estoutra .des. tem virtude de desfazer:ou diminuir. [gdfo/p207]: alghũas partes ou vozes temos na nossa lingua as quaes são partes porsi/mas não sinificão cousa alghũa e por tâto não lhe chamaremos partes da oração ou da lingua como são o nome e verbo e outras: mas todauia fazê **ajũtamêto** ou composição e são estas as partes .re. es. e des. [gdfo/p48]: As partes destes **ajuntamêtos** ou todas guardão a forma que tinhão dantes ou não todas a guardã ou nenhũa dellas. todas como empedir: desempedir.[gdjb/p347]: **PREPOSIÇÂM** é ùa pártte das nóve que tem a nóssa gramática a quá l se põe antre as outras párttes per **ajuntamento** ou per composiçám. Quando é per **ajuntamento**, ordena-se per este módo: Eu vou à escola. Ésta lêtera à, pósta ante de escóla, se chama preposiçám, á quá l rége o caso acusativo e neste está o nome escóla. E se dissér: Eu apróvo tua doutrina, é per composiçám, ca se compõe esta lêtera a com próvo e dizemos: apróvo.

**ajuntamêto(s)** → ajuntamento.

**ajũtamêto** → ajuntamento.

**alegoria** → solecismo.

**analogia ~ anomalia** – sf. (< lat. *analogia,ae*)<sup>h</sup>. ‘designa o caráter de regularidade atribuído à língua’. [gdfo/p200]: **analogia** quer quer dizer proporção: ou semelhança cõ a qual se mistura també a diferêçia que tê antre si as vozes. [gdfo/p217]: como o nome em estados: e o verbo em modos e tempos numeros e pessoas: dos quaes numeros e pessoas o nome isso mesmo não e liure delles: e esta diferença ou semelhança a que os gregos chamão **anomalia/** e **analogia** ensinaremos nos na nossa lingua quanto nos d’s ministrar e couber nesta pequena obra: porque mostremos que os nossos homens tâbê sabê falar e tê cõçerto em sua lingua.

**anfibologia** → solecismo.

**anfibológica(s)** → solecismo.

**anomalia** → analogia.

**anotação(-ões)** – sf. (< lat. *annotātiō, ōnis*)<sup>c</sup> – ‘gramática’ → arte(s) → gramática(s) [gdfo/p164]: quero que minhas obras se pubriquem so o título de seu nome: e dellas seja a primeyra esta como prologo das outras **anotações** em alghũas cousas do falar: Portugues: e nestas cousas se

acabara esta primeira **anotação** em dizer não tudo mas apontar alghũas partes neçessarias da ortografia: acento: ethimologia: e analogia da nossa linguagem.

**anteçedente ~ anteçedête** – sm. (< lat. *antecēdēns, entis*)<sup>c</sup> ‘chama-se antecedente ao substantivo ou pronome que precede um relativo e ao qual este último se refere’. [gdfo/p234]: posto que também nas outras partes da gramática temos menos eiçições que os latinos e gregos: cujas linguas mui gabadas: muitas vezes faltã na cõueniêçia dos nomes ajetiuo/e sustantiuo/relativo/e **anteçedête**. [gdjb/p301-302]: **PÓDE** ser também calidãde em o nome aquilo per que o relativo se apárta do **anteçedente**. E chamamos relativo aquêla pártte que faz lembrança de algum nome que fica atrás; e este tál se chama **anteçedente**. eu li o livro que me tu mandáste, o quá l entendi mui bem. Aqui, neste exemplo, vemos estes dous relativos, que e o quá l, ambos fazerem mençám do livro, que é **anteçedente sustantivo**.

**anteçedête** → antecedente.

**anteçedente sustantivo** → antecedente

**[antífrase]** → solecismo

**antífrasis** → solecismo.

**antíptosis** → solecismo.

**[antítese]** → barbarismo.

**antítesis** → barbarismo.

**antonomásia** → solecismo.

**antreposição(-ões)** → entreposiçám.

**.a. peqño** → vogal(-es).

**a pequeno** → vogal(-es).

**apócopa** → barbarismo.

**[apócope]** → barbarismo.

**arte(s) ~ árte** – sf. (< lat. *ars,artis*)<sup>h</sup>. ‘gramática’ → anotação(-ões) → cartinha → gramática(s) [gdfo/p220]: e assi e vidade a arte nos pode ensinar a falar melhor ainda que não d'nouo: ensina aos que não sabião e aos que sabião ajuda. [gdfo/p236]: Ser eu curto em meu escreuer: e não ser muy ornado com bos exemplos: e a falta dalghũas cousas que deuera escreuer e não fiz: e a dissonancia dalghũs termos nouos nesta **arte** que pus: vsando de vozes proprias da nossa lingua tudo ante quem não folga de dizer mal teria escusa com olhar a nouidade da obra. [gdfo/p204]: no capitulo preçedente tornemos a falar das dições alheas as quaes també com alghũ trato vem ter a nos: como de guine e da Índia onde tratamos e cõ **arte** não somête quando a **arte** vê nouamête a terra como veio a da impressão: mas també nas **artes**

ja vsadas quando de nouo vsão alghũ costume. [gdjbp316]: Joám de Bárros foi o primeiro que pôs a nossa linguágem em **árte**. [gdjb/1540/p377]: Ésta **árte** é emprimida em Lisboa.

**artigo(s)** – sm. (< lat. *articūlus,-i*)<sup>c</sup>: ‘é uma subcategoria de determinantes que são constituintes obrigatórios do sintagma nominal’. [gdfo/p222]: os **artigos** na nossa lingua diuersificação ou varião a forma de sua voz em generos: numeros e casos. em generos como .o. e .a. e ã numeros. como .os. e .as e em casos como o. do. ò. o. a. da. a. a: os dos. òs. os. as. das. as. as. [gdfo/p224]: Aqui quero lêbrar como em Portugal temos hũa cousa alhea e com grande disonância onde menos se deuia fazer: a qual e esta. que a este nome rey damoslhe **artigo castelhano** chamando lhe elrey. [gdfo/p191]: AS consoantes que se mudão hũa em outra são til. em .n. e .r. ã .l. quãdo despois dessestil ou .r. esta alghũ **artigo** como .o. ou .a. ou .os. ou .as. assi como polo .no. por .em .o. e por .o. e fezerãno por fezerão .o. e assi tambẽ no plural fezerãnos por fezerão os. E isto se faz de neçessidade em que nos o custume ja pos e para se conhecer se em fezerãnos aquele nos e **artigo cõposto** ou plural deste nome eu. [gdjb/p313]: DOS **ARTIGOS: ARTIGO** é ùa das pártes da óraçám, a quál, como já dissêmos, nam tem os Latinos. E vem este nome, artigo, de articulus, diçám latina deriváda de arthon, grega, que quer dizer juntura de nervos, a que nós prõpriamente chamamos artelho. E, bem como da liança e ligadura dos nervos se sostém o corpo, assi do ajuntamento do artigo aos cásos do nome se compõe a óraçám, per semelhante exemplo: Dos hómens é obrár virtude e das áves avoar. Però, tirando aos hómens este artigo dos e às áves, das, diremos: hómens é obrár virtude e áves avoar: que nam póde ser máis confusa linguágem. Per onde claramente vemos que, pera o intendimento ficár satisfeito, é neçessário artigo masculino ao nome masculino e artigo feminino ao feminino, porque nam diremos: Das hómens é obrár virtude e dos aves avoar.

**artigo castelhano** → artigo(s).

**artigo cõposto** → artigo(s).

**artigo feminino** → artigo(s).

**artigo masculino** → artigo(s).

**aspiraçám** → aspiraçãõ.

**aspiraçãõ ~ aspiraçám** – sm. (< lat. *aspīrātio, ōnis*)<sup>c</sup>: ‘é um ruído devido à abertura da

glote durante a oclusão bucal e que acompanha a pronúncia das oclusivas surdas em certas línguas’. [gdfo/p185]: e **aspiraçãõ** hũ grande espirito/ grande digo eu em cõparaçãõ do acostumado nas letras e vozes: e esse grande espirito arrancado do estamago. [gdfo/p181]: ao sinal daspiraçãõ chamamos aha: [gdjb/p382]: Ésta figura *h* os latinos nam lhe chamam lêtera mas **aspiraçám**, por sérvir em totalas sílabas aspirádas.

**atrativas** → parte(s).

**auerbio(s)** → advérbio.

**augmentativos ~ aumentatiuos ~ aumētatiuos**

– sm. (< lat. *augmentum*)<sup>c</sup>: ‘é um prefixo ou sufixo que têm o sentido de em um grau muito alto, a um ponto elevado’. [gdfo/p222]: e regra geral que os nomes verbaes femeninos acabem todos em .ão. como liçãõ. oraçãõ. e os masculinos acabem em or. como regedor. gouernador. e os demenutiuos em inho. ou inha. como moçinho moçinha. e os **aumentatiuos** em az ou ãõ. [gdfo/p219]: os participios: e os nomes demenutiuos e **aumētatiuos** e alghũs outros ainda que não em tudo: não se tirã mas formãse guardãdo çertas regras. [gdjb/328]: E destes verbos dirivãdos temos quatro diferenças: **aumentativos**, diminutivos, de nominãtivos, avèrbiaes. **Aumentativos** sam aqueles que sinificam aumento e continuo acreçentamento daquilo que os seus primitivos sinificam como: de branquejár. embranqueçer: de negrejar, ennegrecer: de verdejár, enverdeçer: de doer. adoeçer: e de tremer, estremeçer.

**aumentatiuos** → aumentativo(s).

**aumētatiuos** → aumentativos.

**autivos** → genero(s).

**avèrbiães** – sm. (< lat. *tardio adverbiale*)<sup>m</sup>: → advérbio ‘indica a função de um advérbio ou locuçãõ adverbial e de um substantivo’. [gdjb/p329]: os **avèrbiães** sam aqueles que se compõem de avérbios, como de remáte, arremátar, de ávante, avantéjar.

**avérbio** → advérbio.

**averbios** → advérbio.

**avérbio local** → advérbio.

**.a. vogal.** → vogal(-es).

# B

**barbarismo** – sm. (< lat. *barbarismus*)<sup>6</sup> → figura(s)<sup>2</sup> → solecismo ‘dá-se o nome de barbarismo à forma de uma palavra que não é gerada pelas regras da língua e, em particular, pelas regras morfológicas, numa determinada época’. [gdjb/1540/p357-360]: **Barbarismo** é viço que se cométe na escritura de cada ùa das pártés ou na pronunçiaçám. Ao primeiro viço chamamos **barbarismo** e ao segundo solecismo. Ao presente, vejamos as espécias do nóssó **barbarismo**, os vocábulos das quáes, ainda que sejam gregos, tomaremos co/mo tomáram os Latinos, levando a sua órдем. **Próstesis** que é a primeira espécia, quér dizer acreçentamento; cométe-se este viço quando se acreçenta algũa lêtera ou sílaba ao prinçípio de qualquér diçám, como quando dizemos até qui por té qui, acreçentando a lêtera a. **Aféresis** quér dizer cortamento do prinçípio d’algũa diçám, cortamos e tiramos algũa lêtera ou sílaba (que é o contráiro dô de cima) como désta diçám, determinár, tiramos de e dizemos terminár que é o simples. **Epêntesis** quér dizer interposiçám porque, quando â cometemos, se enterpõe lêtera ou sílaba na diçám, como a ésta palavra todolos, que, em lugar de s que lhe tiramos, lhe põe / que arrebáta a sílaba final os. E dizemos todolos com um só l e nam com dous, como fázem ôs que nam sentem que ésta páрте todolos é compósta déstas duas: todos os. **Síncopa** quér dizer cortamento cá se córta, do meo da diçám, lêtera ou sílaba que é o contráiro dâ de cima, como quando dizemos consirár por considerár, viço por víçio, letra por lêtera. **Paragóge** quér dizer acreçentamento; cométe-se este viço quando em fim d’algũa palavra se acreçenta lêtera ou sílaba, como se fáz nos rimanças antigos que, por fazerem consoante, diziam: ôs que me quérem guardáre por guardár. **Apócopa** quér dizer cortamento do fim, que é o contráiro de estotra que acreçenta, como quando dizemos fidálgo por filho

de álgo, a mó de falar por a módo de falár. **Diéresis** quér dizer apartamento, cá per éla apartamos ùa sílaba em duas pártés, como quando dizemos poemas por pomos. **Sinéresis** quér dizer ajuntamento que é contralto destotra, pois per éla ajuntamos duas lêteras vogáes em ùa como: s’[h]ouvér d’ouhár as cousas desse hómem por: se [h]ouvér de ouhár às causas de esse hómem. **Sinaléfa** quér dizer apartamento que cási é como â de çima, o quáil víçio cometemos quando algũa diçám acába em lêtera vogál e se começa em outra vogál, porque entám lançamos ùa das vogáes fóra neste módo: tempo é d’andár daqui por: de andar daqui. **Ectlísis** quér dizer escoamento e fáz-se quando algũa diçám acába em lêtera consoante e começa outra que, pronunçiando ambas, fázem fealdáde e, pela evitar, lançamos ùa fóra, per semelhante exemplo: sol luzente, sutil ladrám. **Antítesis** quér dizer postura de lêtera ùa por outra, como quando dizemos dixé por disse. A quáil figura é áçerca de nós mui usáda, prinçipalmente nesta lêtera x que tomámos da pronunçiam mourisca, ainda que alguns digam que devemos dizer dixé porque no pretérito latino este verbo dico faz dixi. **Metátesis** é a derradeira espécia dás que, áçerca de nós, se cométem em lêtera ou sílaba; quér dizer, transposiçám, porque per éla trastrocamos as lêteras, como néstas dições: tarstorcár por trastrocár; apretár por apertár. É como ôs que falam vasconço, que trócam ùas lêteras por outras.

**breviatura** → abreviatura

# C

**cacófato** → solecismo.

**cacófaton** → solecismo.

**cacosínteton** → solecismo.

**caracteres** → sinaes<sup>1</sup>.

**caráter** → letra(s).

**carientismos** → solecismo.

**cartinha** – sf. (< esp. *cartilla*)<sup>h</sup>. ‘livro impresso que traz o ensino do *abc* e das orações religiosas’. ‘manual religioso que se volta ao ensino das orações e também ao

ensino das primeiras letras'. → anotação(-ões) → gramática(s) [gdjb/1540/p292]: EM a **cartinha** passáda démos árte pera os mininos fáclmente aprenderem a ler, com toda a diversidade de silabas que a natureza de nóssa linguagem padéçe. E assi lhe[s] apresentámos os preçeitos da lei e os mandamentos da Santa Mádre Igreja, com o tratádo da Missa. em as quáis cousas convém serem eles doutrinádos porque, como diz Sam Bernárdo, nom é cousa menos piadósa ensinár o ânimo com sapiência que dár mantimento ao corpo. Fica agóra dármos os preçeitos da nóssa Gramática, de cujo titolo intitúlámos a **cartinha** como fundamento e primeiros elementos da Gramática.

**caso(s)** ~ **cáso(s)** – sm. (< lat. *cāsus*)<sup>c</sup>: 'é uma categoria gramatical associada ao sintagma nominal, cuja função na frase ele traduz'. [gdfo/p231]: Diz marco varrão que nenhũa outra lingua tem declinação de **casos** se não a grega e latina. cõ tudo nos tambẽ temos **casos** em tres pronomes: os quaes são. eu. me. mi. tu. te. tí se. si. no premeiro destes o d'rradeiro **caso** que e mi. alghũs o acabão co esta letra. til. assi mĩ: porque estes nomes teuerão **casos**. **þpositiuo** [gdfo/p223]: A diferẽça que tẽ os casos dos artigos e que no premeiro caso a que os latinos chamão **nominatiuo** e nos lhe podemos chamar **þpositiuo**: neste primeiro caso os artigos masculinos acabão ã .o. pequeno no singular. E os femeninos e .a pequeno. [gdfo/p62]: e no segũdo caso aque os latinos chamão **genitiuo** e nos assi lhe podemos chamar ou **possessiuo** tambe nesse acabão em vogaes pequenas os artigos o masculino ã .o e o femenino, ã .a. [gdfo/p223]: mas no terceiro caso a que nos e os latinos chamamos **datiuo**. acabão os masculinos ã .o. grãde e os femeninos em .a. grande. [gdfo/p223]: no derradeiro a que os latinos chamão **accusatiuo**: e nos **pospositiuo**: acabão em .o. pequeno: os masculinos. e os femeninos em .a. pequeno. e no plural todos estes acabão nesta letra .s. acreçẽtada sobre o seu singular como dissemos. [gdjb/1540/p311-312]: **CÁSOS** sam os termos per onde os nomes, pronomes e partiçipios pôdem andár. os quães termos, dádo que nam mudem a sustância do nome, govérnam a órdem da óraçam, mediante o vérbo. Chamam os Latinos ao primeiro **cáso**, Nominativo, por ser o primeiro que nomea a cousa e

nele está a cousa que é ou a pe[s]ssoa que fáz, per semelhante exemplo: A cobiça é raiz de todolos máles. Ésta cobiça, em ser raiz, fica em o **cáso** Nominativo. Quem fáz: A liberalidade fáz os príncipes amádos. E, por ésta liberalidade ser autor désta óbra, está em o **cáso** Nominativo pela segunda pártre da régra. Ao segundo **cáso** chamam Genitivo e dizem alguns Latinos que lhe convém este nome por gérár os outros **casos**. E outros lhe chamam **cáso** possessivo e interrogativo por nele está o senhor da cousa, como se preguntássem: De quem é ésta árte de Gramática? Póde-se responder: Do príncipe, nósso senhor. Em o terceiro **cáso**, a que chamam Dativo, poemos a pessoa em cujo proveito ou dano é dáda ou feita a cousa, per este exemplo: Em aprender fázes a ti bõa óbra e ao méstre dás contentamento. Em o quártro **cáso**, a que chamam Acusativo, se põe a cou[sa] feita ou amáda. Exemplo: Os hómens bons amam a virtude. Ésta virtude, em que óbram os hómens, fica em Acusativo. Em o quinto **cáso**, per nome Vocativo, está a pessoa que chamamos, a quá se rége déstas interjeições: ó, ou, oulá. á vós e nutras que se verám em seu lugár. E por este módo dizemos: Ó piadoso Deos, lembra-te de mi. Do sexto **cáso**, a que chamam Ablativo, se usa tirando ou apartando a cousa d[e] algum lugár per este exemplo: Eu tiro muita doutrina dos livros. E se dissér: Eu tiro muita doutrina dos livros com meu trabálho, fica este nome trabálho — em outro **cáso**, seitimo, a que os Latinos chamam Efectivo. Este **cáso** se rége désta preposiçám com, e nele está o instrumento com que obramos algũa cousa, per o exemplo de çima. [gdjb/p312-313]: E se dissér: Eu tiro muita doutrina dos livros com meu trabálho, fica este nome trabálho.

**circunlóquio** → rodeo.

**cláusula(s)** – sf. (< latim *clausŭla*)<sup>c</sup>: 'oração'. [gdjb/p388]: As palávras que jázem antre dous cólos se chamam **cláusula**, ao nósso módo, e, segundo os Gregos, período, a que os Latinos chamam termo. [gdjb/p361]: colhemos a um vérbo ã **cláusula** como ésta: Tu e Antõnio e os bons hómens, com as molhéres devótas, folgáies de ouvir as vidas dos santos. [gdjb/p365] Polisinteton quér dizer composiçám de muitos. Cométe-se ésta figura quando muitas

palávras e **cláusulas** se ajuntam per conjunçám a este módo: Çesar e Pompéo e Hanibál foram os príncipáes capitães do mundo, e, deles, o primeiro morreo às punhaládas e o segundo degoládo e o terceiro com poçonha.

**cõjũção** → conjunçám(-ções).

**cõjugaçã** → conjugação(-ções).

**cõjugaçã(-ões)** → conjugação(-ões).

**cólo** → pontos.

**coma** → pontos.

**comparativo(s)** → gráo

**comparativo nome** – sm. (< lat. *compāratīvus + nomen, ĩnis*)<sup>c</sup>: → gráo ‘é o grau de comparação do adjetivo ou do advérbio que exprime a qualidade ou a modalidade de um grau igual, superior, ou inferior’. [gdjb/p305-306]: **comparativo nome** é aquele que significa tanto como o seu positivo com este avérbio máis. E per o positivo entendemos o outro nome donde ele náçe.

**composiçã** → composição.

**composiçám** → composição.

**composiçã(-ões)**<sup>1</sup> ~ **composiçám** ~ **composiçã** – sf. (< lat. *compositiōn -onis*)<sup>c</sup>: → ajũtamẽto ‘designa a formação de uma unidade semântica a partir de elementos léxicos suscetíveis de ter por si mesmos uma autonomia na língua’. [gdfo/p207]: Alghũas partes ou vozes temos na nossa língua as quaes são partes porsi/mas não sinificação cousa alghũa e por tâto não lhe chamaremos partes da oraçã ou da língua como são o nome e verbo e outras: mas todauia fazẽ ajũtamẽto ou **composiçã** porque de seu nascimento ellas são apartadas: mas tẽ por offiçio seruir sempre em ajũtamẽto e nũca as achamos fora delle: e são estas as partes .re. es. e des. As quaes se ajuntã assi. reuender. estornar. desconçertar. E porẽ em que não sinifiquem apartadas por si fazem sinificar as dições com que se ajũtã mais ou menos ou ã contrairo. [gdfo/p223]: premeiro caso a que os latinos chamão nominatiuo e nos lhe podemos chamar ppositiuo pola rezão que daremos quando falaremos da natureza dos casos e da **composiçã** da língua. [gdfo/p224]: venho do paço. e polo quando sinifica por .o. como por o amor de d's. e no por ã .o. e co. por cõ .o. e anto por ãte o meu d's. e não somẽte estas e outras **composições** se fazem com os artigos. [gdjb/p347]: **PREPOSIÇÁM** é ã parte das nóve que tem a nõssa gramática a qual se põe antre as outras

pártes per ajuntamento ou per **composiçám**. Quando é per ajuntamento, ordena-se per este módo: Eu vou à escola. Ésta lêtera à, pósta ante de escóla, se chama preposiçám, á qual rége o caso acusativo e neste está o nome escóla. E se dissér: Eu apróvo tua doutrina, é per **composiçám**, ca se compõe esta lêtera a com próvo e dizemos: apróvo. Em ésta maneira de compoer ã parte com outra tem os Gregos gram facilidade. e é a eles tam comum e fáçil que às vezes compõem ã diçám de quátro sinificádos com que fázem a sua língua mui elegante. Os Latinos também fázem suas **composições**, mas nam passa de três pártes. Nós fazemos a nossa **composiçám** de duas, e, compondo um nome com outro, dizemos: rede-fole, de rede e fóle; arquibanco, de árca e banco. compondo vérbo e nome dizemos: torçicólo, de torçer e cólo. Compoendo ã verbo com outro dizemos: morde-fuge, de morder e fugir. Compoendo vérbo com avérbio dizemos: puxavante de puxár e àvante. Compoendo nome com preposiçám dizemos: tráspé, de trás e pé. E per ésta maneira fazemos nõssas **composições**.

**composto(s) ~ compóstos ~ cõposto(s)** – sm. (< lat. *compositus*)<sup>c</sup>: ‘é uma palavra que contém dois ou mais morfemas léxicos e que corresponde a uma unidade significativa’. [gdfo/209]: e nenhũa dellas fica inteira: como nellures que parece ser **composto** de nenhũ e mais lugar: e algures outro tâto. [gdfo/p192]: e alghũ tanto pareçem **compostos** ainda que não de todos afirmarey ser composição se não que estas syllabas se mudão ou cortão para melhor melodia. [gdfo/p191]: E isto se faz de neçessidade em que nos o costume ja pos e para se conhecer se em fezerãnos aquele nos e artigo **cõposto**. ou plural deste nome eu. [gdfo/p224]: e quã mal o elles entẽdẽ: se mostra no pouco proueito que lhes cõ isso fazẽ. e mais lhes parece que podẽ ensinar a falar cõ çerimoneas mudas: no. do. polo. e co: são **cõpostos** ou jũtos. do. quando sinifica d'.o. como venho do estudo. venho do paço. e polo quando sinifica por .o. corno por o amor de d's. e no por ã .o. e co. por cõ .o. e anto por ãte o meu d's. [gdjb/p342]: Todo vérbo da terceira conjugaçám também fáz no pretérito em i e no partiçipio em ido. Tiram-se désta régra alguns que fázem no partiçipio em érto como: ábro, cubro com seus **compóstos**, ca dizemos; abérto,

cubérto, descubérto, e encubérto. [gdjb/p307]: Nome composto tem o contrário deste porque, partido em duas pártes, sempre per ùa delas entendemos cousa algũa, como: guarda-pórta, que é **compósto** deste verbo guardár e deste nome pórta.

**compósto(s)** → composto(s).

**comum** → nome(s).

**comum a dous** → genero(s).

**comum a tres** → genero(s).

**comuns** → genero(s).

**concerto** – sm. (< lat. *concerto*)<sup>c</sup>: → construçám → cõposição<sup>2</sup> ‘parte da gramática que descreve as regras pelas quais se combinam as unidades significativas em frases’. [gdfo/p234]: AGora vejamos da cõposição ou **concerto** que as partes ou dições da nossa lingua tẽ. antre si como em qualquer outra lingua: e esta he a derradeira parte desta obra: a qual os gramáticos chamão cõstruição: e nella mais que em alghũa outra guardamos nos çertas leis e regras: posto que tambem nas outras partes da gramática temos menos eçiçições que os latinos e gregos. [gdfo/p200]: e por derradeiro diremos hũ pouco do **concerto** que tẽ as partes da oração hũas cõ outras.

**concordância** – sf. (< lat. *concordar* + *ância*)<sup>h</sup> ‘é o fenômeno sintático pelo qual um substantivo ou um pronome pode exercer pressão de alteração formal sobre os pronomes que o representam, os verbos, de que ele é sujeito, e os adjetivos ou participios que a ele se referem’. [gdjb/p350-351]: **Concordância** é ùa conveniência de duas dições correspondentes ùa à outra em número, em género, caso, pessoa, ou algũa destas cousas. Em número, género e caso, como o ajetivo com seu substantivo em género, número e pessoa, como o relativo e antecederente; em número e pessoa, como o nominativo e vérbo. DA **CONCORDÂNCIA DO NOME SUSTANTIVO COM O AJETIVO**: AS dicções que convém em número, género e caso, sam os nomes substantivos com seu ajetivos, per semelhante exemplo: os hómens bons. Aqui, estão os hómens por nome substantivo em número plurár. e sam do género masculino e estão no caso no[m]inativo. A todas éstas cousas corresponde o nome ajetivo, bons, com que perfeitamente recebemos aquela notícia, os hómens bons. E nam diremos hómem boa, cá desfaléçe a natural ordem da construçám per que nos [h]avemos de entender e parecerá máis fála de negros

que de bom português. Per semelhante módo, os pronomes e participios que temos se ajuntam com os nomes substantivos, ainda que na ordem de precederem àçerca de nós tem deferença, cá o nome ajetivo óra se antepõe, como os bons hómens, óra se pospõe, como os hómens bons. E nam temos nisto máis régra que o consintimento da orelha. Però, o pronome sempre se põe de trás do nome, cá dizemos: eu Joane, tu António, esse Jerónimo e nam o contrário. Verdade é que na segunda pessoa no módo imperativo, podemos dizer: António, tu iras ler a liçam. Tem máis o nome ùa **concordância** quando está em o caso nominativo, que [h]á-de convir com o vérbo em número e pessoa, como quando digo: eu amo. Quando o nome é relativo, [h]á-de convir com o seu antecederente em género, número e pessoa, como: eu amo os moços, os quães fólgam aprender. Este nome, moços, é do género masculino e do número plurár e da terceira pessoa. A todas éstas cousas corresponde o seu relativo, os quães, por serem masculinos, mediante o seu artigo os, e do número plurár. E nam responde em caso, porque os moços estão em acusativo onde o vérbo fáz operaçám, e os quães estão no caso nominativo por serem autores daquela óbra, aprender.

**confuso** → genero(s).

**conjüções** → conjunçám(-ões).

**conjugaçám(-ões)** → conjugação(-ões).

**conjugação(-ões)** ~ **conjugaçám(-ões)**

**cõjugação(-ões)** ~ **cõjugaçã** – s.f (< lat. *conjugãtiō, õnis*) ‘é o conjunto das formas providas de afixos ou acompanhadas de um auxiliar que apresenta um verbo para exprimir as categorias de tempo, modo, aspecto, número, pessoa e voz’. [gdfo/p233-234]: **Cõjugação** e ajuntamêto de diuersas vozes que segundo boa ordẽ se ordenão seguindose hũas tras outras ã os verbos: e porque dissemos que estas vozes erão diuersas. esta he a diferença que tem as **conjugações** antre nos mays clara e em que melhor se conheçẽ. as quaes **cõjugações** nossas ou dos nossos verbos são tres: e cadahũa dellas tem seus modos: como falamos. falemos: falaes. e falar. e cada modo tẽ seus tempos como falo: falaua. falei. e falarei. e cada tempo seus numeros: como falo e falamos. falas e falaes fala e falão. e cada numero tẽ suas pessoas: como falo. falas. fala: falamos. falaes. falão. [gdfo/p232]:

**cōjugaçã**. modo e tēpo. numero e pessoa. desses verbos. este verbo ponho pões. faz o seu infinitiuo ã .or. dizêdo .por. o qual todauia ja fez poer e ainda o assi ouuim' a alghũs velhos: destes dous lugares formamos toda a outra **conjugação** a qual he diuersa como logo diremos ensinãdo quãtas são as **conjugações** e amoestãdo que hahi dellas eiçeições. [gdjb/p331-332]:O derradeiro açidente do vérbo nésta nõssa órdem, é a **conjugaçám**, a qual se póde chamár discurso ou jornáda que o vérbo fáz per todalas pessoas, números, tempos e modos. assi como vimos que o nome discuria per todolos cásos e números. Os Latinos tem quatro **conjugações**, nós três, as quães conheçemos no módo infinitivo, onde eles conhêçem as suas. A primeira nõssa é dos vérbos que no infinitivo acábam em ar, como: amar, namorar, adorar, rogár, etc. A segunda é dos vérbos que acábam em er, como: ler, escrever, comer, beber. etc. Os que acabam em ir sam da terceira, como: ouvir. ir, dormir. [gdjb/p343]: Os verbos da primeira **conjugaçám**, que fázem no infinitivo em ár, fórmam o primeiro presente do módo demonstrador perdendo ésta silaba finál ár e em seu lugar poemos o. e fica, de amár, formádo amo; de cantár, canto, de louvár, louvo. Tiram-se désta régra dár, estár, a que poemos ou e dizemos: dou, estou, ditongado. E também se tira este vérbo [h]ei, [h]ás que é de todo irregular, assi na **conjugaçám** como na formaçám, porque, sendo da primeira **conjugaçám**, acába no infinito em er, que parêçe da segunda. E quando vem à / primeira posiçám da primeira pessoa do módo demonstrador, dizemos [h]ei que nam tem conveniência com [h]aver, seu infinitivo. Os vérbos da segunda **conjugaçám** fázem no infinitivo em er e fórmám o primeiro presente acreçentando-lhe também o, em lugar er. como: cometer, cometo; combater, combáto; adoeçer, adoeço; acolher, acolho, etc. Tiram-se désta régra muitos que séguem diferentes formações como: poer, com seus compóstos, ca dizemos: ponho, componho, anteponho, proponho. E dizer, com seus compóstos, e arder, atraer, caber, com seus compóstos; e jázer, ver, fazer, com seus compóstos, ca dizemos: digo, bendigo, maldigo, árço, atráio, tenho, retenho, mantenho, jáço, rejo, vejo, fáço, desfáço. contrafaço e refáço, os quães cási cada um per si fáz sua formaçám. Os vérbos da terceira

**conjugaçám** terminam o infinitivo em ir e fórmam o seu presente pela maneira das outras conjugações poendo, em lugar de ir, ésta lêtera o, e fica formádo firo, de firir; durmo, de durmir, sento, de sentir; cubro dc cobrir. Tiram-se désta régra ouvir, afligir, vir, ir, cair, concluir, séguir, medir, com seus compóstos que alguns destes tem, ca dizemos: ouço, aflijo, avenho, vou, cáio, concluio, sigo, meço. E o verbo substantivo sou também carêçe da régra géral dos vérbos, porque fáz no infinitivo em er; e, quando ô trazemos ao primeiro presente, dizemos: sou. E por ser mui irregular em suas formações nam falaremos máis dele.

**conjugár** – v. (< lat. *conjūgāre*)<sup>c</sup>: ‘flexionar (um verbo) em algum de seus tempos, modos, pessoas e números, acrescentando-se ao radical do verbo os sufixos flexionais verbais adequados’. || INF [gdjb/p314]: COMO em o nome e vérbo está a força de toda a linguágem, per o réal poderio que ambos néla tem (como já dissémos). assi em declinar um e **conjugár** o outro, está o máis sustançíal e dificultoso de toda a Gramática. Ésta difículdáde máis é entre os Latinos e Gregos pola variaçám dos cásos que ácerca de nós e dos Hebreos: porque toda a sua e nõssa variaçám é de singular a plurár. || IP3 [gdjb/p325]: VÉRBO (segundo difinçám de todolos gramáticos) é ùa voz ou palávra que demóstra obrár algũa cousa, o quál nam se declina, como o nome e pronome, per cásos, mas **conjugase** per módos e tempos, como veremos per suas conjugações. || IPP6 [gdjb/p327]: Estes verbos **Conjugam-se** per todolos tempos e módos com este cáso dativo por soposto, dizendo: A mi. a ti, a ele, a nós, a vós e a todolos hómens reléva, compre, convém, falár verdáde. || IPP4 [gdjb/p332]: Nós **conjugamos** os nõssos vérbos per estes discursos: pelo primeiro, presente, pretérito, infinito, gerúndio do ablativo e per o partiçípio do pretérito, tudo na vóz autiva, por nam termos vóz passiva, tirando o partiçípio que é formado na passiva. || IPP3 [gdjb/1540/p353]: OS vérbos impessoáes sam ôs que nam tem números e pessoas e se **conjugam** pelas terçeiras como vimos na difinçám deles.

**conjuncám(-ões) ~ conjũções ~ cõjũção** – sf. (< lat. *conjunctiōne*)<sup>m</sup>: ‘palavra invariável que serve para relacionar duas palavras ou grupos de palavras de função idêntica’. [gdfo/p235]: E també se este verbo /nego/ seruia em lugar de **cõjũção**

e valia âtros velhos tâto como senão. e andagora assi val na beira. [gdfo/p206]: e como muitas **conjũções** e preposições e auebrios e outras partes assi das que elles dizem que se não declinão como tambe das declinadas ora sejão artigos ou quaesquer outras. [gdjb/p355-356]: SE [h]ouvéssemos de tratár de quantas espécias i [h]á de **conjunçám**, seria curiosidade enojosa aos ouvintes. Básta saber que temos **conjunções** máis comuns. A ãa chamam copulativa, que quér ajuntador, porque ajunta as pártes antre si. A copulativa ajunta as pártes per semelhante exemplo: Alexandre e Çésar e Hanibál e Pompéo e Pirro foram grandes capitães. E, por cáusa de elegância, e nam repitirmos tantas vezes a **conjunçám** e, com ãa só, pósta ante a derradeira páрте, ajuntamos totalas outras precedentes, antre as quães ela fica entendida. Como: Alexandre, Çésar, Hanibál, Pompéo e Pirro foram grandes capitães. e a outra, disjuntiva, a quá, máis própriamente, se déve chamár disjunçám que **conjunçám**, porque divide ás pártes. sérve nos exemplos semelhantes: Dos filósofos, Sócrates ou Platám ou Aristóteles, não sei quá diz que a vérdade, àçerca dos homens tem dous rostros: com um ôs alégra e com outro ôs enristéçe.

[**conjunção**] → conjunçám.

**consoãte(s)** → consoante(s).

**consoante(s)** ~ **consoãte(s)** ~ **cõsoante(s)** ~ **cõsoãte(s)** – sf. (< lat. *consonante*)<sup>m</sup>. ‘som cuja articulação comporta obstrução, total ou parcial, em um ou em vários pontos do conduto vocal’. [gdfo/p171]: as vogaes tem em sy voz: e as **consoantes** não se não junto cõ as vogaes. Como .a. que he vogal: e .b. que he **cõsoante**: e nam tê voz ao menos tão perfeyta como .a. vogal. [gdfo/p186]: as **consoantes** .b. e .p. são muy semelhantes/e .c. com .g. tem muita vezinhença, e .d. com .t. f. com .v/1. com .r. singelo .ç. com .z/e .s. ou .ss. j. e .x. tambe: as vogaes hũas cõ outras em ter voz: e as **cõsoantes** antre si em ferir sobre as vogaes. [gdfo/p174]: E isto porque nos não podemos saluar cõ os latinos dizendo que a **consoãte** ou **consoãtes** e letras que vão a diante fazem grande ou pequena a letra vogal que fica: mas vemos que cõ hũas mesmas letras soa hũa vogal grande as vezes e as vezes pequena: segundo o costume quis e nã mays. [gdfo/p180]: Das **cõsoãtes** temos tres aspiradas para as eles posto que não

temos proprias figuras mais que so aspiração co ellas mesturada: toda via as vozes são bem assinadas per si .e diferentes das outras não aspiradas são estas as letras. ch. lh. nh. [gdfo/p182]: As **consoantes líquidas** antre nos são .l. e .r. como flores. claro. gloria. graça. fraco. fresco. primo. seguinte com hũa çerta força como letra consoante: pois elle **.j. cõsoante** liquido não pode ser: porei não tem a tras outra consoante muda que caya sobrele **q̃** e proprio da **consoante líquida**. [gdjb/p370]: TODALAS outras lêteras que nam sam vogães chamamos **consoantes**, porque com élas sam soantes, cá ésta lêtera b per si só nam soa e, com ésta lêteras vogál e, dizemos be; e c com e, ce e assi de totalas outras. [gdjb/p297]: E porque às vezes ãa só lêtera vogal sérve de sílaba, própriamente a ésta tál nam chamaremos sílaba mas àquela que for compósta de vogal e **consoante**. [gdjb/p371-372]: E repártem os Latinos éstas **consoantes** em três partes: em mudas e meas vogães e líquidas. As mudas sam: b, c, d, f, g, p, q, t. Chamam-se mudas porque, tirando as lêteras vogães com que às nomeamos, ficam sem nome, cá, se tirármos ao b ésta lêteras e com que se nomea e soa be, fica muda. l, m, n, r, s, x, z chamam-se meas vogães por te[r]em ante e depois de si vogál que às nomea. E a esta lêtera l, o seu verdadeiro nome é éle. E que x, z nam móstem em suas prolações ambas as vogães que digo, sempre serám meas vogães, por razám do ofício que tem doutras duas lêteras em cujo lugar élas sérvem, cá ésta lêtera x é breviatura destas cs e z de sd. E éstas meas vogães l, m, r se chamam líquidas e houvêram este nome àçerca dos Latinos porque totalas cousas que se desfázem e córrem chamam eles líquidas, cási dilidas e derretidas. Porque, em pronunçando algũa diçám onde élas sérvem, nós às dilimos na prolaçám de maneira que cási se nam sentem, como néstas dições clamor, crávo. E m podemos dizer que àçerca de nós liquésçe quando em lugar dele se póde poer til, como nésta diçám pães.

**consoante(s) líquida(s)** → consoante(s).

[**construção**] → construiçám.

**construiçám** ~ **cõstruiçáo** ~ **cõstruiçã** – sm. (< lat. *cõstructiõ*)<sup>mf</sup>. → conçerto ‘é maneira pela qual as palavras se agrupam na frase, segundo seu sentido e segundo sua função sintática’. [gdfo/p234]: e esta he a derradeira parte desta obra: a qual os

gramáticos chamão **cõstruição**: e nella mais que em alghũa outra guardamos nos çertas leis e regras. [gdfo/p235]: se aquiseremos seguir: nesta derradeira parte que e da **cõstruiçã** ou cõposição. da lingua não dizemos mais porque temos começada hũa obra em que particularmente e cõ mais comprimento falamos della. [gdjb/p349]: TÊ qui, tratámos das primeiras três partes da gramática: lêtera, sílaba, diçám; fica agóra vermos a quáta que é da **construiçám**. Ésta, segundo difinçám dos gramáticos, é ùa conveniência antre pártes póstas em seus naturáes, per as quáes vimos em conhiçimento dos nóssos conçeitos. E, bem como ao homem é natural a fála, assi lhe é natural a conveniência déstas pártes: nome sustantivo com ajetivo, nominativo com vérbo, relativo com antecederente. [gdjb/p350]: DUAS cousas aquécem à **construiçám**: concordância e regimento.

**contrátas** → declinação(-ões).

**cõparatiuos** → gráo.

**cõposição**<sup>2</sup> → construiçám → conçerto.

**cõposto(s)** → composto(s).

**copulativa** → conjunçám(-ões)..

**cortadura(s)** → pontos.

**cõsoãte(s)** → consoante(s).

**cõsoante(s)** → consoante(s).

**cõstruiçã** → construiçám.

**cõstruição** → construiçám.

## D

**datiuo** → caso(s).

**dativo** → caso(s).

**declinaçám** ~ declinação(-ões).

**declinação(-ões)** ~ **declinaçám** – sf. (< lat. *dēclīnātiō -ōnis*)<sup>c</sup>: ‘conjunto de formas providas de afixo, chamados de desinências’, ‘é o paradigma de formas nominais (adjetivos ou substantivos) ou pronominais’. [gdfo/p216]: **Declinação** e diuersidade de vozes tiradas de hũ premeiro e firme pñcipio por respeito de diuersos estados das cousas. [gdfo/p218]: Marco varrão diuide as **declinações** em naturaes e voluntareas. **volūtareas** são as que cada hũ faz a sua vontade tirãdo hũa voz doutra: como de portugal portugues./ e de frãça: frãçes: mas de frandes framengo. e de galiza galego. [gdfo/p221]: E assi diz marco varrão que

a **declinação natural** e aquella que não obedeçe a vontade particular de cada hũ: mas que e conforme ao comũ parecer de todos: e mais não se muda tão asinha: posto que o vso do falar tenha seu mouimêto como elle diz e não perseuere hũ mesmo ãtre os homens de todas as idades. AS **declinações naturaes** são mais sogeitas as regras e leis de cujo mandado se rege esta arte. as regras ou leys que digo são com disse anotações de bo costume. [gdjb/p314-315]: **Declinaçám**, acerca da nóssa linguagem, quér dizer variaçám, porque, quando variamos o nome de um caso ao outro em o seu artigo, entám ô declinamos. [gdjb/p314-315]: Os Latinos tem çinquo **declinações**, os Gregos tem outras çinquo simples, que na quinta fórmam outras a que chamam contrátas. Os Hebreus tem duas, ùa dos nomes masculinos e outra dos femininos A nóssa linguagem declina-se em outras duas: a ùa podemos chamar vogál por ser dos nomes que acabam nas vogáes; e a outra consoante, por acabarem os nomes, que per ela de/clinamos nestas çinquo consoantes: l. m. r. s. z. Nam falo em nomes estrangeiros que se terminam em outras lêteras. como Isac, Jacob.

**declinação(-ões) natural(-es)** → declinação(-ões).

**declinações [naturais]** → declinação(-ões).

**declinações voluntareas** → declinação(-ões).

**declinações volūtareas** → declinação(-ões).

**declinar(-se)** – v. (< lat. *dēclīnāre*)<sup>c</sup>: ‘Acrescentar (nas línguas flexionais) a um radical terminações casuais específicas, para indicar as diferentes funções sintáticas do termo (adj. pron. subst.) na oração.’ INF [gdfo/p217]: e são muitas as maneiras de se **declinar** as vozes: por que não somente se chama declinação a dos casos como logo diremos: pois logo se quizeremos bem olhar e cõfessar averdade sera cousa mui chã que neste dizer se comprêdem todas as vozes sinificativas. || IP6 [gdfo/p217]: as vozes hũas se **declinão** e outras se não **declinão**. não se **declinão** nẽ se trazẽ doutros principios as dições que chamamos premeiras. INF [gdjb/p314]: COMO em o nome e vérbo está a forza de toda a linguagem, per o réal poderio que ambos néla tem (como já dissémos). assi em **declinar** um e conjugár o outro, está o máis sustançial e dificultoso de toda a Gramática. Ésta dificuldáde máis é entre os Latinos e Gregos pola variaçám dos casos que ácerca de nós e dos

Hebreos: porque toda a sua e n'ossa variaçám é de singular a plurár. || IP3 [gdjb/p314-315]: A n'ossa linguágem **declina**-se em outras duas: a ùa podemos chamár vogál por ser dos nomes que acabam nas vogáes; e a outra consoante, por acabarem os nomes, que per ela de/clinamos nestas çinquo consoantes: l. m. r. s. z. || IP4 [gdjb/p314-315]: Declinaçám, acerca da n'ossa linguágem, quér dizer variaçám, porque, quando variamos o nome de um caso ao outro em o seu artigo, entám ô **declinamos**. || IP6 [gdjb/p309]: NOME segundo a difinçám dos gramáticos é aquele que se declina per casos sem tempo. Todo nome próprio tem singular e nam plurár, assi como: Çipiám, Lisboa, etc. Tiram-se désta régra alguns nomes próprios que **se declinam** pelo plurár e nam tem singular, como: Torres, Védras, Torres N'ovas, As Pias, Álhos Védras, Alfarélos e outros désta calidáde.

**demenutiuos** → nomes(s).

**demóstrador** → módo(s).

**demonstrativo(s)** → pronome(s).

**denominativos** – sm. (< lat. *dēnōmīnātīo, ōnis*)<sup>c</sup>:

‘são os adjetivos, os verbos e os substantivos que são formados a partir de radicais de substantivos.’ [gdjb/p328]:

**Denominativos** sam aqueles que se derivam de nome. como: de ármás, ármár: de sélá, selár: de pentem, penteár: e de ladrilho, ladrilhár.

**denotatiuos** – sm. (< lat. *denotātīo, ōnis*)<sup>c</sup>: ‘unidades léxicas constituídas pela extensão do conceito que expressa seus significados’. [gdfo/p227]: E outros os quaes damos a genero masculino: mas porem em seu lugar e tempo diremos que os nomes ajetiuos e **denotatiuos** não tẽ çerto genero por si.

**depoentes** → genero(s).

**derivádos** → pronome(s).

**dialeton** → solecismo.

**diçã precedente** → dição(-ões).

**diçám(-ões)** → dição(-ões).

**dição(-ões) ~ diçám(-ões)** – s.f (< lat. *dictīo, ōnis*) ‘vocábulo’, ‘palavra’ [gdfo/p200]:

**Dição** vocabolo: ou palaura: tudo quer dizer h'ua cousa: e podemos assi dar sua definçã. [gdfo/p201]: AS nossas **dições** são aquellas que naçerão átre nos ou são ja tam antigas que não sabemos se vierão de fora: nestas a grãmatica manda saber donde / quando / porque / e como forão feytas. [gdfo/p196]: os latinos nas partes onde se mesturão as dições que elles chamam **encléticas** as quaes pronunciaõ

de baixo de h'ua açento co a **diçã precedente**. e se disto para que seja entêdido podemos dar alghũ exemplo na nossa lingua seja nas partes em cujos cabosse mesturão os artigos como fezerãno por fezerão: e querẽno bem por querẽno bê: onde o artigo se mete debaixo do açento da **dição precedête**. [gdfo/p215]: As dições que chamamos **primeiras** chamão os latinos **primitivas**: estas são cujo naçimẽto não proçe de doutra parte mais da v'õtade liure daquelle que as primeiro pos como roupa mãta. esteira. cadeyra. e matula e candieiro. ainda que cãdieiro alghũ a pareçera que voa muito pode dizer que vem de cãdeo cãdes verbo latino que quer dizer resplãdecer: porque o candieiro resplãdeçe: e porem quando tẽ lume e não ja sempre: mas como quer que seja isto e cousa de riso: e quando muito aperfiarẽ estes nossos latinos acalêtemolos dizendo que si. [gdfo/p203]: AS **dições alheas** são aquellas que doutras linguas trazem a nossa por algũa neçessidad' d' costume trato arte: ou cousa algũa nouamente trazida a terra. [gdfo/p206]: AS **dições apartadas** a que os latinos chamão **simpreses** ou **singelas** são aquellas cujas partes não podẽ ser **dições inteiras**: mas diuidẽse somẽte em syllabas e letras ou tambẽ se pode deuidir quando não tẽ mais que h'ua so letra como .e. terçeyra pessoa do presente do indicatiuo no verbo sustãtiuo. [gdfo/p205]: **dições comũs** chamamos aquellas que em muitas línguas seruem igualmente: e o tempo em que se mudarão dh'ua lingua para outra: fica tão l'õge de nos que não podemos facilmente saber de qual para qual lingua se mudarão: porque assi as podião tomas as outras linguas da nossa/ como a nossa dellas: como alfayate. almoxarife. alguidar: almocreue. [gdfo/p187]: Ditõgo dizẽ tãbẽ ser **dição grega**. [gdfo/p207]: AS **dições juntas** a que os latinos chamão **cõpostas** são cujas partes apartadas sinificão ou podẽ sinificar e sã dições por si ou partes doutras dições ã que premeiro seruião: e donde tẽ seu premeiro e proprio naçimẽto ao cõtrairo das apartadas. **dições jũtas** são aquellas ã que se ajuntão diuersas dições ou suas partes fazêdo h'ua so dição: como cõtrafazer. refazer. desfazer. nas quaes dições se ajũtão diuersas outras dições ã cada h'ua d'llas. ã cõtrafazer se ajũtão cõtra e mais fazer. E ã refazer se ajũtão .re. e mais

fazer: e em desfazer des. e mais fazer. e cõ tudo para mais abastança se se achar alghũa **dição junta** cujas partes apartadas nenhũa dellas por si sinifique como. desde também. e então. e nelhures. e algures. e tamalaues. Ainda assi lhe chamaremos dição junta: porque o primeiro fundamêto daquellas partes e serem diuersas/e estar cada hũa por si: as quaes aqui se ajuntão e fazê hũa so dição e cõ tudo não sempre podemos alcãçar donde vem as partes deste ajuntamento e também nas **dições dirivadas** ou tiradas donde alghũas são tiradas he dificultoso saber. [gdfo/p214]: As **dições mudadas** a que os latinos chamão **trasladadas** são as que por neçessidade ou melhoria d'sinifcação ou voz estão fora de seu proprio significado e ou estão ã lugar doutra dição que não era tã bõa como nos queriamos para nosso intêto/ou estão õde não auia **dição propria** como liuro quando quer dizer estormento musico o qual por ser nouo e não ter nome ou voz propria e ser semelhante ao liuro de papel que he o proprio lhe chamarão assi. [gdfo/p211-212]: As **dições nouas** são aquellas que nouamente ou de todo fingimos ou em parte achamos: de todo chamo quãdo não olhamos a nenhũ respeito se não ao que nos ensina a natureza opara o que teuerão liçença os premeiros homẽs quando premeiro nomearão. toalha e guardanapo e quando dixerão chorar. cheirar: espantar: e outros muitos que não são tirados de nenhũa parte: nos jagora para fazer vocabolos de todo assi como digo não temos mui franca liçça mas porê se achasemos hũa cousa noua ã nossa terra bẽ lhe podiamos dar nome nouo buscãdo e fingindo voz noua como poderião ser as rodas ou moendas em que agora se fala e dizê que hã de moer com nenhũa e pouca ajuda. Achar **dições nouas** em parte e não de todo he quãdo para fazer a voz noua que nos he neçessaria nos fundamos em alghũa cousa como em bombardas que he cousa noua e tem vocabolo nouo o qual vocabolo chamarão assi por amor do som que ella lança que he quasi semelhante a este nome bombardas ou o nome a elle e daqui também tiramos estoutro isso mesmo nouo esbombardear. [gdfo/p213]: As **dições vsadas** são estas que nos seruem a cada porta (como dizê) estas digo que todos falão e entendê as quaes são proprias do nosso tẽpo e terra: e quẽ não vsa dellas e desentoadado fora do tom e musica dos

nossos homẽs dagora. [gdfo/p214]: **Dições proprias** chamamos aquellas que seruẽ na sua primeira e prinçipal signifcação. Como liuro que desdo seu prinçipio e prinçipal intêto sempre quis e agora quer dizer este de papel escrito porque lemos e assi homẽ e molher/terra pedra/e muitos infindos outros das **dições proprias**: e de suas espeçias e do vso dellas hauemos de falar mais largamẽte em outra obra aqui so tratamos do naçimẽto das dições e hũa parte desse naçimẽto e a propriedade de que aqui abasta o que apõtamos todauia amoestamos que as **dições proprias** tẽ a prinçipal parte da bõa e clara linguagẽ e destas vsaremos mais a meude. [gdfo/p215]: As **dições tiradas** a que os latinos chamão **dirivadas** são cujos naçimẽtos vem doutras algũas dições dõde estas são tiradas/como tinteiro/velhiçe/hõrrada/ tiramos ou formamos hũas dições doutras para abasteçer e fazer copiosa a nossa ligua. [gdfo/p210]: As **dições velhas** são as que forão vsadas: mas agora são esgueçadas como. egas. sancho. dinis. nomes proprios e ruão que quis dizer çidadão segudo que eu julguey ã hũ liuro antigo o qual foi trasladado em tẽpo do mui esforçado rey dom João da boa memorea o premeiro deste nome em portugal. [gdfo/p211]: muitas vezes alghũas dições que ha pouco são passadas são ja agora muito auorreçadas: como abem/ajuso acajuso/a suso/e hoganno/algorrem. [gdjb/p298-299]: NESTA terceira parte da nõssa Gramática — que é da **diçãm**, que os Latinos chamam Etimologia que quẽr dizer naçimento da **diçãm** —, se quiséssemos buscãr o fundamento e raiz donde veéram os nõssos vocábulos, seria ir buscãr as fontes do Nilo. E pois Isidoro, nas suas Etimologias, ã nam pôde achãr a muitas cousas, menos ã daremos aos nõssos vocábulos. [gdjb/p294]: E, porque a máis pequena dẽstas partes é. a lãtera, donde se totalas **dições** compõem. [gdjb/p295]: Chamam-se ditongos dẽstas duas **dições gregas**: dis que quẽr dizer dous e p[h]thongos. [gdjb/p370]: tem os Latinos ser espiraçãm e nam lãtera, e k que sãrve sómente em algũas **dições gregas** como Kyrie eleison.

**dições alheas** → dição(-ões).

**dições apartadas** → dição(-ões).

**dições [compostas]** → dição(-ões).

**dições comũs** → dição(-ões).  
**dições cõpostas** → dição(-ões).  
**dições [derivadas]** → dição(-ões).  
**dições dirivadas** → dição(-ões).  
**dição(-ões) grega(s)** → dição(-ões).  
**dições inteiras** → dição(-ões).  
**dição(-ões) junta(s)** → dição(-ões).  
**dições jũtas** → dição(-ões).  
**dições mudadas** → dição(-ões).  
**dições nouas** → dição(-ões).  
**dições [novas]** → dição(-ões).  
**dição precedẽte** → dição(-ões).  
**dições primeiras** → dição(-ões).  
**dições primitivas** → dição(-ões).  
**dição(-ões) propria(s)** → dição(-ões).  
**dições simples** → dição(-ões).  
**dições singelas** → dição(-ões).  
**dições tiradas** → dição(-ões).  
**dições tiradas** → dição(-ões).  
**dições trasladadas** → dição(-ões).  
**dição(-ões) velhas** → dição(-ões).  
**dições vsadas** → dição(-ões).  
**[diérese]** → barbarismo.  
**diéresis** → barbarismo.  
**diminutivo(s)** → nome(s).  
**dirivádo(s)** → pronome(s).  
**discurso(s)** – sm. (< lat. *discursu*)<sup>m</sup> → conjugação(-ões) ‘é o conjunto das formas providas de afixos ou acompanhadas de um auxiliar que apresenta um verbo para exprimir as categorias de tempo, modo, aspecto, número, pessoa e voz’. [gdfo/p331]: O derradeiro açidente do vérbo nesta nõssa órdem, é a conjugacãm, a qual se póde chamar **discurso** ou jornáda que o vérbo fáz per todalas pessoas, números, tempos e modos. assi como vimos que o nome discurreia per todolos cásos e números. [gdjb/p332]: Os Latinos conjugam os seus vérbos per çinquo **discursos**: presente do indicativo, pretérito, infinitivo, gerúndios, supinos e partiçípios. Assi da vóz autiva como da passiva, dizendo: amo, amas, amavi, amare, amandi, amando, amandum, amatum, amatu, amans, amaturus; amor, amaris, amatus, amandus. Nós conjugamos os nõssos vérbos per estes **discursos**: pelo primeiro, presente, pretérito, infinito, gerúndio do ablativo e per o partiçípio do pretérito, tudo na vóz autiva, por nam termos vóz passiva, tirando o partiçípio que é formado na passiva. E dizemos: amo. amas, amei, amár, amando, amádo.  
**disjunçám** – sf. (< lat. *disjunctio*)<sup>h</sup> → conjunçám ‘conjunções de coordenação (ou coordenativos) cujo tipo é *ou*’. [gdjb/p355-356]: temos conjunções

máis comuns. A ùa chamam copulativa, que quér ajuntador, porque ajunta as pártes antre si; e a outra, disjuntiva, a qual, máis própriamente, se déve chamar **disjunçám** que conjunçám, porque divide ás pártes.

**disjuntiva** → conjunçám.

**ditõgo(s)** → ditongo(s).

**ditongo(s)** ~ **ditõgo(s)** – sm. (< lat. *diphthongus*)<sup>c</sup> ‘é uma vogal que muda uma vez de timbre no curso de sua emissão, de modo que se ouve certa qualidade vocal no início e outra no fim’. [gdfo/p187]: **Ditõgo** dizẽ tâbẽ ser dição grega e quer dizer ou significa e diz dobrado sõ: aueis dẽtender ã hũa. voz .cõ hũ so spirito ou e sillaba na qual são duas vogaes porque isto queremos entẽder da syllaba que seãõ ã ella todas as letras que teuer vnidas. cõ hũ so espirito e destes temos muitos na nossa lingua: mais cuidio eu que em qualquer outra pode auer ao menos das que eu conheço. e esta he hũa das particularidades da nossa propria armonia. os **ditõgos** que eu achey antre nos portugueses são estes .ae. como tomæ .ãe. como pâes .ao. como pao .ão. como pão .ây . como mãy .ei. como tomei .eo. como çeo .eo. como d's .eu como meu .io. como fugio .oe. como soe .oi. como caracois . õe. como põe .oi. como boi .ou. como dou .ui. como fuy .nos quaes .a. grãde e .a. pequeno .e assi .e. grãde e ø grãde. [gdfo/p188]: E nos aqui vemos e sentimos co as orelhas que soa ali hũ til sobre ambas as letras vogaes do **ditongo**: como escriuão escriuães. [gdfo/p189]: Os **ditongos** recebem despoys de si til. ou .s. ou âbas: como tabalião. escreueys. çidadãos capitães lições. [gdfo/p180]: O **til** he hũa linha dereita lâçada sobre as outras letras sua força e tão brãda que a não sentimos se não mesturada cõ outras: e por tâto não tê nome apropriado mais de quanto lhe o costume quis dar. e eu digo que e neçessareo todas as vezes que despoys de vogal em hũa mesma syllaba escreuemos .m. ou . n . e muito mais sobre os ditõgos. [gdfo/p187-188]: queremos aqui repetir quanto e neçessaria esta letra ou sinal **til** pera os ditõgos porque se em çidadão e escriuão e outros desta voz e outras escreuemos .m. ou .n. no meyo dira vilamo ou vilano: e se no cabo fica sobre a letra o somẽte e a derradeira: e se fosse .m. morderia a voz e apertalia antros beyços: e o .n. não e nosso/porque a nossa lígua e mui chea e .n. corta muito somos cõtrairos aesta

letra .n. [gdfo/p175]: eu pergunto se nas dições que acabão em ão: e ães: e ões: e ãos: escreveremos .m. ou .n. e o poseremos antre aquellas duas vogaes que soara: ou se o poseremos no cabo que pareçera: por ond' me parece teremos neçesidade de hũa letra que este sobre aquellas duas vogaes juntamente: a qual seja **til**. [gdjb/p295]: Chamam-se **ditongos** déstas duas dições gregas: dis que quér dizer dous e p[h]thongos, som, cási: dobrádo som. porque ambas as lêteras retém o seu som e fazem ãa silaba. [gdjb/p386]: fica agóra vermos do **til**, a que podemos chamár soprimento ou abreviatura de quátro lêteras, m, n (pela maneira que já vimos, quando tratamos de ambos) e abreviatura de ue, a este módo: q, que tanto sinifica como este que. E assi este til como outras vergas e pontos que tem a nóssa escritura, prinçipalmente ôs da lêtera tiráda, que máis se pôdem chamár atálhos dos escrivães, por nam gastárem tempo, e papél que [por] outra algũa neçessidáde.

**duvidoso** → genero(s).



**eclipsis** → solecismo.

**ectlisis** → barbarismo.

**efectivo** → caso(s).

**e. grãde** → vogal(-es).

**e grande** → vogal(-es).

**elementos** → pronunçiação(-ões).

**emprestilhos** – sm. (arc. *empréstido*)<sup>m</sup>. 'integração de um elemento novo, provindo do contato entre línguas, a um léxico de uma língua'. [gdfo/p172]: E em vez de apurarê sua lingoa corrompêna com **emprestilhos**: nos quaes não podem ser perfeitos. Tenhamos poys muito resguardo nesta parte: porque a lingua e escritura e fiel tisoureyra do bem de nossa soçessão e são diz Quintiliano as letras para êtregar aos que vierem as cousas passadas.

[**empréstimos**] → empréstilhos.

**encléticas** → dição(-ões).

**enfasim** – sf. (< lat. *emphāsis*)<sup>h</sup>. 'acento particular que se dá ao constituinte da frase'. [gdjb/p320]: DUAS figuras tem o pronome: simples e composta. Figura

simples é: eu, tu, este, esse. Compósta chamámos: eu mesmo, tu mesmo, aqueste, aquesse. etc. Èsta composiçã déstas duas pártes — eu mesmo — nam fáz máis que acreçentár uma eficácia e vehemência ao pronome, a que os Gregos chamam **enfasim**. porque maiór eficácia tem dizer: Eu mesmo escrevi ésta árte que: eu escrevi ésta árte.

**enigma** → solecismo.

**entreposiçã<sup>1</sup>** ~ **antreposição(-ões)** – sf. 'que se entrepôs; interposto'. [gdfo/p186]: Ainda que eu diria que quando escreuemos .i. na penultima sempre ponhamos o acento nessa penultima seguindose logo a ultima sem **antreposição** de consoante/como/ arauia. [gdfo/p224]: e não somête estas e outras composições se fazem com os artigos. mas tambem **antreposições** muitas vezes como. diloemos. por diremos .o. amaloiamos por amariam. .o. e com tudo nestas **antreposições** aquelle artigo .o. que se alli antrepõe he relatiuo: alghũ tanto diferente daqueloutros. [gdjb/p364]: Epizêuxis quér dizer conjunçã, a quá comecemos quando se repête ãa cousa duas e três vezes sem **entreposiçã** de párte, como: Vem, vem, pois te chamo: nam me négues teu favor.

**entreposiçã<sup>2</sup>** → solecismo.

[**antreposição**] → antreposiçã.

[**epêntese**] → barbarismo.

**epêntesis** → barbarismo.

**.e. pequeno** → vogal(-es).

**epiteton** → solecismo.

[**epíteto**] → solecismo.

**epizêuxis** → solecismo.

**esquesionomaton** → solecismo.

**ethimologia** → etimologia(s).

**etimologia(s)** ~ **ethimologia** ~ **etymologia** – sm. (< lat. *etymologiā -ae*)<sup>c</sup>. 'é a pesquisa das relações que uma palavra mantém como outra unidade mais antiga, de que se origina'. [gdfo/p164]: e nestas cousas se acabara esta primeiras anotação em dizer não tudo mas apontar alghũas partes neçessarias da ortografia: acento: **ethimologia**. [gdfo/p200]: requeria agora falaremos das dições. Primeyro de seu naçimêto a que chamão os gregos **etimologia**. [gdfo/172]: Ja confessamos ser verdade o que diz Marco varrão nos liuros da **Etymologia** que se mudão as vozes e com ellas e tambem neçessario que se mudê as letras. [gdfo/p202]: Poys se alguem me dixer que podemos dizer

como temos muytos vocabolos latinos e que isto alcanção os homens doutos que sabem lingua latina: como candea que vem de candela vocabulo latino: e mesa de mensa que não somente e latino: mas também tẽ ainda outro mays escondido naçimento grego de meson. que quer dizer cousa que esta no meyo: assi outro tanto lume de lumẽ latino: e homẽ de homo. e molher d'mulier. e liuro e porta e casa/e parede/ quãtos quiserdes. [gdfo/p203]: E por vêtura antressa gente a que o nos foremos pregũtar sera tão nouo que nos preguntarão outro tâto como nos a elles: assi que e trabalhoso e pouco çerto querer saber os naçimẽtos particulares das dições. [gdjb/p298]: NÉSTA terceira páрте da nõssa Gramática — que é da diçãm, que os Latinos chamam **Etimologia** que quér dizer naçimento da diçãm –, se quisés semos buscár o fundamento e raiz donde veéram os nõssos vocábulos, seria ir buscár as fontes do Nilo. E pois Isidoro, nas suas Etimologias, â nam pôde achár a muitas cousas, menos â daremos aos nõssos vocábulos. Básta saber que temos latinos, arávigos e outros de divérsas nações que conquistámos e com quem tivémos comércio assi como eles tem outros de nós.

**etymologia** → etimologia(s).



**femenino(s)** → genero(s).

**feminino(s)** → genero(s).

**figura(s)**<sup>1</sup> – sf. (< lat. *figūra*)<sup>c</sup> → sinaes<sup>1</sup> ‘forma exterior da letra’. [gdfo/p176-177]: das **figuras** das letras nos mãda quitiliano ter muito carrego: porque ellas sam como instrumento: o qual se for duuidoso por a também em duuida o effeito: e não imitemos os desuairos de tantas confusões que assi lhe quero chamar d'letras como se acostumão: mas sigamos hũa çerta regra d'screuer e a mais facil. [gdjb/p295]: Donde as lêteras veéram ter éstas três cousas: nome, **figura**, poder. Nome, porque à primeira chamam A, à segunda Bê, à terceira Çê. **Figura**, porque se escrevem desta maneira: A, B, C. [gdj/p375]: Á, que é a nõssa primeira lêtera do A B C, tem duas **figuras**. [gdjb/p382]: Ésta **figura h**

os latinos nam lhe chamam lêtera mas aspiraçãm, por sérvir em todalas sílabas aspirádas, o qual ofício tem àçerca de nós como néstas dições: há! que é interjeiçãm de rir e a-há que é de compreender em algum erro e de conçeder que está ùa cousa bem feita. E assi nestes e em outros nomes: herdáde, hómem, humanidáde. Tem máis outro ofício àçerca de nós, que, com cada ùa das três lêteras vogáes, fáz três sílabas que sam próprias da nõssa linguágem, a este módo: cha, lha, nha.

**figura(s)**<sup>2</sup> – sf. (< lat. *figūra*)<sup>c</sup> → barbarismo → solecismo ‘são aspectos que as diferentes expressões do pensamento podem revestir no discurso’, ‘figura de linguagem’. [gdjb/p357]: **Figura**, segundo difinçãm de Quintiliano, é ùa fôrma de dizer per algũa árte nõva. Éstas **figuras** se dividem em dous géneros, de que dependem muitas espéçias. Ao primeiro viço chamamos barbarismo e ao segundo solecismo. [gdjb/p368]: Muitas outras **figuras** tem os Latinos, as quães nam exemplificamos em nõssa linguágem, dádo que às vezes usamos délas, por evitar prolixidáde.

**figura h** → figura(s)<sup>1</sup> → letra(s).

**futuro** → tempo(s).



**genero(s)** ~ género(s) – sm. (< lat. *genĕrum*)<sup>c</sup> ‘categoria gramatical que repousa sobre a repartição dos nomes em classes nominais, em função de um certo número de propriedades formais que se manifestam pela referência pronominal, pela concordância do adjetivo (ou do verbo) e por afixos nominais’. [gdfo/p222]: os **generos** são distintos em letras porque o **masculino** tẽ .o. e ao **femenino** serue a. e estas são proprias letras desses **generos**. [gdfo/p225]: as declinações dos **generos** são muitas e menos para cõprêder porque posto que os nomes acabados em hũa letra qualquer sejam mais dhũ **genero** que doutro não por isso se pode dar regra vniuersal como nestas duas letras .a. e .o. das quaes hũa e mais masculina e outra femenina: e com todo tẽ suas faltas: porque isto. isso. e

aquillo. são acabados ã .o. e não são masculinos: mas são de **genero indeterminado** não **neutro** como o dos latinos. e eixo. mouço. queiro. e outros são femeninos. e em .e. pequeno. [gdfo/p225-227]: Tambem temos nomes masculinos e feméninos: como almadraque: e alfaçe. em .e. grãde. outro tanto como alquiçe. e chamine ã .i. e .u. alê de auer mui poucos: tâbê são não muito nossos como çafi. guadameçi. calecu. peru. e çegu. todauia são estas letras mais enclinadas a masculinos: em ditôgo sem consoante acabão poucos nomes: e esses que são tê mais parecer d' masculinos como pao. birimbao. breu. treu. baldreu. e esses ditôgos tendo cõsoãte ou til. são duuidosos como lição: dição: rezão: melão: coração. as cõsoantes de qualquer outra feição também são duuidosas ainda que mais enclinadas a hũ **genero** que outro: por que em al mais são masculinos. como bancal: cabeçal: brial. e em el. como papel. pichel. e em il. como barril: buril e ã ol. como rol: çerol. e em ar. como lagar: lugar. e em er. como alcaçer. e em or. com .o. grãde como suor. mas quatro cõparatiuos. mayor. menor. melhor. e pior são de **genero comũ**. pois ã .or. com .o. pequeno tâbê são masculinos polla mayor parte como ardor. feruor: mas algũs são femininos como flor. cor e dor em .ur. não me lãbra outro se não artur nome proprio dhomẽ: e mais não e nosso: os nomes ã .as. cõ .a. grãde: e ã es. com .e. grãde são masculinos como êtras. inues. e ã .es. cõ .e. pequeno de **genero comũ**: como portugues. ingres. frãçes posto. que tenham femininos em a como portuguesa. ã os. cõ. o. pequeno: e em os com o grãde são masculinos como marcos domingos/cos/retros. em az. são masculinos. como rapaz. cabaz. e ã ez. cõ .e. grãde como enxadrez: e em. ez. cõ .e. pequeno como pez. tâbê são masculinos: mas em .iz. d'Iles são masculinos e delles femininos como juiz almofariz e delles femininos: como boyz rayz. perdiz. e ã oz. cõ .o. grãde: e também em .oz. cõ o pequeno: e outro tanto em uz. são masculinos como arroz. catramoz. alcatruz. Ainda porem que nesta çidade ouue ou cuida que aĩda e viva hũa molher que se chamava cataroz. Os nomes que se acabão em til se tem ditongo ja dissemos de que **genero** são: mas não tendo ditôgo se tem .a. sam femininos: como. iam. couilhã. vilã. çidadã. e se tem .e. as vezes são

masculinos: como vintem. desdẽ. almazem. arreuem. e as vezes femininos: como linguagem linhagẽ borragẽ. E se bẽ olhardes aos femininos não achareis o açẽto na vltima: como aos outros. Alguẽ niguẽ. e quẽ são d'**genero indeterminado** til. com .i. faz os nomes masculinos: como patim: e jardim e com .o. também como som e tom: cũ. .u. também sam masculinos: como hum. alghum. nenhum. e mais jejum e debrũ. Este nome ajetiuo. comũ. serue a masculinos e femininos porque não digamos nos femininos hũs çertos nomes ajetiuos acostumamos nos formar em .um. como ouelhum. cabrum. porcum. E outros os quaes damos a **genero masculino**: mas porem em seu lugar e tempo diremos que os nomes ajetiuos e denotatiuos não tê çerto genero por si. [gdfo/p232]: Nos **generos dos verbos** não temos mais que hũa so voz acabada em .o. pequeno: como ensino. amo. e ando: a qual serue como digo em todos os verbos tirando algũs poucos como são estes. sei. de saber. e vou. e dou. e estou. e mais o verbo sustãtiuo. [gdjb/p308]: **GÊNERO**, em o nome, é ãa distincãm per que conhecemos o mãcho da fẽmea e o neutro d[e] ambos. [gdjb/p308-309]: Os Latinos conhẽcem o **gẽnero** dos seus nomes uns pela sinificaçãm, outros pela terminacãm, dos quaes fazem estes sete gẽneros: **masculino, feminino, neutro, comum a dous, comum a três: duvidoso e confuso**. Os Gregos, dão que tenham êtas diferenças de gẽnero, conhẽcem-nõ per artigos. Os Hebreos. per artigos e terminaçãm. Nós nam sómente conhecemos o nosso gẽnero per significaçãm, como os Latinos, mas per artigo, como os Gregos. As régras do quá sam as seguintes: Todo nome que per sexo é conhecido. per ele será mãcho ou femea, como hõmem e molhẽr. Todo nome que convẽm a hõmem e a molhẽr será **comum a dous**, como: inventor, taful. Estes ajetivos fõrte, triste. alẽgre e outros semelhantes serãm **comuns a três** porque dizemos: o homem fõrte, a molhẽr alẽgre. o pecãr triste. Todo nome d[e] algũa lãtera do nõsso A B C será **neutro**, e os nomes vërbaes que se fãzem do infinitivo do presente tempo como: o querer. o amãr, o ler e este nome ál que é relativo. Todo nome que se nam conhẽce per significaçãm e nam entra em algũa dẽstas regras per este artigo —o — será masculino e per este — a — será

feminino, assi como: O çeo é habitaçam dos anjos e a terra morada dos homens. Todo nome que convém a hómem e a molhér será **comum a dous**, como: inventor, taful. [gdjb/p325]: **GÉNERO**, em o vérbo, é ùa natureza espeçial que tem uns e nam tem outros, pela qual conheçémos serem uns **autivos**, outros **pássivos** e outros **neutros** — nos quães **géneros** repártem os Latinos os seus, e em outros dons, a que chamam **comuns** e **depoentes**. Nós, destes çinquo **géneros** temos somente dous: **autivos** e **neutros**.

**género(s)** → genero(s).

**genero comú** → genero(s).

**[género comum]** → genero(s).

**genero indeterminado** → genero(s).

**genero masculino** → genero(s).

**genero dos verbos** → genero(s).

**gentilicos** → nome(s).

**genituo** → caso(s).

**genitivo** → caso(s).

**gerúndios** → gerúndio(s).

**gerúndios ~ gerúndios** – sm. (< lat. *gerundium*)<sup>c</sup>

‘é constituído de uma raiz verbal e de um afixo’, ‘forma verbal’. [gdfo/p234]: e tãbê tẽ os nossos verbos **gerúndios** como sendo: amãdo: fazendo. [gdjb/p332]: Os Latinos conjugam os seus vérbos per çinquo discursos: presente do indicativo, pretérito, infinitivo, **gerúndios**, supinos e partiçípios. Nós conjugamos os nósos vérbos per estes discursos: pelo primeiro, presente, pretérito, infinito, **gerúndio do ablativo** e per o partiçípio do pretérito, tudo na vóz autiva, por nam termos vóz passiva. [gdjb/p339]: **Gerúndio** amando — lendo — ouvindo — sendo.

**gerúndio do ablativo** → gerúndio(s).

**gramática(s) ~ grãmática ~ grammatica ~ grammática** – sf. (< lat. *grammatica*)<sup>c</sup>

→ anotação(ões) → arte(s) → cartinha ‘gramática é a descrição completa da língua, isto é, dos princípios de organização da língua’. [gdfo/p169]: E pois **gramatica** e arte que ensina a bem ler e falar: saybamos quem primeiro a ensinou e onde e como: porque tãbê agora a possamos usar na nossa antiga e nobre lingua. [gdfo/p220]: esta arte de **grammatica** em todas as suas partes e muito mais nesta da analogia: e resguardo e anotação d’sse costume e vso tomada despois que os homens souberão falar: e não lei posta que os tire da boa liberdade quãdo e bẽ regida e ordenada por seu saber: nẽ e diuindade mãdada do çeo que nos possa d’nouo ensinar: o que ja temos e e nosso: não embargãdo que e mais deuino quẽ melhor entẽde.

[gdfo/p164]: eu não presumo ensinar aos que mays sabem: mas notarey o seu bo costume para que outros muitos aprendão e saybão quanto prima e a natureza dos nossos homẽs porç ella por sua Võtade busca e tem de seu a perfeçção da arte que outras nações aquirem corre muyto trabalho: e nestas cousas se acabara esta primeiras anotação em dizer não tudo mas apontar alghũas partes neçessarias da ortografia: acento: ethimologia: e analogia da nossa linguagem em comuõ parturizando nada de cada dição: porç isto ficara para outro tempo e obra. [gdfo/p171]: A primeyra partição que fazemos em qualquer lingua e sua **grãmatica** seja esta em estas tres partes. Letras Syllabas e Vozes: que tãbê ha na nossa de Portugal com suas considerações cõformes a propria melodia. [gdjb/p293]: **GRAMÁTICA** é vocábulo grego: quẽr dizer çiência de lãteras. E, segundo a difinçãm que lhe os Gramáticos déram, é um módo çerto e justo de falar e escrever, colheito do uso e autoridãde dos barões doutos. Nós podemos-lhe chamãr artefício de palãvras póstas em seus naturães lugares, pera que, mediante elas, assi na fãla como na escritura, venhamos em conhiçimento das tenções alheas. Porque bem assi entram as lãteras pela vista como as palãvras pelos ouvidos — instrumento com que o nosso intendimento reçebe as mãis das cousas. [gdjb/p.293-294]:

Nome, Pronome, Vérbo, Advérbio, Partiçípio, Conjunçãm, Preposiçãm, interjeçãm — que tem os latinos. Os quães partem a sua Gramática em quáto pãrtes: em Ortografia, que tráta de lãtera; em Prosódia, que trata de sílaba; em Etimologia, que trata da diçãm, e em Sintáxis, a que responde a construçãm. À imitaçãm dos quães Por termos as suas partes dividimos a nõssa **Gramática**. [gdjb/p294]: E, porque a mãis pequena déstas pãrtes é.a lãtera, donde se todalas dições compõem, vejamos primeiro déla e desi das outras três, nam segundo convém à órdem da **Gramática especulativa**, mas como requere a **preçeitiva**, usando dos termos da **Gramática latina** cujos filhos nós somos, por nam degenerãr déla. E tãbẽm porque as çiências requérem seus próprios termos per onde se [h]am de aprender, como as óbras mecãnicas instrumentos com que

se fazem, sem os quães nenhũa déstas se pôde entender nem acabár. [gdjb/p305]: ESTA maneira de nomes aumentativos é contrária á de çima. porque ãa diminuíe a cousa e outra acreçenta. Destes nomes, Gregos e Latinos nam tratam em suas **Gramáticas** por ôs nam terem.

**grãmatica** → gramática(s).

**gramática especulativa** → gramática(s).

**gramática latina** → gramática(s).

**grammática** → gramática(s).

**grammatica** → gramática(s).

**gráo** – sm. (< lat. *gradus*)<sup>c</sup>. ‘flexão do substantivo, do adjetivo, do advérbo qualificativo (de modo) e, como menos frequência, do verbo’. [gdfo/p226]: com .ω grãde como suor. mas quatro **cõparatiuos**. maior. menor. melhor. [gdjb/p305-306]: E a este nome ajetivo chamam os Latinos como já disse positivo, em respeito do **comparativo**. Quando vem ao segundo **gráo comparativo** dizemos: [H]eitor foi milhór cavaleiro que Aquiles: ou diremos: foi máis esforçado que Aquiles, porque melhor e máis, nésta órdem de comparaçám, é ãa mesma cousa. E entre nós e os Latinos [h]á ésta diferença: eles fázem **comparativos** de todolos seus nomes ajetivos que pódem receber maiór ou menór sinificaçám, e nós nam temos máis comparativos que estes: maiór, que quér dizer máis grande; menór, por máis pequeno: milhór, por máis bom e piór, por máis máo. Però, todolos outros comparativos que eles fórmam suprimos nós com este avérbio máis que acreçenta a cousa a que ô ajuntamos. [gdjb/p306]: E pera falármos pelo módo **superlativo**, que é o máis alto **gráo** de priminençia e ventájem que se pôde dár a algũa cousa, ajuntamos esta páрте mui ou muito ao **comparativo** e dizemos: [Heitor] foi muito milhór cavaleiro que Aquiles. E assi fica [H]eitor louvádo de Cavaleiro em **gráo superlativo**. Verdáde é que [n]alguns nomes que recebemos do Latim vai a sinificaçám superlativa já formáda, assi como: doutíssimo. sapientíssimo e outros que o uso nos fez próprios.

**gráo comparativo** → gráo.

**gráo superlativo** → gráo.

[grau] → gráo.

# H

**hiáto** – sm. (< lat. *hiātus*)<sup>c</sup>. ‘é um grupo de duas vogais contíguas que pertencem a sílabas diferentes’. [gdjb/p375-376]: Á, que é a nõssa primeira lêtera do A B C, tem duas figuras: ãa, deste á que chamamos grande e outra do pequeno. Ambos sérvem em composiçám de diçoes e cada um tem seu ofiçio em que o outro nam entende, porque, nam escrevendo as diçoes onde cada um sérve, ficariam anfibológicas e duvidósas, dádo que o módo da construiçám as máis das vezes nos ensine [a] tirár ésta anfibologia, como néstas e outras diçoes: más e mas. O primeiro tem quátro ofiçios: sérve por si só de preposiçám, per semelhante exemplo: Quando vou à escóla, vou de boa vontáde. E sérve de vérbio na terceira pessoa do singular deste vérbio: [h]ei, [h]ás, como quando dizemos: [H]á tanto tempo que vos nam vi, que já vos estranháva. E sérve de interjeiçám per este exemplo: A[h] má cousa, por que fázes isso? E quando sérve no quártio ofiçio cm composiçám com as outras lêteras é per os exemplos açima ditos e quer a sua prolaçám com **hiáto** da boca.

**hipérbole** → solecismo.

**hipozêusis** → solecismo.

**hirmos** → solecismo.

# I

**i comum** → vogal(-es).

**.i. consoante** → vogal(-es).

**.i. consoãte** → vogal(-es).

**imperativo** → modo(s).

**imperatiuo** → modo(s).

**impessoal** → verbo(s).

**impessoáes** → verbo(s).

**indicativo** → modo(s).

**indicatiuo** → modo(s).

**infinitivo(s)**<sup>1</sup> ~ **infinitiuo** – sm. (< lat. *infinitīvu*)<sup>m</sup>. ‘forma nominal do verbo que exprime o estado ou a ação’.

[*gdfo/p233*]: Isto dixe da premeira pessoa do presente do indicatuiuo: porque esse tẽpo e o **infinitiuo** são principio da cõjugação: o qual **infinitiuo** ou acaba em ar. como amar. ou em .er. como fazer. ou em .ir. como dormir. mas cõ tudo tambẽ ahi tem suas eiçeições os ṽbos porque este verbo ponho pões. faz o seu **infinitiuo** ã .or. dizẽdo .por. o qual todauia ja fez poer e ainda o assi ouuim' a alghũs velhos: destes dous lugares formamos toda a outra conjugação a qual he diuersa como logo diremos ensinãdo quãtas são as conjugações e amoestãdo que hahi dellas eiçeições. [*gdjb/p330*]: Ao derradeiro e quinto modo chamam **infinitiuo**, que quẽr dizer nam acabãdo, porque, alẽm de careçer de números e pessoas, nam determina nem per si acãba cousa algũa, como se verã neste exemplo: Conçeder-vos isto que pedis. Se mãis nam dissér, fica ẽsta òraçãm imperfeita: que lhe falẽçe? [*gdjb/p306*]: Podemos tambẽm dizer serem nomes verbães todolos **infinitivos**, do presente tempo, poendo-lhe seu artigo com que fica[m] nome[s].

**infinitiuo** → infinitivo(s).

**infinitivo(s)**<sup>2</sup> → discurso(s) → modo(s).

**infinito** → discurso(s).

**interjeçãm** → interjeiçãm.

**interjeiçãm** ~ **interjeçãm(-ões)** ~ **interjeições** ~ **interjeções** – sf. (< lat. *interjectiõne*)<sup>m</sup> ‘palavra invariãvel, isolada, que forma uma frase por si mesma, sem relaçaõ com as outras orações e que exprime uma reaçaõ afetiva viva’. [*gdfo/p183*]: das vogaes não ha hi duuida se não que nenhũa e aspirada antre nos/tirãdo alghũas **interjeições**. [*gdfo/p180*]: antre nos eu não vejo alghũa vogal aspirada se não e nestas **interjeções** vha e aha e nestoutras de riso ha ha he. aĩda que não me parece este bo riso portugues posto que o assi escreua Gil viçente nos seus autos. [*gdjb/p294*]: Cada um destes reies tem sua dama: ã do Nome chamam Pronome e ã do Vẽrbo, Avẽrbio, Participio, Artigo, Conjuncãm, **Interjeçãm**. Nome e Verbo. [*gdjb/p348-39*]: os gregos contaram ẽsta pãrte da **interjeiçãm** com o nõsso, avẽrbio. Os Latinos (a quem nõs seguimos) distintãmente falãram dẽla. E, segundo eles, nam é que mãis que ãa denotaçãm do que a alma padẽçe. E, antre muitas que temos, ẽstas sam as mãis comuns: ai, oi, ex, sam de quem sente dor; há, há, hé, de quem ri: Jesu! de quem se espanta; ai-

ai, de quem sinte prazer, achando: adeus, de quem exclama; á — há, de quem comprende alguẽm em malefício; ui, de quem zomba; chis, st, pera fazer silẽnçio. [*gdjb/p356*]: **INTERJEIÇãm**, como vimos atrãs, tem tantos sinificãdos como sam os efeitos da ãlma.

**[interjeiçãõ]** → interjeiçãm.

**interjeições** → interjeiçãm.

**interjeções** → interjeiçãm.

**interrogaçãm** → pontos.

**[interrogaçãõ]** → pontos.

**interrogativo**<sup>1</sup> → caso(s).

**interrogativos**<sup>2</sup> → pontos.

**.i. pequeno** → vogal(-es).

**ironia** → solecismo.

**.i. vogal** → vogal.



**.j. cõsoante** → consoante → letra(s).

**j longo** → letra(s).

**jornãda** → conjugação(-ões) → discurso(s).



**leis** → regras.

**l singelo** → letra(s).

**letra(s) ~ lãtera(s)** – sf. (< lat. *lãtãra*)<sup>c</sup> ‘designa cada um dos elementos grãficos de que é constituĩdo um alfabeto e que são utilizados nas escritas alfabãticas’. [*gdfo/p171*]: **Letra** he figura de voz estas diuidimos em cõsoantes e vogaes. [*gdfo/p178*]: pronunciasse a **letra .b.** antros beyços apertados lançãdo para fora o bafo com ímpeto: e quase com baba. **c.** Pronũciasse dobrãdo a lingua sobre os dentes queyxaes: fazendo hũ çerto lombõ no meyo della diante do papo: casi chegando cõ esse lõbo da lingua o çeo da boca e empedindo o espirito: o qual per força faça apartar a lingua e faças e quebre nos beyços com ímpeto. [*gdfo/p179*]: Esta **letra .c.** cõ outro .c. de bayxo de si virado para tras nesta forma **.ç.** tẽ a mesma pñçiaçãõ q̃ .z. se não que aperta mais a lingõa nos dẽtes [*gdfo/p178*]: A pronũciaçãõ da **letra .d.**

deita a lingua dos dentes d'çima com hũ pouco de espirito. A pronũciação do **.f.** fecha os dẽtes de çima sobre o beicho de bayxo e não he tão inhumana ãtre nos como a quentiliano pinta aos latinos: mas todauia assopra como ele diz. A pronũciação do **.g.** e como a do **.c.** cõ menos força do spirito. [gdfo/p180]: **.h.** se e **letra cõsoante** como alghũs quiserão: e o traz diomedes grãmatico ha mester propria força e se a tẽ ou não ou se e bõa apronũciação que lhe dão alghũs latinos elles o vejão: nos portugueses não lhe damos mais que hũ pouco de esprito: o qual esforça mais as vogaes cõ que se mistura: e dizẽ os latinos que se pode misturar cõ todas as vogaes: mas antre nos eu não vejo alghũa vogal aspirada se não e nestas interjeyções vha e aha e nestoutras de riso ha ha he. [gdfo/p177]: desta **letra .i. vogal** sua, figura he hũa aste pena aleuãtada cõ hũ ponto pequeno redõdo em çima: pronũciasse cõ os dentes quasi fechados: e os beichos assi abertos como no **.e.** e a lingua apertada cõ as gẽgibas de bayxo: e o espirito lançado cõ mais impeto. [gdfo/p179]: **.j. cõsoante** tẽ a aste mais longa que o vogal: e tẽ ençima hũ pedaço quebrado para tras: e em bayxo a ponta do cabo virada tambẽ para tras a sua pronũciação e semelhante a do **.xi.** cõ menos força e esta mesma virtude damos ao **.g.** quando se segue despoys delle e. ou **.i.** mas a mi me parece que cõ. o **.i.** consoãte o podemos escusar. [gdfo/p175]: porque sem duuida elle antre nos não faz nada: nem eu nunca vi em escritura de Portugal esta **letra .k.** [gdfo/p178]: A pronũciação do **.l.** lambe as gẽgibas de çima co as costas da lingua achegãdo as bordas della os dẽtes queyxays. [gdfo/p182]: **.l.** e **letra liquida:** saberemos que a forma e melodia da nossa lingua foy mays amiga de por sempre **.r.** onde agora escreuemos as vezes **.l.** e as vezes **.r.** como gloria e flores: onde diziã grorea e froles: e tambẽ outras partes comestas. [gdfo/p178]: A pronũciação do **.m.** muge antre os beyços apertados apanhando para dentro. [gdfo/p178]: A pronũciação do **.n.** tine/diz Quintiliano tocãdo cõ a põta da lingua as gingibas de çima. [gdfo/p178]: A força ou virtude do **.p.** e amesma que a do **.b.** se não que traz mays espirito. Diz diomedes que a pronũciação do **.q.** se faz de **.c.** e **.u.** e elle quer que ou seja sobeja: ou sempre tenha **.u.** liquido despoys d'si. como quasi. quãdo. quãto. qual. e outras semelhãtes como tambẽ pa

qndo se seguẽ **.i.** ou **.e.** por tirar a duuida que pode auer ãtre **.c.** e **.ç.** Pronũciasse o **.r. singelo** cõ a lingoa pegada nos dẽtes qyxaes de çima e sae o bafo tremendo na põta da lingua. Do **rr. dobrado** a pronũciação e a mesma q̃ a do **.r. singelo** se não q̃ este dobrado arranha mays as gẽgibas de çima: e o singelo não treme tãto: mas tã mala ves he semelhãte ao **.l.** O **.s. singelo** diz quentiliano e letra mimosa e qndo a pronũciamos aleuãtamos a põta da lingua pera o çeo da boca e o espirito assouia pellas ilhargas da lingua. O **.ss. dobrado** pronũciasse como o outro pregãdo mais a lingua no çeo da boca. O **.t.** tẽ a mesma virtude do **.d.** com mays espirito toda via tira o **.t.** pera fora. [gdfo/p179]: A força de **.v. consoante** e como a do **.f.** mas cõ menos espirito. E a sua figura são duas costas d'triãgolo cõ o cãto pa bayxo. Esta **letra .y.** que chamamos grego tẽ a figura como **.v. consoante.** Ao **.x.** nos lhe chamamos çis mas eu lhe chamaria antes xi porq assi o prouunçiamos na escritura: pronũciasse co as queixadas apertadas no meyo da boca/os deles Atos a lingua ancha dentro na boca e o espirito ferue na humidade da lingua. [gdfo/p190]: **.y. consoante** como Mayo . seyo . saya . ayo. mas não sempre: e se isto falta que não metemos este **.y.** antrellas e as mays das vezes nas partes onde alghũa destas duas vogaes ou syllabas assi continuoadas tem estas vozes ou alghũa dellas **.i.** ou **.u.** como **.duas.** rua. maria, e tambẽ **.o.** pequeno como zamboa: e cõ tudo ainda aqui não sempre mas tãbẽ **.u.** **.i.** ou **.o.** se teuerẽ despoys de si outra vogal tãbẽ soa antrelles muitas vezes este **.y. consoãte** como marroyo. tiyo. arguyo. tiya. A pronũciação do **.z.** zine antros dentes çerrados com a lĩgua chegada a elles e os beyços apartados hũ do outro: e e nossa propria esta letra. [gdfo/p179]: Esta **letra .y.** que chamamos grego tẽ a figura como **.v. consoante** se não que estende hũa perna para bayxo ficandolhe a boca para çima todavia: da qual alghũs poderã dizer que não e nossa: mas eu lhe darey offiçio na escriptura das nossas dições proprias: e e este que as mais das vezes quando vem hũa vogal logo tras outra nos pronũciamos ãtrellas hũa letra, como ã meyo. seyo. moyo. joyo e outras muitas a qual letra a mi me parece ser **.y.** e não **.i.** vogal porq ella não faz syllaba por si. [gdfo/p168]: Acostumão os grammaticos repartir as **letras cõsoantes** em mudas e semiuogaes em qualquer

língua: e e esta a principal causa de sua repartição: ã as semiuogaes pode estar em fim das vozes como as vogaes. E as mudas cujo nome que e bẽ claro não podem dar cabo as vozes [gdfo/p181]: Algũas **letras** se fazem liquidas. Quer dizer liquido aqui brando/ou diminuido de sua força. [gdfo/p176]: as **letras liquidas** nas partes das divisões que ja fizemos não tem lugar nem fazẽ genero ou especia de letras por si. [gdfo/p182-183]: Mas somente são **letras semiuogaes** deminuidas de sua força. [gdfo/p174]: ami melhor parece não ha hi antre nos mays **letras semiuogaes** ã somente estas l. r. s e z. [gdfo/p182]: Liquida sera a **letra semiuogal**. Diz Probo grãmatico se em hũa mesma syllaba vier depouys doutra **letra consoante** e dizẽdo outra: entende que essa outra seja doutro genero de **letras consoantes**: conuẽ a saber muda. Antes de **letra liquida** estara sempre **letra muda**. Como /brauo/drago /crãguejo /frangao / grosso. [gdfo/p175]: As **letras mudas** são estas .b. c. d. f. g. m. n. p. q. t . x. chamãose mudas: porque em si não tem voz alghũa nem offiço ou lugar que lha de: tiramos dantras nossas letras .k. [gdfo/p183]: As **letras consoantes aspiradas** que são: ch, lh, nh. não tem propria figura ainda ateagora. das cõsoãtes eu diria que sem aspiração fazẽ alghũa mudança cujo sinal e aquella figura de **letra .h.** [gdfo/p172]: Diz Antonio de nebrissa que temos na espanha somẽte as **letras latinas**: mas porque e verdade que são tantas e taes as letras como as as vozes: nos diremos que de nos aos latinos ha hi muita diferẽça nas letras. [gdjb/p295]: **Lêtera** segundo os Gramáticos é a mais pequena parte de qualquẽr diçã que se póde escrever, a que os Latinos chamáram nóta e os Gregos caráter, per cuja valia e poder formamos as palávras. as **lêteras** veéram ter éstas três cousas: nome, figura, poder. Nome, porque à primeira chamam A, à segunda Bê, à terceira Çê. Figura, porque se escrevem désta maneira: A, B, C. Poder, pola valia que cada ãa tem, porque, quando achamos ésta **lêtera A**, já sabemos que tem a sua valia. [gdjb/380-385]: Esta segunda **lêtera, b**, àçerca de nós e dos latinos nam tem máis açidente que querer antes de si m, como néstas dições: ambos, embólas: embigo, tombo. **c.** Tem duas figuras: a primeira de çima e ésta seguinte: **ç.** Quintiliano, porque os latinos nam tem este em

figura, tratou do primeiro, dizendo que com ele podíamos soprir o offiço de k e q. este primeiro c ajunta-se sómente a éstas três vogães: ca, co, cu. E o segundo a todas, a este módo: ça, çe, çì, ço, çu, com que as sílabas ficam çeçeãdas da maneira dos çiganos. Nós, parẽce que [h]ouvemos éstas lêteras dos mouriscos que vençemos. **DFPTXZ** Éstas seis lêteras, nam tem tantos trabálhos nem mudanças em servir seus offiços como vemos que tem as outras. G tem diferenças em seu serviço quando se ajunta às vogães, porque nam pronunçiamos ga, go, gu como ge, gi, cá estes tem a prolaçã de je, ji. E pera ajuntármos à **lêtera g** éstas duas vogães e, i, com que fáça a prolaçã de ga, go, gu, é neçessária ésta **lêtera u**, a este módo: guérra, Guilhélme. Porque, como os latinos nám pódem dizer che, chi senám mediante ésta **lêtera h**, assi nós nam podemos dizer que, qui, senám mediante u. E, porque muitos confundem a ortografia néstas duas sílabas ge, gi, escrevendo je, ji, e tãmam ãas por outras, devemo-nos conformár pera boa ortografia com as dições latinas, porque cási todolos nomes próprios se escrevem com J e as outras partes com g: Jerusalém, Jeremias, Jeroboãm. E com g: gente, geáda, genro, ginete, etc. Sérvem-nos comummente em totalas dições. **H.** Ésta figura h os latinos nam lhe chamam lêtera mas aspiraçã, por sérvir em totalas sílabas aspirádas, o qual offiço tem àçerca de nós como néstas dições: há! que é interjeiçã de rir e a-há que é de compreender em algum erro e de conçeder que está ãa cousa bem feita. E assi nestes e em outros nomes: herdáde, hómem, humanidáde. Tem máis outro offiço àçerca de nós, que, com cada ãa das três lêteras vogães, fáz três sílabas que sam próprias da nóssa linguágem, a este módo: cha, lha, nha. [gdjb/p377]: **J longo** servirá em totalas dições que começãrem nele: ao quáil se segue vogál como: jáço, jantár, jejũár, Joane, justiça, etc. E a vogál onde ele fére se póde chamár ferida; e entãm sérvẽ de consoante. **L.** tem ãa só deferença, que às vezes se quẽr dobrádo, quando está posto antre duas vogães, como nésta parte: elle e outras dições que tomamos dos latinos. Ésta diçã todolos muitos presentes â escrevem com **ll dobrádo**, como quẽm nam sente a composiçã das partes de que se compõe, cá é compõsta déstas duas:

todos os. E, por tirár aquele concurso de sílabas per ùa figura que os latinos chamam epêntesis, tiramos o s de todos e, em seu lugar poemas **I singélo**, com o quál arreatamos aquele artigo os e dizemos todolos. [gdjb/p371]: E a esta **lêtera I**, o seu verdadeiro nome é éle. **M** tem menos trabálho que as outras lêteras porque [em] totalas sílabas cuja lêtera ele é final, sérve em seu lugar til, a que podemos chamár soprimento dele e do n, como néstas dições: mãdar, razã. Em algũas dições se quér dobrádo, como: grammática, immortal, porque tem ésta natureza: ante de si nam consente n, como p e b que é régra dos Latinos. Ésta **lêtera N** àçerca de nós sérve no prinçípio e fim da sílaba e nunca em fim de diçám, porque nam temos páрте que se acábe nele, como, pelo contráiro, os Castelhanos em m, nô que somos máis fórmes aos Latinos. E muitas vezes o til ô escusa do seu trabálho quando é final de sílaba, como fáz ao m. Tem máis, que às vezes se quér dobrádo em algũas dições que reçebemos dos Latinos. como anno. Ésta **lêtera Q**, pelo nome que tem e assi pela pouca neçessidáde que [h]á déla (como vimos atrás na lêtera c), a nós convinha máis que a outra naçám desterrála da nóssa ortografia e, em seu lugar, empossár ésta lêtera c. Mas já disse quam reçeoso sou de novidadés, dádo que as proveitósas tenham muita força para serem reçebidas, como creio que se faria a ésta **lêtera c**, se fezésse profissám de ano e dia, pois ésta que tem tam pervérsa natureza, além do máu nome, que se nam ajunta às lêteras vogáes senám mediante ésta, u, que lhe é semelhável. E assi fica aquéla **lêtera u** sempre líquida, sem força, prinçipalmente, àçerca de nós, néstas dições que, qui, cá assi âs sintimos como os Latinos e dizemos: quál, quam, quanto e nam cál, cam, canto, por terem outros sinificádos. Estoutras sílabas quo, quu, nam âs [h]á em nóssa linguágem, cá dizemos: como, cume e não quomo, quume. Éstas duas sílabas que, qui sam, àçerca de nós, mui çelebrádas, porque, nésta páрте, desfalçem o uso do c. Segundo vimos na divisám das lêteras, **R** é ùa das que tem duas figuras na lêtera redonda: um singélo que tem a vóz léve e branda a que chamamos ére e outro dobrádo que rompe a vóz com ímpeto [e] que se chama érre. O primeiro sérve no meo das dições às vezes em figura e em vóz e no fim sempre. No prinçípio sérve

em figura mas nam em vóz, por ser [não] brando, como néstas dições: razám, recádo, etc. O segundo sérve sempre no meo, quando a sílaba é ríspida e fórte, como: carreta que é diferente de caretá. E no prinçípio sérve sempre sua vóz, porque em totalas primeiras sílabas das dições cuja primeira lêtera é r, ésta tál será fórte e nam branda. [gdjb/p386]: **S** tem duas figuras: ésta, s, que sérve sempre no prinçípio e no meo muitas vezes; e estoutro s sempre no fim, e assi outros pequenos, que nam tem háste comprida. O primeiro, em algumas dições ô dobramos, ao módo dos Latinos, prinçipalmente em o presente de todolos vérbos do módo pera desejár, como: amásse, lesse, ouvisse, fosse. E, pola maiór páрте, ôs que ante si e depois de si tem lêtera vogál, serão dobrádos; quando for toda ùa diçám, como: assi, esse, nóssa. [gdjb/p378]: **Y grego** tem dous ofícios: sérve no meo das dições, às vezes, como: mayor, veyo. E sérve no fim das dições, sempre, como: páy, áy, tomáy, etc. [gdjb/p.379]: **V**. Como vimos, temos dous uu, ù désta figura, v, e outro assi: u. Pero, o primeiro nam sérve de vogál mas de consoante em totalas dições que começám nele, por ser ùa das **lêteras dobrádas** que temos que sérem no prinçípio, como néstas dições: vontaje, veio, vimos, vontáde, vulto. [gdjb/p296]: temos algũas **lêteras dobrádas** a maneira dos Hebreos: ùas per o prinçípio de qualquer diçám, outras pera o meo e outras pera o fim. [gdjb/p374]: nenhũa diçám podemos escrever com **lêtera dobráda**, senám com éstas semi-vogáes: l, m, n, r, s, porque nos [h]avemos de conformár com as sílabas que temos, como se póde ver na introduçám per onde os mininos pódem aprender a ler. E éstas **lêteras dobrádas** servirám em meo da diçám e nam em o prinçípio ou fim déla, como agóra fázem muitos que quérem fazer lêtera a seu ver fermósa, sem curár da ortografia, como quem â nam sente. E as nóssas sam estas: I, i, y; R, r; S, s; V, u. [gdjb/p371]: E que x, z nam móstem em suas prolações ambas as vogáes que digo, sempre serám meas vogáes, por razám do ofício que tem doutras duas lêteras em cujo lugar élas sérvem, cá ésta **lêtera x** é breviatura destas cs e z de sd. [gdjb/p377378]: I pequeno sérve em totalas dições amparádo de ùa parte e doutra com **lêtera consoante**. [gdjb/p372]: Das **lêteras numeráes**. Nós

e os Latinos, dádo que pera numerár tomemos algũas lêteras do A B C, nam guardamos a órdem como ùas preçêdem as outras em lugar: sómente está em costume que, por ésta lêtera j (longo) denotamos um e, pera dous, ajuntamos o pequeno ao grande per ésta maneira: ij. Três, quátro, assi ô escrevemos: iij. iiij. Quando vem a çinco, poemos ésta lêtera b que é segunda na órdem do nosso ABC, e isto em a lêtera tiráda, que, na redonda, poemos v que é a quinta das vogáes. Seis, séte, oito, escrevemos a este módo: vi, vij, viij. O número nóve: detrás da lêtera x que denóta déz poemos um ponto a ésta maneira: ix, que fáz diminuiçám em o número déz. E, quando a ele queremos acreçentár outros números té chegar a dezanóve, peemos todos diante a este módo: xi, xij, xiiij, xiiij, xv, xvi, xvij, xviiij, xix. Quando queremos escrever quorenta em lêtera redond[a] per estes quátro xxxx ô sinificamos e na tiráda um R e, por çincoenta, L, e, por çento, C e por mil M. A maneira de numerár per çifras, dádo que também sejam algũas délas do nósso A B C, máis, pertença a arisméticos que a gramáticos.

**lêtera(s)** → letra(s).  
**lêtera A** → letra(s).  
**lêtera, b,** → letra(s).  
**lêtera consoante** → letra(s).  
**lêtera(s) dobrada(s)** → letra(s).  
**lêtera(s) dobráda(s)** → letra(s).  
**lêtera h** → letra(s).  
**lêtera l** → letra(s).  
**lêtera n** → letra(s).  
**lêtera q** → letra(s).  
**lêtera tirada** → letra(s).  
**lêtera u** → letra(s).  
**lêtera x** → letra(s).  
**letra .b.** → letra(s).  
**letra .c.** → letra(s).  
**letra cõsoante(s)** → letra(s).  
**letra(s) consoante(s)** → letra(s).  
**letra .d.** → letra(s).  
**lêtera g** → letra(s).  
**letra .h.** → letra(s).  
**letra .k.** → letra(s).  
**letras latinas** → letra(s).  
**letra(s) líquida(s)** → letra(s).  
**letra(s) muda(s)** → letra(s).  
**letras numeraes** → letra(s).  
**letras [numerais]** → letra(s).  
**letra(s) [semivogais]** → letra(s).  
**letra(s) semiuogal(aes)** → letra(s).  
**letra(s) vogal(es)** → vogal(-es).  
**letra(s) voga[is] grandes** → vogal(-es).  
**letra .y.** → letra(s).

**leys** → regras.

**lígoa** → língua(s).

**lingoa(s)** → lingua(s).

**lingoagem** → linguagem.

**lígua** → língua(s).

**língua(s) ~ lingoa(s) ~ lígua ~ lígoa** – sf. (< lat. *lĩngŭa*)<sup>c</sup>: ‘é um instrumento de comunicação, um sistema de signos vocais específicos aos membros de uma mesma comunidade’. [gdfo/p168-169]: E não desconfiemos da nossa **língua** porque os homens fazem a **língua** e não a **lingoa** os homens. mas em muitas cousas tem anossa **lingoa** vantagemê: porque ella e antiga ensinada/prospera/ e bê conuersada: e também exercitada em bos tratos e ofícios. [gdfo/p171]: a **língua** e escritura e fiel tisoureyra do bem de nossa soçessão e são diz Quintiliano as letras para êtregar aos que vierem as cousas passadas. E e manifesto que as **líguas** Grega e Latina primeiro forão grosseiras: e os homens as poserão na perfeição que agora tem. verdade avemos de confessar que temos oyto vogaes na nossa **lígoa** mas não temos mais de çinco figuras: na nossa **lígua** podemos dividir antes e necessário que dividamos as letras vogaes em grandes e pequenas. [gdfo/p205]: AS dições que trazemos doutras linguas escreuelas emos co as nossas letras que nellas soão como ditõgo filosofo. gramatica: porque todo o mais e empedimento aos que não sabê essas **lingoas** donde ellas vierão. [gdfo/p213-21]: mas o que me espanta muito/e que na **língua latina** na qual despoys que os latinos acabarão não temos nos que não somos latinos liçença de por/nem tirar: nem mudar nada: nesta **língua latina**. [gdjb/296]: Temos máis éstas três prolações: ch. lh, nh. as quáes sam próprias da nósso **língua**. e usamos délas em soprimento de três lêteras de que nam temos figura [gdjb/p311]: E porque como já disse, por sermos filhos da **Lingua Latina**.

**linguagê** → linguagem.

**linguágem(-ns)** → linguagem.

**linguagem ~ linguágem(-ns) ~ linguagê ~ lingoagem ~ linguajem** – sm. ( pro. < prov. *lenguatge*)<sup>m</sup>. ‘é a capacidade específica à espécie humana de comunicar por meio de um sistema de signos vocais’. [gdfo/p165]: A **Lingoagem** e figura do entendimento: e assi e verdade que a boca diz qnto lhe manda o coração e não outra cousa: antes não deuia a natureza criar outro mais disforme monstro do que são aq̃lles que

falão o que não tem na vontade. Porq se as obras são proua do homê. Como diz a suma verdade Jesu xpo nosso d's: e as palauras são ymagem das obras: següdo diogenes laerçio: escreue que dezia Solon sabedor de Greçia Cada hũ fala como quẽ ê: os bos falão virtudes e os maliçiosos maldades: os religiosos pãgão d'sprezos do mũdo e os o cavaleiros blasonão suas façanhas: e esses sabẽ falar os que êtêdê as cousas: porq̃ das cousas naçẽ as palauras e não das palauras as cousas: diz misõ filosofo: e outra vez çifero a bruto e quitiliano no oitauo liuro ôde tâbê disse que falar e pnũciar o que entêdemos: este so e hũ meyo que d's quis dar as almas raçionaes para se poderẽ comunicar antre si: e com o qual sendo spirituaes são sentidas dos corpos. Porq e tâ espiritual a lingua que não seja obrigada as leys do Corpo. [gdfo/p164]: E porem agora primeiro diremos que cousa he **linguagẽ** e da nossa como e principal antre muitas. [gdfo/p195]: porque a **linguagem** ainda no ajuntamento das dições e no estilo e modo de proceder tem suas particularidades ou propriedades. [gdfo/175]: Por tanto . k . nẽ . ph . nem .ps. nunca as ouuimos na nossa **linguagem**: nem nas auemos mester. [gdjb/p292]: EM a cartinha passáda démos árte pera os mininos fácilmente aprenderem a ler, com toda a diversidade de silabas que a natureza de nõssa **linguagem** padêçe. [gdjb/p293]: E como pera o jogo de enxedrez se requêrem dous reies, um de ùa cor e outro de outra, e que cada um deles tenha suas peças póstas em cásas próprias e ordenádas, com leies do que cada ùa déve fazer segundo o ofício que lhe foi dado: assi todalas **linguágens** tem dous reies, diferentes em género. e concordes em ofício: a um chamam Nome e ao outro Vêrbo. [gdjb/p.293-294]: Cada um destes reies tem sua dama: â do Nome chamam Pronome e à do Vêrbo, Avêrbio, Partição, Artigo, Conjunçám, Interjeçám, sam peças e capitães prinçipáes que debaixo de sua jurdiçam tem muita pionágem de dições, com que comummente sêrvem a estes dous poderosos reies, Nome e Verbo. Assi que podemos daqui entender ser a nõssa **linguagem** compósta déstas nóve pãrtes: Artigo — que é próprio dos Gregos e Hebreus. Nome, Pronome, Vêrbo, Advêrbio, Partição, Con

junçám, Preposiçám, interjeçám — que tem os latinos.

**linguagem** → linguagem.

**lingua latina** → lingua(s).

**ll dobrado** → letra(s).

## M

**macrologia** → solecismo.

**masculino(s)** → genero(s).

**meas vogáes** – sf. (*meio* + *-a* + < lat. *vōcālēs -īum*)<sup>c</sup> → semivogal(-es) ‘som caracterizado por um grau de abertura da cavidade bucal intermediário entre o da consoante mais aberta e o da vogal mais fechada’. [gdjb/p371]: l, m, n, r, s, x, z chamam-se **meas vogáes** por te[r]em ante e depois de si vogál que âs nomea. [gdjb/p372]: E éstas **meas vogáes** l, m, r se chamam líquidas e houvêram este nome àçerca dos Latinos porque todalas cousas que se desfázem e córrem chamam eles líquidas, cási dilidas e derretidas. Porque, em pronunçando algũa diçám onde élas sêrvem, nós âs dilimos na prolaçám de maneira que cási se nam sentem, como néstas dições clamor, crávo. E m podemos dizer que àçerca de nós liquêsçe quando em lugar dele se póde poer til, como nésta diçám pães.

**metáfora** → solecismo.

**[metátese]** → barbarismo.

**metátesis** → barbarismo.

**metonímia** → solecismo.

**modo(s) ~ módo(s)** – sm. (< lat. *mōdus*)<sup>c</sup> ‘categoria gramatical em geral associada ao verbo, e que traduz o tipo de comunicação instituído pelo falante’. [gdfo/p223]: são diuersas as vozes desses verbos em generos: cõjugações. **modos**. têpos. numeros. e pessoas. e também como em cada genero. cõjugaçã. **modo** e têpo. numero e pessoa. [gdfo/p233-234]: e porem algũs verbos não tê todos os **modos**: e outros faltão em têpos e assi ê cadahũ das outras cousas também as vezes alghũs verbos tem alghũa falta: ao menos em não seguir as regras geraes da formação das suas conjugações. [gdfo/p206]: porque ainda que este verbo .amariamos. como outras muitas partes tâbê fazê se possa apartar em outras partes que sinificão apartadas como em ama. nome de molher que cria ou verbo

**imperatiuo** e tãbem **indicatiuo**. [gdfo/p198-199]: assi no presente futuro e preterito do **indicatiuo** como tãbẽ no presente do **sojũtiuo** assi como dizemos estudamos. riremos. e digamos onde o acento esta na penultima não embargando que essa penultima seja pequena e antepenultima grande: a qual se forma cõ u. ou .j. vogaes grãdes. [gdjb/p330]: **MÓDO** em o vérbo nam é máis que ùa denotaçãm da vontade em falando. Sam os **módos** ácerca de nós çinquo, como tem os Latinos, portanto, seguiremos a sua órdem e termos. Ao primeiro chamam **indicativo**, quér dizer, demonstrador, porque per ele demostramos a óbra que fazemos, como quando digo: Eu leo. [gdjb/p342]: OS vérbos da primeira conjugaçãm fãzem no pretérito perfeito do **módo demonstrador** em ei e no partiçipio em ádo, como: amo — amei, amado. Ao segundo chamam **imperativo** que quér dizer mandador, ca per ele mandamos; exemplo: António, lê. Ao terceiro, **outativo**, quér dizer desejador, cotim quando dizemos: Prouvésse a Deos que lesses. [gdjb/p332]: Todalas outras máis pártes que os Latinos tem soprimos ou pelo infinitivo à imitaçãm dos Gregos, ou per circunlôquio a que podemos chamár rodeo. O **módo pera desejár** no tempo passádo nam acabádo dizemos tãbem per rodeo: Ó se tivéra amádo, lido, ouvido, sido. Ao quarto chamam **sujuntivo**, que quér dizer ajuntador, porque per ele ajuntamos ùa diçãm com outra pera dár perfeito intendmento no ânimo do ouvinte, per semelhante exemplo: Eu leria bem se ô continuásse. Esta parte: se ô continuásse, fez inteira ésta óraçãm: eu leria bem. E ùa sem outra nam satisfãz o intendmento. [gdjb/p337]: **MÓDO D'AJUNTÁR**: amemos — ameies — ame[m] leamos — leáies — leam ouçamos — ouçáies — ouçam sejamos — sejáies — Sejam Ao derradeiro e quinto **modo** chamam **infinitivo**, que quér dizer nam acabádo, porque, além de careçer de números e pessoas, nam determina nem per si acába cousa algũa, como se verá neste exemplo: Conçeder-vos isto que pedis. Se máis nam dissér, fica ésta óraçãm imperfeita: que lhe faléçe? um vérbo do **módo finito**. E ajuntando ùa parte com outra, diremos: Nam pôsso conçeder-vos isto que pedis.

**módo(s)** → modo(s).

**módo demonstrador** → modo(s).

**módo finito** → modo(s).

**módo pera desejar** → modo(s).

**monosyllabos** – sm. (< lat. *monosyllabus*)<sup>h</sup>. ‘vocábulo que só tem uma sílaba’. → artigo(s) [gdfo/p223]: todos os artigos em todos os casos são **monosyllabos** que quer dizer de hũa so syllaba: e por tãto na mesma voz em que começão nessa acabão: e sã ditõgo.



**neutro(s)** → genero(s).

**nome(s)** – sm. (< lat. *nomen -inis*)<sup>h</sup>. ‘designativo genérico de substantivo e adjetivo’. [gdfo/p225]: OS **nomes** se declinão em generos e numeros: em generos como moço. moça. e em numeros como. moço e moços. moça e moças. [gfo/p227]: Tirando Domingos. Marcos e Lucas: que não varião seus numeros: e com tudo o genero que tãhão no singular os **nomes** esse terão no plural. como candeya que he feminino no singular tãbem o assi sera no plural como candeyas. [gdfo/p218]: em o **nome** o singular e seu pricipio. e no verbo o presente do **indicatiuo** e **infinitiuo**. e por tanto os **nomes** se conheçem dos verbos e os verbos cõ os **nomes** das outras partes: porque são diferêtes hũs dos outros e os **nomes** se conheçem por outros **nomes**: e os verbos por outros verbos porque sam em alghũa cousa e voz semelhantes cada parte destas cõ as outras do seu genero: e cõ tudo não tãto que não tãhão alghũas meudezas diferentes ou diferências mais meudas e particulares como o **nome** ser comũ ou proprio: ajetiuo e sustantiuo: e o verbo pessoal ou impessoal: e mais ainda cada verbo ou **nome** tem diuersidade em outras mais cousas: como o nome em estados: e o verbo em modos e tempos numeros e pessoas: dos quaes numeros e pessoas o **nome** isso mesmo não e liure delles. [gdfo/p221-222]: e a regra que demos dos **nomes dos offiçios** que acabassem em .eiro. damos das offiçinas ou lugares desses offiçios cujos nomes acabarão em ria: pella mayor parte como orieuzaria. çapataria. carpentaria: mas de telheiro dizemos telheira: e d' tauerneiro tauerna. e o lugar de mercador dizemos loega: e o do boticaio botica. Ainda porẽ que estes não são dirivados. [gdfo/p226-

227]: os **nomes ajetiuos** e denotatiuos não tẽ çerto genero por si. [gdfo/p226-227]: Este **nome ajetiuo. comũ.** serue a masculinos e femininos porque não digamos nos femininos hũs çertos **nomes ajetiuos** acustumamos nos formar em .um. como ouelhum. cabrum. porcum. E outros os quaes damos a genero masculino. [gdfo/p197]: tomas. **nome proprio** dhomẽ. marcos. lucas. e domingos. **nomes propios.** [gdfo/p219-220]: e os **nomes verbaes**: assi tãbẽ são diferentes: porque de ler dizemos lição: e de orar oração: mas de amar e honrrar dizem amor e hõrra ainda que não são tirados estes derradeiros e não somẽte os tirados de diuersas partes são diferẽtes como de capitão dizem molher capitoa e não capitaina. e de pescado ou pescar dizemos homẽ pescador: e molher pescadeira: e barca pescaresa. [gdfo/p219]: os **nomes verbaes femeninos** acabem todos em .ão. como lição. oração. e os masculinos acabem em or. como regedor. governador. [gdfo/p194-195]: Mas que diremos destes **nomes femeninos**: capitoa: e viloa: e outros comestes que tem .o. pequeno na penultima cõtinoãdose logo vogal sem anteposição de alghũa cõsoante e mais na antepenultima tem .i. o qual nos dissemos que sempre .e. grande . Estes nomes eu nam nos pronũciaria nesta forma çidadao. capitoa: viloa: rascoa: aldeoa. mas pronunçialosia assi aldeã vilã çidadã. [gdfo/p219]: e os **nomes demenutiuos** e aumõtatiuos e alghũs outros ainda que não em tudo: não se tirã mas formãse guardãdo çertas regras [gdjb/p299]: **NOME** segundo a difinçãm dos gramáticos é aquele que se declina per casos sem tempo, sinificando sempre algũa cousa que tenha corpo ou sem corpo: que tenha corpo, como hómem, páu, pédra; sem corpo, Gramática, çiência, doutrina. E cada um dos **Nomes** tem estes açidentes: Calidãde, Espéçia, Figura, Gênero, Número. **TODOS** nomes [h]am de ter ãa de duas calidãdes: própria ou comum. Calidãde em o nome é ãa diferença pela qual conheçamos um do outro. [gdjb/p301]: Serã também calidãde em o nome a distinçãm per que apartamos o sustantivo do ajetivo. Põde ser também calidãde em o nome aquilo per que o relativo se apãrta do antecedente. [gdjb/p303]: Tem o nome outro açidente a que os Gramáticos chamam espéçia: a qual é uma divisãm per que apartamos o

**nome dirivãdo** do primitivo ou **primeiro gérãdo.** [gdjb/p320] **COMO** em o **nome** vimos que tinha duas espéçias, primitiva e derivada [gdjb/p307]: **DUAS** figuras tem o **nome**: a ãa chamam simples e à outra composta. **Nome simples** é aquele, as pãrtes do qual, estremãdas ãa da outra, nam sinificam cousa algũa, como este nome: justo — o qual, partido em éstas duas pãrtes, jus-to. em nõssa língua nam entendemos per élas cousa algũa. **Nome composto** tem o contrãrio deste porque, partido em duas pãrtes, sempre per ãa delas entendemos cousa algũa, como: guardã -pórta, que é composto deste verba guardãr e deste nome pórta. [gdjb/p308]: Gênero em o **nome**, é ua distinçãm per que conheçemos o mácho da fêmea e o neutro de ambos. [gdjb/p304]: **CHAMAMOS nome possessivo** aquele que se nomeia do possédor da cousa, como: doutrina cristãm, de Cristo; opiniãm luterana, de Lutéro. E destes nomes é nõssa linguagem próve. E, porém, temos outros semelhantes a estes a que os Gramáticos chamam **gentilicos** por serem da gente da província ou lugar de que se nomeam. Dos quães nomes temos gram cópia como: algarvio ao hómem do Algarve; beirãm, da Beira; coimbrãm, de Coimbra: sivilhano de Sivilha, etc. [gdjb/306]: **CHAMAMOS nomes verbães** todolos que se derivam de algum vérbo, como: de amãr, amor: de sospirãr, sospiro e de chorãr, choro. Podemos também dizer serem **nomes verbães** todolos infinitivos, do presente tempo, poendo-lhe seu artigo com que fica[m] nome[s]. [gdjb/p306]: Podemos também dizer serem **nomes verbães** todolos infinitivos, do presente tempo, poendo-lhe seu artigo com que fica[m] nome[s]. que por regra de bãa Gramática. [gdjb/p299]: **Nome proprio** é aquele que se nam pôde atribuir a mãis que a ãa só cousa, como este nome Lisboa — por ser próprio dẽsta cidade e nam convém a Roma; nem ô de Çésar a Çipiãm. Però, se dissérmos çidãde, que é géral nome a todas, entãm serã **comum**; e por este nome hómem, assi entendo Çésar e Çipiãm como todolos outros hómens. Assi que com razãm diremos **nome proprio** ser aquele per que entendemos ãa só cousa, e **comum** pelo qual entendemos muitas daquele gênero. [gdjb/p309]: Todo **nome proprio** tem singular e nam plurãr, assi como:

Çipiám, Lisboa, etc. Tiram-se désta régra alguns **nomes próprios** que se declinam pelo plurár e nam tem singular, como: Torres, Védras, Torres Nóvas, As Pias, Álhos Védros, Alfarélos. [gdjb/p304]: **DO NOME AUMENTATIVO.** ESTA maneira de **nomes aumentativos** é contrária á de çima. porque ùa diminui e a cousa e outra acreçenta. Destes nomes, Gregos e Latinos nam tratam em suas Gramáticas por òs nam terem: E cási todos se terminam em am e az como: molherám, cavalám, velhacáz. ladrabáz e outros que sempre sam ditos em desprezo e abatimento da pe[s]soa ou cousa a que òs atribuímos. [gdjb/p304]: **NOME diminutivo** é aquele que tem algũa diminuícám do nome princípál donde se derivou como: de hómem, homenzinho; de molhér, molhèrzinha; de moço, moçinho: de criança, criançinha. [gdjb/p301]: **Nome substantivo** chamamos àquele que per si póde estár e nam reçebe ésta palavra, cousa. [gdjb/p350]: AS dicões que convém em número, género e cáso, sam os **nomes substantivos** com seu ajetivos, per semelhante exemplo: os hómens bons. [gdjb/p301]: **Nome ajetivo** ao que nam tem ser per si, mas está encóstado ao substantivo e póde reçeber em si ésta palávra cousa, como quando digo: Ó que fermoso caválo, que brávo touro. Este[s] nome[s] fermoso e brávo sam ajetivos, porque nam podemos dizer fermoso e brávo sem lhe dármos nome substantivo a que se encóstem. E diremos cousa fermósa, cousa bráva e nam caválo cousa, touro cousa, por serem substantivos que nam recebem em si outros. E a este **nome ajetivo** chamam os Latinos como já disse positivo, em respeito do comparativo COMO os vérbos tem natureza pera depois de si regerem alguns cáso, muitos **nomes** tem preminência de regerem outros quando se ajuntam a eles. Dos quáes, uns régem genitivo, outros dativo e outros genitivo e dativo. [gdjb/p354]: Todo **nome substantivo apelativo**, em qualquer cáso que estiver, póde reger genitivo cujo súbdito fica, como quando dizemos: a lei de Deos: na ordenaçám d'el-rei; ao filho do conde; amo a verdáde dos hómens; ó vergonha de moço: no páço d'el-rei. Dizemos máis: caválo de çem cruzádos e trigo de corenta reás. Temos também alguns **nomes ajetivos** que tem força de reger **nomes substantivos**, que é ao contrário destes atrás. Uns régem dativo, como: cobiçoso de honrra, pródigo de

dinheiro, aváro de privança, limpo de malícia, zeloso de justiça. Outros régem dativo, como: manso aos humildes, cruél aos soberbos, brando aos seus, doçe aos amigos, franco aos estrangeiros, semelhante a seu pai. Outros régem genitivo e dativo, como: chegádo do conde ou ao conde. [gdjb/p303]: **Nome dirivádo** se chama çidadám, cortesám, caseiro. os quáes se derivam dos três açima. E destes **nomes dirivádos**. temos oitodiferenças: patronímicos, possessivos, diminutivos, aumentativos, comparativos. denominativos, verbáis, avérbiaés. [gdjb/p307]: **OS nomes avérbiaés** se derivam dos avérbios. Dos quáes a nóssa linguágem tem mui poucos, e sómente ponho estes por exemplo: soberano, de sobre; vantagem, de àvante; forasteiro, de fóra; traseiro, de atrás. [gjb/p309]: DÉSTA régra açima em que disse os nomes terem dous números, singular e plurár, se tiram os **nomes irregulares** porque [h]á i uns que tem sómente singular e nam plurár e outros, ao contrário.

**nome(s) [adjetivos]** → nome(s).  
**nome [adjetivo comum]** → nome(s).  
**nomes ajetivos** → nome(s).  
**nome ajetivo .comũ.** → nome(s).  
**nome(s) ajetivo(s)** → nome(s).  
**nome(s) aumentativo(s)** → nome(s).  
**nomes avérbiaés** → nome(s).  
**nome composto** → nome(s).  
**nome [comum]** → nome(s).  
**nomes demenutivos** → nome(s).  
**nome diminutivo** → nome(s).  
**nome(s) dirivádo(s)** → nome(s).  
**nomes dos offícios** → nome(s).  
**nomes femeninos** → nome(s).  
**nomes irregulares** → nome(s).  
**nome possessivo** → nome(s).  
**nome simples** → nome(s).  
**nome(s) substantivo(s)** → nome(s).  
**nome substantivo apelativo** → nome(s).  
**nomes vèrbáes** → nome(s).  
**nomes verbaes femeninos** → nome(s).  
**[nomes verbais]** → nome(s).  
**[nomes verbais femeninos]** → nome(s).  
**nominatiuo** → caso(s).  
**nominativo** → caso(s).  
**nota(s)** → letra(s) → sinaes<sup>1</sup>.  
**número(s) ~ numero(s)** – sm. (< lat. *numĕrus*). ‘categoria gramatical que repousa sobre a representação das pessoas, animais ou objetos, designados por nomes, como entidades contáveis’. → singular → plural(-es) [gfo/p227]: TEm diferença as vozes dos nomes: ou se declinão em **numeros** porque o

singular he diferente do plural: nem o plural se contenta com so as letras do singular. Tirando Domingos. Marcos e Lucas: que não varião seus **numeros**: e com tudo o genero que tinhão no singular os nomes esse terão no plural. [gdjb/p309]: **NÚMERO** em o nome é aquéla distincão per que apartamos um de muitos. E ao **número** de um chamam os gramáticos singular: e ao de muitos plurár. E falando pelo primeiro diremos: O hómem verdadeiro tem pouco de seu. E se disser: Os hómens bulrões tem pouca vergonha, fálo pelo número plurár porque sam muitos. [gdjb/p309] **DÉSTA** régra açima em que disse os nomes terem dous **números**, singular e plurár.

**numero(s)** → número(s).



**o grãde** → vogal(-es).

**o grande** → vogal(-es).

**onomatopeia** → solecismo.

**o pequeno** → vogal(-es).

**oraçám** → oração(-ões).

**oração(-ões) ~ oraçám** – sf. (< lat. *oratio -onis*)<sup>c</sup>. ‘frase, ou membro da frase, que contém um verbo’. [gdfo/p200]: e por derradeiro diremos hũ pouco do conçerto que tẽ as partes da **oração** hũas cõ outras. [gdfo/p207]: Alghũas partes ou vozes temos na nossa lingua as quaes são partes porsi/mas não sinificão cousa alghũa e por tâto não lhe chamaremos partes da **oração** ou da lingua como são o nome e verbo e outras. [gdjb/p313]: E, bem como da liança e ligadura dos nervos se sostém o corpo, assi do ajuntamento do artigo aos cásos do nome se compõe a **oraçám**, per semelhante exemplo: Dos hómens é obrár virtude e das áves avoar. [gdjb/p389]: Éstas **orações anfibológicas** usavam muito os oráculos dos gentios, cá por élas õs enganávam, como se conta da repósta que [h]ouve Pirro do oráculo de Apólo que os gramáticos trázem mui comum: *Aio te Aeacida Romanos vincere posse*. Da quál repósta Pirro ficou enganádo, porque entendeu que [h]avia de vencer os Romanos ele ficou vençido deles, por a repósta ser anfibológica.

**orações anfibológicas** → oração(-ões).

**orthographia** → ortografia.

**ortografia ~ orthographia** – sf. (< lat. *orthographia -ae*)<sup>c</sup>. → regras ‘implica o reconhecimento de uma norma escrita com relação à qual se julga a adequação das formas que realizam os indivíduos que escrevem uma língua’. [gdfo/p164]: e nestas cousas se acabara esta primeira anotação em dizer não tudo mas apontar alghũas partes neçessarias da **ortografia**: açento: etimologia: e analogia da nossa linguagem em comuõ. [gdfo/p209]: e nestas mudanças das partes e letras o que fica por dizer e da **ortografia** e não he este o seu lugar. [gdjb/p369]: **ÉSTA** palávra **ortografia** é grega; quér dizer ciência de escrever dereitamente. E, dádo que no prinçípio onde se trata da lètera [h]ouvérámos de pro[s]eguir na **Ortografia**, quisémos levár a órdem dos artistas e nam dos gramáticos especulativos, porque nõssa tençám é fazer algum proveito aos mininos que por ésta árte aprenderem, levando-õs de léve a grãve e de pouco a máis. [gdjb/p373]: A primeira e prinçipál régra na nõssa **ortografia** é escrever todalas dições com tantas lèteras com quantas â[s] pronunçiamos, sem poer consoantes oçiosas, como vemos na escritura italiana e francesa. E, dádo que a diçám seja latina, como ô derivamos a nós e pérde sua pureza, lógo â devemos escrever ao nõsso módo, per semelhante exemplo: **orthographia** é vocábulo grego e os latinos ô escrevem désta maneira atrás e nós ô devemos escrever com éstas lèteras: **ortografia**, porque com élas ô pronunçiamos. [gdjb/p317]: Os máis dos nomes que se deviam acabár em am. se escrevem a este módo: razão, razões. E se o uso nam fosse em contráiro, que gram força áçerca das cousas, nam me pareceria má desterrármos de nós esta prolaçám e **ortografia galega**. Porque, a meu ver. quando quisérem guardár a verdadeira ortografia destas dições, se déve dizer: razám e no plurár razões.

**ortografia galega** → ortografia.

**outativo** → modo(s).



**palaura(s)** → palavra(s).

**palavra(s) ~ palaura(s)** – s.f (< lat. *pārabōla*)<sup>c</sup>. → dição → vocábulo ‘é um elemento

linguístico significativo composto de um ou mais fonemas'. [gdfo/p200]: **Palaura** e voz que senifica cousa ou auto ou modo: cousa como artigo e nome auto como verbo modo como qualquer outra parte da oração as quaes como sinificação e que cousas: autos ou modos são estes que sinificação diloemos ã outra parte onde falaremos das partes da oração. [gdfo/p200]: Agora aqui não falamos das **palauras** se não em quanto são vozes: e por tâto so dizemos das condições da voz e escritura dessas **palauras**. [gdjb/p301]: sustantivo chamamos àquele que per si póde estár e nam reçebe ésta **palavra**, cousa. [gdjb/p362] Pleonásmo quer dizer sobegidám de **palavras**.

**paragoge** → barbarismo.

**[parênteses]** → pontos → solecismo.

**parêntesis** → solecismo.

**paromeon** → solecismo.

**parte(s)** – sf. (< lat. *pars -tis*)<sup>h</sup>. ‘unidade mínima de significado’. [gdfo/p207]: Alghûas **partes** ou vozes temos na nossa lingua as quaes são **partes** porsí/mas não sinificação cousa alghûa e por tâto não lhe chamaremos **partes da oração** ou da lingua como são o nome e verbo e outras: mas todauia fazê ajûtamêto ou composição. [gdfo/p218]: os nomes tê sua forma distinta da dos ṽbos e cada **parte da oração** se conhece antras outras e em hûa mesma parte as diuersas espeças ou estados do que tudo agora diremos e de cada cousa destas. [gdfo/p196]: posto que se perca esta letra .a. do começo de premeiro verbo açertar. quando lhe ajûtamos esta **parte** .com. no começo dizendo cõçertar: porque assi se faz em outras **partes** que se mudão e tirão e acreçentão letras: de como esta **parte** .re. no ajuntamêto tem virtude de acreçentar: e estoutra .des. tem virtude de desfazer:ou diminuir: ou fazer o contrairo:e como esta **parte** .com. sinifica muitas vezes cõpanhia: cujo exêplo seja conchegar: e conjuntar. [gdfo/p196]: porque na lingua grega as dições que despois de si tê **partes encléticas** ou **atrativas** tê asinado hû açento sobre a **parte enclética** e outro seu proprio sobre si o qual as vezes fica antes da penultima e isto acõteçe quando a pricipal dição tinha o seu açêto na antepenultima porque então em respeito de todo o ajuntamento fica antes da antepenultima. e assi cumo os gregos tem isto pode ser que tâbem outras gentes o tem comelles e com tudo se pronunçião ambos aquelles açentos.

**parte(s) da oração** → parte(s).

**parte(s) enclética(s)** → parte(s).

**participios** → participio(s).

**participiál nome** – sm. (< lat. *participiális + nomen*)<sup>h</sup>. → nome ‘relativo a ou que contém participio’. [gdjb/p306]: **PARTIÇIPIÁL, nome** se chama aquele que vem de algum participio, como: de amádo, amador: de douto, doutor e outros que. o uso nos insina; estes bástem pera exemplo deles.

**participios ~ participios ~ participio(s)** – sm. (< lat. *participium*)<sup>h</sup>. ‘forma nominal do verbo que se forma na voz passiva’. [gdfo/p234]: tâbê tê os nossos verbos gerúdios como sendo: amádo: fazendo. e **participios** como lido. amado: regido: lête: regente: preseuerâte. [gdfo/p219]: os **participios**: e os nomes demenutiuos e aumêtatiuos e alghûs outros ainda que não em tudo: não se tirã mas formãse guardádo çertas regras. [gdjb/p332]: Nós conjugamos os nössos vérbos per estes discursos: pelo primeiro, presente, pretérito, infinito, gerúndio do ablativo e per o **participio do pretérito**, tudo na vóz autiva, por nam termos vóz passiva, tirando o **participio** que é formado na passiva. [gdjb/p328]: E quando se ajunta a vérbo, sempre é do módo infinito e denóta algum áuto por fazer: e per ele soprimos o **participio futuro** na vóz autiva que os Latinos tem de que careçemos, como: Eu [h]ei de ler os livros de que [e]spéro alcançar doutrina. [gdjb/p340]: Chamamos tempo per rodeo quando simplesmente nam podemos. usár d'algum; entám pera ô sinificár tomamos este verbo tenho, naquele tempo que é mais confórme ao vérbo que queremos conjugár, e, com o seu **participio passádo**, dizemos: tivéra amádo. [gdjb/p342]: OS vérbos da primeira conjugaçám fázem no pretérito perfeito do módo demonstrador em ei e no **participio** em ádo, como: amo — amei, amado. Todo vérbo da segunda conjugaçám fáz no pretérito em i e no **participio** em ido, como: leo —, li, lido. Tiram-se désta régra apráz. trágo, jóço. cubro, que fázem no pretérito em e, e dizemos: aprouve. trouve, jouve, coube. E apraz, jáço caréçem de **participio** em bõa linguágem, porque os rústicos ô formam muitas vezes. Todo vérbo da terceira conjugaçám também fáz no pretérito em i e no **participio** em ido. Tiram-se désta régra alguns que fázem no **participio** em érto como: ábro, cubro com seus compostos, ca dizemos: abérto,

cubérto, descubérto, e encubérto. Outros vérbos temos os quâes totalmente nam séguem éstas régras a que podemos chamár irregulares, como alguns que os Latinos tem. Estes sómente sejam por exemplo: venho e ponho, com seus compóstos, ca uns fâzem no pretérito em im e us e no **participio** em indo e osto, como: venho – vim, vindo; ponho – pus, posto. Isto bâte pera conheçimento dos pretéritos e **participios** em géral.

**participio(s)** → participio(s).

**participio do pretérito** → participio.

**participio do tempo passádo** → verbos.

**participio futuro** → participio(s).

**participio passádo** → participio(s).

**passado acabádo** → tempo(s).

**passado mais que acabádo** → tempo(s).

**passádo por acabár** → tempo(s).

**pássivos** → genero(s).

**patronimicos** → nome(s).

**periodo** → claúsula(s).

**periossologia** → solecismo.

**pleonásmo** → solecismo.

**plural(-ys) ~ plurár(-les)** – sm. (< lat. *plurālis*)<sup>h</sup>. ‘é um caso gramatical da categoria do nome que traduz a pluralidade nos nomes contáveis’. [gdfo/p230]: Visto como varião os nomes seus **plurays** podemos dizer que temos quatro declinações como vem a saber a premeira somête acreçêta letra: como moço. moços. e a seguda que acreçêta syllaba: como paues paueses. a terçeira muda letra como animal. animais e a quarta também muda syllaba como. almeirão. almeyrões. [gdfo/p228]: A regra e esta que os nomes acabados em .ão. se sinificação offiços ou tratos mudão a letra derradeyra do ditongo que e .o. em .e. Como tabalião. tabaliães. escriuão. escriuães. capitão. capitães. capelão. capelães. refião. refiães. pião. piães. trugimão. trugimães. E também pão. pães. cão cães. damião. damiães. gaiuão gaiuães. diamão. diamães. e maçapão. maçapães. guimarães. Verdade e que vchão faz vchões. e ortelão. ortelões. E assi pode auer outros que me não lembrão. Poy dos nomes acabados em .ão. ditongo que não mudão esse ditongo no **plural**: damos esta regra que podera alcançar a mayor parte que os nomes de nações quando se acabão nesse ditongo ão fazem o que dizemos: como Africão africãos Indião indiãos. e se fosse em costume tambem diriamos Romão Romãos. Italião Italiãos. [gdfo/p229]: Os outros nomes que fazem o plural em ãos como cidadãos. cortesãos assi teuerão

sempre o seu singular acabado e ão. como agora tê çidadão. cortesão. estes guardão sua antiguidade em tudo: e aquelloutros so no plural: cuja mudãça assi como doutras muitas cousas não estrañemos porque também o falar tem seu mouimêto diz marco varrão: e mudasse quando e como quer o costume. [gdfo/p229-230]: Os nomes acabados em letra consoante tê suas formações no **plural** de duas maneiras: os acabados em .l. mudão essa letra l. e .i. e acreçêtao .s. que e proprio do **plural** como cabeçal. cabeçays. real. reais. assi quãdo he sustantiuo como agetiuo. E não digamos dous reis. tres reis. os nomes que tem seu singular em .el. esses fazê o **plural** em .eis. como pichel. picheis. burel. bureys. pella regra que ja demos e os nomes acabados em .ol. a mesma regra seguê: como caracol caracoys. rouxinol. rouxinoy. ourinol. ourinois. E em .ul. tambem como taful. tafuys. azul. azuys. mas em .il. não acreçentão .i. se não somente mudão .l. em .s. como çeitil. çeytis. couil. couis. [gdfo/p230]: os nomes acabados em .ol a mesma regra seguê: como caracol caracoys. rouxinol. rouxinoy. ourinol. ourinois. E em .ul. tambem como taful. tafuys. azul. azuys. mas em .il. não acreçentão .i. se não somente mudão .l. em .s. como çeitil. çeytis. couil. couis. Dos nomes acabados em .ol. parece que deuiamos tirar algũa eyçeyção: porque alghūs nomes temos cuja rezão e bõa voz requiere que se não acabem no plural em ois posto que o costume não seja por hũa parte mais que por outra como são portacol portacolos: e nam portacoys: nem portacoles. este porque soa assi milhor. e sol. fara soles e não soys. e rol. roles. e não rois. [gdfo/p230]: Os nomes acabados em r. ou s. ou .z. acreçentão sobre seu singular .es. no **plural**: como lagar. lagares: altar. altares/alçacer. alçaçeres. amor. amores: e entras. entrases. reues. reuveses. arnes. arneses. cabaz. cabazes. e juyz. juyzes. alcabuz. alcabuzes. [gdjb/p316-318]: A formaçám dos nomes no **plurár** da primeira declinaçám é cousa mui fácil, ca nam tem máis que acrecentár-lhe ésta lêtera s. como óra vimos em o nome *rainha* que declinámos. E per semelhante módo se póde fazer em os outros nomes désta primeira declinaçám. Tiram-se désta régra os nomes que acabam em *ái*, como *pái*, *contrái*, os quâes levádos ao **plurár** dizemos: páies. **contráies**, acreçentando-lhe ésta silaba *es*. Os

nomes da segunda declinaçám sam mais difíceis de formár que ôs da primeira porque leixam lêteras e tomam lêteras per ésta maneira: ôs que se acábam em *ál, él, ól, ul*, fórmam-se perdendo lêtera e tomando esta sílaba *es*, e dizemos: cardeal. cardeães: papél papées; foról, foróes: taful, tatues. Em ésta régra nam entram os nomes de ùa só sílaba como: sál, mél, sól, sul, porque sam irregulares e num tem plurár. Mál e cá de moinho, parece que ôs [h]ouvemos de Castéla. porque ôs formamos acreçentando-lhe *es* e disemos: males, cáles. Os nomes que se acábam em *il*, em lugar do *l*, que lhe tiramos. acreçenta *is*. e dizemos: ceutil, fonil, foniis. Os máis dos nomes que se deviam acabár em *am*. se escrevem a este módo: razão, razões. E se o uso nam fosse em contráiro, que gram força ácerca das cousas, nam me pareceria mál desterrármos de nós esta prolaçám e ortografia galega. Porque, a meu ver. quando quisérem guardár a verdadeira ortografia destas dições, se déve dizer: razám e no plurár razões. Ca este *m* final nóssó tem ali o ofício do *mem* çerrado dos Hebreos que é ùa das lêteras que eles chamam dos beijos, a quál lhos fáz féchar quando acábam nela, de maneira que se vái fazendo aquéla variaçám, oando-se a voz. E este é um módo de afrautár como se fráutam os instrumentos da música. E entám de que pouco sentem quérem remediár o seu desfaleçimento escrevendo agalegadamente, poendo sempre o finál em todas as dições que acábam *am*. Ese a régra deles fosse verdadeira, em todos os vérbos que na terceira pessoa do número plurár acabam nesta sílaba *am* ô deviam usár, e assi em outras muitas dições como pá, cá. Isto nam guardam eles, pois vemos que na formaçám do **plurár** dizem cães, pães, porque aqui vem eles, muito ao olho, seu erro: que nam pódem dizer paões, caões. Assi, que a verdadeira formacám destes nomes terminádos em *am*, quando viér ao **plurár** diremos formações, convertendo o *am* finál em *õ*. escrito a este módo, e acreçentando-lhe *es*. E quando escrevemos estes nomes maçã, aldeã e ôs levármos ao **plurár**, diremos maçãas. aldeãas. acreçentando-lhe ésta sílaba *as* Porque éstas terminações *ã. ê. ï. õ. ù.* a que podemos dezer refléxas em si, tem diferença déstas *am, em, im, om, um* ca tem diferentes ofícios: um: sérvem por si em semelhantes dições como pus em exemplo;

e outro sérvem por estoutras *am. em. im. om. um*. Os nomes que se acábam nestas terminações *am. em. im. om. um*, se fórmam acreçentando-lhe *es, is. os. us*; e o *m* final poemos em çima da vogál preçedente e fica refléxa. E dizemos: bem. bêes. pentem. pentêes; beliguim, beliguíis, çetim, çetíis: bom, bõos: tom. toõs: atum, atúus. ipretum, ipretúus. Os nomes que se acábam em *r, s, z*. se fórmam acreçentando-lhe ésta diçám *es*. como: pomár, pomáres, deos, deoses; paz, pázes. etc. [gdjb/p320]: Ele, esse, com seus **pluráles** chamam[-se] relativos.

**plurár(-les)** → plural(ys).

**polipteton** → solecismo.

**polisinteton** → solecismo.

**pontos** – sm. (< lat *punctum*)<sup>h</sup>. ‘cada um de um grupo de sinais gráficos us. na pontuação para indicar o fim de um período (p.ex., ponto de interrogação)’. [gdjb/p.387-389]: E, por a nóssa gramática, nésta parte, nam ficár escássa, diremos dos **pontos** que podemos usár, se quisérmos doutamente escrever. Os Latinos tem estes **pontos** e **sináes** com que distinguem as pártes e cláusulas da óracám: **coma, cólo, verga, parêntesis, interrogaçám**. **Coma** é vocábulo grego a que podemos chamar **cortadura**, porque ali se corta a cláusula em duas pártes. Éstas duas pártes se córtam em vírgulas que sam ùas distinções das pártes da cláusula. **Cólo** é o termo ou márcó em que se acába a cláusula. As figuras de cada ponto destes (:) sam as seguintes: dous a este módo (:) se chamam **coma**. Este só (.) se chama **cólo**. As **vergas** sam éstas **zeburas**, ao módo dos Gregos. Na **coma** parece que descansa a vóz, mas nam fica o intendimento satisfeito, porque deseja a outra páрте, com que a óraçám fica perfeita e rematáda com este ponto, **cólo**. Estam antre as **cortaduras** que sam estes dous pontos (:) ùas **zeburas** assi (.) a que chamamos distinções das pártes da cláusula. Este só **ponto** (.), como já disse, se chama **cólo**. Os dous arcos ( ) que fázem éstas palávras (como já disse) usam os Latinos quando cométem uma figura a que chamam **entreposiçám** e os Gregos **parêntesis**, da qual tratamos na construiçám. Quando perguntamos algũa cousa dizendo: Quem foi o primeiro que achou o uso das lêteras? Estes dous

pontos assi escritos onde a pergunta acába, podemos chamár **interrogativos**, por serem sinál que interrogamos e perguntamos algũa cousa.

**positivo** → ajetivo(s) → nome(s).

**pospositiuo** → caso(s).

**pospositivo** → caso(s).

**possessiuo**<sup>1</sup> → caso(s).

**possessivo(s)**<sup>1</sup> → caso(s).

**possessivo**<sup>2</sup> → nome(s).

**possessivos**<sup>3</sup> → pronome(s).

**pposição(-ões)** → preposição(ões).

**ppositiuo** → caso(s).

**ppresente do indicatiuo** → tempo(s).

**preçeitiva** → gramática(s).

**preçeitos** – sm. (< lat. *praeceptum* -ī)<sup>c</sup>. ‘o que se recomenda praticar; regras, normas’. [gdfo/p176-177]: e he verdade que se não teueremos çerta ley no pronũciar das letras não pode auer çerteza de **preçeitos**: nem arte na lingua; e cada dia acharemos nella mudança não somente no som da melodia: mas tâbẽ nos sinificados das vozes: porq̃ so mudar hũa letra: hũ açento ou som e mudar hũa quantidade de vogal grande a pequena: ou de pequena a grande: e assi tâbem de hũa cõsoante dobrada em singela: ou ao cõtrairo de singela em dobrada: faz ou desfaz muito no sinificado da lingua não menos [gdjb/p292]: Fica agóra dármos os **preçeitos** da nõssa Gramática, de cujo título intitulámos a cartinha como fundamento e primeiros elementos da Gramática.

**preposição(-ões)** ~ **pposição(-ões)** ~

**preposiçam** – sf. (< lat. *praepositiō* -ōnis)<sup>c</sup>. ‘é uma palavra invariável, cujo papel é o de ligar um constituinte da frase a outro constituinte ou à frase toda’. [gdfo/p235]: como esta **preposição**. de. quãdo serue a genetiuo: ou se serue em dous officios como esta parte .por. aqual as vezes e **preposição**: e as vezes auerbio e outrotãto estas/ãtes/d'spois/ate/e outras muitas que tẽ dous officios. [gdfo/p206]: .e. terçeyra pessoa do presente do indicatiuo no verbo sustãtiuo: e como .i. por .ide. imperatiuo deste verbo .ir. e como muitas conjũções e **preposições** e auerbios. [gdfo/p224]: Nesta parte queremos amoestar que não cuide algũs quando dizẽ .ao. parao. aos. paraos. que tudo aquillo assi jũto e so artigo de datiuo. mas as premeiras partes daquelles: ajũtamẽt' .a . em .ao e para ã. parao. são **pposições** e o artigo que trazẽ

despois d'si não e datiuo mas e pospositiuo. o qual se segue sempre despois d'**pposição** e não algũ outro caso.[gdjb/p347-348]: **PREPOSIÇÂM** é ãa pãrte das nõve que tem a nõssa gramática a quãl se põe antre as outras pãrtes per ajuntamento ou per composiçãm. Quando é per ajuntamento, ordena-se per este mõdo: Eu vou à escola. Ésta lêtera à, pósta ante de escóla, se chama preposiçãm, á quãl rége o caso acusativo e neste está o nome escóla. E se dissér: Eu apróvo tua doutrina, é per composiçãm, ca se compõe esta lêtera a com próvo e dizemos: apróvo. [gdjb/p347]: A **preposiçãm** nam tem espéçia como o avérbio mas tem figura singela e dobrãda. Singéla, como quando dizemos çerca e compõsta, acreçentando-lbe ésta **preposiçãm** a, diz ácerca, que já tem máis eficácia. E, muitas vezes, quando ãs ajuntamos per composiçãm ao vérbio mudam a sinificaçãm dele; e ãs que se ajuntam sam éstas: a, com, des, re, como: acordár — do qual mantemos o simples —, concordár, descordár, recordár; aprazer, comprar, desaprazer e outros muitos a que se éstas **preposições** ajuntam. E também se compõem ãas com outras como: çerca — àçerca. E com avérbios: fóra—de fora; dentro — de dentro. Estas **preposições** ãas régem genitivo, outras dativo, outras acusativo e outras ablativo. ãs do genitivo sam: de, do. ãs do dativo: à, ao, pera. ãs do acusativo: à, ante, diante, antre, contra, per, por. ãs do ablativo: com, em, no, na, sem.

[**prepositivo**] → caso(s).

**presente** → discurso → tempo(s).

**presente do indicatiuo** → tempo(s).

**presente do indicativo** → discurso(s).

**presente do sojũtiuio** → tempo(s).

**presente do [subjuntivo]** → tempo(s).

**presente futuro** → tempo(s).

**pretérito(s)** → tempo(s) → discurso(s).

**preterito** → futuro.

**preterito do indicatiuo** → tempo(s).

**preterito imperfeito** → tempo(s).

**pretérito perfeito** → tempo(s).

**primeiro géração** → nome(s).

**primeiros** → pronome(s).

**primitivos** → pronome(s).

**primitivo nome** – sm. (< lat. *primitivus* + *nomen*)<sup>c</sup>. → nome. ‘que é o primeiro a existir, que está na origem de uma pessoa ou coisa’. [gdjb/p303]: **Primitivo nome** chamamos aquele que foi primeiro sem

[h]aver i outro donde naçesse ou se derivásse, assi como: çidáde, corte, cása.

**prolaçám(-ões)** – s.f (< lat. *prolatiō -ōnis*)<sup>h</sup> ‘pronúncia em voz alta e clara, prolongação do som’. [gdjb/p375]: Nós, té óra, em a nósso, nam usamos désta deferença de figuras que chamamos grandes. E, dádo que â sintamos na **prolaçám** de vóz, com as latinas dobrádas a este módo: aa, ee, oo, soprimos o lugar onde élas sérvem, como néstas dicóes: maas, pees, poos, as quães devemos escrever a este módo: más, pés, pós. [gdjb/p296]: Temos máis éstas três **prolaçóes**: ch. lh, nh. as quães sam próprias da nósso língua.

[prolepse] → solecismo.

**prolépsis** → solecismo.

**pronome(s)** – sm. (< lat. *prōnōmen -inis*)<sup>c</sup> ‘são palavras que se empregam para reenviar a ou substituir uma outra já utilizada no discurso (emprego anafórico), ou para representar um participante na comunicação, um ser ou um objeto presente no momento do enunciado (emprego dêitico)’. [gdfo/p232]: nos também temos casos em tres **pronomes**: os quaes são. eu. me. mi. tu.te.ti. se.sí. [gdfo/p230-231]: Alhūs nomes não tem plural: como prol: retros. isto. isso. aquilo. quem. alguem. ninguem [gdjb/p319-320]: **PRONOME** é ũa páрте da óraçam que se põe em lugar do próprio nome, e por isso dissémos que era conjunta a ele per matrimónio e daqui tomou o nome. Exemplo: Eu escrevo ésta Gramática pera ti. Ésta páрте eu se chama pronome. a qual básta pera se entender ô que disse, sem acreçentár o meu próprio nome Joám da Bárros, em cujo lugar sérve. Ésta, também é **pronome** da Gramática: ti esta em lugar de António, como se dissésse: Eu, Joám de Bárros, escrevo ésta Gramática para ti, António. E, tirando [a] cada nome destes o seu pronome. dizendo: Joám de Bárros escrevo Gramática pera António. fica ésta linguágem imperfeita. Assi que podemos dizer ser inventáda ésta e da óracám pera boa ordem e perfeito intendimento da linguagem. A qual tem estes seis açidentes: espéçia, género, número, figura. Pe[s]soa e declinaçám per cásos. temos **pronomes primitivos** e **derivádos**. Os **primitivos** ou **primeiros** sam estes seis: eu, tu, si, este, esse, ele. **dirivádos** sam çinco: meu, teu, seu, nósso,vósso. Chamam-se **derivádos** porque se derivám dos **primeiros** em o caso genitivo: onde diz de mi, se deriva

meu: e de ti, teu; e de si, seu E no plurár, nósso, vosso. Eu, nós, vós, este, estes. sam **demonstrativos** porque cási demóstram a cousa. per semelhante exemplo: Este livro é do príncipe, nósso senhor. Ele, esse, com seus pluráles chamam[-se] **relativos**, por fazerem relaçám e lembrança da cousa dita, posto que o seu príncipál ófício seja **demonstrativo**. [gdjb/p320]: DUAS figuras tem o pronome: simples e composta. Figura simples é: eu, tu, este, esse. Compósta chamámos: eu mesmo, tu mesmo, aqueste, aquesse. etc. Èsta composiçám déstas duas pártes — eu mesmo — nam fáz máis que acreçentár uma eficácia e vehemência ao **pronome**, a que os Gregos chamam enfasim. porque maiór eficácia tem dizer: Eu mesmo escrevi ésta árte que: eu escrevi ésta árte. [gdjb/p321]: QUÁTRO géneros tem o pronome: este, que é masculino: Ésta feminino: isto, que é neutro; eu, tu, de si, comun[s] de dous. As pessoas sam três: eu, primeira, que fála de si mesmo; tu, a segunda, à qual fála a primeira; ele, a terceira, da qual a primeira fála. Como se dissésse: Eu trabálho pera aproveitár[em] os moços, e tu fólgas com isto e os pecos zombarám. Dous números tem- o pronome: singulár e plurár. Singulár, como quando digo: Eu confésso a Cristo. E per plurár: E nós, que ô confêssamos, guardamos máal sua doutrina por nósas culpas. [gdjb/p322]: DA primeira declinacám dos **pronomes** se deriva ésta abáixo, a que os Latinos chamam possessiva. cá per ela se declinam os **pronomes possessivos**, os quães sam ajetivos e fórmam-se dos seus genitivos. E a primeira declinacám é para os masculinos e neutros e a segunda pera os femininos. E a primeira terminaçám é para os masculinos e neutros e a segunda pera os femininos.

**pronome(s) primitivos** → pronome(s).

**pronúnciação(-ões)** → pronunçiação(-ões).

**pronunçiaçám** → pronunçiação.

**pronunçiação(-ões) ~ pronúnciação(-ões) ~ pronunçiaçám** – sm. (< lat. *prōnūntiātīō -ōnis*)<sup>mf</sup> ‘maneira de emitir os sons de uma língua’. [gdfo/p176]: O proprio de cada letra entendemos a particular **pronunçiação** de cada hũa: e o comũ chamamos aquela parte da **pronunçiação** e força em que se hũa parece cõ a outra. [gdfo/p183]: As letras liquidas não tem

outras figuras nomes nã **pronúncias** diuersas do que soyão quando não erão liquidas: mas são as mesmas cõ menos força. [gdfo/p171]: As figuras destas letras chamão os Gregos caracteres: e os latinos notas: e nos lhe podemos chamar sinaes. Os quaes hão de ser tantos como as **pronúncias** a que os latinos chamão elementos: e nos as podemos interpretar fundamētos das vozes e escritura. [gdjb/p357]: Barbarismo é viçio que se cométe na escritura de cada ùa das pártes ou na **pronúnciaçám**. E em nenhũa páрте da térra se cométe máis ésta figura da **pronúnciaçám** que nestes reinos, por cáusa das muitas nações que trouxemos ao jugo de nósso serviço.

**proprio** → nome(s).

**prosódia** – sm. (< lat. *prosodía*)<sup>h</sup>. ‘estuda os traços fônicos do acento dinâmico, o acento da entonação e a duração ou quantidade do fonema’. [gdjb/p296]: Síllaba é ùa das quatro pártes da nósso Gramática que corresponde à **Prosódia**, que quér dizer acento e canto.

**próstesis** → barbarismo.

**[protése]** → barbarismo.

**provérbio** – sm. (< lat. *proverbium*)<sup>h</sup>. ‘frase curta, ger. de origem popular, freq. com ritmo e rima, rica em imagens, que sintetiza um conceito a respeito da realidade ou uma regra social ou moral. [gdjb/p345]: [h]á i tanto número, que seria, como diz o **provérbio**, maior o capelo que a cápa: e por nam cairmos nele, ante sejamos bréve que prolixo.



**.r. singelo** → letra(s).

**reger** – v. (< lat. *rēgēre*)<sup>c</sup>. ‘uma palavra rege (ou governa) outra palavra, que é seu complemento, se a forma gramatical desta última aparecer determinada pela natureza da primeira’. || INF. FLEX. [gdjb/p354]: COMO os vérbos tem natureza pera depois de si **regerem** alguns cásos, muitos nomes tem preminência de **regerem** outros quando se ajuntam a eles. || IPP3. pr. [gdjb/p354]: Dos quáes, uns **régem** genitivo, outros dativo e outros genitivo e dativo. || INF. [gdjb/p354]: Todo nome sustantivo apelativo, em

qualquer cáso que estiver, póde **reger** genitivo.

**regimento** – sm. (< lat. *regimentum*)<sup>h</sup>. ‘indica o fato pelo qual uma palavra ou sequência de palavras (substantivo ou pronome) depende gramaticalmente de outra palavra da frase’. [gdjb/1540/p350]: **Regimento** é quando ùa diçám se construe com outra diversa a éla per gênero ou per número, cáso ou pessoa, sómente per ùa espeçial natureza com que obriga e sogeita a seguinte a ser pósta em algum dos cásos que temos. [gdjb/p352-353]: **REGIMENTO DOS VERBOS** Éstes transitivos tem diverso regimento, porque uns regem genitivo, outros dativos, outros acusativo, outros dativo e acusativo. Ôs que régem genitivo sam estes e outros semelhantes: Maravilho-me da grandeza de Deos, lembro-me da grandeza de Deos, lembro-me dos seus benefiços; esqueçe-se dos meus pécados porque eu uso dos meus pécados porque eu uso das virtudes e careço dos viços. Todo vérbos que significa comprazer, obedecer, ou cujo áuto dá proveito ou dano a algua cousa, quér depois de si dativo como sirvo a Deos, obedeço a el-rei, aproveito a meus amigos, empéço a seus contrairos, Os vérbos que régem acusativo própriamente sam os transitivos como: Amo a virtude, avorreço o viçio, leo os livros, aprendo çiência, ouço gramática e ganho honra. Ôs que régem genitivo ou ablativo depois do acusativo sam todolos que sinificam encher ou vazár algũa cousa como: Eu enchi a cása de trigo e vazei a bolsa de dinheiro. E assi outros vérbos ao exemplo déstes: [h]ei piédade de ti, tenho vergonha da mentira e tristeza do pécado, etc. Outros, depois do acusativo quérem dativo como: Eu dou graças a Deos, fáço bem aos próves, emprésto dinheiro a meus amigos e nam dou logro aos onzeneiros, etc. Os verbos pessoáes, cuja auçam nam pássa em outra cousa, sam ôs que própriamente se pódem chamár neutros e que depois de si nam quérem cáso senam mediante preposiçám como: Estou na igreja, vou à escola, vigio de dia, durmo de noite, acórdo a boas [h]óras, navégo no véram, fólgo no invérno por amor do estudo, etc. OS vérbos impessoáes sam ôs que nam tem números e pessoas e se conjugam pelas terçeiras. Estes ácerca

de nós tem natureza que ante de si querem dativo e depois de si um vérbio do módo infinito, o quáil rége o caso do seu vérbio per semelhante exemplo: A mim convém dár doutrina, a ti reléva aprender çiência, aos hómens apráz ter dinheiro, às molheres compre [h]onestidade e a todos obedecer aos preçeitos da Igreja, etc. [gdjb/p354]: **REGIMENTO DOS NOMES** muitos nomes tem preminência de regerem outros quando se ajuntam a eles. Dos quáes, uns régem genitivo, outros dativo e outros genitivo e dativo. Todo nome sustantivo apelativo, em qualquer caso que estiver, póde reger genitivo cujo súbdito fica, como quando dizemos: a lei de Deos: na ordenaçám d'el-rei; ao filho do conde; amo a verdáde dos hómens; ó vergonha de moço: no páço d'el-rei. Dizemos máis: caválo de çem cruzádos e trigo de corenta reáes. Temos também alguns nomes ajetivos que tem força de reger nomes sustantivos, que é ao contrário destes atrás. Uns régem dativo, como: cobiçoso de honrra, pródigo de dinheiro, aváro de privança, limpo de malícia, zeloso de justiça. Outros régem dativo, como: manso aos humildes, cruél aos soberbos, brando aos seus, doçe aos amigos, franco aos estrangeiros, semelhante a seu pai. Outros régem genitivo e dativo, como: chegádo do conde ou ao conde. [gdjb/p354]: **REGIMENTO DO AVÉRBIO** O avérbio, ainda que nam tem tanta força como o vérbio e nome em seu regimento, muitas dições se régem dele. E alguns tem estes três açidentes: Muitas vezes se ajuntam dous em algũa conjunçám como: Muito bem se fez isto. E com conjunçám se ajuntam dous e três como: Bem prudente e sagázmente se [h]ouvéram os Romanos contra os Cartaginenses. O segundo açidente é que deseja de se ajuntar ao vérbio a que dá máis ou menos sinificaçám, como: Mui mal compriste comigo. Terceiro açidente é que alguns tem força de regerem casos como: assáz de dinheiro; muito disto: pouco de proveito. **REGIMENTO DA PREPOSIÇÁM** [gdjb/p355]: **ATRÁS** vimos, quando falámos das preposições, que ãas éram do caso genitivo, outras do acusativo, outras do ablativo, porque cada ãa rége o caso de que tomou o nome. Às que régem genitivo sam: debaixo do çéo; fóra do

reino; dentro de cása; defronte de mi; áçerca de nós, etc. Às que régem acusativo sam éstas e outras semelhantes: sobre perfia, ante el-rei: à práça: contra Lutéro; antre os bons: per bom caminho, etc. Às que régem ablativo sam às dos seguintes exemplos: com Deos, no çeo, sem pecado, etc. **REGIMENTO DA INTERJEIÇÁM** [gdjb/P356]: E de todas éstas interjeições, áçerca de nós [h]á i algũas que régem casos. Ûas, vocativo, que sam pera chámur ou espantár d'algũa cousa, doendo-se déla, como: ó Deos! ó vós! ó hómem perdido! ó malaventurado de pecador! Outras regem genitivo, que sam aquélas que denótam tristeza, como: ái de aqueles que tem pouca fazenda e guái dos que â ganham com máo título.

**regimento da interjeiçám** → regimento.

**regimento da [interjeição]** → regimento.

**regimento da preposiçám** → regimento.

**regimento da [preposição]** → regimento.

**regimento do [advérbio]** → regimento.

**regimento do avérbio** → regimento.

**regimento dos nomes** → regimento.

**regimento dos vérbos** → regimento.

**regra(s)** – sm. (< lat. *rēgūla -ae*)<sup>c</sup> → leis ‘uma regra é uma hipótese a respeito de um mecanismo da língua’. [gdfo/p221]: as **regras** e leis de cujo mandado se rege esta arte. as **regras** ou leys que digo são com disse anotações de bo costume. [gdfo/p231]: Qualquer forma ou genero que os nossos nomes tẽ no singular esse guardão também no plural porque nisto assi como em outras cousas guarda a nossa lingua as **regras da proporção** mais que a latina e grega. as quaes tem em suas dições muitas irregularidades. e seguẽ mais o sabor das orelhas que as regras da rezão: assi como nos também as vezes deixamos as **regras geraes**: porque o bo costume e sentido nos mandão tomar alghũas particularidades. [gdjb/p304]: **NOME** diminutivo é aquele que tem algũa diminuiçám do nome príncipál donde se derivou como: de hómem, homenzinho; de molhér, molhèrzinha; de moço, moçinho: de criança, criançinha. E outros muitos que se fórmam e acábam em diferentes terminações. mais per vontáde do povo que por **regra** de bãa Gramática. [gdjb/p373-374]: **RÉGRAS DA ORTOGRAFIA** primeira e príncipál **régra** na nõssa ortografia é escrever totalas dições com tantas lèteras com

quantas â[s] pronunçiamos, sem poer consoantes oçiosas, como vemos na escritura italiana e francesa. E, dádo que a diçám seja latina, como ô derivamos a nós e pérde sua pureza, lógo â devemos escrever ao nósso módo, per semelhante exemplo: orthographia é vocábulo grego e os latinos ô escrevem désta maneira atrás e nós ô devemos escrever com éstas lêteras: ortografia, porque com élas ô pronunçiamos. Segunda régra: nenhũa diçám ou sílaba podemos escrever acabáda em muda, ainda que sejam hebreas ou bárbaras, como: Jacob, Joseph porque todas as nósas dições e sílabas se terminam néstas semi-vogáes: l, m, n, r, s, z e assi se pódem terminár em todalas vogáes, e com élas formamos todalas peregrinas dições em a nósso linguágem. Terceira régra: nenhũa diçám podemos escrever com lêtera dobráda, senám com éstas semi-vogáes: l, m, n, r, s, porque nos [h]avemos de conformár com as sílabas que temos, como se póde ver na introduçám per onde os mininos pódem aprender a ler. E éstas lêteras dobrádas servirám em meo da diçám e nam em o princípio ou fim déla, como agóra fázem muitos que quérem fazer lêtera a seu ver fermósa, sem curár da ortografia, como quem â nam sente. Quárta régra: toda diçám que se escreve com lêtera dobráda, a primeira das lêteras será da preçedente sílaba e a segunda da seguinte, como nesta diçám nósso [em] que a primeira sílaba é nos e a segurada so. E assi: amásse, ele, guérra. Quinta régra: todo nome que no singular acaba em algũa sílaba déstas: am, em, im, om, um, no plurár (como vimos nas formações deles) em lugár de m se porá til, o quá l liquésçe na proloçám do nome, como néstas dições: pães, hómens, çeitins, bons, atuns.

**regras da ortografia** → regras.

**regras da proporção** → regras.

**regras geraes** → regras.

**regras [gerais]** → regras.

**relativo** → relativo(s).

**relativos<sup>1</sup>** → pronome(s).

**relativo(s)<sup>2</sup> ~ relatiuo** – sm. (< *relativus* - *a,um*)<sup>h</sup>. ‘são as palavras que servem para relacionar, para reunir, ao substantivo ou pronome que eles representam uma proposição subordinada dita *relativa*, que explica ou determina o antecedente’. [gdfo/p224]: e não somête estas e outras composições se fazem com os artigos. mas tambem antreposições muitas vezes como. diloemos. por diremos .o.

amaloiamos por amariam os .o. e com tudo nestas antreposições aquelle artigo .o. que se alli antrepõe he **relatiuo**: alghũ tanto diferente daqueloutros. [gdfo/p234]: temos menos eiçeições que os latinos e gregos: cujas linguas mui gabadas: muitas vezes faltã na cõueniência dos nomes ajetiuo/e sustantiuo/**relativo**/e antecedête. [gdjb/1540/p301-302]: E chamamos **relativo** aquéla páрте que faz lembrança de algum nome que fica atrás; e este tál se chama antecedente per semelhante exemplo: Os hómens estão aqui por antecedente deste que, o quá l é **relativo** dos hómens por fazer deles lembrança e relaçám. E assi, a verdáde também é antecedente deste **relativo** — à — que fáz déla relaçám: porque, em dizer: de â tratar, digo de tratár a dita verdáde. [gdjb/p302]: E chamamos antecedente por cáusa do **relativo** e o relativo por cáusa do antecedente, como se chama pái por cáusa do filho e filho por causa do pái. Però [h]avemos de consirár que a uns **relativos** chamamos de sustância por fazerem lembrança de nome sustantivo, e a outros relativos de açidente por relatárem nome ajetivo. Ôs de sustância sam: que, o quá l, como quando digo: eu li o livro que me tu mandáste, o quá l entendi mui bem. Aqui, neste exemplo, vemos estes dous relativos, que e o quá l, ambos fazerem mençám do livro, que é antecedente sustantivo. Os **relativos do açidente** sam: tál, quá l, tanto, quanto. tamanho, os quáes fázem relaçám de nome ajetivo. E destes, a uns chamamos **relativos de calidade**, a outros de quantidade apartada. e a outros de quantidade contínua. Ôs de calidade sam: tal, qual. Ôs de quantidade contínua sam: tamanho, quamanho; e por que se milhór entendam, poeremos o seguinte exemplo: Eu te mando livro tál quá l mô tu mandáste. Que dou a entender, neste relativo quá l, que assi tórno enviár o livro limpo e sam, da maneira que me foi enviádo: porque correspondeo, quá l ao tál, que é relativo do livro, e nam responde ao ser e sustância dele: ca, se fizera relaçám da sustância, poséra-lhe este que ou o quá l, **relativos da sustância**, como vimos. E quando disséres: Eu te mando tanto dinheiro quanto me tu mandáste, será este quanto **relativo de quantidade apartada**. porque a moéda e outras cousas que se contam e numéram pode[m]-se apartár e ajuntár. E se disséra: Eu te mando o

livro tamanho quamanho mô tu mandáste, este quamanho é **relativo de quantidade contínua**. que trata da grandeza e nam do número da cousa.

**relativos da sustância** → relativo(s).

**relativos de calidade** → relativo(s).

**relativos de [qualidade]** → relativo(s).

**relativo de quantidade apartáda** → relativo(s).

**relativo de quantidade contínua** → relativo(s).

**rodeo** – sm. (< deriv. *roda* + *ear*)<sup>h</sup>. ‘discurso longo para emitir um enunciado que não chega a ser claramente expresso; circunlóquio’. [gdjb/p332]: Todalas outras máis pártes que os Latinos tem soprimos ou pelo infinitivo à imitaçam dos Gregos, ou per circunlóquio, a que podemos chamár **rodeo**. como veremos no fim das conjugações.

**.rr. dobrado** → letra(s).

**semiuogal(aes)** → semivogaes.

**semivogaes ~ semiuogal(aes)** – s.f (< lat. *sēmi-vocālis -e*)<sup>h</sup> → meas vogaes ‘som caracterizado por um grau de abertura da cavidade bucal intermediário entre o da consoante mais aberta e o da vogal mais fechada’. [gdfo/p174]: Disse que esta letra .m. não e **semiuogal** nem podê fenecer em ella as nossas vozes. as **semiuogaes** pode estar em fim das vozes como as vogaes. E portanto se chamão **semiuogaes** que quer dizer quasi vogaes. ami melhor parece não ha hi antre nos mays letras **semiuogaes** que somente estas l. r. s. e. z. [gdfo/p189]: as eles ja chamamos **semivogaes** ou quasi vogaes: porque nisto sã soltas como vogaes e gozão d'seu offiço em dar fim a dições ou sylbas como vogaes.

**semivog[ais]** → semivogaes.

**sentença** – s.f. (< lat. *sētēntiā*)<sup>c</sup>. ‘frase’, ‘oração’. [gdjb/p362-363]: El-rei Dom Joám, nósso senhor, o terceiro deste nome, que óra reina nestes reinos de Portugal, per mãos de muitos e bons oficiães de pedraria que mandou buscár per todo o seu reino, mandou fazer mui fórtes árcos de pedraria com que veo água da Fonte da Práta à çidade de Évora. O quáil rodeo de palávras se conclue nésta **sentença**: El-rei Dom Joám, o terceiro, mandou trazer a Évora água da Fonte da Práta.

**silaba(s) ~ silba ~ sillaba(s) ~ syllabas ~ sylba(s) ~ syllaba(s)** – sf. (< lat. *syllāba -ae*)<sup>c</sup>. ‘estrutura fundamental, na base de todo agrupamento de fonemas da cadeia de fala’. [gdfo/p26]: **SYllaba** dizê os grāmaticos e vocabulo grego e quer dizer ajütamêto de letras: mas nos deixada a interpretação do vocabulo seja cujo for podemos dizer que **syllaba** he hũa so voz formada cõ letra ou letras: a qual pode sinificar por si ou ser parte de dição: e assi as vogaes aida q sejão ã ditôgo pode fazer **syllaba** sê outra ajuda: e as cõsoãtes não se não mesturadas cõ as vogaes. [gdfo/p204]: mas acreçentando aquella **silaba** .buz. a qual quasi e sinal de aumento ou grandeza da cousa como esta **sillaba** ão. nestes nomes rapagão: molherão: e como .az. nestes .beberraz. velhacaz. diuidense poys as dições singelas ou apartadas como dou. das. dar. e como .es. segunda pessoa do verbo sustátio: e em **silabas** se diudem: como/damos e somos/e andamos: e não se podê diuidir em dições como . fazer .porque. fa . por si não diz nada e .zer. tampouco. [gdfo/p195]: O numero das **sillabas** quintiliano o não quer determinar. [gdfo/p188]: POys ja começamos a falar das letras em que as nossas **syllabas** podem acabar vamos por diante coellas. [gdfo/p194]: porque em escreueste tem a diante na mesma **silba** hũa letra consoante .s. [gdfo/p192]: A Quantidade das **syllbas** da nossa lingua e muy fácil de conhecer: porque as vogaes em si dão çerta voz destinta as grandes das pequenas/e as pequenas das grandes. [gdfo/p189]: E . s . como entras / reues / dormis / retros .us / não temos em cabo de dição: mas temolo em cabo de **syllba**. [gdfo/p171]: A primeyra partição que fazemos em qualquer lingua e sua grāmatica seja esta em estas tres partes. Letras **Syllabas** e Vozes. [gdfo/p189]: E Assi també as nossas **syllabas** nunca se começam ã duas letras de diuersa

natureza como *sperãça*: mas sempre lhe daremos nos começos das taes vozes hũa vogal que soe coa primeira letra. Como *esperãça*. estrado. [gdfo/p189]: Duas letras de hũa mesma natureza em hũa **syllaba** juntas ambas em hũa parte antes ou depois não são neçessarias na nossa lingua como offiçio e peccado. as quaes cada hũa de sua parte bem podẽ estar: como .sesta. sostra. Ainda porẽ que cuidõ este priuilegio tẽ esta letra .s. somẽte. [gdfo/p195]: Agora e neçessareo que digamos que cousa e **syllaba** vltima e penultima: e antepenultima cujos nomes ja tratamos e auemos de repetir: vltima quer dizer derradeira e e claro penultima quasi derradeira: e antepenultima outra antes dessa quasi derradeira: em hũa qualquer destas se pode assentar o açẽto das dições da nossa lingua. [gdfo/p193]: Os Latinos fãzem às vezes ãa só **silaba** com çinquo consoantes: como néstas dições *scrobs*, *stirps*. A nossa sílaba num pássa de três, como vimos nésta diçãm atrás, *livros*, as quaes ou sêrvem no prinçípio — como prinçipe — ou no fim como *rainhas*. [gdfo/p189]: as *mays* letras que se ajuntão em hũa **syllaba** são quatro/a primeyra muda: e a segunda liquida e a terçeyra vogal ou ditongo: e a quarta semi vogal ou til/como *frasco* ou franco na primeira **syllaba** se cõtão .f. e .r. e .a. s. ou til. [gdjb/p296-298]: **Sílaba** é ãa das quatro pártes da nõssa Gramática que corresponde à Prosódia, que quer dizer açento e canto: a qual **silaba** é ajuntamento de ãa vo/gal com ãa e duas e às vezes três consoantes que juntamente fazem ãa só vóz. Digo ãa consoante, quando se ajuntam desta maneira *li*, e com duas, *vro*, e com três *vros*. que juntamente fãzem este nome *livros*. E porque às vezes ãa só lêtera vógal sêrve de sílaba, própriamente a ésta tál nam chamaremos sílaba mas àquela que for compósta de vogal e consoante. Os Latinos fãzem às vezes ãa só **silaba** com çinquo consoantes: como néstas dições *scrobs*, *stirps*. A nossa **silaba** num pássa de três. Toda **silaba** tem três accidentes: número de lêteras; espaço de tempo; açento álto ou báixo. Espaço de tempo, porque ãas sam curtas e outras longas, como nésta diçãm — *Bárbora* — [em] que a primeira é longa, e as duas sám brêves. Porque tanto tempo se gásta na primeira como nas duas seguintes, à semelhança dos músicos, os quaes tanto se detem no ponto désta primeira figura, *bár*, como

nas duas derradeiras, *bo-ra*. E os Latinos e Gregos sentem milhór o tempo das **silabas** por cáusa do vêrso do que ô nós sentimos nas tróvas: porque cási máis espéra a nõssa orelha o consoante que a cantidáde, dádo que a tem. O terceiro açidente da **silaba**, é canto álto ou báixo, porque como os músicos alevantam e abaixam / a vóz cantando, assi nós temos a mesma órdem, como nésta diçãm lemos que na primeira **silaba** alevantamos e na segunda abaixamos.

**silba(s)** → sílaba(s).

**sillaba(s)** → sílaba(s).

[**silepse**] → solecismo.

**silépsis** → solecismo.

**sinæes**<sup>1</sup> – sm. (< lat. *signālis -e*)<sup>h</sup>. → figuras ‘representação externa das letras’. [gdfo/p171]: As figuras destas letras chamão os Gregos caracteres: e os latinos notas: e nos lhe podemos chamar **sinæes**. Os quaes hão de ser tantos como as pronũciações a que os latinos chamão elementos: e nos as podemos interpretar fundamẽtos das vozes e escritura.

**sinæes**<sup>2</sup> → pontos.

[**sinais**] → sinal(-es).

**sinaléfa** → barbarismo.

**síncopa** → barbarismo.

[**síncope**] → barbarismo.

**sinédoque** → solecismo.

[**sinérese**] → barbarismo.

**sinéresis** → barbarismo.

**singular** ~ **singulár** – sm (< lat. *singulāris -e*)<sup>c</sup>. ‘diz-se de ou o número que indica uma só pessoa ou coisa’, ‘diz-se do número que ocorre sem o morfema marcador do plural’. [gdfo/p230-231]: Alghũs nomes não tem plural: como *prol*: retros. isto. isso. aquilo. quem alguém. ninguém. E outros não tẽ **singular**: como *dous*. *tres*. *seys*. *ambos*. e *ambas*. e outros não tem .s. que e a propria letra do plural como *dissemos/e* todauia sinificação muitos: e não somente no genero de sua letra: mas tambem em qualquer outro: como *quatro* *çinco*. *dez*. *onze*. *doze*. Qualquer forma ou genero que os nossos nomes tẽ no **singular** esse guardão també no plural. [gdjb/p309]: E ao número de um chamam os gramáticos **singulár**: e ao de muitos plurár. E falando pelo primeiro diremos: O *hómem* verdadeiro tem pouco de seu. E se disser: Os *hómens* bulrões tem pouca vergonha, fálo pelo número plurár porque sam muitos. [gdjb/p309-310]: Todo nome próprio tem **singulár** e nam plurár, assi como: *Çipiám*, *Lisboa*, etc. Tiram-se désta régra alguns nomes próprios que se declinam

pelo plurár e nam tem **singulár**, como: Torres, Védras, Torres Nóvas, As Pias, Álhos Védros, Alfarélos e outros desta calidade. Nam tem plurár os quátro elementos. Verdáde é que bem posso dizer: Eu andei muitas térras e nunca vi tam bõa fruta como â do termo de Lisboa. Aqui, neste módo e em outros nam tomamos as térras per o elemento da térra, mas per a diversidáde das províncias déla. Dizemos também per ésta maneira: As ágoas d[e] Antre Douro e Minho sam mui delgádas e os áres de lâ sam mui sádios: e é terra tam povoáda. que dizem [h]aver néla máis de setenta mil fógos. E neste exemplo tomamos as ágoas e áres como pártes de todo; e os fógos per os moradores. Os ventos príncipáes com todolos rumos e partidas em que os marinheiros ôs pártem, quando falamos per cada um deles, tem **singulár** e nam plurár. As cousas que tem medida e peso nam tem plurár, como: azeite. vinho, vinágre, arrobe. mosto, mé, leite, ouro, práta, estanho, chumbo, cóbre, féro, áço, sál, salitre, enxofre, etc. E as sementes: trigo, çeváda, çenteo, etc, nam tem plurár. A maiór páрте da espeçeria: como pimenta. crávo. canéla. etc.. nam tem plurár. Destoutras espéçias e cheiros como: açafrá, coentro, [ho]rtelã, ençenço, beijoim, etc.. nam tem plurár. Sól, lã, glória, fama, memória. nam tem plurár. E quem algum destes nomes levár ao plurár que a orelha póssa sofrer nam encorrerà em pécado mortál, dádo que em rigor de bõa linguágem sam máis própios do **singulár** que do plurár. Ôs que tem plurár e nam singulár sam estes e outros semelhantes: Fávas. grãos; lintilhas, tremóços, ervilhas, cominhos, migas. pápas. sêmeas, farélos. E dás que usamos pera serviço da pe[s]soa e cása, andilhas, cálças, çiroulas, mantéis. alforges, grelhas, tenázas, tisouras, etc. Das pártes do corpo humano éstas nam tem singular: bófes, páreas, de molhér. E assi todolos números que contamos sobre um, como: dous, três, quátro, etc.

**singulár** → singular.

**[sintaxe]** → sintáxis.

**sintáxis** – sf. (< lat. *syntaxis*)<sup>c</sup>. ‘é a parte da gramática que descreve as regras pelas quais se combinam as unidades significativas em frases’. [gdjb/p294]: Nome, Pronome, Vérbo, Advérbio, Particípio, Conjunçám, P reposiçám, interjeçám – que tem os latinos. Os quáes partem a sua Gramática

em quátro pártes: em Ortografia, que trata de lêtera; em Prosódia, que trata de sílaba; em Etimologia, que trata da diçám, e em **Sintáxis**, a que responde a construçám.

**sojútio** → modo(s).

**solecismo** – sm. (*soloecismus* -ī)<sup>c</sup> → figura(s)<sup>2</sup> ‘é uma construção de frase não gerada pelas regras da gramática de uma língua numa época determinada ou, então, não aceita por norma ou uso julgados corretos’. [gdjb/p360-368]: è o segundo género dos víçios que podemos cometer. Este se cométe na construçám e órdem das pártes, quando délas usamos per algum módo apartádo do comum uso de falár. Vem este vocábulo **solecismo** de ãa çidade de Çeliçia que se chamava Sólos, a quá dizem que povoou Sólón. E, porque a ésta povoaçám concorreram póvos de divérsas nações que corromperam a verdadeira e pura lingua dos gregos, chamáram eles a ésta corruçám solecismo, donde os Romanos tomáram este vocábulo que nós óra usamos. E, porque eles tem muitas espéçias destes víçios, tomaremos somente aquélas que nos convêm e as outras fiquem com seu dono. **Prolépsis** quér dizer anteçipaçám. Cométe-se quando partimos em divérsas pártes algãa generalidade, como: Dos hómens, um é leterádo, outro cavaleiro, outro saçerdóte e outro ouçioso; e todos cuidam que açértam. **Zeuma**, que é o contrário desta de çima, quér dizer conjunçám, porque, per ésta figura, damos muitas pártes a um vérbo, como: o mercador no tráto, o lavrador no campo e o bom fráde na religiám se deleita. **Hipozêusis** quér dizer ajuntamento debáixo. E, sendo espéçia de zeuma, é contráira a éla, cá correspondem muitos verbos a um soposto. per semelhante exemplo: El-rei dom Joám, o primeiro, venceo a batálha réal e pas[s]ou em Africa e tomou Çeita aos mouros e tornou-se a este reino vitorioso, onde faleçeo já de muita idade. **Silépsis** quér dizer conçebimento porque, debaixo de nomes sustantivos e ajetivos de divérsos números e pronomes de divérsas pes[s]oas, colhemos a um vérbo ãa cláusula como ésta: Tu e António e os bons hómens, com as molhéres devótas, folgáies de ouvir as vidas dos santos. **Antíptosis** quér dizer

cáso por cáso, cá, per ésta figura, a cousa que [h]á-de estár em um cáso poemas em outro, per semelhante exemplo: Do hómem de que falávamos vem agóra, por dizer: O hómem de que falávamos vem agora. **Sinédoque** quér dizer intendmento porque, pela páрте, entendemos o todo. como se me perguntássem: Quantas vélas tráz el-rei, nósso senhor, na índia? (polas náos) e eu respondesse: Trezentas. **Cacófaton** quér dizer máo som e é vício que a orelha reçebe má:l: e cométe-se quando, do fim de ùa palávra e do príncípio doutra se fáz feáldade ou sinifica algũa torpeza, como: Colhões tam manhos tem aquéla lébre, por: Que olhões tam manhos tem aquéla lébre. **Pleonásmo** quér dizer sobegidám de palavras, porque entám ô cometemos quando se dizem algũas que se podiam escusar, como: Oulhou-me com os seus ólhos e falou-me com a sua boca, porque ninguém póde oúlhar e falár senám per ólhos e boca própria. **Periossologia** quér dizer sobegidám de razões, a quál cometemos quando, per pavávras dobrádas que nam tem máis força dizemos ô que se póde dizer per poucas, como: arder e ser ardido, porque tanto quér dizer arder como ser ardido. **Macrologia** quér dizer longo rodeo de palávras e lições e entám se cométe quando contamos algũa cousa rodeando muitas razões pera concluir ùa sentença, como se alguém dessésse: Él-rei Dom Joám, nósso senhor, o terceiro deste nome, que óra reina nestes reinos de Portugal, per mãos de muitos e bons oficiáes de pedraria que mandou buscár per todo o seu reino, mandou fazer mui fórtes árcos de pedraria com que veo água da Fonte da Práta à çidáde de Évora. O quál rodeo de palávras se concluíe nésta sentença: El-rei Dom Joám, o terceiro, mandou trazer a Évora água da Fonte da Práta. **Tautologia** quér dizer repetiçám de ùa pálavra muitas vezes, a quál figura cometemos per semelhante exemplo: Eu mesmo me ando folgando por: ando folgando. **Eclipsis** quér dizer desfaleçimento. Ésta é ùa figura mui comum a nós e de que nos muito servimos, príncipalmente nos sobrescritos das cártas, como quando dizemos: A él-rei nósso senhor; ao muito magnífico senhor Foám. Faléçe aqui: seja dáda. **Cacosínteton** quér

dizer má composiçám, a quál cometemos quando, per maneira de elegância, alguém ordena a linguágem segundo o latim jáz, como ùa óraçám a quál eu vi tiráda em linguágem per um leterádo que se prezáva de eloquente e disse: Dá-nos, Senhor, aquéla a quál o mundo nam póde dár. [h]avendo de dizer: Dá-nos, Senhor, aquéla paz que o mundo nam póde dár. E outro, que escrevia dizendo no fim da cártá: Désta de Lisboa cadea onde [h]á meses séte que sou [h]abitante. **Anfibologia** quér dizer dúvida de palávras, pelas quães vimos a duvidár [d]a sentença délas, das quães muitas vezes se séguem grandes demandas, como se conta de um hómem que tinha uma filha bastárda; quando veo a [h]óra da mórte, fez um testamento e disse: Leixo a Foám por meu herdeiro e mando que dê a minha filha pera seu casamento, tudo aquilo que ele quisér de minha fazenda. Creçida a moça, dáva-lhe o herdeiro çem mil reáes pera casamento, que era mui pouco. E sobre isso viéram a juizo. Perguntando o juiz ao herdeiro quanto valia a fazenda e quanto dáva à moça, respondeo que valia um conto e que lhe dáva çem mil reáes. Disse o juiz: Lógo, vós quereis désta fazenda nóveçentos mil reáes? Responde o herdeiro: Si. Pois, segundo a vérba do testamento, disse o juiz, vós [h]avereis çem mil reáes e a moça nóveçentos, porque ela [h]á de [h]aver aquilo que vós quereis da fazenda do testador, e ésta foi sua vontáde, mas leixou a vérba anfibológica por oulhárdes milhór pola fazenda de sua filha té éla ser em çidáde pera casár. E destes exemplos [h]á i muitos, de que os oráculos dos gentios usávam pera enganár os seus devótos. **Epizêuxis** quér dizer conjunçám, a quál cometemos quando se repéte ùa cousa duas e três vezes sem entreposiçám de páрте, como: Vem, vem, pois te chamo: nam me négues teu favor. **Esquesionomaton** quér dizer confusám de nomes, como quando. por encher a óraçám, ajuntamos muitos sustantivos e ajetivos per seme-lhante exemplo: Glorioso cavaleiro, honéstio religioso, molhér mudável, mórta inçerta. **Paromeon** quér dizer semelhante príncípio. Ésta figura se cométe quando muitas dições se começam em ùa mesma lètera como: Começando com cousas contráiras á

conçiença. **Polipteton** quér dizer multidám de cásos, como quando ôs ajun-tamos e sam distintos per semelhante exemplo: Senhor dos senhores. hómem de hómens, amigo dos amigos, parente de parentes. **Hirmos** quér dizer estendimento, a quál figura se cométe quando levamos ùa sentença suspensa com grande arzoamento de palávras e, no fim délas, â rematamos per tál exemplo: A ti, Senhor, que este mundo de nenhũa cousa criáste e ô consérvas governando em seu ser com providênça eternál, péço que te lembres de mi. **Polisinteton** quér dizer composiçám de muitos. Cométe-se ésta figura quando muitas palávras e cláusulas se ajuntam per conjunçám a este módo: Çesar e Pompéo e Hanibál foram os principáes capitães do mundo, e, deles, o primeiro morreo às punhaládas e o segundo degoládo e o terceiro com poçonha. **Dialeton** quér dizer di[s]soluçám ou desatamento, o quál se fáz quando muitas pârtes e cláusulas se ajuntam sem conjunçám como: Teu coraçám justo fáz tuas palávras seguras dos enganos que tem aquélas que os máos fálam. **Metáfora** quér dizer transformaçám. Désta usamos quando, per algũa conveniêncía ou especialidade que ùa cousa tem, atribuímos a outra, como per um hómem sabedor dizemos: É um Salamám; e por um liberál: é um Alexandre; e por um esforçádo: é um [H]eitor. **Metonímia** quér dizer transnomaçám, e cométe-se quando poemos o instrumento pola cousa que com ele se fáz ou a matéria polo que se fáz dela. como: Diz bem per pena, por: Escreve bem; César morreo a férro, por: punhal ou espáda com que ô matáram. **Antonomásia** quér dizer postura de nome por nome, quando poemos algum nome comum por outro próprio, e isto algũa exçelênça que o próprio tem, como se entende per filósofo, Aristóteles; per poeta, àçerca dos latinos, Vergílio e, àçerca dos gregos, Homéro. **Epiteton** quér dizer postura debáixo de nome. E cometemos ésta figura quando, com um nome ajetivo queremos louvár ou abater algũa pessoa ou cousa, como: O liberál Alexandre, o gráve Catám. O trédor Judas, o amor sospeitoso, o ganho doce. o már perigoso, a vida inçerta. Onomatopeia quér dizer

fingimento de nome. Désta figura usáram os antigos quando, pera denotár a bombárda, lhe chamáram trom, dô que fáz quando tira. E nóa dizemos retinir, das cousas que tinem, como Virgílio que, pera exprimir o som da trombeta Tarantara dixit. **Parêntesis** quér dizer entreposicám. Desta figura quando, em meio de algũa sentença se entrepõem outras palávras fora do seu propósito como: A lei de Cristo, segundo nossa fé, é â que [h]á-de salvár a todos. **Hipérbole** quér dizer transçendimento. Ésta figura se cométe quando, por louvár ou abater algũa cousa, dizemos outra que tres-pássa a verdáde, como: Dá brádos que ô ouvirám em todo mundo: e: É tam grande que chega té o çéo. **Alegoria** quér dizer sinificaçám alhea, a quál tem aqui seies espécias de que ésta é a primeira, quando per ùa cousa entendemos outra, como per o Cordeiro Pascoal dos judeos entendemos Cristo, nosso redentor, imolado por nóssa redençám. **Ironia** quér dizer dissimulaçám: désta usamos quando per o con-trário se diz ô que queremos, ajudando a tençám com os meneos do corpo e ár da fála, como quando se diz ao moço que fez algum erro: Tende-lo, senhor, mui bem feito, tenho-vo-lô em merçê. **Antífrasis** quér dizer fala contráira, quando per um nome entendemos outro contráiro a ele, como. ao negro chamamos Joám Branco. **Enigma** quér dizer escura pergunta, da quál usamos quando se diz algũa cousa per escuras palávras e semelhança[s], como as adivinhações que jógam os mininos. Ainda o pái nam é nádo, já o filho anda pelo telhádo, que se entende per o fumo, primeiro que se o fogo açenda. **Carientismos** quér dizer graçiosidade. Désta figura, posto que seja derradeira nésta órdem, em nóssos áutos, déve ser a primeira. porque é responder com gráça e benivolênça quando nos perguntam: Como vos vai? e nós respondemos: A vósso serviço, em lugar de: Bem.

**.s. singelo** → letra(s).

**[subjuntivo]** → modo(s).

**sujuntivo** → modo(s).

**superlativo** → gráo.

**supinos** → discurso(s).

**sustantivo** → substantivo(s).

**sustantivo(s)<sup>1</sup>** ~ **sustantivo** – sm. (< lat. *substantivus -a, um*) → nome(s) ‘todo

morfema que possa ser precedido de um morfema pertencente à classe dos determinantes, para formar com ele uma sintagma nominal, constituinte imediato da frase de base'. [gdfo/p229]: e cõ tudo não tão que não tenham alghũas meudezas diferentes ou diferências mais meudas e particulares como o nome ser comũ ou proprio: ajetiuo e **sustantiuo**: e o verbo pessoal ou impessoal. [gdjb/p301]: Nome ajetiuo ao que nam tem ser per si, mas está encõstado ao **sustantivo** e pôde receber em si ésta palavra cousa, como quando digo E diremos cousa fermõsa, cousa bráva e nam caválo cousa, touro cousa, por serem **sustantivos** que nam recebem em si outros.

**substantivo**<sup>2</sup> → verbo(s).

**syllabas** → silaba(s).

**syllaba(s)** → silaba(s).

**syllaba(s)** → silaba(s).

**.ss. dobrado** → letra(s).

**tautologia** → solecismo.

**[tema]** → verbo(s).

**terminaçám(-ões)** → terminaçã(-ões).

**terminaçã(-ões) ~ terminaçám(-ões)** – sm. (< lat. *terminatio -õnis*)<sup>h</sup>. ‘sufixo ou desinência que se segue ao radical da palavra’. [gdfo/p227]: Porque era longo cõprender tanta variedade d'**terminações** ajudounos a natureza e vso da nossa lingua cõ os artigos os quaes sempre ou as mays vezes acompanhão os nomes cuja companhia declara os generos desses nomes. [gdfo/p221]: aqui segundo nosso parecer podem entrar alghũas espeças de dições tiradas: como são os nomes dalghũs offiços mecanicos os quaes se são nossos propios e são tirados pella

mayor parte acabão nesta **terminaçã** .eiro. como pedreyro. cazpenteiro çapateiro. [gdjb/p308]: Os Latinos conhêcem o género dos seus nomes uns pela sinificaçám, outros pela **terminaçám**, dos quaes fazem estes sete géneros: masculino, feminino, neutro, comum a dous, comum a três: duvidoso e confuso. Os Gregos, dádo que tenham éstas diferenças de género, conhêcem-nõ per artigos. Os Hebreos. per artigos e **terminaçám**.

**tempo(s) ~ têpo(s)** – sm. (< lat. *tẽmpus, õris*): ‘categoria gramatical geral associada a um verbo e que traduz diversas categorizações do tempo ‘real ou natural’. [gdfo/p223]: são diuersas as vozes desses verbos em generos: cõjugações. modos. **tẽpos**. numeros. e pessoas. e tambẽ como em cada genero. cõjugaçã. modo e **tẽpo**. numero e pessoa. [gdfo/p197]: porque os nomes e verbos nisto podem ter mais duuida saberemos que estas regras falão dos nomes no singular e dos verbos na primeira pessoa do **pẽsente do indicatiuo** e no infinitiuo. [gdfo/p206]: .e. terçeyra pessoa do **presente do indicatiuo** no verbo sustãtiuo. [gdfo/p198]: assi no **presente futuro** e **preterito do indicatiuo** como tãbẽ no **presente do sojũtiuo** assi como dizemos estudamos. riremos. e digamos onde o acento esta na penultima não embargando que essa penultima seja pequena e antepenultima grande: a qual se forma cõ u. ou .j. vogaes grãdes. [gdfo/198]: este verbo .amariamos. como outras muitas partes tãbẽ fazẽ se possa apartar em outras partes que sinificão apartadas como em ama. nome de molher que cria ou verbo imperatiuo e tãbem indicatiuo:e mais em riamos **preterito imperfeito** de rir. [gdfo/p198]: As dições acabadas em ditõgo tem o acento na vltima syllaba ainda que com esse ditongo tenham .s. ou til: como amei. amareis . amarão. **futuro**. como diz a regra e alghũas pessoas dos verbos como dissemos tambẽ se não comprendẽ nesta regra: como amão /amauão e amarão/**preterito**. [gdfo/p233-234]: e porem algũs verbos não tẽ todos os modos: e outros faltão em **tẽpos** e assi ã cadahũa das outras cousas tambẽ as vezes alghũs verbos tem alghũa falta: ao menos em não seguir as regras geraes da formação das suas conjugações. [gdjb/p342]: OS vérbos da primeira conjugaçám fãzem no **pretérito perfeito** do módo demonstrador em ei e no

participio em ádo, como: amo — amei, amado. Todo vérbo da segunda conjugaçám fáz no **pretérito** em i e no participio em ido, como: leo —, li, lido. Tiram-se désta régra apráz. trágo, jóço. cubro, que fázem no **pretérito** em e, e dizemos: aprouve. trouve, jouve, coube. E apraz, jáço caréçem de participio em bõa linguágem, porque os rústicos ô formam muitas vezes. Todo vérbo da terceira conjugaçám também fáz no **pretérito** em i e no participio em ido. Tiram-se désta régra alguns que fázem no participio em érto como: ábro, cubro com seus compostos, ca dizemos: abérto, cubérto, descubérto, e encubérto. Outros vérbos temos os quães totalmente nam séguem éstas régras a que podemos chamár irregulares, como alguns que os Latinos tem. Estes sómente sejam por exemplo: venho e ponho, com seus compóstos, ca uns fázem no **pretérito** em im e us e no participio em indo e osto, como: venho – vim, vindo; ponho – pus, posto. Isto básté pera conhecimento dos **pretéritos** e participios em géral. [gdjb/p329]: TEMOS em nõssa linguágem çinco **tempos** como os Latinos: **presente**, **passádo por acabar**, **passádo acabádo**, **passádo máis que acabádo** e **vindouro**, ou **futuro**. Presente chamamos aquele em o quá fazemos algũa óbra presente. Exemplo: Eu amo, per onde demóstro que neste **tempo presente** fáço ésta óbra de amár. **Passádo por acabár** é aquele per que móstro em outro tempo fazer algũa cousa, como quando digo: Eu amáva. **Passádo acabádo**, como quando dissér: Eu amei. **Passádo máis que acabádo**, como: Eu amára ou, soprindo per rodeo, dizendo: Eu tinha amádo, per o quá rodeo demostramos ter dádo fim à óbra. **Tempo vindouro** é aquele em o qual se [h]á-de fazer algũa óbra, como se dissér: Eu amarei. [gdjb/p340-341]: Chamamos **tempo per rodeo** quando simplesmente nam podemos. usár d'algum; entám pera ô sinificár tomamos este verbo tenho, naquele **tempo** que é mais confórme ao vérbo que queremos conjugár, e, com o se participio passádo, dizemos: tivéra amádo. como se póde ver, no **tempo passádo** e **máis que acabádo**, no módo pera desejár. o quá suprimos per este rodeo, por nam termos simples com que ô sinificár. E no módo infinitivo nam acabádo, por nam termos **tempo passádo** e **vindouro**,

ambos simples, sinificamos per rodeo o passádo, dizendo: amádo, lido, ouvido, sido; e o **vindouro**: [h]aver d'amár, ler, ouvir, ser. Temos mais alguns **tempos simples**, os quães por cópia da nõssa linguagem máis que por defeito déla, ôs podemos dizer também per rodeo, como o **tempo passádo máis que acabádo** do módo pera demonstrár, o quá, simples, dizemos amára e per rodeo,. na mesma sinificaçám, tinha amádo. Ainda que paréçe no sentido que estes **tempos simples** com o participio dam à obra algũa mais perfeiçám em tempo. [gdjb/p332]: Todalas outras máis pártes que os Latinos tem soprimos ou pelo infinitivo à imitaçám dos Gregos, ou per circunlóquio a que podemos chamár rodeo. O módo pera desejár no **tempo passádo nam acabádo** dizemos também per rodeo: Ó se tivéra amádo, lido, ouvido, sido, ainda que este participio, sido, máis comum é aos castelhanos que a nós. O **tempo passádo nam acabádo** do módo pera ajuntar, também ô suprimos per rodeo. dizendo: Como teria eu amádo, lido, ouvido, sido. Suprimos também o **tempo vindouro** deste módo, quando dizemos: amará, lerá, ouvirá, será, com o acento no á final, à diferença de amará, lera, ouvira que sam do **tempo passádo nam acabádo** do módo pera desejár, [em] que sómente o acento fáz a variaçám dos tempos e módos.

**tempo passádo** → tempo(s).

**tempo passádo máis que acabádo** → tempo(s).

**tempo passádo nam acabádo** → tempo(s).

**tempo per rodeo** → tempo(s).

**tempo presente** → tempo(s).

**tempo vindouro** → tempo(s).

**tempos simples** → tempo(s).

**têpo(s)** → tempo(s).

**termo** → cláusula(s).

**thema** → verbo(s).

**til** → ditongo(s).

**tom** → acento(s).

**transitivos** → verbo(s).



**.u. liquido** → vogal(-es).

**.u. pequeno** → vogal(-es).

**.u. vogal** → vogal(-es).



**.v. consoante** → letra(s).

**verbais** → nome(s).

**verbo(s) ~ vérbo(s)** – sm. (< lat. *vĕrbum*)<sup>c</sup>: ‘é um constituinte do sintagma verbal, de que é o cabeça; ele se define por seu contorno, isto é, pelo fato de que ele é, em português, por exemplo, precedido de um sintagma nominal sujeito e seguido, eventualmente de um sintagma nominal objeto’. [gdfo/p232]: não dizemos que cousa e **verbo** nẽ quantos generos de **verbos** temos: porque não e desta parte a tal accupação: mas so mostrarem como são diuersas as vozes desses **verbos** em generos: cõjugações. modos. tẽpos. numeros. e pessoas. e também como em cada genero. cõjugaçã. modo e tẽpo. numero e pessoa. desses **verbos** se proporcionão essas vozes e medẽ hũas por outras. não dando porẽ cõprida e particularmẽte as inteiras formações e as eiçições de suas faltas se não so amoestando em breue o que ha nellas: para que depois a seu tẽpo quando as trataremos sejão melhor e cõ mais facilidade entendidas. [gdfo/p199]: Nos **verbos** o thema ou princípio são o presente do indicatiuo: e o infinitiuo. [gdfo/p234-235]: auerbios e preposições ou quaesquer outras partes são muitas vezes mudadas antre os latinos e gregos. e poẽ. se hũas por outras o que se não faz na nossa lingua: ao menos tão ameude nẽ em todas estas cousas: porque posto que alghũora os **verbos infinitiuos** siruão por nomes como o ler faz bẽ aos homẽs. [gdfo/p172]: hũa mesma nação e gente de hũ tempo a outro muda as vozes e também as letras. Porque doutra maneira pronunçiauão os nossos antigos este **verbo** tanger: e doutra o pronunçiamos nos: e os latinos não podem dizer que amesma letra era .c. quando tinha sempre hũa so força com todas as vogaes: como diz Quintiliano. [gdfo/p233-234]: e tãbẽ tẽ os nossos **verbos gerũdios** como sendo: amãdo: fazendo. [gdfo/p198]: este verbo .amariamos. como outras muitas partes tãbẽ fazẽ se possa apartar em outras partes que sinificão apartadas como em ama. nome de molher que cria ou **verbo imperatiuo** e tãbem

indicatiuo: e mais em riamos preterito imperfeito de rir. [gdfo/p232-233]: o **verbo sustãtiuo** o qual hũs pronunçia em .om. como som. e outros em ou. como. sou. e outros em .ão. como são. e tãbẽ outros que eu mais fauoreço em .o. pequeno como .so. no parecer da premeira pronunçiação cõ .o. e .m. que diz som. he o mui nobre johã d'barros e a rezão que da por si e esta: que de som. mais perto vẽ a formaçã do seu plural o qual diz. somos. com tudo sendo eu moço pequeno fui criado em são domingos Deuora onde fazião zõbaria de mỹ os da terra porque o eu assi pronunçiaua segũdo que o aprendera na beira. [gdfo/p216]: e cõ tudo não tãto que não tenham alghũas meudezas diferentes ou diferências mais meudas e particulares como o nome ser comũ ou proprio: ajetiuo e sustantiuo: e o **verbo pessoal** ou impessoal. [gdfo/p234]: os gregos cuja lingua e bem conçertada tem hũ bo caderno de **verbos irregulares**: e alghũs nomes. e os latinos tẽ outro tã grande de nomes cõ seus **verbos de cõpanhia**: e nos dos nossos faremos memorea a seu tẽpo: mas não nesta obra na qual não fazemos mais que apontar os principios da grammatica que temos na nossa lingua. [gdjb/p325]: **VÉRBO** (segundo difinçãm de todosos gramáticos) é ùa voz ou palãvra que demõstra obrãr alghũa cousa, o qual nam se declina, como o nome e pronome, per cãsos, mas conjuga-se per módos e tempos. Os Latinos pãrtem os seus **vérbos** em **sustantivos** e **ajetivos**. Dos primeiros temos este só **vérbo**, sou, ao qual chamamos sustantivo porque demõstra o ser pessoál da cousa, como quando digo: eu sou criatura raçional. **Vérbo ajetivo** podemos chamãr todosos outros. Repãrtem mãis os Latinos os seus vérbos em pessoães e impessoães: **vérbo pessoál** é aquele que tem números e pessoas. E todos eles trãzem consigo estes oito açidentes : gênero, espécia, figura, tempo, módo, pessoa, número. conjugaçãm. [gdjb/p352-353]: Estes **vérbos pessoães** ou pãssa a sua auçãm em outra cousa ou nam. Os que pãssam, chamam-lhe os Latinos **transitivos**, que quẽr dizer pa[.]adores, como: Eu amo a çiência; a auçãm do qual vérbo, amo, pãssa na çiência. Éstes **transitivos** tem diuerso regimento, porque uns regem genitivo outros dativos, outros acusativo, outros dativo e acusativo. Ôs que

régem genitivo sam estes e outros semelhantes: Maravavilho-me da grandeza de Deos, lembro-me dos seus benefícios; esqueçe-se dos meus pécados porque eu uso das virtudes e careço dos viços. Todo vérbo que significa comprazer, obedecer ou cujo áuto dá proveito ou dano a algũa cousa, quér depois de si dativo como: sirvo a Deos, obedeço a el-rei, aproveito a meus amigos, empéço a seus contráiros. Os **vérbos** que régem acusativo própriamente sam os **transitivos** como: Amo a virtude, avorreço o viço, leo os livros, aprendo çiência, ouço gramática e ganho honra. Ôs que régem genitivo ou ablativo depois do acusativo sam todolos que sinificam encher ou vazár algũa cousa como: Eu enchi a cása de trigo e vazei a bolsa de dinheiro. E assi outros vérbos ao exemplo déstes: [h]ei piédade de ti, tenho vergonha da mentira e tristeza do pécado, etc. Outros, depois do acusativo quérem dativo como: Eu dou graças a Deos, faço bem aos próves, emprésto dinheiro a meus amigos e nam dou logro aos onzeneiros, etc. Os verbos pessoáes, cuja auçam nam pássa em outra cousa, sam ôs que própriamente se pódem chamár neutros e que depois de si nam quérem caso senam mediante preposiçám como: Estou na igreja, vou à escola, vigio de dia, durmo de noite, acórdo a boas [h]óras, navégo no véram, fólgo no invérno por amor do estudo, etc. [gdjb/p325-26]:

**DOS VERBOS AUTIVOS: VÉRBO autivo** é aquele que se póde converter ao módo / passivo e pelo quál denotamos fazer algũa óbra que pásse em outra cousa, a quál poemos em o caso acusativo per semelhante exemplo: Eu amo a verdáde. Ésta páрте, eu, que é pronome, denóta a minha pessoa, e o verbo, amo, que é autivo, denóta ésta óbra de amár a verdade, a quál está em o caso acusativo, segundo móstra este artigo, a, que é do número singular e do género feminino. porque nam temos vérbos da vóz passiva, soprimos este defeito per rodeo (como os Latinos fázem nos tempos [em] que lhes falecé a vóz passiva), com este vérbo, sou, e um partiçípio do tempo passádo, dizendo: Eu sou amádo dos hómens e Deos é glorificádo de mi. [gdjb/p326]:

**DOS**

**VÉRBO NEUTROS: Verbo neutro**, em nóssa linguágem, será aquele que se nam póde converter ao módo passivo, e cuja auçam nam pássa em outra cousa, assi como: estou, ando, venho, vou, fico, e outros que podemos conheçer per este exemplo: Os hómens que vam a Paris e estão no estudo pouco tempo, e folgám de levár bõa vida, nam ficam com muita doutrina. [gdjb/p327]:

**DOS VÉRBO IMPES[S]OÁES** CHAMAM os Latinos **vérbo impes[s]oál** todo aquele que se conjuga pelas terçeiras pessoas do número do singular e nam tem primeira nem segunda pessoa. Estes **vérbos impes[s]oaes** sam em duas maneiras: a uns, chamam da vóz ativa e [a] outros da vóz passiva. Ôs da vóz ativa áçerca de nós sam: reléva, compre, convém. aconteçe e outros semelhantes que quérem antes de si o caso dativo e depois de si um vérbo do módo infinitivo, per semelhante exemplo: A ti reléva aprender çiência e a mi convém dár doutrina. Estes **verbos** Conjugam-se per todolos tempos e módos com este caso dativo por soposto, dizendo: A mi, a ti, a ele, a nós, a vós e a todo-los hómens reléva, compre, convém, falár verdáde. Os **verbos impessoáes** da vóz passiva, áçerca dos Latinos, sempre denótam auçam com generalidáde de obrár, e própriamente vem de todolos **vérbos neutros ausolutos**. Nós nam temos estes **verbos**, mas, quando falámos per este módo, tomámos o **verbo** em a terçeira Pessoa do número singular e este pronome da terçeira pessoa, se, e, reçiprocamente, dizemos: No páço se pragueja fórtemente. Temos máis este **vérbo** [h]ei, [h]ás, que é de género divérso polo offiço que tem, o quál, óra se ajunta com nome, óra com vérbo. Quando se ajunta com nome soprimos muitos vérbos da língua latina que a nóssa nam tem/ como: [h]ei vergonha, [h]ei medo, [h]ei fóme, [h]ei frio e outros muitos sinificádos que tem quando ô ajuntamos a nomes sustantivos désta calidáde. E quando sérve désta maneira, podemos-lhe chamár **vérbo neutro**. E quando se ajunta a vérbo, sempre é do módo infinito e denóta algum áuto por fazer: e per ele soprimos o partiçípio futuro na vóz ativa que os Latinos tem de que careçemos, como: Eu [h]ei.de ler os livros de que [e]spéro alcançár doutrina. [gdjb/p328]:

**DUAS** espécias tem o vérbo. como vimos que tinha o nome: primitiva e dirivativa. Primitiva é:

amo: derivativa: desamo. E destes **vérbos dirivádos** temos quátro diferenças: aumentativos, diminutivos, denominativos, avèrbiáes. DUAS figuras tem o vérb: simples e compósta. Simples, será ô que nam for composto dalgũa páрте sinificativa; e composto ô que se compõe de duas. Exemplo: conheço é simples, desconheço, composto, que se compôs désta diçám des e conheço. E per ésta maneira se fazem muitas outras composições. [gdjb/p331]: DAS PESSOAS E NÚMEROS DO VÉRBO: SE o vérb nam tivésse ésta distincám de pessoas, seria a nóssa linguágem confusa. Podemos, lógo, dizer que ésta distincám é como a divisám do pronome que tem três pessoas: a primeira, eu leo; a segunda, tu ouves; a terceira, aquele ama. E este vérb tem número singular, como óra vimos nestes exemplos: e plurár, quando falamos per este nú[m]ero de muitos: nós lemos, vós ouvis, aqueles amam. [gdjb/1540/p332]: Nós conjugamos os nóssos vérbos per estes discursos: pelo primeiro, presente, pretérito, infinito, gerúndio do ablativo e per o partiçípio do pretérito, tudo na **vóz ativa**, por nam termos **vóz passiva**, tirando o partiçípio que é formado na passiva. Assi da **vóz ativa** como da passiva, dizendo: *amo, amas, amavi, amare, amandi, amando, amandum, amatum, amatu, amans, amaturus; amor, amaris, amatus, amandus*. [gdjb/1540/p326]: nam temos vérbos da **vóz passiva**, soprimos este defeito per rodeo (como os Latinos fázem nos tempos [em] que lhes falecé a **vóz passiva**), com este vérb, *sou*, e um partiçípio do tempo passádo, dizendo: Eu sou amádo dos hómens e Deos é glorificádo de mi. Este módo passivo nam é mais que um converter o áuto do vérb às véssas do que fáz o módo ativo, porque tanto é em sinificádo eu amo a verdáde como a verdáde é amáda de mi. Sómente ao primeiro módo chamáram ativo e o segundo passivo, porque um fáz em obrár e o outro padéce em reçeber.

**vérb(s)** → verbo(s).

**verbo [adjetivo]** → verbo(s).

**verbo ajetivo** → verbo(s).

**vérb(s) [ativos]** → verbo(s).

**vérb(s) ativo(s)** → verbo(s).

**verbos de cõpanhia** → verbo(s).

**vérbos de [companhia]** → verbo(s).

**vérbos dirivádos** → verbo(s).

**verbos gerúdios** → verbo(s).

**verbos [gerúndios]** → verbo(s).

**verbo imperatiuo** → verbo(s).

**verbo [imperativo]** → verbo(s).

**vérb(s) impessoál(aes)** → verbo(s).

**verbos impessoal[is]** → verbo(s).

**verbos infinitiuos** → verbo(s).

**verbos [infinitivos]** → verbo(s).

**vérb(s) neutro(s)** → verbo(s).

**vérbos neutros [absolutos]** → verbo(s).

**vérbos neutros ausolutos** → verbo(s).

**verbo pessoal** → verbo(s).

**verbos irregulares** → verbo(s).

**verbo [substantivo]** → verbo(s).

**verbo sustátio** → verbo(s).

**verga(s)** → pontos.

**vindoiro** → tempo(s)

**vindouro** → tempo(s).

**vocabulário** – sm. (< *vocabularium*)<sup>h</sup>. ‘é uma lista exaustiva das ocorrências que figuram num corpus’. [gdjb/p369]: Aqui, por causa deles, trabalharei ser o mais bréve e cláro que poder cá, se [h]ouvésse de tratár da Ortografia da nóssa linguágem como fez Tortélio da latina, máis éra fazer **vocabulário** que árte.

**vocabolo(s)** → vocábulo(s).

**vocabolos latino(s)** → vocábulo(s).

**vocábulo(s) ~ vocabulo(s) ~ vocabolo(s)** – sm. (< lat *vocabulum*, *i*) → diçã(-ões) → palavra(s) ‘designa a ocorrência de um lexema no discurso, na terminologia da estatística lexical’, ‘o vocábulo será a atualização de um lexema particular no discurso. [gdfo/p187]: SYllaba dizê os grãmaticos e **vocabulo grego** e quer dizer ajütamêto de letras. : mas nos deixada a interpretação do **vocabulo** seja cujo for podemos dizer que syllaba he hũa so voz formada cõ letra ou letras [gdfo/p203]: AS dições alheas são aquellas que doutras linguas trazem a nossa por algũa neçessidad' d' costume trato arte: ou cousa algũa nouamente trazida a terra: o costume nouo traz a terra novos **vocabulos**. [gdfo/p200]: DIção **vocabolo**: ou palavra: tudo quer dizer hũa cousa: e podemos assi dar sua definçã. [gdfo/p202]: Quintiliano no primeyro liuro confessa que os latinos vsauão de **vocabolos** emprestados quãdo lhos seus faltauão que tâbê da nossa ligua tomarão alghũs/como nos tomamos da sua. [gdfo/p202]: Poys se alguem me dixer que podemos dizer como temos muytos **vocabolos latinos** e que isto alcançã os homêns doutos que sabem

lingua latina: como candea que vem de candela **vocabulo latino**: e mesa de mensa que não somente e latino: mas também tẽ ainda outro mays escondido naçimento grego de meson. que quer dizer cousa que esta no meyo: assi outro tanto lume de lumẽ latino: e homẽ de homo. e molher d'mulier. e liuro e porta e casa/e parede/ quãtos quiserdes. [gdjb/p373]: orthographia é **vocabulo grego** e os latinos ô escrevem desta maneira atrás e nós ô devemos escrever com estas lêteras: ortografia, porque com elas ô pronunçiamos. [gdjb/p357]: vejamos as espécias do nõsso barbarismo, os **vocabulos** das quães, ainda que sejam gregos, tomaremos co/mo tomãram os Latinos.

**vocabulo(s)** → vocabulo(s).

**vocabulo grego** → vocabulo(s).

**vocabulo latino** → vocabulo(s).

**vocativo** → caso(s).

**vogães** → vogal(-es).

**vogal(-es) ~ vogães** – sf. (< lat. *vōcālēs - ium*)<sup>c</sup>: ‘são fonemas que apresentam o traço vocálico sem o consonântico’. [gdfo/p171]: as **vogaes** tem em sy voz: e as consoantes não se não junto cõ as **vogaes**. Como .a. que he **vogal**: e .b. que he cõsoante: e nam tẽ voz ao menos tão perfeyta como **.a. vogal**. [gdfo/173]: Na nossa lígua podemos diuidir âtes e neçessario que diuidamos as letras vogaes ã grandes e pequenas como os gregos mas nã ja todas porq̃ e verdade que temos **a grande** e **a pequeno**: e **e grande** e **e pequeno**: e também **o grãde** e **o pequeno**. Mas nã temos assi diuersidade ã .i. nem .v. [gdfo/p177]: **a grãde** tẽ figura de dous oouos ou duas figuras douo hũa pegada cõ a outra cõ hũ so escudo diãte: a pronũaçã e cõ a mesma forma da boca se não quanto traz mais espirito. [gdfo/p192]: Porque de neçessidade mais tempo gastã duas consoantes que hũa: as quaes tambem tem espirito e ajudã a soar e ter vøz: mays tempo tem esta letra .vogal. **a grande**. em gasto. que em gato. [gdfo/p177]: esta letra **.a. peq̃no** tẽ figura douo cõ hũ escudete diãte e a põta do escudo em bayxo cãbada para çima: a sua pronũaçã e cõ a boca mais aberta que das outras vogaes e toda a boca igual. [gdfo/p173]: Temos **a grãde** como almada e **a pequeno** como alemanha: [gdfo/p103]: pOrque nos ja dissemos que antre nos e os latinos também era sobeja esta letra .k. agora o queremos repetir porque de feyto desta letra e do vso della

duuidão a mayor parte dos grãmaticos latinos posto que Diomedes diga que serue sempre seguindose **.a. breue**. [gdfo/p177]: A figura do **.e. grãde** parece hũa boca bẽ aberta com sua lingua no meyo e tão pouco não tẽ outra diferẽça da força de .e. pequeno se não quãto enforma mais seu espirito. **.e. pequeno** tẽ figura darco de besta cõ a polgueira de çima de todo em si dobrada ainda que não amassada: a sua voz não abre ja tão a boca e descobre mais o dẽtes. [gdfo/p177]: desta letra **.i. vogal** sua figura he hũa astepequena aleuãtada cõ hũ ponto pequeno redõdo em çima: pronũciase cõ os dentes quasi fechados: e os beijos assi abertos como no .e. e a lingua apertada cõ as gẽgibas de bayxo: e o espirito lançado cõ mais impeto. [gdfo/p198-199]: assi como dizemos estudamos. riremos. e digamos onde o açento esta na penultima não embargando que essa penultima seja pequena e antepenultima grande: a qual se forma cõ .u. ou .j. vogaes grãdes. [gdfo/p179]: .j. cõsoante tẽ a aste mais longa que o vogal: e tẽ ençima hũ pedaço q̃brado para tras: e em bayxo a ponta do cabo virada também para tras a sua pnũciacã e semelhante a do .xi. cõ menos força e esta mesma virtude damos ao .g. quando se segue despoys delle e. ou .i. mas a mi me parece que cõ. o **.i. consoãte** o podemos escusar. [gdfo/p230]: **.i. e .e. pequeno** são muy vezinhos: mas com tudo os verbos se escreuerão com .e. assi soes. roes. tomae. tomaes. andaes. [gdfo/p186]: E outro tanto antre **.i. e .e. pequeno** como memoria ou memorea/ gloria: ou glorea. Ainda que eu diria que quando escreuemos .i. na penultima sempre ponhamos o açento nessa penultima seguindose logo a ultima sem antreposição de consoante/como/ arauia/e se a tal penultima assi d'vogaes puras não teuer o açeto não na escreueremos cõ .i. se não cõ .e. como glorea/e memorea. [gdfo/p193]: **.i. e .u. letras vogaes** também segundo mais ou menos consoante de que vierẽ acõpanhadas assi gastarão mais ou menos tempo: mas ellas em .si. sempre são grandes como ouuido. escudo. [gdfo/p193]: em lugar de **.i. pequeno** serue **.e. pequeno** como memorea/hostea/ necessareo reuerẽça: nas penúltimas: das quaes partes e outras

semelhantes eu nunca escreueria .i. se não .e. [gdfo/p177]: a figura de **o grãde** parece duas faças cõ hũ nariz pello meyo ou e dous oos juntos ambos e tem a mesma pronũciação cõ mais força e espirito: e todauia estas letras **vogaes grandes** fazẽ alghũ tanto mayns mouimêto na boca que as pequenas. **vogal grande** como aluara. eyxø. chamine guadameçi. peru. calecu. çegu. [gdfo/p177]: A figura desta letra **.o. pequeno** e redonda toda por inteiro com hũ arco de pipa e a sua pronũciação faz isso mesmo a boca redonda dentro e os beiços encolhidos em redõdo. [gdfo/p173]: temos **o grande** como fermosos. e **o pequeno** como fermos. [gdfo/p186]: antre .u. e **.o. pequeno** ha tanta vezinhença que quasi nos confundimos dizendo hũs somir e outros sumir: e dormir ou durmir/e bolir ou bulir e outras muitas partes semelhantes. [gdfo/p177]: Esta letra **.u. vogal** aperta as queixadas e prega os beiços não deixando antreles mais que so hũ canudo por õde sae hum som escuro o qual eh sua voz. A sua figura e duas astes aleuantadas dereitas mas em baixo são atadas com hũa linha que sae dhũa dellas [gdfo/p193]: e em lugar de **.u. pequeno** escreuemos **.o. pequeno**: como arogyr continoar. onde se esteuera .u. poseramos o acento na penúltima como concluyo. [gdfo/p193]: **.u. vogal** sempre e grãde: como gorgulho. arguyo.o. [gdfo/p181]: Algũas letras se fazem liquidas. das vogaes nos fazemos **.u. liquido** alghũs vezes despoys de .g. e :q. como quando: e lingua. [gdfo/p180]: antre nos eu não vejo alghũa **vogal aspirada** se não e nestas interjeyções vha e aha e nestoutras. [gdjb/p370]: AS **vogáes** sam áaeeióou. Chamam-se éstas lêteras **vogáes** porque cada ãa per si, sem ajuntamento de outra, fáz perfeita vóz, e, trocádamente, ãas com as outras, fãzem estes séte ditongos: ai, au, ei, eu, ou, oi, ui. [gdjb/p375-376]: **Á**, que é a nõssa primeira lêtera do A B C, tem duas figuras: ãa, deste á que chamamos grande e outra do pequeno. Ambos sêrvem em composiçãm de diçoes e cada um tem seu ofiçio. O primeiro tem quãtro ofiços: sêrve per si só de preposiçãm, per semelhante exemplo: Quando vou à escõla, vou de boa vontáde. E sêrve de vêrbo na terceira pessoa do singulár deste vêrbo: [h]ei, [h]ás, como quando dizemos: [H]á tanto tempo que

vos nam vi, que já vos estranháva. E sêrve de interjeiçãm per este exemplo: A[h] má cousa, por que fãzes isso? E quando sêrve no quãrto ofiçio em composiçãm com as outras lêteras é per os exemplos açima ditos e quer a sua prolaçãm com hiãto da boca. [gdjb/p376]: **A pequeno** tem três ofiços: sêrve per si só de artigo feminino e de relativo do mesmo gênero e em composiçãm de outras lêteras. De artigo, como: A matéria bem feita apráz ao méstre. Sêrve de relativo per semelhante exemplo: Éssa tua palmatória, se â eu tomár, far-te-ei lembrar ésta régra. E entãm tem neçessidãde daquele espírito que lhe vês em çima pera diferença dos outros ofiços. Em composiçãm: O temor de Deus fáz bõa conçiênçia. [gdjb/p377]: **É grande** tem dous ofiços: sêrve per si só de vêrbo na terceira pessoa do número singulár do vêrbo: sou, és, é; e dizemos: Ésta arte é emprimida em Lisboa. E sêrve em composicãm de dições: A nossa fé nos [h]á-de salvár. [gdjb/p377]: **E pequeno** tem outros dous ofiços: sêrve per si só de conjunçãm em vóz, per semelhante exemplo: Tu e eu e os amigos da pátria louva-mos a nossa linguagem. E, quando sêrve em composiçãm de dições, dizemos: António lê. [gdjb/p377-378]: **I pequeno** sêrve em totalas dições amparádo de ãa parte e doutra com lêtera consoante, tirando algũas sílabas que se quêrem remissas, nam feridas, onde sêrve **y grego**, como veremos em seus exemplos. Tem mais este i outro ofiçio: sêrve de vêrbo no módo imperativo, como quando dizemos: Í vós lá, i vós diante — ô que também os latinos usáram. [gdjb/p377]: Segundo vimos, temos três ii déstas figuras: j longo, **i comum**, **y grego**. [gdjb/p378]: **Y grego** tem dous ofiços: sêrve no meo das dições, às vezes, como: mayór, veyó. E sêrve no fim das dições, sempre, como: páy, áy, tomáy, etc. [gdjb/p376]: Este **ó grande** tem dous ofiços: sêrve per si de interjeiçãm pera chamár, como: Ó piadoso Deus, lembrai-vos de nós. E sêrve em composiçãm das outras lêteras, como em estes nomes: mó, enxó, sóla, móstra, etc. E em pronomes: nós, nõsso, vósso; e [em] vêrbos: fólgo, pôsso; e isto em alguns tempos, cá dizemos: póde, que è presente e pôde que é pretérito. [gdjb/p378-379]: **O pequeno**, ainda que perdeu a pôsse de dous ofiços

[em] que serve o ó grande ficáram-lhe três: sérve per si só de artigo masculino, como: O artigo é denotaçám da força do nome. E sérve de relativo masculino per semelhante exemplo: Este livro sempre andará limpo se o guardárem bem. E sérve em composiçám das dições. [gdjb/p380]: Como vimos, temos dous uu, ù désta figura, v, e outro assi: u. Pero, o primeiro nam sérve de vogál mas de consoante em todalas dições que começám nele, por ser ùa das lêteras dobrádas que temos que sérem no princípio, como néstas dições: vontaje, veio, vimos, vontáde, vulto. E assi sérve per dentro das dições, ao módo do **i pequeno**. Mas, por cáusa da bõa composiçám das lêteras, **o u pequeno** lhe toma às vezes o ofício de ferir nas outras vogáes. O segundo u sérve na composiçám das dições e antigamente servia per si de avérbio locál, como quando se dizia: U vás? u móras? Do quáil já nam usamos.

**vogaes grãdes** → vogal(-es).

**vogal(es) grande(s)** → vogal(-es).

**voga[is]** → vogal(-es).

**[vogais grandes]** → vogal(-es).

**vogal aspirada** → vogal(-es).

**voz(es)**<sup>2</sup> – s.f. (< lat. *vox*)<sup>h</sup>. ‘som da letras’, ‘som ou conjunto dos sons produzidos pelas vibrações das pregas vocais sob pressão do ar que percorre a laringe’. [gdfo/p171]: A primeyra partiçáo que fazemos em qualquer lingua e sua grãmatica seja esta em estas tres partes. Letras Syllabas e **Vozes**. [gdfo/172-173]: Examinemos a melodia da nossa ligua e essa guardemos como fezeráo outras gêtes: e isto desdas mais pequenas partes tomando todas as **vozes** e cada hũa por si e vendo em ellas quantos diuersos mouimentos faz aboca cõ també diuersidade do som e em que parte da boca se faz cada

mouimento porq̃ nisto se pode discutir mais destintamente o proprio de cada lingua. E assi e verdade que os gregos com os latinos: e os ebraycos cõ os arabigos: e nos com os castellanos que somos mais vezinhos cõcorremos muitas vezes em hũas mesmas **vozes** e letras: e cõ tudo não tanto que não fique algũa particularidade a cada hũ por si hũa so **voz** e com as mesmas letras e a nos e aos castelhanos guerra e papel.

**voz<sup>1</sup> [ativa]** → verbo(s).

**vóz<sup>1</sup> autiva** → verbo(s).

**vóz<sup>1</sup> passiva** → verbo(s).



**.y. consoãte** → letra(s)

**.y. consoante** → letra(s).

**y cosoãte** → letra(s).

**y grego** → letra(s) → vogal(-es).



**zeburas** → pontos.

**zeuma** → solecismo.